

Pratica da Lingua Portugueza

Atravez do Brazil

(NARRATIVA)

Livro de leitura para o curso medio
das Escolas Primarias

POR

O. BILAC e M. BOMFIM

DECIMA EDIÇÃO REVISTA

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

166, RUA DO OUVIDOR, 166 — Rio de Janeiro

SÃO PAULO

BELLO HORIZONTE

129, Rua Libero Badaró | Rua da Bahia, 1955

1923

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

Atravez do Brazil

Pratica da Lingua Portugueza

Atravez do Brazil

(NARRATIVA)

Livro de leitura para o curso medio
das Escolas Primarias

POR

O. BILAC e M. BOMFIM

DECIMA EDIÇÃO REVISTA

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
166, RUA DO OUVIDOR, 166 — Rio de Janeiro
S. PAULO | BELLO HORIZONTE
129, Rua Libero Badaró | Rua da Bahia, 1055

1923

Handwritten signature

ADVERTENCIA E EXPLICAÇÃO

Compuzemos este livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias do Brazil, afim de ser elle o unico livro destinado ás classes d'esse curso; tal é, de facto, a indicação pedagogica aconselhada hoje: ás primeiras classes do ensino primario não deve ser dado outro livro além do livro de leitura.

Acreditamos que o conjunto d'estas paginas — *Atravez do Brazil* — corresponde a essa exigencia ou formula pedagogica.

Entretanto, este livro é uma simples narrativa, acompanhada dos scenarios e costumes mais distinctivos da vida brazileira; e, em verdade, a Escola Primaria deve ensinar muito mais do que aqui se contém, e muito mais do que se possa conter em qualquer livro de leitura. Quando a Pedagogia recommenda que as classes primarias elementares não tenham outro livro além do de leitura, não quer dizer com isso que nesse livro unico se incluam todas as noções e conhecimentos que a criança deve adquirir. Fôra absurdo e impossivel. Desde a primeira classe elementar, ha-de a criança aprender, além da leitura e da escripta, a grammatica e a pratica da lingua vernacula, noções de

geographia e de historia, calculo, systema dos pesos e medidas, lições de cousas — isto é: elementos de sciencias physicas e naturaes, e preceitos de hygiene e instrucção civica. Como resumir tudo isso em um pequeno volume, em um simples livro de leitura, que deve ser accessivel á intelligencia infantil, e onde, por conseguinte, não será possivel reduzir os ensinamentos e conhecimentos a simples formulas syntheticas e abstractas?

E' um erro compor o livro de leitura — o livro unico — segundo o molde das encyclopedias. Infelizmente, esse erro se tem repetido em diversas producções destinadas ao ensino e constituidas por verdadeiros amontoados didacticos, sem unidade e sem nexos, atravez de cujas paginas inspidas se desorienta e perde a intelligencia da criança: regras de grammatica misturadas com regras de bem viver e regras de arithmetica, noções de geographia e apontamentos de zootechnia, descripções botanicas e quadros historicos, formando um todo disparatado, sem plano, sem pensamento director, que sirvam de harmonia e base geral para a universalidade dos conhecimentos que a Escola deve ministrar. Como fonte de conhecimentos, a verdadeira encyclopedia do alumno nas classes elementares é o professor. *E' elle quem ensina*, é elle quem principalmente deve levar a criança a aprender por si mesma, isto é: a pôr em contribuição todas as suas energias e capacidades naturaes, de modo a adquirir os conhecimentos mediante um esforço proprio.

Segundo este modo de entender o ensino, o nosso livro de leitura offerece bastantes motivos, ensejos, oportunidades, conveniencias e assum.

ptos, para que o professor possa dar todas as lições, suggerir todas as noções e desenvolver todos os exercicios escolares, para boa instrucção intellectual de seus alumnos do curso medio, de accôrdo com os programmas actuaes e com quaesquer outros que se organizem com a moderna orientação da Pedagogia.

Completaremos esta explicação mostrando como se podem tirar d'estas paginas ensejos e motivos para diversas lições.

* * *

Convem notar, porém, e lealmente o declaramos: se este livro de leitura fosse apenas o desenvolvimento de uma narrativa, offerecendo motivos para differentes lições do programma, elle não preencheria devidamente os seus fins, e não chegaria a ser um bom livro de classe. Além de servir de oportunidade para que o professor possa realizar as suas lições, o livro de leitura deve conter em si mesmo uma grande lição. E acreditamos que isso se dá com o nosso trabalho. Estamos certos que a criança, com a sua simples leitura, já lucrará alguma cousa: aprenderá a conhecer um pouco o Brazil; terá uma visão, a um tempo geral e concreta, da vida brasileira, — as suas gentes, os seus costumes, as suas paizagens, os seus aspectos distinctivos. E por isso escolhemos como scenario principal as terras do São Francisco, — o grande rio, essencialmente, unicamente brasileiro.

E tambem quizemos que este livro seja uma grande lição de energia, em grandes lances de

affecto. Suscitar a coragem, harmonizar os esforços, e cultivar a bondade, — eis a formula da educação humana. Os heroes principaes d'estas simples aventuras, não os apresentamos, está claro, para que sejam imitados em tudo, mas para que sejam amados e admirados no que representam de generoso e nobre os estímulos que os impelliram, nos diversos transes por que passaram. Não se pode influir efficazmente sobre o espirito da criança e captar-lhe a attenção, sem lhe falar ao sentimento. Foi por isso que demos ao nosso livro um character episodico, um tom dramatico — para despertar o interesse do alumno e conquistar-lhe o coração. A Vida é acção, é movimento, é drama. Não devíamos apresentar o Brazil aos nossos pequenos leitores, mostrando-lhes aspectos immotos, apagados, mortos.

Preferimos destinar os primeiros capitulos do livro ao desenvolvimento dramatico, deixando mais para o fim a successão dos scenarios; sendo sempre a narração mais captivante para o espirito infantil, a attenção da criança começa desde logo a prender-se á leitura, e passa depois a acceitar facilmente as descripções, e a segui-las com interesse; ao passo que, se começassemos amontoando descripções, cansariamos inutilmente o animo do pequeno leitor.



Justamente porque procurámos apenas um pretexto para apresentar a realidade, preferimos illustrar este livro sómente com photographias; se

ha nestas paginas alguma fantasia, ella serve unicamente para harmonizar numa visão geral os aspectos reaes da vida brazileira.

Parece-nos ocioso mostrar como, a proposito da leitura de qualquer texto ou pagina d'este livro, se pode dar qualquer lição de portuguez, theorica ou pratica. Imagine-se que se trata da primeira pagina, e que o professor quer ensinar as primeiras noções de morphologia: nada mais facil do que, palavras *variaveis*, distinguindo-as das *invariaveis*: e a observação d'este facto — que certas palavras variam de forma, e outras não — levará naturalmente o alumno a comprehender que a razão de taes variações é a modificação da ideia correspondente. Desenvolvendo mais a lição, o mestre chegará a ensinar a classificação das palavras, de que a leitura lhe dá copiosos exemplos — substantivos, adjectivos, artigos, pronomes, verbos, adverbios, etc.; e, como fecho, virão os exercicios de vocabulario.

Vejamus a lição de instrucção moral. E' mister começar o curso fazendo a criança observar a sua situação moral no seio da familia, — os laços e deveres de affecto que ligam as pessoas de uma mesma familia. Diz o livro de leitura na primeira pagina: “Era a primeira vez que se separava dos filhos depois da morte da mulher...” Ahi o professor estudará com a criança as condições d'essa familia em particular, e as condições de “familia” em geral; mostrará as duas accepções em que o termo é usado, — para significar o conjunto das pessoas que vivem na mesma casa, sob um mesmo tecto e sob a direcção moral de um chefe, — e o conjunto de todos os parentes;

estudará os deveres reciprocos dos diversos membros de uma familia — deveres nascidos de sentimentos naturaes, tão intensos, que levam muitas vezes os individuos á pratica de verdadeiros sacrificios, como os que os paes fazem commumente pelos filhos, — e como os que os dois pequenos heroes d'este livro fazem por amor do pae.

Agora, uma lição de historia. E' preciso principiar explicando de um modo sensivel as condições do Brazil antes da colonização. Fala por exemplo o livro de "sertão bruto, onde havia... indios..." E' um excellente pretexto para dizer quem são esses indios, que antigamente aqui viviam sósi-nhos: os brancos e pretos vieram depois, e com elles veio a colonização. E então o professor appellará para a observação da criança, para que ella note a differença entre o estado selvagem e as indústrias, instituições, obras e costumes que distinguem a civilização; mostrará que essas instituições e industrias faltam ainda em grande parte a algumas terras do interior, onde a civilização ainda não penetrou. Esta lição, desenvolvida de forma accessivel á mentalidade do alumno, e appellando sempre para o seu proprio raciocinio e para a sua propria observação, ha-de leval-o facilmente a fazer uma ideia do que era o Brazil selvagem.

Uma lição de geographia... A primeira lição do programma: terras e mares, accidentes geographicos. No segundo capitulo, o livro fala em *mar*: "o mar ficou lá atraz...", — ao passo que o trem avança para o *interior* do *continente*, entre *montanhas*, *rios*, etc. Aproveitando essas indicações, o professor ensinará que a superficie da terra comprehende terras e mares: as linhas de encontro

são as *costas*, os *litoraes*, linhas irregulares, formando *cabos*, *bahias*, *peninsulas*, etc.; depois, é facil indicar os outros accidentes geographicos: *rios*, *valles*, *ilhas*, *lagos*, etc.

Supponhamos agora que é preciso iniciar o ensino de “lições de cousas”, — noções de cosmographia e de sciencias physicas e naturaes, o dia e a noite, estados dos corpos, seres vivos e seres inertes ou mortos... Logo no primeiro capitulo do livro, está: “O sol nascera cercado de nuvens de fogo...” Essa phrase será o pretexto para a primeira lição de cosmographia. A proposito das “baforadas de fumaça da machina”, virá o estudo dos trez estados dos corpos; e, aproveitando os “blocos de pedra”, os “campos” e os “bois”, de que trata o mesmo capitulo, o mestre levará a criança a reconhecer que todos os seres se distribuem em duas categorias, perfeitamente distinctas: seres vivos e seres inertes.

D’este modo, sob a suggestão das mesmas paginas, todo o programma pode ser ensinado. Qual a vantagem? E’ que todo o ensino fica assim harmonizado, como irradiação ou desenvolvimento de uma só leitura; e essa leitura é bastante, a todo o momento, para evocar os conhecimentos adquiridos, que d’essa forma se assimilam muito mais facil e naturalmente.

Neste livro existem e entrelaçam-se, por meio de mutua suggestão, todas as noções que a criança pode e deve receber na Escola; e, ao mesmo tempo, a sua leitura representa por si mesma uma visão geral do Brazil, um conhecimento concreto do meio no qual vive e se agita a criança; e d’este modo se consegue isto, que é a grande aspiração do ensino

primario: — que a Escola ensine a conhecer a natureza com a qual a criança está em contacto, e a vida que ella tem de viver e da qual já participa.



Juntamos ao volume um pequeno lexico, em que damos a significação de alguns termos empregados, dos menos familiares ás crianças. Em geral, procurámos dar a estas paginas o tom singelo e a linguagem natural que mais convêm á intelligencia infantil; é este um dever rigoroso em trabalho d'esta natureza; mas seria impossivel evitar sempre o emprego de uma ou outra palavra menos trivial. Nem tanto se exige dos livros didacticos; se, em suas leituras escolares, a criança sómente encontrar palavras muito conhecidas, como poderá ella desenvolver o seu vocabulario? Nos livros de classe podem ser empregados termos menos usuaes, comtanto que estejam dispostos de modo a poder ser facilmente comprehendidos com uma ligeira explicação. Essa explicação certamente será sempre dada pelo professor competente e solícito; mas, como é possivel que a criança seja tentada a ler o livro fóra da classe, longe da vista e do auxilio do professor, o nosso pequeno lexico pode prestar-lhe bons serviços.

Os AUTORES.

I

MÁ NOTICIA

Eram dois irmãos, — Carlos e Alfredo, o primeiro de quinze annos de idade, e o segundo cinco annos mais moço. Não tinham mãe. Havia dois annos que a tinham perdido.

Estavam ambos em um collegio, no Recife. O pae, que era engenheiro, fôra obrigado a deixal-os ahí, afim de trabalhar na construcção de uma estrada de ferro, no interior do Estado. Era a primeira vez que se separava dos filhos, depois da morte da mulher; sempre fôra muito carinhoso e meigo; principalmente depois de enviuar, tornara-se de uma bondade excessiva, como querendo compensar com um redobramento de ternura a falta dos cuidados maternos de que via os filhos privados. Era simples e affectuoso, preferindo ser attendido e amado a ser obedecido e temido. Não castigava nunca os filhos: era para elles um amigo, um camarada, um companheiro.

A separação foi para os trez um golpe doloroso. Mas não era possível evital-a: e o engenheiro, no momento de partir, abraçando os dois rapazes, fez-lhes esta recommendação: “Vocês devem ser sempre muito amigos. muito unidos, tendo um só

coração e uma só vontade. Não temos parentes por aqui. Todos os nossos parentes vivem longe, no Rio Grande do Sul. Se eu morresse, ficariam vocês desamparados; e, se não fossem muito amigos e muito unidos, a desgraça seria terrível. . . .”

Havia já dois mezes que o pae partira. Carlos e Alfredo, no collegio, estudavam, e tinham um pelo outro uma amizade que nenhuma divergencia alterava. O que era de um era do outro; o que um pensava, tambem o outro o pensava. Não havia entre elles segredos, nem desconfianças, nem brigas. Ligados pelos laços do sangue, eram ainda mais ligados pelos laços do affecto. Comprehendiam a responsabilidade da sua condição, e esperavam com confiança um futuro melhor.

Em certa manhã de domingo, quando iam sair a passeio, receberam um telegramma. O pae estava doente. Doente “sem gravidade”, — dizia o telegramma. Os dois meninos, porém, num sobresalto, imaginaram logo uma desgraça: “O pae estava tão longe, num lugar quasi deserto, num sertão bruto, onde ainda havia, talvez, indios ferozes, — e estava entre estranhos, sem um amigo! . . . Que molestia seria a sua? e se o seu estado se aggravasse, — se elle morresse, assim, sósinho, abandonado, sem ter o consolo de poder dar a ultima bençãam aos filhos?”

Carlos, o mais velho, disse logo, com os olhos rasos de agua:

— Sabes, Alfredo? não me resigno a esta incerteza! Vou para junto de papae. . . E vou já! Nem previno o director do collegio porque receio que

não me deixe partir. Tenho ainda algum dinheiro do que papae nos deixou; vou vender o relógio, e sempre hei-de poder pagar a viagem.



Pateo da *Iareia do Terço*, no Recife.

— Também eu quero ir! — exclamou Alfredo — leva-me contigo!

— Mas tu és pequeno, a viagem é longa, o dinheiro é pouco...

— Venderei também o meu relógio...

Carlos não teve a coragem necessária para se oppor á vontade do irmão. Foram logo d'alli preparar a jornada, que era penosa, — um dia em caminho de ferro, e ainda muitas leguas a cavallo.

O trem só partia no dia seguinte, ás seis horas e meia da manhã. Para economizar o pouco dinheiro que possuíam, os meninos nada compraram; e, não querendo voltar ao collegio, onde receavam a opposição do director, resolveram não dormir. Foram até Afogados, onde tinham uma familia conhecida, com a qual jantaram; depois vagaram longamente pelas ruas da cidade, cansados, pensando no pae. Alta noite, dirigiram-se para os lados da estação, e ficaram por lá, á espera da madrugada, encostados ás portas, lutando com o somno. A's vezes, Carlos sentava-se, encostava a cabeça do irmão nos joelhos. Mas lá vinha um vulto, — um soldado ou um transeunte, — e os dois assustavam-se, temendo ser presos e reconduzidos ao collegio. Levantavam-se e continuavam a sua triste peregrinação.

Assim passaram a noite, anciosos pelo dia. Tinham vendido os relógios, e não podiam saber a hora. De instante a instante, Carlos levantava a cabeça e olhava o céu, para ver a altura do Cruzeiro do Sul, ou para verificar se a estrella d'Alva já apparecia.

Por fim, depois de uma longa espera torturante, viram o céu tingir-se de um ligeiro rubor. Começaram a animar-se as ruas. Passaram as primeiras carroças, levando pão, carne e verduras para a cidade...

Amanheceu.

II

NA ESTRADA DE FERRO

A's seis e meia, partiu o trem, — e lá se foram os dois, num carro de segunda classe, muito juntos, — e abatidos, não só pela afflicção que levavam comsigo, como pela fadiga d'aquella noite de vigilia.

Era uma linda manhan de Setembro, fresca e radiante. Alfredo, que ia junto á janella, começou a olhar a paizagem, e entrou em breve, com a sua curiosidade de criança, já um pouco esquecido do desgosto que o opprimia, a interessar-se por aquelle espectáculo que nunca vira. Nunca viajara em estrada de ferro, e tudo aquillo era novo para os seus olhos e para a sua intelligencia. Mudo e pasmado de admiração, contemplava o sol que nascera, cercado de nuvens de fogo, e o céu azul, e as arvores orvalhadas, e os immensos campos aqui e alli coberto de neblina.

— Oh! Carlos! que belleza! mas só vejo campos e matas... Onde está o mar?

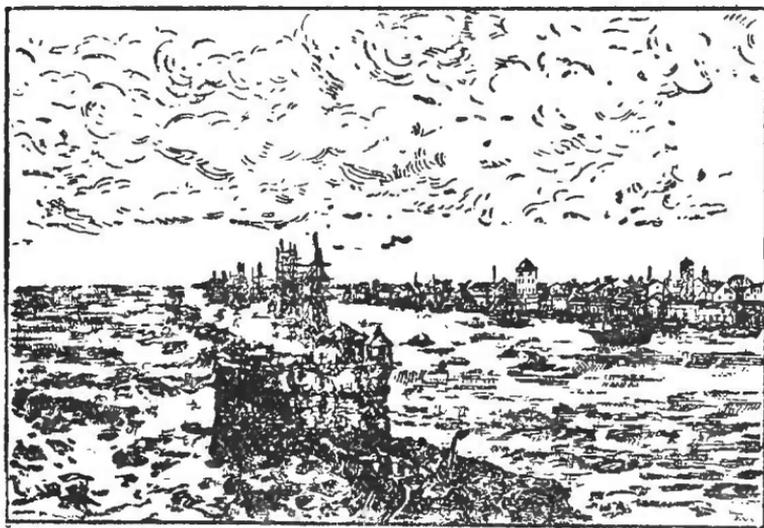
— O mar ficou lá atraz; — respondeu o irmão — nós nos vamos afastando d'elle.

— E que é aquillo ao longe, aquella altura?

— E' uma serra.

Alfredo não se cansava de contemplar a montanha, que apenas vagamente se desenhava ao longe, com uma cor verde, quasi azul, esfumada.

O trem ia devagar, subindo uma rampa. Numa volta, o pequeno olhou para a frente, e viu a



Vista do porto do Recife, formado pela muralha natural dos arrecifes, sobre a qual está o forte do Brum.

locomotiva que ia bufando, num esforço, expelindo pela chaminé grossas baforadas de uma fumaça muito branca, listada de faixas mais escuras.

Pobre Alfredo! estava embebedado nessa contemplação, quando sentiu dentro de um dos olhos um argueiro, um pedacinho do carvão da machina. Com a dor, o pequeno fechou os olhos, e correu para o irmão, que estava em um dos outros ban-

cos do carro; mas, infeliz, pisou, em cheio sobre um embrulho que estava no chão. Era a matalotagem de um passageiro que dormia. Com o ruído, o homem acordou, e, vendo o embrulho machucado, levantou-se furioso contra o menino. Alfredo desculpou-se; mas o bruto a nada attendia, nem ás explicações de Carlos, que, vindo em soccorro do irmão, mostrava a causa de sua quéda. O pequeno, de facto, tinha um dos olhos vermelho e lacrimante... Em vão! o homem esbravejava, e dispunha-se a espancar os meninos, quando um outro passageiro interveio:

— Hein! bater nestes dois pirralhos?! Você não se envergonha de dizer tal cousa, homem? Você, um homem forte, a fazer-se de valente para duas crianças !

A esse protesto juntaram-se logo os dos outròs viajantes, — e o malcriado, corrido de vergonha, foi outra vez encafuar-se no seu canto.

O interessante foi que, com o episodio da altercação, Alfredo esqueceu o argueiro, e, quando pensou nelle, já não o sentiu.

O trem parou. Era a hora do almoço. Emquanto os viajantes saíam, e iam ao *restaurante* da estação, Carlos desembulhou dois pedaços de pão, com uma fatia de carne cada um, — que comprara antes de tomar o trem.

Alfredo, sempre curioso, emquanto mordia o pão e a carne, não tirava os olhos da casinhola da estação, do movimento da gente, da montanha que já apparecia mais perto, dos grandes blocos de pedra que se amontoavam á margem da estrada, do carvão que os carregadores levavam para a

machina. Mais longe, estendiam-se valles cobertos de mato, e campos immensos e ondedados, tapetados de um curto capim verde-amarello. E Alfredo admirava os bois que pastavam, fartando-se no capim, e com os grossos cachaços reluzindo ao sol.

Soou o apito, e o trem poz-se de novo em movimento.

III

A VELHA AFRICANA

De espaço a espaço, o trem diminuía a marcha, e parava numa estação onde ficava durante alguns minutos. Havia uma lufa-lufa de passageiros que entravam e saíam, despedidas ruidosas entre os que ficavam e os que partiam; carregavam-se e descarregavam-se bagagens; e o comboio seguia de novo, correndo pelo leito da estrada, entre barrancos e matos verdes.

Ao meio dia, chegou o trem a Palmares. Ahi houve baldeação: os viajantes passaram-se todos para os carros de uma outra estrada de ferro, e a viagem continuou. Agora, ia a linha beirando um rio. Da janella do trem, Alfredo, via-o e admirava-o. Em certos pontos, as aguas muito claras, batidas de sol, corriam encachoeiradas, entre pedras, borborinhando e espumando; além, fluíam mansamente, e o leito do rio alargava-se, formando pequenas enseadas; e, de espaço em espaço, via-se uma ilha coberta de verdura, ou uma illota sêca, de pedra, onde a agua batia raivosa. Aqui, as margens eram altas, cobertas de arvores frondosas; e Alfredo, de cima, via o rio lá em baixo, negro e fundo, formando um abysmo temeroso. Mais adiante, as ribas tornavam-se baixas, e

estendiam-se em frescas vargens cobertas de capim e de junco.

Carlos, absorvido na sua ideia fixa, a molestia do pae, — ia calado e pensativo, com a fronte enrugada, sem olhar os aspectos da natureza; mas Alfredo não se fartava de gozar o espectáculo. Em certa altura, o trem passou junto, quasi rente de um velho casarão em ruinas, com um alpendre na frente e as paredes velhas, esburacadas e negras, quasi caindo.

— Que é isto, Carlos? — perguntou o pequeno.

— Deve ser um engenho...

— E porque está assim tão feio?

— Porque é muito velho.

— E deve ser realmente muito velho! — disse Alfredo. — Esta casa deve ter mais de mil annos!

— Que mil annos!? — Exclamou Carlos, rindo.

— Não tem?

— Está claro que não! não ha casa no Brazil que tenha mil annos! pois se ha pouco mais de quatrocentos annos que o Brazil foi descoberto...

— Ah! sim! não me lembrava!

Nesse momento, reinou repentinamente a escuridão dentro do carro. Tudo ficou inteiramente negro. Com um rumor muito mais forte, a machina offegava na treva. Alfredo, assombrado, agarrou-se ao braço do irmão:

— Não é nada! — disse-lhe este. — Estamos atravessando um tunel; sairemos já, não te assustes!

De facto, instantes depois, o trem libertava-se da escuridão; e a luz do dia irradiou outra vez,

illuminando a paisagem. Dentro do carro, a atmospheria estava quasi irrespiravel, carregada de fumaça espessa. Uma pobre preta africana, já muito velha, sentada a um canto do carro, gemia e arfava, suffocada. Carlos correu para ella, e abriu a portinhola para que ella respirasse um pouco de ar fresco e puro. A velha contemplou-o com carinho, agradeceu-lhe o serviço, e instinctivamente, num impulso de gratidão, estendeu-lhe uma das mãos, com um punhado de amendoins torrados. Carlos não accitou o presente, mas Alfredo, com um grito de alegria, deu-se pressa em recebê-lo.

— E' seu irmão, yôyô? — perguntou a preta.

— E'!

— Para onde vão?

— Para Garanhuns. . .

— Ah! é a minha terra! Ainda falta muito.

Carlos e a velha começaram a conversar. O menino, sempre pensando no pae, aproveitou o ensejo, que se lhe offerencia, de obter algumas informações. Mas a preta velha pouco sabia. Sabia apenas que tinham apparecido na cidade uns engenheiros; mas já não estavam lá: andavam pelos matos, construindo uma estrada, a muitas leguas de distancia, no sertão bravo. Para chegar lá, seria preciso alugar animaes fortes, que pudessem resistir a caminhada. Carlos, ouvindo as explicações da velha, pensava tristemente que só lhe restavam cinco mil réis. . . Era todo o dinheiro que possuia! Como havia de fazer, com tão pouco dinheiro, tão longa viagem?

A preta falava, sem interrupção, numa tagarellice infindavel, contando a historia d'aquelles lu-

gares, e d'aquellas gentes... Vira nascer quasi todo o povo que alli vivia... Mas Carlos não escutava o que ella lhe dizia. Olhava com tristeza o irmãozinho, que já devia sentir fome. Como o alimentaria? como o levaria comsigo, por aquelles matos a fóra? e onde iriam dormir, quando che-



Um cannavial, na época do córte das cannas, que são transportadas para a usina num pequeno trem.

gassem a Garanhuns?... Pensando nisso, quasi desanimava: mas o desejo de ver o pae era tão vivo, que lhe restituia a coragem.

A africana continuava a falar: de vez em quando, metia a mão num pequeno sacco, e dava a Alfredo um punhado de amendoins torrados. A tarde caiu. O crepusculo entristeceu o céu. Eram seis e meia.

O trem parou na estação de Garanhuns.

IV

GARANHUNS

Na estação da modesta cidade, Carlos e Alfredo ficaram parados por algum tempo, sem saber o que deviam fazer... Foram depois andando, ao acaso, pelas ruas quasi desertas, adormecidas, em silencio, mal illuminadas, marginadas de casinhas pobres e baixas. A'quella hora, quasi ninguem estava fóra de casa; apenas alguns animaes pastavam livremente, catando a herva que crescia entre as pedras. Carlos voltava-se, ancioso, para um e outro lado, procurando ver alguem, a quem pudesse perguntar onde era o escriptorio da Estrada de Ferro de Aguas Bellas. Emfim, á porta de uma casa, viu um velho, que lhe deu a informação desejada. Não era longe o escriptorio. Os dois meninos, reanimados, estugaram o passo; o mais velho ia cheio de esperança, architectando planos risonhos: ia saber noticias do pae, — e era quasi certo que lhes dariam pousada, por aquella noite, quando soubessem que eram filhos do engenheiro. Mas quando, ao chegar á casa indicada, viu fechada a porta, sentiu frio no coração. Bateu, tornou a bater... em vão. Por fim, um vizinho, abrindo a janella, indagou a causa do rumor.

- Não é aqui o escriptorio da Estrada?
— E'. Mas ali ninguem dorme.
— E não me sabe dizer onde mora o engenheiro-chefe?

O homem deu indicações minuciosas, — e os dois seguiram. Mas, na casa do engenheiro-chefe, esperava-os nova decepção. Um criado, hespanhol, disse-lhes que o patrão não estava: tinha partido, na vespera, para uma viagem. O pobre Carlos, cansado, enfraquecido, tonto de somno, ficou attonito e tremulo, no meio da rua, no silencio e na treva, sem uma ideia. Que fazer? que havia de ser d'elles, — e, principalmente, do irmãozinho, tão criança, sem ter o que comer nem onde dormir? Lembrou-se de procurar um hotel: mas, se gastasse o pouco dinheiro que tinha, como poderia alugar os animaes? — Pensava tristemente nisso, quando deu pela falta do irmão. Procurou-o por todos os lados, afflicto, e ia gritar, chamar



Menino de tribu Cayapó. Ao lado — o interior de uma habitação de indios, da mesma tribu.

por elle, quando o viu sair, correndo de dentro de uma padaria. Trazia dois pães...

— Onde achaste esses pães? — perguntou Carlos.

— Quando passavamos pela padaria lembrei-me que guardara cem réis, e comprei o nosso jantar. Toma um pão.

— Não! guarda-o para ti, amanhã...

— Amanhã, ainda está longe... E como queres que o guarde para mim, quando sei que também tens fome?

Andaram um pouco mais, comendo os pães; Carlos ia com a morte na alma, vendo que o irmão tropeçava nas pedras do caminho, já extenuado. Pararam no extremo da rua em que estavam. Já alli rareavam as casas. Viram um casebre humilde, fechado, com uma larga cobertura baixa, de sapê. Acolheram-se a esse abrigo providencial, aconchegaram-se, e adormeceram logo.

Rompia a manhã, quando Carlos ouviu que o chamavam:

— Yôyô! yôyô!... Coitadinhos!

Era a velha preta, que já haviam encontrado no trem:

— Porque não bateram á porta? Vamos, vamos para dentro! Coitado do outro! Como está encolhidinho!

A boa velha levou-os para o interior do casebre. Era uma choupana rustica, mas asseada, com paredes de barro preto, e chão duro, batido, de torrões. A um canto o fogão, ao centro uma mesa de madeira tosca; alguns bancos de pau, e o catre, em que dormia a dona da casa, completavam a mobilia. A velha trouxe-lhes logo um

grande pedaço de cuz-cuz, e um mingau saboroso, especie de papa molle, feita de milho azedo. Os dois rapazes comeram, com vivo prazer, aquellas boas cousas, que lhes parecia terem caído do céu. O pequeno Alfredo, fazendo honra ao banquete, não deixava de olhar toda a casa, examinando tudo, a mobilia, as cordas onde secava a roupa, e os “registros” de santos pregados ás paredes. Mas, o que mais lhe prendia a attenção era o quintal, entrevisto atravez da porta do fundo. Assim que acabou de comer, correu para lá. De um lado ficava uma pequena horta, onde, em canteiros bem tratados, se alinhavam as couves, os quiabos, as ervilhas; do outro lado ficava o cercado da criação: havia gallinhas, patos, perús, um porco, e uma cabrita. Tudo aquillo revelava um cuidado constante; tudo estava limpo e varrido; e, contra o muro, enfileiravam-se as enxadas, os regadores, as vassouras, as foices... Foi Carlos quem foi arrancar o irmão d’alli. O dia ia alto, e era tempo de seguir viagem.

Abraçaram a boa preta, agradecendo-lhe a hospitalidade generosa. Alfredo ainda levou um grande embrulho com amendoins torrados, — ultimo presente da caridosa africana. Seguiram, a caminho do escriptorio. Mas, antes de lá chegarem, houve um episodio que os interessou. Caíram no meio de uma compacta multidão, que cercava dois homens em luta. Eram dois homens do povo, engalfinhados, rolando no pó, esmurrando-se. Ouviram-se apitos, e appareceram soldados. Alfredo, atordoado, deixou cair no chão o sacco dos amendoins, e poz-se a tremer.

— Não te assustes! Que é isso?! — disse-lhe o irmão.

— Não nos vão elles prender, Carlos!

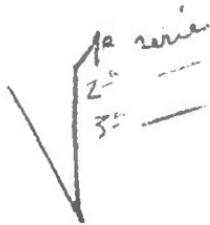
— Estás louco? Pois não vês que elles não têm o direito de prender-nos?... Pois, se nada fizemos... Deixa-te de tolices, e vamo-nos embora!

— Mas porque foi que prenderam aquelles homens?

— Porque estavam brigando, e podiam matar-se ou ferir-se.

— E quem os mandou prender?

— As autoridades, naturalmente...



V

A CAVALLO

Quando chegaram ao escriptorio da *Estrada de Ferro de Aguas Bellas*, Carlos e Alfredo encontraram um moço, engenheiro e desenhista, que substituiu o engenheiro em viagem. Chamava-se Cunha, era amigo do pae dos dois rapazes, e recebeu-os com amizade e carinho.

— E' bem exacta, infelizmente, — disse elle a Carlos — a noticia que receberam. Seu pae, o Dr. Menezes, está doente. Fui eu mesmo quem lhes passou o telegramma... Está doente, e bem longe d'aqui: se não fosse isso, já eu teria ido visital-o, e teria vindo com elle para Garanhuns, onde ha mais conforto. Mas como posso ir até Boa Vista, á margem do rio São Francisco, quarenta leguas acima do extremo da Estrada de Ferro de Piranhas?

— Tão longe assim? — perguntou Carlos, com espanto e magua.

— Sim. O chefe do serviço quiz mandar a Boa Vista uma pessoa de confiança, e seu pae foi o escolhido. Assim que chegou, adoeceu. Communicaram-nos logo a noticia, por carta: e, como poderia tratar-se de cousa grave, não hesitei em passar-lhes o telegramma que receberam.

— Bem! — disse Carlos, depois de um segundo de reflexão. — Iremos a Boa Vista!

— E seu irmãozinho?

— Eu também irei! — exclamou Alfredo.

— Impossível, meu filho! — objectou, compadecido, o engenheiro. — A viagem é longa e penosa. E' preciso viajar vinte e cinco leguas a cavallo até Piranhas, seguir por estrada de ferro até Jatobá, e d'ahi subir, em canoa, quarenta leguas até Boa Vista. Essa não é viagem para uma criança.

— Seja como fôr, quero ir! — teimou o menino, já com os olhos cheios de agua.

O Dr. Cunha comprehendeu que nada conseguiria insistindo. Foi logo dar as providencias para a viagem: arranjou dois cavallos mansos, contratou, para acompanhar os dois viajantes, um homem conhecedor dos caminhos, e entregou ao mais velho dos irmãos o dinheiro necessario para as passagens e as despesas miudas. Deu-lhes além disso uma carta de apresentação para o major Antonio Bento, que em Jatobá lhes forneceria os meios de subirem o rio em canoas.

Eram duas horas da tarde, quando a pequena caravana partiu de Garanhuns. A principio, tudo correu bem. O guia era falador, e tagarelava sem cessar, respondendo ás perguntas dos meninos. A tarde era linda e fresca. Alfredo divertia-se extraordinariamente com aquelle modo, para elle novo, de viajar: deliciava-se com o balanço do andar do animal, e ia encantado, fazendo perguntas sobre perguntas. O proprio Carlos parecia menos triste, menos preocupado com a doença do pae... Mas, depois de duas horas de viagem Alfredo

começou a sentir-se fatigado: doiam-lhe as costas e as pernas; voltava-se, ora para um, ora para outro lado, procurando uma posição mais commoda. Carlos comprehendeu o seu soffrimento, e tentou distrahir-o:

— Sabes para onde vamos?

— Não. Para onde? — perguntou o pequeno, já com os olhos accesos de curiosidade.

— Vamos para o Estado de Alagoas, e na direcção do Estado da Bahia. Não té lembranças da capital da Bahia, por onde passámos ha cinco annos? E' a cidade mais velha do Brazil. Foi na Bahia que viveu o Caramurú.

— Que Caramurú?

— Caramurú — começou Carlos a narrar — foi o nome que os indios deram a um certo Diogo Alvares, portuguez, que naufragou na Bahia alli por volta de 1510. Aprisionado pelos indios, Diogo Alvares ia ser por elles comido...

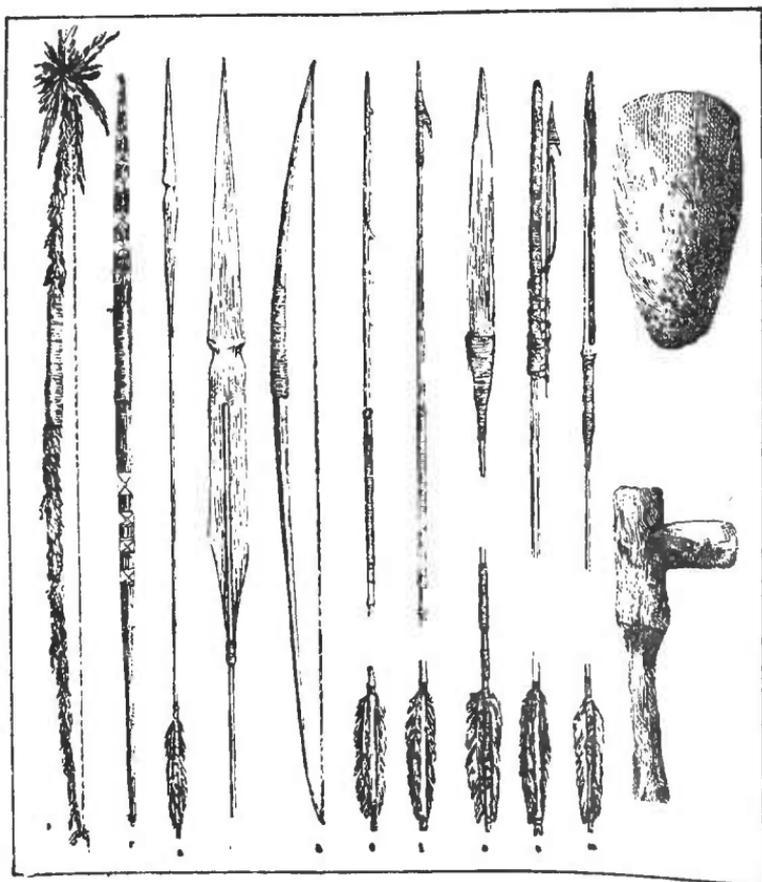
— Comido?

— Sim. Os selvagens do Brazil eram anthropophagos, isto é: comiam os seus prisioneiros. Diogo Alvares ia ser comido, quando teve a feliz ideia de fazer fogo, com a espingarda que trazia, sobre um passaro. Ouvindo o estrondo da arma, que não conheciam, vendo o passaro cair fulminado, e attribuindo tudo isso ao poder sobrehumano, os indios prostraram-se por terra, e adoraram o naufrago portuguez, a quem deram o nome de *Caramurú*.

— Mas, que quer dizer essa palavra?

— Dizem uns que, na lingua selvagem, *Caramurú* queria dizer *senhor do raio, filho do trovão*; e dizem outros que com esse nome designavam os

indigenas uma especie de peixe electrico, uma enguia, cujo contacto fazia estremecer a mão que a tocava. Seja com fôr, Diogo Alvares salvou-se, e viveu muito tempo entre os indios, casando-se com uma rapariga da tribu, Paraguassú, que, depois de baptizada, recebeu o nome christão de Catharina. Quando, em 1534, Martim Affonso



Arcos, flexas, settas, harpão e machados, usados pelos indios bororós.

chegou á Bahia, ainda encontrou Caramurú, que teve muitos filhos, e prestou grandes serviços á colonização do norte do Brazil.

— Que historia interessante! — exclamou Alfredo.

— Houve tambem um portuguez, que naufragou mais para o sul, em 1512, em São Vicente, onde é hoje a cidade de Santos, no Estado de São Paulo. Tambem esse, que se chamava João Ramalho, escapou de ser devorado pelos indios, e chegou a dominal-os de tal modo que com elles viveu até idade avançada, constituindo familia e sendo encarregado mais tarde, por Martim Affonso, do governo da colonia ou villa militar de Piratininga, que foi a origem da actual cidade de São Paulo.

— Mas parece impossivel que os indios pudessem comer carne humana! Que cousa horrivel, Carlos!

— Ah! a vida dos selvagens era muito diferente da nossa, em tudo...

— Como viviam elles? — perguntou o pequeno cada vez mais interessado.

Carlos não quiz deixar de continuar a distrahir-o; e, enquanto os animaes trotavam, falou d'este modo:

A VIDA SELVAGEM

— Os primitivos habitantes do Brazil formavam muitas tribus, disseminadas pelo interior e pelo litoral do paiz, e estando quasi sempre em guerra umas contra as outras. Viviam da caça e da pesca. Caçavam, ás frechadas, os porcos do mato, as pacas, e as aves; para pescar, empregavam tambem as suas frechas certeiras, ou usavam umas redes pequenas a que davam o nome de *puçás*, e uma especie de cesto afunilado, chamado *giquí*. Emquanto os homens andavam pescando, caçando ou guerreando, as mulheres ficavam nas casas, fabricando uma bebida forte, denominada *cavim*, tratando das sementeiras e das plantações, e preparando a farinha, que era um dos principaes alimentos dos selvagens.

— E tinham casas, como as que temos? — perguntou o pequeno.

— Tinha casas que não eram tão bem feitas como as nossas, mas serviam perfeitamente para abrigal-os. As aldeias dos indios chamavam-se *tabas*, e compunham-se de varias *ocas*, ou barracas feitas de paus e barro, sem divisões interiores, e tendo apenas esteios, onde se penduravam as redes. Em torno da taba, levantavam uma pali-

gada, feita de troncos ou de espiques de palmeira, servindo de defesa.

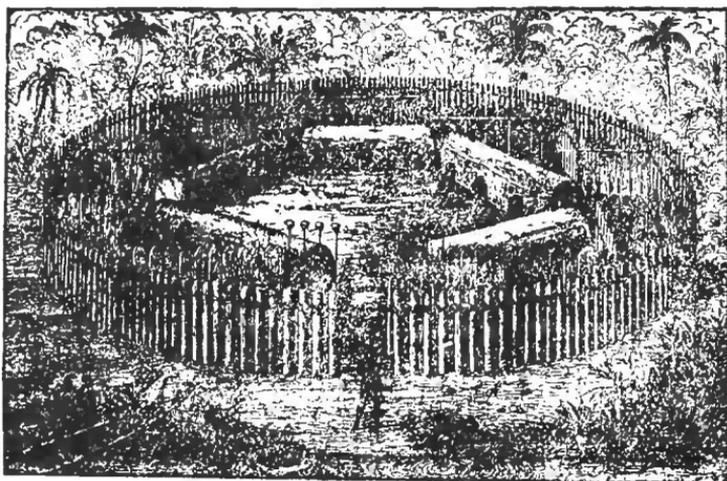
— E andavam vestidos como nós?

— Qual! Andavam nós, apenas com alguns ornatos feitos de pennas. Na cabeça tinham communmente uma especie de diadema, *acanguapê*; em torno dos rins, traziam uma tanga, *enduape*; e usavam ainda collares e pulseiras, algumas vezes formados por enfiadas dos dentes que arrancavam da bocca dos inimigos mortos na guerra. Homens e mulheres costumavam untar todo o corpo com uma tinta oleosa, que extrahiam de certas plantas. Alguns usavam furar os beiços, as narinas, as orelhas, encaixando nos furos pequenos batoques de madeira.

— E como eram as guerras?

— Ah! eram terriveis! eram verdadeiras guerras de exterminio. Algumas tribus odiavam-se tenazmente, com um rancor que só desaparecia quando uma d'ellas era totalmente destruida pela outra. Os prisioneiros eram comidos ou escravizados. As armas eram variadas. Havia os grandes arcos, por meio dos quaes atiravam as longas frechas, cuja ponta formada por ossos ou dentes afiados era algumas vezes envenenada; havia as grandes lanças de pau-ferro, que eram arremessadas com uma certeza de pontaria admiravel; havia as *tamaranas* ou *tangapemas*, que eram pesadas clavas, ou maças de madeira; e havia as *esgravatanas*, tubos ocos, com os quaes, por meio do sopro, atiravam-se settas finas a grandes distancias. Essas armas eram todas fabricadas pelos selvagens, cuja industria relativamente adiantada ainda se revelava no fabrico de varios utensi-

lios domesticos, como cestos, redes de pesca, vasilhas para cozer a mandioca, e talhas ou igaçabas, que serviam para guardar a agua, o cauim, a farinha, o peixe moido, e dentro das quaes algumas tribus enterravam os seus mortos. Como instrumentos de musica, tinham os indios trombetas, das quaes a mais usada era a *inubia* ou



Taba india.

bozina de guerra; o *memby* que era uma gaita feita com um osso de coxa humana, um femur escavado; e o *maracá*, especie de chocalho, constituido por' uma cabeça cheia de pequenos ossos e pedras.

Alfredo ouvia com grande attenção o que o irmão lhe dizia. Mas não lhe saía da cabeça, particularmente, a ideia horrivel dos banquetes de carne humana...

— Que barbaridade! E ainda ha muitos indios no Brazil?

— Ha ainda alguns, no interior do Amazonas, do Pará, de Matto Grosso, de Goyaz, Espirito Santo, São Paulo, Paraná, Santa Catharina, Maranhão, conservando a sua vida independente



Mayacú — especie de cesta em que as indias bororós carregam os filhos. Chefe bororó, armado e ornamentado.

e os seus costumes ferozes. Mas, perto das povoações, já todos elles se vão convertendo á vida civilizada....

— Patrãozinho! — disse neste ponto o camarada — acho melhor arrancharmos neste lugar.

Os trez viajantes tinham chegado ao pé de um corrego. Apearam-se e amarraram as redeas dos cavallos ás arvores. Havia mosquitos, voando e zumbindo. Bemvindo, o camarada, para afugental-os, juntou uns gravetos no chão, deitou-lhes fogo, com o auxilio de um phosphoro; abanou com o chapéo a pequena fogueira; e, d'ahi a pouco, as chammas crepitaram, vivas e alegres. Sentaram-se, e começaram a jantar.

—

VII

ESTRADA A FORA

Comeram calmamente. O farnel, fornecido pelo sub-chefe, continha uma excellente gallinha assada, um pedaço de rosbife e pão. O camarada Bemvindo trazia uma boa porção de carne sêca que os dois rapazes tambem quizeram provar, com aquelle valente apetite que lhes haviam dado o movimento e o ar do campo. Estavam do lado da estrada, á sombra de uma grande arvore, cuja copa de folhagens abundantes os raios do sol não conseguiam atravessar. O chão era batido, — liso e limpo como o de uma casa. Via-se bem que aquelle lugar era um ponto habitualmente escolhido para repouso pelos viajantes que por alli jornadeavam. Um pouco adiante, corria o riacho, atravessando o caminho. Ouvia-se bem o leve rumor das aguas deslisando entre as pedras. E só esse rumor e o de alguma folha que caía perturbavam o silencio do sitio quieto, a essa hora de calor ainda forte.

Alfredo, quando acabou de comer, correu para o riacho, e foi mergulhando as mãos na agua, para laval-as. Mas exclamou logo, ingenuamente:

— Oh! sujei a agua!... Como havemos de beber?

— Ora, patrãozinho! não vê que a agua está correndo sempre? — disse rindo o camarada. —



Uma tropa de burros, fazendo transporte de cargas, no interior do Brazil.

A agua suja vae embora, e a que vem está sempre limpa!

O pequeno riu da sua propria tolice; mas, nisto, ouviu-se o toque, ainda afastado e fraco, de uma campainha. Alfredo dirigiu o olhar para todos os lados, e, não comprehendendo que som era aquelle, voltou-se para o camarada, que estava arreando os animaes.

Bemvindo era um caboclo reforçado, moço ainda, — peito largo, pescoço musculoso, olhos negros e vivos, cabellos luzentes e anelados caindo sobre a testa. Tinha as mangas da camisa

e as calças arregaçadas, e viam-se-lhe, ao sol, os braços e as pernas de musculos grossos e tendões rijos e salientes. Era um bello exemplar do robusto sertanejo nortista. A presteza com que arreava os animaes, e a força de que dava prova, apertando as correias, attestavam uma longa pratica d'aquelle serviço.

— Que toque é este de campainha, *seu Bem-vindo*?

— Com certeza é alguma tropa que vem da villa, patrãozinho. Não tarda a apparecer... Olhe! ahi vem ella!

Alfredo voltou-se, e viu na estrada, do outro lado do riacho, um sequito de burros, uns atraz dos outros, em fila. O da frente trazia uma campainha no pescoco: todos os outros o seguiam docilmente, guardando a mesma distancia entre si. Vinham carregados de couros; cada um trazia dois rolos enormes, um de cada lado da cangalha; era tão pesada a carga, que os animaes tinham o lombo derreado, e caminhavam devagar, como apalpando o solo com as patas. Atraz, no couce da tropa, vinham dois homens a pé, e um menino a cavallo.

Os burros, assim que chegaram ao riacho, correram todos para a agua, sequiosos. Como eram muitos, sujaram logo a agua com as patas. E Alfredo notou, com interesse, que todos, ao mesmo tempo, voltavam a cabeça para o lado de cima, á procura do líquido que vinha limpo:

— Tambem elles sabem que a agua, que corre, vem sempre limpa... — disse comsigo mesmo o pequeno, sorrindo.

Mas o Bemvindo, tendo reconhecido os dois tropeiros, exclamava:

— Oh! José! Oh! Justino! vocês de onde vêm? como vão vocês?

— Oh! Bemvindo! por aqui?... Nós vimos de Agua Branca. E você está bom? como está a velha?

— Boa. Vocês passaram pelo arraial?

— Passámos. E você para onde vae?...

— Vou levar estes moços a Piranhas, e queria saber se o capitão Paulo está no "sitio"...

— Acho que está! — disse o mais velho dos dois tropeiros — quando passámos por lá, estava na varanda uma pessoa: pareceu-me que era elle...

Aparearam-se o José e o Justino, e começaram a conversar com Bemvindo. Eram amigos do camarada, conhecidos antigos, e davam mostras de estimal-o muito. O mais velho, de face escura, quasi preta, era mais forte do que o outro, caboclo como Bemvindo. Ambos tinham physionomia sympathica, e trataram com carinho os irmãos que se dirigiam a Piranhas, desejando-lhes boa viagem.

— E quem é esse menino que vae com vocês?
— perguntou Bemvindo.

— E' meu mano — respondeu o Justino: — vou leval-o para a cidade; já está com os seus oito annos e vae estudar na escola.

A conversa não esfriava. Mas Carlos, vendo que se estava fazendo tarde, chamou a attenção de Bemvindo, que se despediu dos amigos, pedindo-lhes que dessem lembranças á sua velha mãe, em Garanhuns.

Montaram, e puzeram-se a caminho. Eram cinco horas da tarde. O ar ia refrescando; o sol era menos vivo, e podia-se olhar livremente para todos os lados, sem ser preciso levar a mão aos olhos para abrigal-os do ardor solar...

VIII

NA FAZENDA

A essa hora, já a viagem era mais agradável. Corria uma viração suave. Animavam-se os campos; e viam-se, de quando em quando, ao longo do caminho, rebanhos pastando. A cada instante, da relva que atapetava a senda, ou das arvores que a bordavam, voava um passaro, espantado com a aproximação dos animaes.

Agora, os viajantes, depois de subir uma pequena ladeira, chegaram a um taboleiro alto, plano, extenso, por onde a estrada se estendia quasi em linha recta. A subida fôra por um terreno aspero, avermelhado, semeado de pedrinhas brancas, alisadas e redondas, como as que foram o leito dos rios. De distancia em distancia, via-se uma moita mais elevada, um capão de mato, algumas arvores secas: tudo mais era capim rasteiro, enfezado, de folhas duras e peludas. Os animaes marchavam num passo seguro e igual; e o bater das suas ferraduras no chão duro produzia um ruido cadenciado.

Iam calados os trez viajantes. Bemvindo esticava o pescoço, e olhava para a frente, como quem quer descobrir alguma cousa. Alfredo, entretido, contemplava o campo, e o céu coberto de

nuvens vermelhas. Carlos, pensando sempre na molestia do pae, ia concentrado e apprehensivo.

Foi o camarada quem, de repente, rompeu o silencio:

— Estamos perto!

O sol acabava de desaparecer no horizonte. Os viajantes acharam-se defronte de uma cancella ou *porteira de bater*. Bemvindo adiantou o animal, abriu-a, e ficou a segural-a, enquanto os dois irmãos passavam.

— Estamos no pasto do capitão Paulo, — disse elle. — Alli, naquella casa, é que vamos pousar.

A casa ficava a uns trezentos metros de distancia, bem visivel, ao fundo do terreno chato.

Logo ao entrar, Alfredo assentou-se, e não pôde disfarçar o susto. O terreno estava cheio de bois, uns deitados, outros de pé, ruminando. Mas os animaes ficaram como estavam, limitando-se a acompanhar os recémchegados com os seus grandes olhos pensativos e mansos. Dez minutos depois, os trez viajantes batiam á porta da casa. Era um casarão de aspecto feio, largo e baixo, com um telheiro ao lado, e um *copiar* na frente. Apareceu uma criada, que, reconhecendo Bemvindo, foi logo chamar o dono da casa, que se não demorou, — um homem de physionomia franca e agradável, apesar da sua apparente severidade, — e ainda robusto, apesar dos cincoenta e tantos annos que devia ter. Entrou, dando as boas noites, e, olhando Carlos, pareceu logo reconhecê-lo. O rapaz, por sua vez, assim que o viu, exclamou:

— Oh! senhor Silveira! o senhor não é pae do Ramiro e do Affonso?

— Sim, sim... Agora reconheço que já o vi no Recife... O senhor não é um mocinho que o Ramiro me apresentou, em Março, quando estive no collegio?

— Sou eu mesmo. Sou muito amigo do Ramiro.

— E é seu irmão, este? E que é que fazem por aqui?

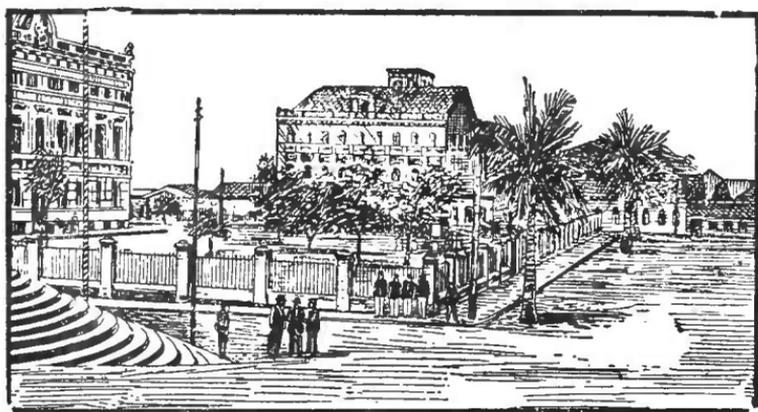
Carlos contou-lhe então toda a dolorosa historia da sua viagem. Mas antes que elle acabasse, já o capitão Paulo da Silveira tinha mandado recolher os animaes, e dera todas as providencias para que os rapazes e o camarada fossem bem hospedados. Mostrando uma verdadeira solicitude, um grande interesse, chamou a mulher, e a filha já moça, e apresentou-lhes os rapazes:

— São collegas e amigos dos meninos... Vocês hão-de ter fome, vamos comer alguma cousa!

Por mais que allegassem falta de appetite, Carlos e Alfredo tiveram de sentar-se á mesa farta, onde ficaram conversando. A mulher do capitão, assim que soube que elles não traziam bagagem, e vinham sem outra qualquer roupa além da que vestiam, foi procurar, entre os vestuarios dos filhos, alguns que lhes pudessem servir. Felizmente, Ramiro e Affonso eram quasi da mesma idade de Carlos e de Alfredo: de maneira que cada um d'estes recebeu duas mudas de roupa.

O aspecto seria e tristonho de Carlos inquietava o capitão, que começou a conversar com elle, como se conversasse com um homem feito, — impressionado pelo seu bom senso e pelas suas maneiras polidas. Pedia-lhe noticias dos filhos,

informava-se sobre o seu adiantamento e sobre o seu proceder. Ficava satisfeito com as novas que Carlos lhe dava; via-se bem que tanto elle, como a mulher, estavam cheios de saudade dos pequenos. Emquanto conversavam os dois, Alfredo, que nunca até então se metera em cavallarias altas de viagem, já cabeceava, tomado de fadiga e somno. Mas, de repente, estremeceu, e



MACEIÓ. — Praça da Matriz.

espertou, ouvindo o som de uma viola, e logo depois o ruído de um pandeiro e vozes que cantavam.

— Que é isto? onde é?

— E' algum *samba* que o Bemvido já está arranjando lá em baixo! — disse o capitão. — O Bemvido morre por um *samba*... Querem ver? vamos até lá. Eu confesso que não gósto muito d'isso, porque é brincadeira que ás vezes acaba em barulho... Ainda ha pouco tempo, teve de vir aqui um delegado da Limeira, para fazer o

corpo de delicto num rapaz que saiu ferido do *samba*... Mas, coitados! é o unico divertimento que têm!

E levou consigo os dois meninos.

Por traz da casa da fazenda, corria uma fila de casinhas de taipa, com uma só porta. Em frente a ellas, num terreiro batido e limpo, estavam reunidas umas vinte pessoas, quasi todos homens, — pretos, caboclos e mulatos. Formavam circulo, uns sentados no chão, outros sobre os calcanhares, ou firmando na terra os joelhos e as pontas dos pés. No centro do circulo, o Bemvindo sentado sobre uma pedra, empunhava a viola. Ao lado, de pé, um mulato, talvez de vinte annos de idade, rufava o pandeiro. Os dois cantavam em desafio. Uma grande fogueira, accesa a pequena distancia, espanicava as trevas, e alumiaava a scena pittoresca.

O mulato cantou:

Já chegou, já está cantando:
Canta no seco e na lama;
Caboclo, tome sentido!
Quero ver a sua fama!

Bemvindo respondeu logo, na mesma toada:

Quero ver a sua fama,
Diz você; pois ha-de ver:
Mulato, chegou seu dia,
Você tem de padecer.

E o mulato continuou, torcendo-se todo, caindo para um e outro lado, e acompanhando com o corpo o compasso do pandeiro:

Você tem de padecer...
Quem de nós padecerá?
Caboclo a mim não me espanta,
Nem mesmo do Ceará!

— Oh! José! — gritou o capitão. — Então vocês não dançam? Dançam um pouco, que estes moços querem ver!

— Formem a roda! — bradou o José — formem a roda!

— Quem tira? — perguntou um outro.

— Thereza! Thereza, tira o *samba!*

Levantaram-se todos. O Bemvido accommodou-se a um lado, com a sua viola. Formaram uma larga roda. No meio, appareceu uma creoula, moça e franzina, bonita, e começou a cantar com uma vozinha fraca, mas afinada:

Eia, negro *ateimoso*:

O boi é preto, *valeroso*, *guadimá*,

Fui ao mato, tirei pau fiz um bodoque,

Mandeí balas a galope

No peito do sabiá...

Todos responderam, em côro, cantando a mesma trova. A creoula cantava e dançava, dentro da roda, sapateando, com um passinho miudo, acompanhando o rythmo da musica, dando voltas e reviravoltas e castanholando com os dedos. Quando ella acabava de cantar uma trova, o côro a repetia. Depois a dançarina aproximou-se de um dos parceiros da roda, dançando sempre, chamando-o, vindo oê dois dançar no centro do circulo, um defronte do outro, — e retirou-se, cedendo o lugar a outra pessoa.

— Bem! — disse Carlos. — Já vimos bastante. Vamos dormir, Alfredo, que devemos partir cedinho...

Dormiram. E, quando nasceu o sol, já estavam promptos para partir, levando roupas, um farto farnel, e muitos abraços e desejos de felicidade.

IX

PIRANHAS

Por quatro horas a fio, os nossos trez viajantes seguiram por um caminho seco e ligeiramente accidentado, subindo e descendo morros baixos, quasi totalmente despidos de vegetação. O sol ardia e fulgurava, reverberando sobre os calhaus da estrada, de onde saltavam faiscas de ouro. A poeira cegava.

A principio, ainda se via uma ou outra casinha, com uma pequena plantação á roda, — favas, mandioca, algodoeiros, bananeiras ou canas. Mas logo depois começou o campo deserto, duro e seco. Poucas arvores havia, mirradas, retorcendo no ar os galhos desfolhados. Os dois rapazes soffriam cruelmente. Alfredo, ás vezes, olhava o irmão, com os olhos angustiados. Mas Carlos fingia não comprehender: era impossivel parar alli, onde não havia agua nem sombra.

— Arre! patrão! — exclamou Bemvindo. — Felizmente, está acabando este maldito carrascal! Alli em baixo passa uma *aguinha*, e moram uns conhecidos meus. Vamos descansar um pouco, enquanto passa o ardor do meio-dia. E depois, puxaremos pelos animaes, se quizermos ir dormir

para lá do rio. Vamos ver se chegamos a Piranhas amanhã pelas quatro horas da tarde!

Não falharam os planos do camarada. Depois de um curto descanso, continuaram a jornada; e a noite, ao cair, apanhou-os junto do rancho de um vaqueiro, duas leguas além do rio. O homem recebeu-os bem, como podia. O seu casebre era tão pequeno, que os dois irmãos dormiram fóra, sob o alpendre, metidos ambos numa só rede. Carlos lembrou-se da casinha da preta velha, em Garanhuns: era mesma, a pobreza, e era mesma, a boa vontade; e, abençoando a hospitalidade e a bondade da rude gente do norte, o menino adormeceu serenamente, ao lado de Alfredo, que, de cansado, dormia tão bem como se estivesse deitado numa cama de pennas.

Antes da madrugada, beberam uma forte dose do excellente leite que lhes offereceu o vaqueiro, e puzeram-se a caminho. Quando o sol nasceu, já tinham caminhado meia legua. A estrada, sempre plana, sempre despida de arvoredo, era castigada barbaramente pelo sol. A's nove horas da manhã, já o calor era intoleravel. Havia lugares em que as ferraduras dos animaes batiam em rocha viva, tirando fagulhas. Cada vez augmentava mais o calor. Não soprava a mais leve aragem; o ar pesava dentro dos pulmões; os animaes arfavam, banhados de suor.

— Nós hoje temos tempestade, com certeza! — disse Bemvindo.

De facto, ás duas horas da tarde, o disco do sol foi adquirindo uma côr avermelhada, e, depois pardacenta; o céu nublou-se; para o lado do sul, começou a fuzilar.

— Seremos apanhados pela trovoada? — pensavam aterrados os dois meninos.

Apressaram o passo dos animaes, e tanto se esforçaram, que, antes de desabar a chuva, apearam-se á porta de um pequeno hotel da cidade de Piranhas.

— Vamos jantar! — disse Bemvindo.

O hotel era modesto, mas a mesa era farta. Comeram carne de sol assada, e peixes, — uns excellentes piaus do rio São Francisco.

— Se fossemos ver o rio? — disse Alfredo — E' um rio grande, o São Francisco?

— E' immenso! — explicou o irmão. — Atravessa dois Estados do Brazil, servindo de divisa entre trez.

Assim que acabaram de jantar, partiram para o porto.

— Lá está o Estado de Sergipe! — exclamou Bemvindo.

— Onde?

— Lá, na outra banda! Este rio separa Sergipe de Alagoas.

— E' exacto! — disse Carlos ao irmão. — Aquelle já é o territorio de Sergipe. Nós, nestes ultimos dias, já atravessámos todo o Estado de Alagoas.

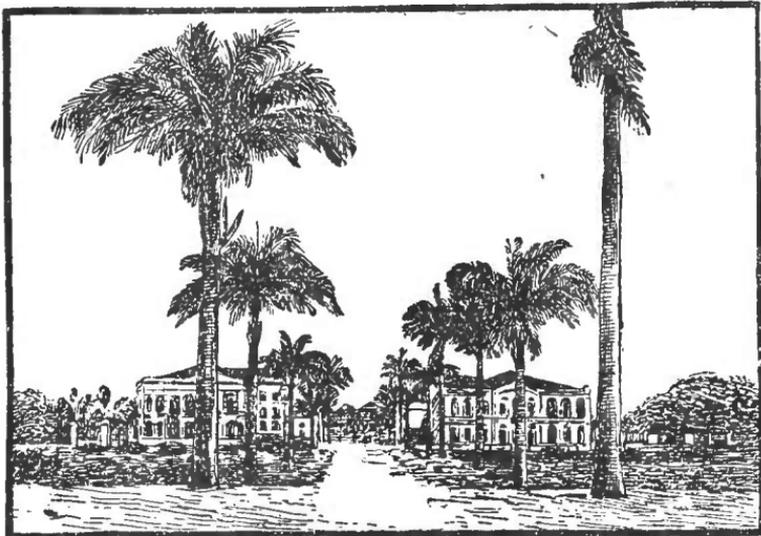
— Ah! Era por Alagoas que estavamos viajando? — perguntou o pequeno ao camarada.

— Era. Viemos de Pernambuco, e entrámos em Alagoas quando chegámos á fazenda do capitão Paulo. A fazenda já fica para o lado de cá da divisa. Alli acaba Pernambuco e começa Alagoas; agora, aqui, acaba Alagoas e começa Sergipe.

— E vamos para Sergipe?

— Não, patrãozinho! Nós viemos nesta direção, mas agora vamos tomar outro rumo. Vamos subir o rio. Isto é... vamos, é um modo de falar, porque devemos separar-nos aqui. Agora os senhores vão seguir até Jatobá, e ali o major Antonio Bento, para quem o Dr. Cunha lhes deu uma carta de apresentação, ha-de indicar-lhes o caminho até Boa Vista.

— E' verdade! — disse Carlos com tristeza. — Já tinha esquecido que nos devemos separar aqui! Já estávamos tão habituados a viajar juntos!



SERGIPE. — Palacio do Governo, em Aracajú.

Voltaram ao hotel, e dormiram. No dia seguinte, de manhã, as despedidas foram tristes. Bemvindo, commovido, ao abraçar os dois rapazes, quasi se decidiu a acompanhá-los até Jatobá. — Alfredo desejava ardentemente essa solu-

ção. Carlos, porém, oppoz-se tenazmente ao sacrificio do excellente camarada: — Não, Bemvindo, não! Antes de tudo, o dever: você tem o seu trabalho em Garanhuns... Já não foi pequeno o incommodo que lhe demos! Dê muitas lembranças ao Dr. Cunha, ao capitão Paulo, e áquella boa preta que tão nossa amiga se mostrou.

A's sete horas, partiu o trem. Bemvindo acompanhou-o com os olhos até que o viu desaparecer na primeira curva da estrada. E os dois rapazes encetaram a nova phase da sua fatigante viagem, num carro de segunda classe, muito agarrados um ao outro, e entregues agora a si mesmos.

A paizagem era a mesma que tinham visto até então: chão pedregoso, poucas arvores, retorcidas e nodosas, morros de aspera pedra negra, pastagens raras e fracas.

No carro em que viajavam os dois irmãos, ia um moço, brasileiro como elles, expansivo, olhando-os constantemente, com um manifesto desejo de entabolar conversa. Depois de alguma hesitação, não se conteve, e apresentou-se. Era o representante de uma grande casa commercial da Bahia, e tinha uma conversa agradável e instructiva, porque gostava de contar as suas viagens por todos os Estados do Brazil.

— Os senhores nunca viajaram?

— Muito pouco; — disse Carlos. — E, infelizmente, não é uma viagem de recreio, a que fazemos.

— Pouco importa! disse o moço. — Viajar é sempre util. Em geral, os brasileiros são sedenta-

rios, e não conhecem o seu paiz. Eu viajo ha quasi dez annos, e ainda não estou farto.

Neste ponto da conversa, o trem parou. Tinha chegado á estação de Sinimbú.

— Aqui, — explicou o amavel viajante, — descem os que vão visitar a famosa cachoeira de Paulo-Affonso. Nunca vi tão bello espectaculo, em toda a minha vida, e não creio que haja, em toda a terra, mais formosa maravilha da Natureza!

A CACHOEIRA DE PAULO AFFONSO

— Ah! — exclamou Carlos, a cachoeira de Paulo-Affonso! Vel-a é um dos meus sonhos mais ardentes! Sei de cór os versos em que Castro Alves a cantou:

“... Mas subito da noite no arrepio
Um mugido soturno rompe as trevas...
Titubantes — no álveo do rio —
Tremem as lapas dos titans coevas!...
Que grito é este sepulcral, bravio,
Que espanta as sombras ululantes, sevas?
E' o brado atroador da catadupa,
Do penhasco batendo na garupa!...”

— Mas — disse o moço, sorrindo — por mais talento que tenha um poeta, por mais que saiba exprimir em seus versos a grandeza de uma scena, não poderá jamais descrever o que é aquelle asombro! Aquillo é indescrível!

— O senbor já viu a cachoeira de perto? — perguntou Alfredo.

— Já fiz duas vezes a viagem a cavallo, só para admiral-a. E se Deus me der vida e saude, hei-de voltar.

— Conte! conte o que viu! — exclamou o pequeno, batendo palmas.

— E' difficil contar... Imaginem os senhores que o rio São Francisco se despenha, com toda a sua massa formidavel de agua, de uma altura de oitenta e um metros! O salto dá-se justamente uns trezentos e dez kilometros acima da foz do rio.

— Trezentos e dez kilometros! — disse Alfredo. — Mas isso deve ser uma distancia enorme!

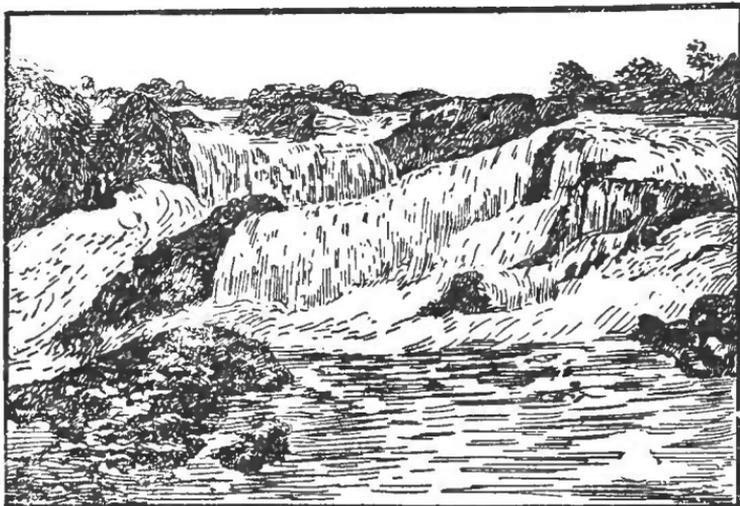
— Ora! — disse Carlos. — O rio São Francisco é um dos maiores do globo: o seu percurso é avaliado em dois mil e novecentos kilometros! Mas vamos ouvir este senhor que já teve a fortuna de ver a cachoeira.

— Quando o rio chega a esse ponto, — continuou a dizer o viajante, satisfazendo a curiosidade dos dois meninos — as suas ondas passam apertadas entre duas altissimas muralhas de rocha. Obrigadas a passar por essa garganta, as aguas avolumam-se, esmagam-se, atropelam-se, atiram-se vertiginosamente por uma rampa de granito, e desabam da altura de oitenta e um metros, formando quatro canaes, de muitos metros de largura... Mas, o mais admiravel é que, sendo curvos os canaes, as correntes de agua encontram-se em certo ponto, num choque tremendo, cujo barulho se escuta a muitas leguas de distancia. O viajante ainda vem longe, longe... e já ouve o mugir soturno da cachoeira.

— Mas quando se está perto é que o espectáculo deve ser bello! — disse Carlos.

— Não é somente bello: é amedrontador: Toda a terra estremece... parece que ha, ao mesmo tempo, a erupção de varios vulcões rugindo. As aguas crescem, confundem-se, brigam, separam-se, tornam a chocar-se numa peleja titanica, com um

frigor que ensurdece. Em torno da cachoeira, todo o espaço fica toldado de um nevoeiro denso, formado pelo vapor da agua que espadana em espuma. E imaginem agora o sol atravessando esse



Cachoeira de Paulo Affonso.

vapor, e accendendo nelle varios arco-iris em que brilham topasios, rubis, esmeraldas e saphiras! Ah! não se pode dizer o que é aquillo!

Carlos e Alfredo ouviam extaticos a narração do seu amavel companheiro de viagem. Mas, nesse momento, o trem, com um estrondo mais forte, de ferragens entrechocadas, atravessou uma ponte.

— E' a ponte do rio Moxotó. Estamos entrando no Estado de Pernambuco! — disse o viajante.

— Mas então não estamos longe de Jatobá...

— Estamos perto. O Moxotó é a divisa entre Alagoas e Pernambuco.

— Mas, quem foi que marcou essas divisas? —

interrogou Alfredo, que nunca perdia o costume de mostrar a sua curiosidade.

— Todas essas divisas são antigas, e foram sendo marcadas á medida que se foi explorando o territorio das capitánias em que o rei de Portugal D. João III dividiu o Brazil, — disse-lhe Carlos. — O governo portuguez, reconhecendo a necessidade de povoar o Brazil, e receoso do desenvolvimento que o commercio francez ia tendo, resolveu ceder grandes porções de territorio a alguns favoritos, encarregados de povoal-as e ad-ministral-as. Essas *capitánias* eram doze, e já tinham limites vagos, que se foram depois precisando e marcando com segurança. Ainda hoje a precisão não é absoluta: ainda ha discussão sobre os verdadeiros limites de alguns Estados, em certos pontos do seu territorio...

— Jatobá! — gritou o chefe do trem.

ORPHÃOS...

Felizmente o major Antonio Bento estava na villa. Recebeu com carinho os viajantes, e no mesmo dia forneceu-lhes o que pediam. Agasalhou-os, deu-lhes jantar, e peixou-os ás trez horas da tarde, numa excellente canoa, confiados a um canoeiro perito, para quem as aguas do São Francisco já não tinham segredos. Leval-os-ia a canoa até a casa do capitão Tavares, um velho amigo do major, seu antigo companheiro na campanha do Paraguay; e d'ahi seguiriam na mesma conducção até Boa Vista.

Por sete dias viajaram assim os dois rapazes, rio acima, no fundo da estreita canoa que ora navegava impellida pelos remos e pelas varas, ora corria tangida pelo vento, que lhe enfunava o pano das pequenas velas. Só durante uma noite dormiram em terra firme, na casa do amigo do capitão Antonio Bento, — um bom velho que contava historias do Paraguay e fazia a todo o instante a apologia da vida militar. Mas, nas outras noites, dormiram alli no fundo da canoa, sem commodidade, alimentando-se mal, e contando de minutos em minutos as horas longas e morosas que os separavam do termo da viagem.

Nos dois primeiros dias, ainda os divertia o espectáculo do rio. Uma viagem fluvial é sempre interessante para quem a realiza pela primeira vez. A jornada é monotona, mas tem, a principio, o encanto da novidade pittoresca. Os rapazes contemplavam o curso do rio São Francisco, — ás vezes manso e largo, espriado como um mar, — outras vezes acachoeirado, dividido em canaes, formando ilhas e ilhotas, estas cobertas de vegetação opulenta, aquellas inhospitas e rochosas, oppondo-se ás vagas que as batiam em furia. Das ribanceiras ou das pontas das ilhas partiam muitas vezes bancos de areia grossa e branca, planos, como aterros feitos pela mão do homem. Em certos pontos, via-se o gado, que vinha nelles pousar, tão serenamente como se estivesse em terra firme. As margens do rio mostravam-se cobertas de matas: viam-se alli os troncos brancos das embaúbas, os altos jacarandás, as bauhinias espinhosas, as palmeiras tucuman.

— De onde vem este rio? — perguntou uma vez Alfredo.

— Vem de Minas...

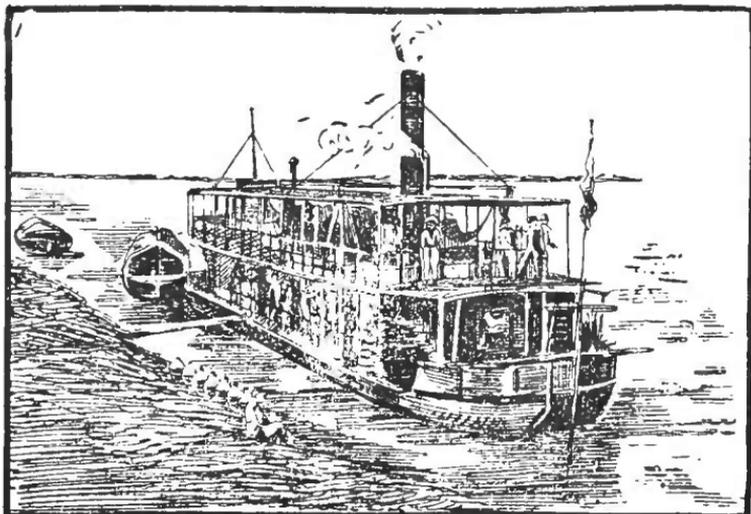
— Como é grande o Brazil!

— E como nós já temos andado! — accrescentou Carlos, com tristeza.

Os ultimos dias foram tristes. Aquella uniforme extensão de aguas, aquella mesma paizagem selvagem, desdobrando-se sem variedade, davam aos dois meninos uma negra melancolia. Por fim, numa quinta-feira, ás duas horas da tarde, chegaram a Boa Vista. Havia doze dias que tinham partido do Recife! Saltaram da canoa, com uma so-

fregidão delirante, gozando o prazer de pisar a terra firme, e ansiando por abraçar o pae...

— Aqui não ha hotel — disse o canoeiro. — Com certeza, o pae de vosmecês está hospedado



O vapor *Joazeiro*, da Empresa "Viação do S. Francisco".

na casa do escrivão, que é onde pára toda a gente boa que passa aqui.

Correram á casa indicada, e tiveram uma decepção:

— Seu pae já não está em Boa Vista — disseram-lhes. — Esteve aqui oito dias, doente; e, como não melhorasse, seguiu para Petrolina... Seguiu ha uns dez dias.

Os dois meninos entreolharam-se, com lagrimas... Contavam abraçar o pae, e apenas ficavam sabendo que elle estava peor!

Durante meia hora, Carlos permaneceu num

triste abatimento, sem ideias... Mas a sua energia não estava exgotada. Contou o dinheiro que lhe restava, e verificou que apenas tinha no bolso trez mil réis... Mas narrou a sua angustia ao escrivão, e pediu-lhe que o aconselhasse.

— Se o senhor quer ir a Petrolina, — disse-lhe o homem, depois de uma curta reflexão, — o que posso fazer é arranjar-lhe uma boa embarcação. E' uma lancha a vapor, que navega de Joazeiro para cima, e veio até aqui; deve partir hoje mesmo. Podem ir de graça até Petrolina.

Partiram. A lancha navegou todo o dia, mas ao cair da tarde parou: era arriscado viajar, com a escuridão da noite, por entre as pedras do rio. Mais essa demora!... Na manhã seguinte, a viagem continuou.

— A's dez horas estaremos em Joazeiro, que é o mesmo porto de Petrolina; — disse o commandante — Petrolina e Joazeiro defrontam-se, nas duas margens do São Francisco.

O pequeno vapor, arfando, vencia a correnteza, ora tomando o meio d'ella, ora desviando-se para uma e outra margem, fazendo voltas, fugindo das pedras, evitando as corredeiras. Seriam nove horas da manhã. Carlos e Alfredo, sentados sobre uns saccos, á prôa da lancha, estavam tão desanimados que não trocavam uma só palavra. Que viagem! já lhes parecia que estavam no fim do mundo, que tinham percorrido toda a terra de um a outro extremo. Quando findaria aquella angustia?!

De repente, em uma das voltas do rio, avistaram uma canoa, que vinha em sentido contrario.

Quando enfrentou com a lancha, a pequena embarcação aproximou-se um pouco, e parou.

— Você vem do Joazeiro? — perguntou o commandante.

— Venho, sim.

— Que ha de novo por lá?

— Nada... Ah! é verdade! conheceu um doutor, um engenheiro que estava doente em Petrolina?

Ouvindo isso, Carlos e Alfredo puzeram-se de pé, anciosos...

— Não... — disse o commandante. — Porque pergunta?

— Esse engenheiro morreu, coitado! Enterrou-se hontem em Joazeiro...

Ouviram-se dois gritos, e depois um soluçar agoniado. Os dois meninos choravam abraçados, confundindo as suas lagrimas. O commandante e os tripulantes da lancha, comprehendendo tudo, olhavam commovidos aquella scena horrivel... E o resto da viagem foi triste, tão triste como se alli fosse realmente um cadaver.

.....

Duas horas depois, a lancha aportava em Joazeiro. Tontos, sem saber para onde iriam, tão allucinados de dor que nem podiam ter uma ideia, Carlos e Alfredo desembarcaram como dois automatos... Andaram sem destino, mudos, aterrados, e foram ter ao cemiterio. Pediram que lhes mostrassem a cova em que o engenheiro fôra na vespera enterrado, e ficaram ajoelhados junto d'ella, chorando longamente...

XII

sós...

Alli ficaram longas horas, e ficariam todo o dia, se o porteiro do cemiterio não tivesse ido procural-os.

Ergueram-se ainda chorando, e saíram. Para onde iriam agora? Carlos tinha no bolso trez mil réis: era essa toda a sua fortuna. Pensando nisso, mediu toda a miseria da sua situação. Eram trez horas da tarde; e ainda não haviam almoçado... Carlos viu que o irmãozinho, abalado pela desgraça terrivel, e debilitado pela viagem e pelo jejum, mal se podia ter em pé.

Compraram a uma quitandeira ambulante um pouco de peixe assado. Emquanto comiam, — o mais velho dos dois irmãos, com a energia moral que felizmente não o abandonava nunca, encarou de frente o futuro, e procurou o meio mais facil de sair de tão critica situação.

Lembrou-se logo de recorrer aos seus parentes do Rio Grande do Sul, communicando-lhes pelo telegrapho a morte do pae, e pedindo-lhe algum auxilio. Eram as unicas pessoas que ainda podiam interessar-se pela sorte dos dois orpãos. Mas aquelle minguido dinheiro, que lhes restava, mal bastaria para cobrir a despesa com o tele-

gramma... Como viveriam, enquanto esperassem uma resposta? que seria d'elles, naquella cidade desconhecida, no meio de gente estranha?

Não! o melhor seria guardar esse pouco dinheiro com que sempre poderiam alimentar-se, ainda que mal, durante alguns dias, e tratar de sair de Joazeiro quanto antes. Havia dois partidos a escolher: ou voltar para o Recife, ou descer para a capital da Bahia; em qualquer d'essas cidades encontrariam conhecidos e amigos do pae, que os soccorreriam, facultando-lhes o meio melhor de se communicarem com os parentes do Rio Grande do Sul, e dando-lhes — quem sabe? — algum dinheiro com que para lá pudessem immediatamente seguir, se não preferissem ficar á espera da resposta. Voltar ao Recife seria quasi uma loucura: não poderiam fazer frente ás despesas de tão longa e penosa viagem. Para a Bahia, a viagem era mais facil. Se tivessem dinheiro bastante, tomariam a estrada de ferro... Mas, sem dinheiro, era preciso vencer a pé vinte e cinco leguas até Villa Nova da Rainha, onde mais facilmente arranjariam passagem até a Bahia...

Carlos não hesitou mais. Decidiu partir, e partir sem demora, sem querer perder tempo em pensar no immenso sacrificio d'essa jornada a pé, por um sertão bravo, sem pouso certo, sem auxilio de qualquer especie. E, ás quatro horas, estavam a caminho. O mais velho carregava o embrulho das roupas, e o mais moço conduzia o pequeno farnel, adquirido com uma rigorosa economia, e constituido por bolachas, biscoitos e um pouco de carne sêca.

— Tudo é preferível — disse Carlos a Alfredo — á indecisão. Não nos deixemos abater pela desgraça, e procuremos salvar-nos do apuro em que nos vemos.

Alfredo ganhou coragem: e os dois orphãos entraram a caminhar com resolução, confiando no acaso. Mas, ao cabo de dois kilometros, o pequeno foi obrigado a parar, extenuado de fadiga e de sede.

O lugar era deserto e seco: nem sombra, nem agua. Alfredo não se pôde conter, e desatou a chorar. Carlos sentou-o ao seu lado, tomado de uma afflicção terrivel: parecia-lhe que o irmãozinho ia morrer alli, ao desamparo...

Mas uma voz cantou ao longe:

Foram-se os tempos felizes,
Mas outros dias virão;
E eu cantarei mais alegre,
Ao lembrar o meu sertão...

XIII

UM NOVO COMPANHEIRO

Carlos reanimou-se... Houve um silencio, e, depois, a voz, já mais perto, repetiu a copla. D'ahi a pouco, assomou na estrada um viajante.

Era um rapazinho de dezeseis ou dezeseite annos, vestido á moda do sertão: camisa de algodão grosso branco, paletó e calças de algodão riscado, sapatos e chapéo de couro vermelho. O typo era sympathico, moreno, entre caboclo e mulato, — de rosto largo, bocca rasgada, olhos vivos e intelligentes. Alfredo quasi ficou assustado, quando o viu perto de si; mas o tom de voz do viajante logo dissipou todos os receios:

— Que é isso? o menino está doente? — perguntou elle a Carlos.

— Não. Está muito cansado, e com muita sêde. Não haverá aqui perto uma casa, um abrigo qualquer, — ou ao menos uma fonte?

— A falar verdade, não sei, porque não conheço estas paragens, e nunca por aqui me perdi: mas é impossivel que não more alguém por ahi fora... Quanto a agua, ainda tenho um bocado na cabaça...

E, tirando a cabaça, que trazia ao hombro presa á extremidade de um cacete, entregou-a a Carlos. E continuou, indicando o sul:

— Olhe! alli para aquelle lado ha uma quebrada coberta de mato... não vê? pois, alli deve haver agua... Vosmecês para onde vão?

— Para Villa Nova da Rainha.

— Ah! então, vamos fazer juntos a viagem, porque eu tambem vou para lá.

— Nós não conhecemos o caminho...

— Isso não importa! “Quem tem bocca vae a Roma...” Agora, precisamos sair d’aqui, porque este sol é que está fazendo mal ao seu irmãozinho. Vamos andando para a frente, a ver se encontramos alguma moradia por aquelles lados!

— Mas, senhor... — disse Carlos, hesitando, por não saber o nome do novo companheiro.

— Chamo-me Juvencio...

— Mas, Sr. Juvencio, se as casas não estiverem á beira do caminho, passaremos por ella sem as ver...

— Isso não! Se houver casas, ha-de haver algum caminho que venha ter á estrada, — disse o novo companheiro.

E, voltando-se para Alfredo:

— Dê-me o seu embrulho; vosmecê está tão cansadinho que mal pode aguentar-se.

Tomou o embrulho, e suspendeu-o ao pau, que levava ao hombro, juntamente com uma trouxa e a cabaça de agua. E puzeram-se a caminho.

— Vosmecês não são d’aqui?

— Não. Somos do Recife.

— E que é que andam fazendo por aqui?

Carlos hesitou um momento sobre se devia contar ou não a sua historia áquelle desconhecido. Mas a physionomia d’este era tão franca, e o seu

olhar denotava uma tão rude e boa sinceridade, que o menino não se conteve, e narrou-lhe os acontecimentos que o tinham trazido até alli. Juvencio ouvia-o com interesse e compaixão; e, enquanto o ouvia, ia examinando a estrada, de um lado e de outro. Em certa altura, exclamou:

— Olhem! aqui está uma batida que desce. Quem sabe se alli em baixo ha uma casa?

Carlos e Alfredo attentaram, e viram que o que elle chamava “uma batida” era um trilho estreitissimo, quasi invisivel, como um caminho de formigas. Dirigia-se para a esquerda, e ia ter a um capão de mato. Seguiram por elle, esperancados. O terreno era mais fresco, a vegetação viçosa. Pouco adiante, o trilho enveredou por dentro do mato, entre arvores grossas e altas, de troncos direitos.

Iam a um de fundo. O rapaz seguia na frente, muito animado e communicativo, conversando sempre. De repente, estacou, pousou no chão os embrulhos e a cabaça de agua, e desfechou com o pau uma forte pancada no solo.

— Que é? — gritou Alfredo.

— Uma cobra... uma cascavel — disse o rapaz, com naturalidade.

O pequeno recuou assustado.

— Não é nada! Isto aqui pelo mato é assim... Quem anda pelo mato encontra cobras... Mas quem está acostumado já não se espanta. Tudo está em ter a gente muito cuidado, e ver onde pisa. O perigo está em bater em uma d'ellas com o pé: estas cobras geralmente só atacam a gente quando são tocadas...

XIV

O RANCHO

Logo adiante, acharam uma casinha.

Em frente, havia um curral, já meio arruinado; do outro lado, uma roça inculta.

A casa era verdadeiramente uma choça miserável, — um rancho de sapê, com paredes de pau a pique, esburacadas. A porta estava aberta, mas o mato crescido que por alli se via, o silencio que reinava, o ar de abandono que se notava — tudo indicava que não morava viva alma naquella palhoça. Em todo o caso, quando chegaram á porta, os trez viajantes gritaram, bateram; como ninguem apparecesse, foram entrando sem cerimonia.

Dentro do rancho, o abandono era o mesmo. Havia dois compartimentos, communicando por uma porta, rasgada a um lado da parede divisoria: ambos estavam desertos.

— Eh! — exclamou Juvencio — aqui ninguem mora... Mas, já agora, pousaremos aqui mesmo; d'aqui não saio, nem por ordem do rei!

Alfredo, já mais animado com a perspectiva do descanso que ia gozar, não pôde deixar de rir:

— Qual rei! não ha mais rei no Brazil! agora quem pode dar ordens é o presidente da Republica!

— Pois seja lá quem fôr! — disse, rindo tambem, o rapaz. — Não saio d'aqui hoje!

— E se vier o dono? — objectou Carlos.

— Qual dono! Isto é com certeza o rancho de algum vaqueiro, que anda agora por longe, e só pousa aqui quando traz o gado para estes lados: quando o gado muda de *comedía*, elle muda tambem de rancho. Não vêem vosmecê como está tudo isto? aqui não entra gente ha mais de dois mezes...

Dizendo isso, o rapaz percorria todo o rancho, que estava, de facto, deserto. Em um dos compartimentos, via-se um cepo de madeira, e, a um canto, uma forquilha de trez ramos; no outro, havia um couro seco pendente da parede.

— Bem! arranjemos a nossa vida! — disse o caboclo.

Poz sobre a forquilha a trouxa e a cabaça, e, saindo para o mato, cortou trez ou quatro ramos de uma herva rasteira, formando uma vassoura, com que limpou o chão do rancho.

— Agora, vamos arranjar um foguinho, para espantar os bichos.

Carlos e Alfredo saíram á procura de lenha, e voltaram logo com uma boa porção de gravetos. Juvencio tirou do bolso uma caixa de phosphoros, riscou um d'elles com cuidado, e abrigando a chamma com a mão espalmada, para livral-a do vento que entrava pela porta do rancho, accendeu um molho de palhas sêcas, e meteu-o por baixo da lenha: d'ahi a pouco a fogueira crepitava.

— Agora, o que nos falta é agua, — dissé o rapaz. — A da cabaça está quasi acabada. Mas aqui perto ha agua, com certeza. Ninguem se lembraria de construir um rancho em lugar privado de agua. Alli em baixo, bem perto, deve

brotar alguma fonte, ou passar algum correço. Vosmecês esperem por mim, que vou ver...

— Mas como ha-de você acertar com o riacho ou com a fonte, agora, se nunca andou por aqui?

— Oh! é muito simples! perto da fonte, deve haver no mato a vereda que lá vae ter, — caminho de gente, e caminho de bicho: tudo está em prestar attenção ao terreno e saber ver...

D'ahi a pouco, Alfredo e Carlos ouviam Juvencio gritar, a uns vinte passos de distancia do rancho, escondido pelas hervas:

— Eu não disse? Cá está o caminho!

Alfredo, apesar de mais animado, estava encolhido num canto da choça, denotando no abatimento da physionomia o cansaço que o prostrava.

— Bom rapazinho, este, hein? — perguntou-lhe Carlos.

— E' verdade. Quem será elle?

— Havemos de sabel-o. O que é certo é que foi para nós uma grande felicidade o encontro. Não sei como nos arranjariamos sem elle, — ignorantes do caminho e de tudo, perdidos nesta solidão.

Ouviu-se uma voz, que se aproximava cantando.

— Ahi vem elle...

Era de facto Juvencio que cantava alegremente, como se estivesse na situação mais feliz da vida. Mas a melopea da toada era tão lugubre, a hora era tão melancolica, que a cantiga, ouvida pelos rapazes, ainda abalados pela sua grande desgraça, entristeceu-os, enchendo-lhes de lagrimas os olhos.

O SERTÃO

— Prompto! aqui está a agua! — disse Juvencio entrando, lepidio e alegre.

Trazia o rosto, as mãos e os pés lavados... Vendo Carlos e Alfredo naquella attitude desanimada e lacrimosa, condeu-se d'elles:

— Não chorem! vamos comer alguma cousa... Depois, hei-de contar-lhes a historia da minha vida, e vosmecês hão-de vêr que eu tambem tenho muitas razões para ser triste, apesar d'este meu ar alegre... Vamos comer.

Tirou da trouxa um naco de carne-de-sol, um peixe assado, e um pouco de farinha. Assou a carne ao calor da fogueira, aqueceu o peixe, e fez a distribuição. A refeição foi completada com os biscoitos que os meninos traziam. Carlos e Alfredo, sentados no chão, e o rapaz, de cocoras, ao pé do fogo, comeram com appetite. Enquanto comiam, conversavam:

— Ninguem no mundo — disse Juvencio — das pessoas que conhecem vosmecês, é capaz de imaginar que vosmecês estejam no sitio em que estão... Quem imaginaria que haviam de andar / por este sertão, a pé, comendo no chão, bebendo

agua em cabaça, dormindo assim sem commo-
didade, num ermo como este, dentro de um ran-
cho tão pobre? Tudo, no mundo, é para o bem da
gente... Vosmecês ficam conhecendo a sua terra...
Eu, por mim, gôsto muito d'estas cousas, e já
não estranho os incommodos das viagens. Era
capaz de ir de um polo ao outro como dizia o
meu mestre!

— Ui! — gritou Alfredo.

Ouviu-se de repente um ruído rapido e surdo
e viu-se um vulto atravessar o espaço, cortando o
ar, e sumindo-se pela porta do rancho. Dir-se-ia,
pelo tamanho, uma pomba-rôla.

— E' um morcego que estava dormindo ahi!
— disse Juvencio.

— Um morcego! exclamou Alfredo — Dizem
que esse bicho chupa o sangue da gente...

— E' muito raro. E as feridas que resultam da
sua picada nunca são perigosas: sómente nas
crianças recém-nascidas é que podem apresentar
alguma gravidade. Os morcegos atacam de pre-
ferencia os animaes.

— E os animaes não se defendem?

— Não, porque são atacados durante o somno;
e, além d'isso, quasi não sentem a dentada,
porque o morcego, quando morde, abana as azas
e faz com a lingua sobre a pelle, uma cocega li-
geira, que disfarça a dor...

— Então o morcego tem dentes, para morder?

— Tem. O morcego voa, mas não é passaro.
E' um animal como o rato, com o corpo coberto
de pêlos; tem focinho e cauda, bocca e dentes.

— Como é que você sabe tudo isso? — insistiu Alfredo, com a sua eterna curiosidade.

— Porque já vi! vi morto, um dia, um morcego, e examinei-o bem.

A conversa continuou. Juvencio começou a falar das cousas e das gentes do sertão, dos animaes, das pessoas que nelle vivem. Contou os costumes dos sertanejos, que vivem á custa das roças que cultivam e do gado que criam:

— A terra é muito rica, e nunca nega o sustento a quem sabe tratá-la: dá o milho, o feijão, a mandioca, o algodão, o fumo, a cana; e, além de alimentar os homens, ainda alimenta os bois, os carneiros, as cabras, os cavallos que, bem tratados, são para o criador uma verdadeira fortuna. No tempo das chuvas, ha uma fartura geral: o gado engorda, as vaccas dão muito leite, com que se fabricam queijos e requeijões. Mas no verão, na época das sêcas, quando se passam communmente seis e oito mezes sem um pingo de chuva, os campos mirram, as plantações morrem, os pastos ficam torrados, os rios e as fontes secam, o gado em grande parte morre de fome e sede, e até os homens, para não morrer, andam ás vezes leguas e leguas, em busca de agua. Quando a sêca dura muito, ha muita gente que morre, quando não emigra em tempo para outros lugares menos assolados pelo rigor do verão. Apesar de tudo isso, a gente toda, que aqui nasce, ama loucamente o seu sertão, e supporta com paciencia e coragem esses revezes.

— E' uma boa gente, não é, Juvencio?

— E' uma gente muito boa, muito honrada. O sertanejo é sempre serio e fiel. Pode ser desconfiado, mas gosta de praticar o bem. Toda a gente do sertão é hospitaleira e caridosa. Eu sei o que estou dizendo, porque já tenho recebido muitos beneficios de todo este povo.

— E' verdade! — exclamou Alfredo — você de onde é, Juvencio? Cumpra a sua promessa, e conte-nos a sua historia!

XVI

UMA HISTORIA

— Pois vou contar-lhes a minha historia, e hão-de ver que tambem é triste como a sua.

“Tambem não tenho pae, nem mãe. Meu pae, que era vaqueiro, numa fazenda perto de Cabrobó, morreu, caindo do cavallo que montava, quando saltava um barranco. Minha mãe morreu pouco depois, de bexigas. Eu tinha então anno e meio de idade, e fui recolhido á casa de meu padrinho que era o sacristão da igreja de Cabrobó. Esse homem, João Ignacio, era casado, mas não tinha filhos: recebeu-me como a um verdadeiro filho, e minha madrinha foi para mim uma verdadeira mãe dedicada, extremosa. Assim que completei sete annos, aprendi a ler, a escrever e a contar: e meu padrinho, querendo fazer de mim um homem, quiz que eu começasse a estudar um “officio”. O officio escolhido foi o de alfaiate.

“Logo nos primeiros dias, desgostei-me d’essa profissão. Não me agradava ficar sentado durante todo o dia, com a agulha na mão, como uma mulher. O meu desejo era poder andar, agitar-me, mover-me, — empregar-me em qualquer trabalho que me permittisse sair e bracejar. Além

d'isso, antipathizei logo com o mestre. Era um homem mau, teimoso, birrento. Dava-me tarefas enormes; e, vendo que o que mais me aborrecia era o trabalho de casear calças, justamente me dava esse trabalho.

“Perto da casa do alfaiate, havia uma officina de ferreiro. Eu, sempre que podia fugir, ia até lá, e ficava embevecido contemplando aquelle trabalho forte e movimentado, que me encantava. Minha madrinha, querendo satisfazer a minha aspiração, pediu ao marido que me deixasse mudar de aprendizado. Elle consentiu, e eu fiquei contentissimo. Foi esse o tempo mais feliz da minha vida. O trabalho agradava-me, e empenhei-me nelle com tanta diligencia, que ao cabo de um anno já era um bom limador.

“Um dos serviços de que mais gostava era o de fazer carvão. De oito em oito dias, iam os dois aprendizes e um official, preparar as provisões de combustivel para a forja. Saíamos de madrugada, em direcção ao mato, levando foices e machados. Cortavamos a lenha, faziamos a *coivara*, e, á noite, depois de um dia de rude trabalho, voltavamos, com dois animaes carregados de carvão.

“Mas a minha felicidade não durou muito. Meu padrinho morreu; e, onze mezes depois, minha madrinha praticou a loucura de casar com um malandro, que só cobiçava a casa e o dinheiro que o defunto legara á viuva. Era um vadio, e um bebedo. Preguiçoso e grosseiro, abominava o trabalho, e passava o dia inteiro na venda, bebendo e palestrando. Um mez depois de casado, já maltratava a minha pobre madrinha. Essa

triste situação foi piorando de dia em dia, — e eu, que já tinha os meus quinze annos de idade, fui obrigado a intervir, para defender a santa mulher que me servira de mãe, e a quem eu estimava tanto como se fosse seu legitimo filho.

“Era um domingo, e almoçavamos. O miseravel passara toda a noite fora de casa, e entrara ao amanhecer, de mau humor, procurando pretextos para uma rixa. Começou a “resingar”, a criticar a comida, a achar que tudo estava mau. Passou a dirigir as mais pesadas injurias á mulher; depois de insultal-a muito, arremessou-lhe um prato ao rosto, e avançou para ella, com o punho fechado, para espancal-a.

“Não me pude conter mais, e levantei-me, revoltado, protestando contra aquella brutalidade. Elle estacou, como uma fera, espantado pela minha ousadia. Olhou-me demoradamente, com os olhos vermelhos e maus, e gritou, com rancor:

— Sae de minha frente!

“E levantou a mão. Senti-me tomado de colera, e respondi:

— Não saio! Não saio, e não admitto que o senhor espanque essa mulher! O senhor é um miseravel e um covarde! só faz isso, porque vê que ella é uma mulher, e que eu sou uma criança!

“Elle atirou-se contra mim... Felizmente, vizinhos, que ouviram a altercação, intervieram. O malvado vociferou ameaças, e saiu.

“Não querendo supportar essa vida, minha madrinha separou-se do miseravel, e foi morar em casa de uma irmã, levando-me comsigo. Nesse

tempo, já eu ganhava algum dinheiro, e dava-o á minha madrinha. Mas o marido não me perdoava, e queria vingar-se de mim. Obteve do juiz ser nomeado meu tutor, e um bello dia, apresentou-se na officina, para se apoderar de mim...”

XVII

UMA CAMA IMPROVISADA

Neste ponto da narrativa, Juvencio notou que Alfredo, apesar de ouvi-lo com atenção, estava como constrangido, agitando-se continuamente:

— O senhor está com somno... Vamos tratar de dormir, e amanhã continuarei a minha historia.

— Não! — exclamou o menino — estou fatigado, mas não tenho somno: prefiro ouvir já o resto da historia.

— E' melhor! — apoiou Carlos — além d'isso assim mesmo, sentados, é que passaremos toda a noite...

— Isso é que não! — objectou Juvencio — vou mostrar-lhes já como se arranja num momento uma cama. Temos alli aquelle couro: vamos estendel-o no chão, e arranjar dentro d'elle um travesseiro, com a trouxa da roupa. Vosmecês dormirão muito bem nessa cama improvisada.

— E você?

— Ah! estou acostumado a dormir em qualquer parte. Estiro-me no chão, e durmo como um principe.

— Nunca! — exclamou Carlos — porque é que havemos de dormir com mais commodidade do que você? já basta o que você tem feito por nós!

— Pois não seja essa a duvida! — disse Juvencio. — Caberemos os trez dentro do couro!

Alfredo ergueu-se, e, chegando á porta do rancho, espiou a noite:

— Ih! como está escuro!

Era uma noite sem luar. Mal se divisavam os vultos negros das arvores mais proximas. Mas o céo estava cheio de estrellas. O sitio permanecia quieto, silencioso, adormecido, numa serenidade infinda. De longe, vinha uma viração fresca e suave, que acariciava a face do menino. Carlos e Juvencio, que tinham seguido Alfredo até a porta, ficaram alli apreciando aquella calma da noite.

— Sim! — disse o rapaz sertanejo — a noite está escura, mas tranquilla e estrellada. Felizmente para nós! se fosse uma noite de tempestade, então teriamos de soffrer horrores, aqui, sósinhos, neste deserto! E as trovoadas por aqui são medonhas... Já vi chover pedra, — cada pedra do tamanho de um ovo de pomba. Depois as pedras desmancham-se em agua; — mas, quando caem, quebram telhados, e arruinam plantações inteiras...

— E são pedras verdadeiras?

— São pedras de gelo. Vamos para a nossa cama, ou antes para o nosso couro! D'aqui a pouco, hei-de contar-lhes como passei uma noite d'essas, sósinho, no meio do mato.

A cama foi improvisada em minutos; reforçaram e aticaram a fogueira, ajuntando-lhe mais lenha; e Juvencio continuou a contar a sua historia:

“Quando vi apparecer o malvado, dizendo que era meu tutor, fiquei frio. Tive impetos de atirar sobre elle a tenaz em brasa que segurava, mas contive-me, e, dizendo que ia despedir-me do mestre, dirigi-me para o interior da officina, de onde saí pelos fundos. Corri até a casa de minha madrinha. Ella, como já disse, morava com a irmã.

“A casa ficava longe, retirada, no extremo da villa. Naquelle lugar, houvera antigamente uma aldeia de indios, de que ainda se viam vestigios.

“Quando cheguei, contei o caso a minha madrinha, e disse-lhe terminantemente que não me submeteria a viver com aquelle malvado. Ella concordou; e, depois de procurarmos durante muito tempo, eu, ella e a irmã, o meio de salvar-me combinámos que eu iria á casa de um conhecido d’ellas, um pouco afastada d’alli, e lá ficaria durante algum tempo á espera de uma solução. Abracei-as, e saí. O que eu deveria ter feito era seguir logo para o meu destino; mas não quiz deixar de despedir-me do mestre, e voltei á officina. Foi a minha desgraça!

“Assim que cheguei, vi-me cercado por dois soldados, e um official de justiça. O malvado tambem lá estava... Vendo-me perdido, não me pude mais conter, e, levantando a voz, disse-lhe tudo quanto pensava da sua maldade. Disse-lhe que elle só fazia aquillo para compellir minha

madrinha, privada do meu auxilio, a voltar para a sua companhia; disse-lhe que o que elle queria era viver á custa d'ella...

“Ouvindo-me, riu com perversidade, e disse: — “Hei-de ensinar-te! — E levou-me, não á casa do ferreiro, mas á casa do alfaiate, e entregou-me ao poder do antigo mestre. Ao retirar-se, intimou: — Se não me appareceres á noite, saberei achar-te, e ficarás preso num quarto, um mez, sendo castigado todos os dias!

Não me intimidei com a ameaça; assim que me vi na rua, voei para a casa de minha madrinha...

XVIII

CONTINÚA A HISTORIA

“Minha madrinha abraçou-me chorando — proseguiu Juvencio — e quiz que eu partisse immediatamente. Mas tranquillizei-a, dizendo-lhe que eram apenas onze horas da manhã, e que sómente á noite o desalmado me procuraria. Era um engano! por volta do meio-dia, ouvi a voz d'elle: — Está aqui, sim! está aqui! não negue! — Minha madrinha, pallida de terror, só me pôde gritar: — Ganha o mato, Juvencio!

“Voei pelo quintal, como um foguete. Por traz da casa, estendia-se um catingal: caí nelle, e corri, sempre para a frente, durante uns dez minutos. Parei, e verifiquei que ninguem me seguia. Arrependi-me logo de ter fugido: reflecti que o miseravel talvez se vingasse de mim, espancando a mulher... Dei uma volta, e ganhei a estrada. D'ahi, avistei o meu perseguidor, que voltava para o povoado, em companhia de dois soldados. Escondi-me, para que não me vissem, e, quando calculei que já deviam estar longe, voltei á casa: não tinha almoçado, e estava caindo de fome. Enquanto eu comia alguma coisa, minha madrinha e a irmã resolveram ir á villa, á procura

de informações sobre o que o meu inimigo contava fazer.

“Voltaram ás quatro horas da tarde, muito contentes. Falaram ao delegado, e este disseralhes que estava tudo acabado, que ficassem tranquillias, que eu não seria preso. . .

“Não acreditei nisso, pois bem sabia que o odio do meu tutor era implacavel. O que me tranquillizava era que, devendo haver eleições no dia seguinte, o delegado, os officiaes de justiça, e os soldados estariam muito occupados, e não pensariam em mim. Em todo o caso, deliberei partir logo ao raiar do dia. Jantei, e deitei-me cedo. Pelo meio da noite, ouvi a voz de minha madrinha, que me chamava: — Acorda, Juvencio! acorda, que o maldito está ahi!

“Tinha-se formado uma grande tempestade; e entre o ruido da queda da chuva e o rumor forte dos trovões, ouvi a voz de meu tutor, que bradava: — Abram! abram! senão, meto a porta dentro! — Enfiei as calças ás pressas, e corri para a porta do fundo. Mas, ouvindo vozes, comprehendí que estava cercado. Fui á cozinha, onde o telhado era tão baixo que a mão facilmente o alcançava, afastei duas telhas, subi para o tecto da casa, saltei para o catingal, e desatei a correr como um louco, tomando o rumo do sul, que era a direcção opposta á da villa.

“Um pouco adiante, alcancei a estrada. Mas a chuva caía sem cessar. Era um verdadeiro diluvio! descia pela estrada, numa cachoeira; e tudo estava tão escuro, que eu só via onde punha o pé quando um relampago alumiaava o céu. Molhado

inteiramente, com a roupa pegada ao corpo, corria sempre, para o lado da mata. Era o que me valia: era esse o lado que eu mais conhecia. Quando já me pareceu ter andado uma legua, parei, e tentei achar um abrigo. Foi em vão. Chovia cada vez mais, e as arvores, sacudidas pela ventania, escorriam agua. Continuei a caminhar. Andei mais meia legua. A tempestade abrandou. A chuva foi cessando, e appareceram os primeiros clarões do dia. Entrei no mato, e encostei-me a uma pedra, para descansar um pouco. Encolhido, regelado até os ossos, adormeci.

“Quando acordei, devia ser meio-dia. O sol estava a pino, quente como fogo. Mas eu tremia, sacudido por uns tremores, como os calefrios das sezões. Doíam-me a cabeça, o peito e as cadeiras. Sentia ancias. Veio-me uma tosse sêca, e comecei a sentir uma dor muito forte, muito fina, sob as costellas. Não podia respirar, e parecia-me que, tonta, a cabeça andava á roda. Olhei em torno e reconheci que estava justamente no ponto do mato, tão meu conhecido, onde vinha sempre fazer carvão. Quiz levantar-me, mas as pernas doíam-me tanto, que fiquei quieto.

“Ah! vosmecês não podem imaginar o que senti então! Via-me allí perdido, desamparado, sentindo que ia morrer, sem esperar soccorro! e pensava: — se fico aqui, morro abandonado, sem ter quem me dê um gole d’agua: se saio para a estrada, prendem-me, e vou soffrer as maldades d’aquelle homem... eu que nunca fiz mal a ninguem!...

“Fiz um esforço desesperado, levantei-me,

andei uns dez passos, e dei com uma picada, um caminho de *arrastão de madeira*. Verifiquei que estava perto da casa de um velho serrador, onde eu e os meus companheiros da officina descansavamos ás vezes, quando vinhamos fazer carvão. Animei-me, e arrastei-me para lá. Mas as pernas não me podiam levar. Deixei-me cair no chão, — e, por felicidade, avistei o velho serrador, com as suas grandes barbas brancas de missionario. Elle reconheceu-me, aproximou-se, tomou-me ao collo...

“Perdi os sentidos...”

FIM DA HISTORIA DE JUVENCIO

“Quando voltei a mim, estava estendido sobre uma cama, na casa do serrador. Abri os olhos, e vi que o velho estava ao meu lado, mirando-me com attenção, interessadamente. Quiz fazer um movimento, voltar-me na cama: mas o velho deteve-me. Notei então que elle mantinha, fixado sobre o lado direito do meu peito, um objecto, — uma especie de pequeno copo de vidro: era uma ventosa. Pouco a pouco os meus olhos foram distinguindo o que viam, e fui comprehendendo o que me acontecia. O bom velho fizera-me a applicação de ventosas sarjadas: atirada ao chão, estava uma toalha ensanguentada, — e, na minha camisa, havia largas nodoas de sangue.

“Fiquei horrorizado, e quiz falar. O bom velho, porém, com a mão que tinha livre, tapou-me a bocca, e disse-me com carinho:

— Fique quieto! não se assuste! Vi que você estava muito “anciado”, com muita febre, e tossindo muito: comprehendi que tinha qualquer cousa no peito, e, pelo sim, pelo não, appliquei-lhe estas ventosas. Não se sente melhor?

“— Muito melhor.

“Realmente, já não me atormentavam as

dores de ha pouco. Tinha o peito mais desafogado e a cabeça menos tonta. Além d'isso, animava-me a confiança que depositava no velho serrador. Esse bom homem era a providencia d'aquelles sitios: não havendo medico por alli, era elle quem se encarregava de tratar todos os doentes. Recebia-os, a todos, com affecto, examinava-os, fornecia-lhes os remedios gratuitamente, e muitas vezes ainda lhes dava dinheiro para as despesas da dieta. Sentia-me entregue a um homem verdadeiramente bom... Pedi-lhe um pouco de agua, que bebi com sofreguidão, e adormeci.

“Quando acordei, eram já quatro horas da tarde. Fui despertado pelo meu enfermeiro e salvador. Tomei um remedio, que elle mesmo preparara. E, sentindo-me forte e bem disposto, comecei a contar o que me acontecera: os soffrimentos de minha madrinha, a minha intervenção no conflicto domestico provocado pelo marido, o odio e as perseguições d'este. O serrador ouviu-me com indignação, e tranquillizou-me:

— “Descanse! elle não poderá adivinhar que você está aqui, — e hoje as eleições estão preocupando toda a gente. Vou mandar chamar sua madrinha, e combinaremos a melhor maneira de salvá-lo.

“Logo no outro dia, chegou á choça do velho minha madrinha, afflicta, pesarosa, dando-me noticias que me amedrontaram: o malvado jurava que havia de descobrir o meu esconderijo, e que havia de vingar-se da minha desobediencia; e dizia ainda que me mandaria preso, para o Rio de Janeiro. Eu, que não sou tolo, julguei, reflectindo um pouco, que tudo isso não passava de uma

bravata: como poderia elle mandar-me preso para o Rio de Janeiro, se eu não commetera crime? Disse isto a minha madrinha, para tranquillizal-a. Mas a pobre estava aterrada, e duvidava do que eu lhe dizia:

“— Olhe, Juvencio! você, assim que se sentir melhor, deve partir para longe d'aquí. Eu tambem não fico... Vou recolher-me á casa de uns contra-parentes de minha irmã, no sertão da Serra Negra.

“Alli fiquei durante cinco dias. Quando já me sentia bem, soubemos que meu tutor se dispunha a vir buscar-me em casa do velho. Minha madrinha quiz que eu a acompanhasse á Serra Negra. Mas reflecti que ahi não ficaria livre da perseguição, e, cansado de tanta luta, deliberei sair de Pernambuco. Sabia que em Alagoinha, no Estado da Bahia, vivia um padre que me conhecia bastante, pois fôra durante muitos annos vigario de Cabrobó. Resolvi ganhar o sertão, descer até Joazeiro, e d'ahi seguir até Alagoinha. Despedi-me de minha madrinha e do velho serrador, — e aqui estou, em companhia de vosmecês.

— E agora? — perguntou Carlos.

— Agora, quando chegar a Alagoinha, conto com a protecção do vigario, que de certo não me negará auxilio. Continuarei a exercer o meu officio de ferreiro, ou obterei qualquer trabalho, na Bahia ou em outro qualquer lugar. Quando a minha vida melhorar, minha madrinha virá ter commigo, e tratarei de tornar-lhe a existencia agradável e feliz. E eis a minha historia! Falei tanto, que já estou com fome outra vez... Vamos dormir!”

A CAMINHO

Os trez companheiros, quando acordaram, viram o casebre inundado de luz. Era em Outubro; e nesse mez o sol apparece mais cedo. Seriam seis horas da manhã, e já fazia dia claro. A porta do rancho ficara aberta, e uma larga toalha de claridade entrava, estendendo-se até o couro.

Levantaram-se, e quizeram aproveitar as horas frescas da manhã, viajando. Deitaram um ultimo olhar á pobre casa que os abrigara, e partiram.

Iam animados, quasi alegres. A manhã era verdadeiramente bella. O céu limpo e azul, quasi sem nuvens, tinha, no lado do oriente, uma côr de rosa, levemente doirada; uma viração agradável sacudia as folhagens; o mato exhalava um aroma selvagem. Sairam do capão, e entraram no campo. Ahi o olhar estendia-se á vontade, abrangendo um horizonte largo. Nem um floco de neblina velava a paizagem, nem um morro servia de obstaculo á vista: apenas, aqui e alli, algumas touceiras de vegetação baixa. Havia, em tudo, uma grande animação; os passarinhos cortavam o ar. Parecia que os arbustos, as moitas, os tufos de hervas estavam povoados de ninhos. Saíam

trinados de toda a parte; quando aqui se calava um passaro, dois e trez começavam a gorgear mais adiante. Todo o espaço estava cheio d'essa musica festiva, num concerto incessante.

Tinham andado uns cem metros, quando Juvencio parou, e voltou-se para os companheiros:

— Tenho uma ideia... Se tomássemos um banho na fonte? não ha nada como um bom banho frio, para restaurar as forças da gente...

— Vamos! — acudiram promptamente Carlos e Alfredo.

Enveredaram para o lado da fonte. Foi um verdadeiro regalo o banho áquella hora matinal! a agua era abundante e limpa, de uma pureza admiravel, correndo entre pedras lisas. Como não tinham toalha ou lençol, deixaram que o ar lhes enxugasse os corpos. Enfiaram as roupas, e puzeram-se a caminho, sentindo-se bem dispostos e fortalecidos. D'ahi a pouco estavam na estrada real.

Eram dez horas da manhã, quando encontraram uma venda. Era uma casa rustica, com um vasto telheiro ao lado. Os viajantes, que já sentiam fome e cansaço, resolveram parar alli. Carlos lembrou-se de comprar algumas cousas de que tinha necessidade: uma faca, um pedaço de sabão, phosphoros, um pouco de carne e farinha. Gastou nisso o resto do dinheiro. Juvencio despendeu os dois mil réis que possuia, adquirindo uma boa provisão de café e assucar, e uma caneca. Perto, em frente a uma choupana de sapê, dois homens *batiam* feijão.

— Mas como vae você preparar o café se não tem um coador? — perguntou Alfredo.

— Já lhe mostro!

Dirigiram-se para o telheiro. Juvencio arranjou um bom fogo, numa trempe formada por trez pedras. Pediu ao vendeiro uma panela, e ferveu dentro d'ella uma porção de agua. Deitou na agua algumas colhéres de pó de café, e deixou a mistura repousar. O pó depositou-se no fundo da panela, e o café, servido na caneca, foi saboreado, com grandes elogios, pelos viajantes, que já a esse tempo tinham comido a carne e a farinha.

De repente, Carlos exclamou:

— Que cheiro de enxofre!

— E', naturalmente, algum formigueiro que estão destruindo, perto, — explicou Juvencio.

Foram ver, e acharam um homem, agachado, junto da abertura do formigueiro, injectando nelle com o auxilio de um folle a fumarada do enxofre.

Era uma hora da tarde. Continuaram a marcha, mas logo adiante tiveram de parar. Chegaram a um braço de rio, não muito largo, mas profundo, atravessado por uma ponte de madeira. A ponte estava tomada por um carro de bois. O carreiro instigava os bois, dando gritos, e metendo-lhes a ponta da aguilhada; mas o carro não podia galgar uma differença de nivel, que havia entre o caminho e o taboleiro da ponte. Juvencio offereceu-se para ajudar o carreiro: tangeram juntos os bois, e saíram o carro.

O homem, vendo que Alfredo ia fatigado, propoz-lhe que se accommodasse sobre o carro. O menino, contentissimo, empoleirou-se sobre a lenha. Fizeram assim uma legua, gastando quasi trez horas, pela lentidão com que marchavam os

bois. Mas conversaram muito com o carreiro, homem expansivo e amavel, que, separando-se dos trez caminhantes, tudo fez para que elles accitassem um quarto de requeijão fresco, saborosissimo.

O carro chegou ao seu destino, e os viajantes continuaram a sua marcha atravez do sertão.

.

UM DESAPIEDADO E UM BONDOSO

Andaram mais uma legua, e chegaram a um *sitio*, a uma fazenda de criação de gado, á beira da estrada. Era quasi noite, e, sem discussão, resolveram dormir alli. A principio, pensaram em andar mais um pouco, e ir pedir pousada na casa da fazenda: mas estavam tão cansados, e a casa ainda devia ser tão distante, que deliberaram pousar no rancho deserto que encontraram: estariam mais em liberdade, e não incomodariam o fazendeiro.

Entraram, apanharam lenha, accenderam uma fogueira, e forraram com folhas sêcas o chão do casebre.

Emquanto Juvencio e Carlos preparavam o jantar, Alfredo saiu, e adiantou-se alguns passos pelo campo. A essa hora, vinha o gado recolhendo. O céu ia pouco a pouco trocando a côr pallida do crepusculo pela côr escura da noite. As estrellas começavam a palpitar no firmamento. Alfredo, encantado, contemplava os bois, os bezerros, as cabras, os carneiros que passavam, com a cabeça baixa, num tropel cerrado e confuso. Atraz do rebanho, vinha o vaqueiro.

Era um homem de feia catadura, barbado. Avistando o menino, parou, mirou-o durante alguns segundos, e chamou-o. Alfredo hesitou, acanhado, mas animou-se.

— Quem é você? — perguntou o vaqueiro, com voz rude.

— Sou... sou... — titubeou o pequeno.



Um criador de bois, com os seus vaqueiros, reunindo o gado. Norte do Brazil.

— Sou... sou... hein? E' com certeza algum vagabundo. Não quero vagabundos aqui! afaste-se, afaste-se quanto antes!

Transido de medo, com os olhos cheios de lagrimas, Alfredo voltou ao rancho e contou aos companheiros o que lhe sucedera.

— Que maldade! — exclamou Carlos — enxotar-nos d'aqui, a esta hora! que mal lhe faziamos nós?!

— Ora, paciência! — disse Juvencio — vamos levantar acampamento! dormiremos no mato. A noite está boa.

Sairam, e enveredaram pelo negror da noite. Carlos, ia acabrunhado, pensando na dureza da alma d'aquelle homem. Alfredo mal podia caminhar, e gemia. Cerca de trezentos metros adiante, avistaram uma luz, fixa e brilhante como a de um pharol.

— Alli ha uma casa. Vamos ver se nos dão pousada! — disse Juvencio.

— Não, — protestou Carlos; — prefiro dormir no mato a sujeitar-me a ser expulso outra vez!

— Mas nem todos os homens são perversos como aquelle bruto! — retrucou o rapaz. — Quem sabe? talvez acharemos alli gente de bom coração... Se nos repellirem, paciência; mas o nosso dever é ver se arranjam um pouso. Olhe que seu irmão está quasi caindo de cansaço, e não está acostumado a dormir ao relento!

Esta ultima razão bastou para vencer a resistencia de Carlos. Felizmente, a casa não estava longe. Alcançaram-n'a com algumas passadas. Era uma construcção baixa e modesta, mas muito limpa, tendo ao lado um curral de cabras, e mais adiante uma roça bem cuidada. Bateram á porta; acudiu logo ao chamado um homem ainda moço, sympathico, que era o dono da casa. Juvencio não se enganara: tinham encontrado gente de bom coração. O homem acolheu-os com affabilidade, e tratou de agasalhal-os do melhor modo possivel, dando-lhes comida boa e abundante.

Quando estavam terminando a refeição, alguém bateu á porta, que se abriu para dar passagem a um visitante. Carlos, Alfredo e Juvencio não puderam conter um grito de alegre surpresa: o recémchegado era aquelle mesmo carreiro, com quem se tinham encontrado de manhã. Era irmão do dono da casa, e vinha tambem pernoitar alli, depois de ter depositado a lenha num *sítio* proximo.

No dia seguinte, Alfredo acordou com os tornozelos vermelhos e inchados. Ser-lhe-ia impossivel continuar a viagem a pé, sem ter descansado mais algum tempo. O dono da casa declarou terminantemente que não o deixaria sair naquelle estado: e a mulher começou logo a tratar o pequeno, lavando-lhe os pés com uma mistura de agua quente, aguardente e sal.

Depois do almoço, o dono da casa e o carreiro saíram para o trabalho. Emquanto Alfredo ficava em casa, repousando, Carlos e Juvencio foram a passeio, e internaram-se pelo mato proximo. Juvencio sentia-se alli dentro como em sua casa, movendo-se e dirigindo-se com facilidade naquelle intricado de ramos e cipós.

— E se nos perdessemos por aqui... — lembrou Carlos.

— Qual! não vê como vou assignalando todos os lugares por onde passamos?

Effectivamente, de distancia em distancia, Juvencio quebrava ou torcia um ramo, marcando assim, quasi de passo em passo, o roteiro que seguia. O mato era rico de caça. O sertanejo, de vez em quando, mostrava a Carlos um rasto de

animaes no chão, ou apontava um passaro grande pousado nos galhos altos de uma arvore:

— Ah! *seu* Carlos! — exclamava elle — quem me dera aqui uma boa espingarda! já não voltaríamos para a casa com as mãos abanando!

PERDIDOS

Quando chegaram á casa, encontraram o Alfredo bem disposto e alegre, conversando com o Julio, filho do proprietario, numa intimidade de bons camaradas.

Carlos e Juvencio contaram o passeio, e falaram da abundancia da caça, que por alli havia:

— O que nos faltou hoje foi uma boa espingarda!

— Papae tem uma... — disse Julio.

O dono da casa, que d'ahi a pouco chegou, poz logo a arma, que era excellente, á disposição do rapaz sertanejo. Ficou combinado que ás trez horas da tarde sairiam os trez, — Carlos, Juvencio e o filho do dono da casa, — para a caçada. Alfredo ficaria em casa...

— Não! — protestou logo o menino — já estou bom; não sinto mais dor nos pés, e posso ir com vocês.

Carlos tentou dissuadir o irmão d'esse proposito, que lhe parecia imprudente. Mas Alfredo teimou, e Juvencio interveio:

— Não ha duvida... Vosmecê irá connosco até a entrada do mato, e ali ficará até que voltemos.

Jantaram á pressa, e partiram. A beira da floresta, Juvencio limpou o chão á sombra de uma bella arvore, e ahi accommodou o menino, recomendando-lhe que se não afastasse d'aquelle lugar. Para que elle não se aborrecesse, o sertanejo armou uma arapuca, e disse:

— Vosmecê fique vigiando a armadilha: d'aqui a pouco, verá como vem cair dentro d'ella um passarinho...

E embrenharam-se os trez pelo mato. Juvencio ia adiante, andando devagar e com cautela, pisando de leve, sempre com o dedo no gatilho da espingarda, e olhando com cuidado para um e outro lado, examinando a espessura da floresta. Alguns passos atraz, com a mesma cautela e attenção, seguia Julio. O ultimo era Carlos, que, não habituado a excursões pelo mato, embaraçava os pés nos cipós, tropeçava nas raizes das arvores, caía, distanciava-se dos outros, perdia-os de vista, chamava-os. Juvencio voltava-se, punha um dedo nos labios, impunha-lhe silencio.

Chegaram assim até perto de uma nascente de agua limpida. Juvencio parou um pouco, recomendou aos outros que se conservassem quietos, e, sem afastar os olhos de uma certa arvore que se levantava a poucos passos de distancia, pouco a pouco e sorrateiramente se foi aproximando d'ella. Carlos, perplexo, olhava tambem a arvore, procurando o que nella havia, mas nada enxergava. Juvencio levou a espingarda ao hombro, e fez fogo. Assim que reboou o estampido do tiro, caiu do alto das ramagens um passaro escuro e grande, do tamanho de uma gallinha. Era um jacú. D'ahi a pouco, o rapaz matava outro jacú e uma

cotia. Carlos, admirado, gabava-lhe a pericia, a certeza da pontaria, a calma...

— Ora! vosmecê ainda nada viu! Nós, que nascemos e vivemos no mato, nunca perdemos um tiro. Mas por hoje basta. Vamos procurar seu irmão, que já deve estar cansado de esperar...

Uma triste surpresa lhes estava reservada. Não acharam o menino no lugar em que o haviam deixado. Chamaram-n'o, gritaram por elle, — em vão. Com o seu faro de caçador, Juvencio examinou o local, para ver que rumo teria Alfredo tomado, e reconheceu que elle tinha penetrado no mato:

Olhe! — disse a Carlos, — estas folhas aqui devem ter sido pisadas por elle. Vamos procural-o. Em todo o caso, é bom que o Julio vá á casa: talvez seu irmão tenha voltado para lá...

Separaram-se de Julio, e internaram-se de novo no mato, gritando de vez em quando: — Alfredo! Alfredo!... Mas não recebiam resposta, e continuaram a andar.

De repente, Juvencio viu luzir, entre as voltas de um cipoal, o pêlo arruivascado de um bicho. Apontou a arma, e fez fogo. Aproximaram-se, e... que horror! viram uma onça suçuarana, que estrebuchava, ainda com vida... Carlos tremia, — já não por si, mas pelo irmãozinho, que andava por alli perdido, expondo-se a ser devorado por qualquer animal feroz. O proprio Juvencio, apesar da sua calma, estava pallido, — tambem pensando nisso. Continuaram, gritando e chamando sempre. O peor é que não tardava o cair da noite: dentro do mato já reinava uma meia escuridão amedrontadora. Chegou um momento em que

foram obrigados a parar: já nada viam, e não poderiam caminhar senão ás apalpadelas...

Reconheceram que estavam também perdidos, sem saber que direcção haviam de tomar. Juvencio calava-se, afflicto, e Carlos sentia um verdadeiro desespero.

— Não ha remedio! — disse o sertanejo — devemos ficar aqui mesmo...

— E Alfredo? — perguntou Carlos, com angustia.

— Que havemos de fazer? Se estamos também perdidos... Vamos fazer fogo, e acampar. Talvez a gente de casa se assuste, e venha á nossa procura... Juvencio riscou um phosphoro; fizeram fogo, e ficaram junto d'elle, acabrunhados, soltando de vez em quando altos gritos. Duas horas passaram-se, nessa afflicção. Por fim, ouviram um grito longe, muito longe. Responderam. Ouviram o estampido de um tiro... Os gritos continuavam, de parte a parte. Os dos que vinham aproximavam-se cada vez mais, até que se ouviram distinctamente duas vozes, — a do carreiro e a do irmão... Eram elles, de facto:

— Vamos, rapazes! Vocês sempre nos deram um susto tremendo!... O menino está lá em casa: chegou com o meu Julio, — disse o fazendeiro. — O pequeno aborreceu-se, impacientou-se, e afastou-se da arvore junto da qual vocês o haviam deixado. Quiz entrar no mato, mas teve medo, e começou a procurar a estrada, andando á toa. Felizmente, Julio encontrou-o...

— Felizmente! — exclamou Carlos, com um suspiro de allivio.

O PRIMEIRO DINHEIRO

No outro dia, cedo, depois de abraçar o dono da casa, o Julio e o carreiro, os nossos trez viajantes puzeram-se de novo em marcha. Estavam dispostos a avançar o mais possivel, anciosos por chegar a Villa Nova quanto antes. Não tinham já um vintem de seu; e a matalotagem que levavam só podia bastar para dois dias...

A's nove horas pararam, para descansar, numa encruzilhada do caminho. Aproximou-se uma *tropa*, carregada de couros, tambem com destino a Villa Nova. Juvencio entrou logo em conversa com os tropeiros. Eram dois. Queixaram-se da falta que lhes fazia um companheiro, que fôra forçado a ficar em caminho. Juvencio offereceu-se logo para substituil-o, dizendo-se' prompto a ajudar a conducção dos animaes. Carlos offereceu-se tambem. Os tropeiros acceitaram a proposta de ambos, com uma condição: os dois rapazes receberiam, além da alimentação, quinhentos réis por dia.

Seguiram. A *tropa* era grande — doze animaes, que foram repartidos em dois lotes, ficando cada um d'elles a cargo de um dos tropeiros, ajudado por um dos rapazes. Alfredo continuou a cami-

nhar ao lado do irmão; mas o tropeiro condeou-se d'elle, e autorizou-o a montar um dos burros da tropa. Foi uma fortuna para o menino, que, sem fadiga, pôde assim supportar as quatro leguas que a caravana percorreu nesse dia.

No dia seguinte, venceram-se facilmente mais cinco leguas. Os viajantes conversavam, para "matar o tempo". Os tropeiros falavam da sua vida trabalhosa, mas não se mostravam descontentes: o trabalho dava bom lucro, — mais do que muitos outros, sobrecarregados de difficuldades e de impostos.

Ao anoitecer do segundo dia de viagem, chegaram a uma fazenda de criação. Ahi devia parar a tropa. Juvencio e Carlos receberam o seu salario, correspondente a dois dias de trabalho.

A' vista d'aquelle dinheiro, — era o primeiro que ganhavam! — ficaram contentissimos. E pensaram logo em obter qualquer trabalho naquella grande fazenda, para arranjar mais dinheiro, com que pudessem fazer face ás despesas do resto da viagem. Os tropeiros recommendaram-n'os ao fazendeiro, que justamente estava começando a colheita do algodão, e precisava de trabalhadores. Ficou combinado que Carlos e Juvencio ajudariam a colheita, e ganhariam na proporção do que colhessem. Os dois rapazes atiraram-se ao serviço com um ardor extraordinario. Nas horas de menos forte calor, tambem Alfredo os auxiliava — muito orgulhoso, por poder dizer que tambem era capaz de trabalhar. O certo é que colhiam, cada dia, tanto quanto os outros trabalhadores, que eram homens adultos e robustos. Até o fazendeiro estava admirado.

O ALGODÃO

Correu, então, uma semana, que foi de certa serenidade de espirito para os dois meninos. O trabalho, a preocupação, a fadiga, a novidade da vida foram derivativos para a magua que os opprimia.

Os dias eram de labuta extenuante; á noite, antes do somno profundo em que os mergulhava o cansaço, havia ainda a distracção do sertão tranquillo que succedia á refeição. Alguns dos tropeiros e dos trabalhadores da roça traziam os violões ao vasto terreiro que defrontava a casa da fazenda: cantavam as “modinhas” do sertão, cheias de saudade e melancolia; ás vezes, justavam em “desafios”, e improvisavam quadrinhas de ingenua graça, provocando o riso dos presentes. Juvencio, com a sua vivacidade habitual, tambem fazia parte do divertimento, e contava historias rimadas, em que havia dialogos de homens e animaes, — brigas heroicas entre sertanejos boiadeiros, e disputas fabulosas entre a onça e o sapo, ou entre a cobra e o lagarto.

Os dois meninos apreciavam com encanto aquella innocente alegria dos trabalhadores. Alfredo, principalmente, enthusiasmava-se com

as historias e os desafios. Carlos, de espirito mais ponderado, conversava ás vezes com o fazendeiro, e procurava instruir-se. Interessava-se pela cultura do algodão, e elogiava a abundancia da colheita durante esses dias.

— Ora! — protestou o fazendeiro — tenho uma pequena plantaçõ... Nem imagina você o que é a abundancia em outras fazendas. Agora, sou, principalmente, um criador de gado, e não me dedico muito á lavoura. Mas já fui lavrador no Maranhão, e tenho parentes que possuem muitas plantações de algodão em Pernambuco. O que você está vendo aqui é apenas uma insignificancia; para mim, o algodão não é a renda principal: é apenas um proveito mais, para não se desperdiçarem a riqueza do chão e o resultado dos pés de algodoeiro que estão ahi.

— Porque a terra é muito rica?

— Muito rica. E o algodoeiro dá-se muito bem em todas as terras do Brazil, tanto no norte como no sul. O algodoeiro exige muito sol, muita luz.

— Mas o melhor algodão é o d'aqui?

— E' o melhor de Pernambuco e de Maranhão; mas todo o algodão de todo o Brazil é excellente.

— Dá muito trabalho a lavoura?

— Não muito. Está claro que a producção é melhor, quando a terra é bem revolvida, bem estrumada e bem irrigada, nas lavouras que empregam muito capital. Mas ás vezes a lavoura é rudimentar, e nem precisa de arado. Corta-se o mato bravo, faz-se a queimada para destruir as raizes e limpar o solo, e abrem-se pequenas covas, pouco fundas, havendo entre ellas a distancia de metro e meio a dois metros. Cada cova recebe trez

ou quatro sementes. As sementes devem ser bem escolhidas, porque é da qualidade d'ellas que depende a qualidade da colheita. As plantas apparecem logo ao cabo de seis a oito dias, depois da sementeira. Quando o pé chega até a altura de quasi um metro, é sempre bom podal-o, para dar-lhe força. Os algodoeiros chegam até o tamanho de cinco a seis metros de altura, e vivem oito annos e mais: e dão a primeira colheita já no oitavo ou nono mez de idade.

— E todo o algodão, que é colhido no Brazil, vae para o estrangeiro?

— Ha uma grande exportação. Mas grande parte das colheitas é aproveitada pela industria do Brazil. Ha muitas fabricas de fiação no Brazil. Nunca viu uma dessas fabricas?

— Nunca.

— Pois procure ver. O trabalho é admiravel. Cada usina de fiação e de tecelagem é um mundo de machinismos e de operarios...

Assim, em cantos, musica e conversa, passavam os serões.

Tinham chegado á fazenda numa quarta-feira os trez peregrinos. Na quarta-feira seguinte, receberam doze mil réis, — uma verdadeira fortuna para elles, que ainda na semana anterior nada tinham de seu.

Terminda a colheita, dispunham-se a partir, quando souberam que, d'ahi a trez dias, no proximo sabbado, devia seguir uma boiada para Villa Nova. Propoz-lhes o fazendeiro que ficassem, para seguir com ella. Era um meio de ganharem mais dinheiro: Carlos accitou a proposta com satisfação.

SCENA TERRIVEL

No dia seguinte, quinta-feira, o fazendeiro mandou reunir o gado, para apartar as rezes que deviam partir. O serviço foi feito á tarde: reuniram-se quinhentas cabeças de bois, vaccas, novilhos e bezerros.

Era um gado gordo e bonito, de pêlo fino e lustroso, grandes chifres esgalhados e retorcidos. Os animaes vinham tangidos por seis vaqueiros, — uns a pé, outros a cavallo, todos vestidos de couro: perneiras, gibões, colletes e chapéos de couro.

— Porque é que os vaqueiros não se vestem como nós? — perguntou Alfredo a Juvencio.

— Porque têm de atravessar caminhos difficeis: e vestem-se de couro por causa dos espinhos que lhes romperiam quaesquer outras vestimentas. Quem viaja no sertão, onde não ha lagos, nem rios francos, nem estradas largas, mas sómente natagaes cerrados, precisa de vestimenta especial...

O gado foi todo recolhido a um “pastinho”, que havia perto da casa da fazenda. O fazendeiro ordenou aos vaqueiros que comparecessem no outro dia, bem cedo:

— Amanhã apartaremos as rezes, e *ferraremos* os novilhos e garrótes.

A's seis horas da manhã de sexta-feira, começou o trabalho. As vaccas e os bois, que deviam seguir, ficaram no "pastinho". Para o curral vieram os animaes que iam ser ferrados.

Accendeu-se uma grande fogueira de lenha; e os ajudantes puzeram nella os *ferros*, para aquecel-os. Eram hastes de ferro, tendo numa extremidade duas letras tambem de ferro; a outra extremidade cravava-se num cabo de madeira. Alfredo notou que as letras eram um J. e um P. unidos.

— Que querem dizer aquellas letras?

— São as iniciaes do nome do fazendeiro: João Pedroso, — explicou Juvencio.

Quando os *ferros* ficaram bem quentes, os vaqueiros foram buscar umas cordas fortes, de couro crú e torcido, tendo em uma das pontas uma argola de ferro, dentro da qual a corda corria, formando laço.

Um vaqueiro tomou logo uma d'essas cordas, enrolou-as em varias voltas, e, segurando a ponta livre do laço, atirou-a na direcção de um dos novilhos. A corda desenrolou-se no ar, e o laço foi cair certo sobre os chifres do animal, que ficou preso. O vaqueiro passou a corda em torno de um moirão, fincado no meio do curral, e foi puxando por ella. O novilho, assim que se sentiu laçado, começou a pular; mas o homem era forte, e o moirão estava bem firme no solo. Os outros vaqueiros tangiam o animal, que pouco a pouco foi sendo trazido para junto do tóco, até ficar

com a cabeça encostada ao moirão. Passaram-lhe a corda pelos chifres, ligando-os fortemente ao esteio; e, quando viu que a cabeça do animal estava bem segura, um dos vaqueiros prendeu-o pela cauda; outro foi buscar o *ferro*, que estava vermelho, em brasa, e assentou-o sobre o *quarto* direito da rez. Os pêlos e a pelle chiaram, desprendendo uma fumarada negra e um cheiro de carne chamuscada. O novilho arfou, quiz saltar, e soltou um berro medonho, um urro de raiva e dor. Depois de uns quinze segundos, retiraram o *ferro*: as letras J. P. appareciam, num sulco escuro, sobre a anca do animal.

O serviço continuou rapidamente, sendo marcadas varias rezes, até que foi laçado um novilho negro de pontas alçadas e finas. Antes que o vaqueiro tivesse podido puxar o laço, o animal arremeteu furioso contra elle, sacudindo a cabeça, e desprendendo-se da corda. Ligeiro e agil como um *toureiro* de profissão, o homem desviou o corpo, e apadrinhou-se com o moirão. O animal arremeteu contra outro vaqueiro, que saltou fora do curral. O bicho estava como uma fera; e, vendo Alfredo, encostado á porteira, veio direito sobre elle. O menino, tomado de medo, conseguiu abrir a porteira, e deitou a correr; o novilho seguiu atraz d'elle, como um raio. Carlos, soltando um grito de horror, partiu em soccorro do irmão. Os vaqueiros todos o imitaram... Mas o animal já estava quasi alcançando o menino... Felizmente, Alfredo tropeçou e caiu: o novilho, cego de raiva, não pôde parar, com o impulso que trazia, e passou por cima d'elle... Mas d'ahi a pouco, voltou, e, d'esta vez, arremessou-se sobre Carlos, que

quasi foi apanhado pelas suas pontas aceradas. Todos os vaqueiros, porém, já tinham chegado: um d'elles, conseguindo segurar a cauda do animal, e dando-lhe um puxão violento, pôde atirar-o ao chão...

A CRUZ DA ESTRADA

Profundamente abatido pelas terriveis commoções d'aquelle dia, Carlos quiz desistir do seu projecto de acompanhar a boiada.

— Nada! — disse elle a Juvencio — já fiquei conhecendo bem os perigos a que a gente se expõe, neste officio de lidar com bois bravos... Quasi vi o Alfredo morto, e escapei tambem de ser mutilado pelos chifres d'aquelle novillo... Para que havemos de arriscar a vida inutilmente? Não esperemos pela partida da boiada, e partamos hoje mesmo!

— Bem! — respondeu o rapaz sertanejo — não sigamos com a boiada, mas, em vez de partir hoje, partamos amanhã. Aproveitaremos o dia, para concertar as nossas roupas que estão rotas...

Assim fizeram. Remendaram e cozeram as roupas, e, no outro dia, despediram-se do criador, que lhes forneceu generosamente alguns viveres, e partiram.

Caminharam durante quasi todo o dia, vagarosamente, — para evitar a fadiga, — e parando de quando em quando.

A estrada era boa, mas desabrigada, sem arvores, cortando terrenos despovoados e secos,

muito castigados do sol. Os rapazes offegavam e suavam, com as faces afogueadas pelo calor.

Ao cair da tarde, entraram numa região mais fresca, mais coberta de mato, e, ao mesmo tempo, mais cultivada. Sentia-se que havia habitações alli perto.

A' beira da estrada, encontraram, numa encruzilhada, num sitio baixo, sombreado e triste, um ranchinho de telhas, aberto por todos os lados, abrigando uma cruz. Era uma cruz de pau tosco, já ennegrecida pelo tempo, — mas enfeitada com flores e fitas de papel.

Pararam todos: e Alfredo lembrou-se de já ter encontrado, varias vezes, pelo caminho, outras cruzes como aquella...

— Que quer dizer isto? — perguntou elle. — Desde Pernambuco, venho encontrando estas cruzes...

— Estas cruzes — explicou Juvencio — marcam quasi sempre os lugares onde *mataram gente*. Tambem, ás vezes, marcam a sepultura de pessoas pobres, cujos corpos não puderam ser conduzidos para os cemiterios... Mas, em geral, quando se levanta uma cruz á beira da estrada, isso quer dizer que ahi foi assassinada uma pessoa. Antigamente, commetiam-se por aqui muitos crimes: por qualquer causa insignificante, um individuo tirava a vida ao outro; e, naturalmente, os assassinos sempre praticavam as suas maldades em lugares ermos como este. Vinham esperar a victima, e matavam-n'a a tiro ou a facada...

— E a policia? — perguntou Alfredo.

— Ora! antigamente, quasi não havia policia por aqui. Era preciso que a victima fosse alguma pessoa importante ou rica, para que as autoridades se abalassem. Na maioria dos casos, os criminosos ficavam sem castigo. Enterrava-se uma cruz no lugar em que o desgraçado tinha caído morto, — e não se tratava mais do caso.

— Mas a cruz está enfeitada... — notou Carlos — quem a terá enfeitado?

— Foi o povo... Quando uma pessoa morre assim, caída da perversidade de um malvado, o povo acredita que a alma d'essa pessoa foi logo para o céu, e começa a fazer-lhe "promessas": accende velas, e colloca flores no lugar em que se deu o crime; ás vezes até se levantam capellinhas, onde o povo vem rezar...

— Que horror! — exclamou Alfredo — e ha sempre assassinados?

— Ah! não! os tempos mudaram. Os costumes são outros. Agora são raros os crimes.

Continuaram a caminhar. Cem metros adiante a estrada subia, costeando um morro. Apareceram algumas casas, na collina: e, em breve, os viajantes chegaram a um pequeno arraial, formado por pouco mais de uma duzia de habitações. A primeira casa do arraial era uma "venda". Para ahi se dirigiram os rapzes, e pediram ao vendeiro que lhes permittisse que se aboletassem debaixo de um telheiro ao lado.

UMA PESCARIA

Os viajantes dormiram tranquillamente, refazendo as forças exaustas pela caminhada. De manhã, dispunham-se a partir, quando Juvencio lembrou:

— Não seria melhor ficarmos aqui hoje? Corre alli em baixo um pequeno rio... Aproveitaríamos a agua, e lavariamos as nossas roupas, que estão bem sujas.

Carlos concordou. Na falda do morro, em frente á casa, corria de facto um riacho, entre moitas de ingazeiras. Juvencio, sempre jovial, ampliou a ideia primitiva:

— Vamos passar todo o dia á beira da agua. Além de lavar a roupa, podemos fazer uma pescaria.

Alfredo applaudiu a ideia. Compraram sabão, anzoos, um pouco de carne sêca, e dirigiram-se para a margem do riacho. A lavagem das roupas foi rapida: Juvencio molhava-as, ensaboava-as, e passava-as a Carlos, que as esfregava e torcia, batendo-as sobre as pedras; Alfredo, depois, estendia-as ao sol, sobre os galhos baixos das arvores.

O sertanejo escolheu, então, duas vergonteadas, duas varas finas e flexíveis, cortou-as, e atou á ponta mais delgada de cada uma d'ellas um fio de dois metros de comprimento; e na extremidade de cada fio prendeu um anzol. Depois, começou a cavar com a faca a terra humida da beira do rio.

— Que é que você procura ahi dentro? — perguntou Alfredo, interessado.

— Procuo uma isca...

Apanhou na terra revolvida algumas dez ou doze minhocas, e enfiou uma d'ellas em cada anzol, de modo a deixar a ponta d'este escondida e invisivel. Feito esse trabalho preliminar, encaminharam-se os trez para a ribanceira, e pararam num ponto onde as aguas eram mais calmas e o riacho parecia mais profundo. Juvencio e Carlos empunharam as varas, e deixaram cair os anzões, que se afundaram na agua em virtude do proprio pêso. E os dois, quietos, de cocoras, deixaram-se ficar immoveis, segurando as varas, estendidas horizontalmente.

Alfredo começou a mover-se e a falar, ao lado d'elles, fazendo-lhes perguntas. Mas Juvencio impoz-lhe silencio. Carlos, inquieto, desageitado, mexia-se, agitava-se involuntariamente, distrahia-se. Mas o sertanejo era um verdadeiro pescador. A sua attenção não se desviava do trabalho. Em certo momento, o rapaz, attento, sentiu que o anzol tremia, e comprehendeu que o peixe estava beliscando a isca; moveu a vara ligeiramente, e, sentindo resistencia, deu-lhe um puxão rapido e forte, levantando-a, Carlos e Alfredo viram apenas

luzir no ar um corpo prateado, que foi bater em cheio no chão, e principiou a pular: era uma piabanha, de um palmo de comprimento.

Nesse mesmo instante, Carlos sentiu também que o seu anzol tremia. Açodado, fez o que vira o companheiro fazer, e puxou a vara com violência: mas o peixe tinha comido a isca, e fugira.

Carlos ficou um tanto envergonhado: e Alfredo ria gostosamente, vendo a cara espantada do irmão.

Juvencio poz-se então a explicar que as primeiras qualidades do bom pescador são a paciência e a tenacidade. E' preciso esperar o momento preciso em que se deve dar o safanão: ao contrario, o pescador arrisca-se a perder, ao mesmo tempo, a isca e o peixe...

Conversavam sobre isso, quando ouviram vozes que se aproximavam. Eram vozes de mulheres... Voltaram-se os trez, e viram cinco mulheres, que desciam a ribanceira carregando grandes trouxas de roupa.

— Ah! Carlos! e eu estou sem calças! — exclamou Alfredo.

— Que tem isto? Deixa-te de tolices... Todos vêem que és uma criança.

As lavadeiras tinham ouvido a exclamação do pequeno. Uma d'ellas, já velha, vendo-o correr, e esconder-se atraz de uma arvore, deu uma risada, e disse por gracejo:

— Vejam lá que vergonha! um homem assim, sem calças!

Outra, uma cabocla, de physionomia expansiva, perguntou a Carlos, vendo-o com a linha de pescar:

— Já pescou muito?

— Não! mas o meu companheiro apanhou um peixe, e nem sei o que hei-de fazer d'elle...

— Deixe ver! — disse a lavadeira — é uma piabanha! e que bonita! Se quer, vou assal-a...

E estabeleceu-se logo uma conversa cordial entre os rapazes e as lavadeiras, — mulheres simples, francas e hospitaleiras, como, em geral, todos os habitantes do sertão.

AS LAVADEIRAS

Dentro em pouco, as cinco mulheres e os trez rapazes formavam um só grupo.

A velha, a que gracejara com Alfredo, tomou o peixe e escamou-o em dois tempos, com grande admiração do pequeno que nunca a suppuzera capaz de fazer aquillo tão depressa. Depois, a lavadeira accendeu fogo, arranjou um espeto, e enfiou o peixe, temperado com um pouco de sal, levando-o ás brasas.

— Maria! — exclamou ella a uma rapariga, que, pela idade e pelas feições, parecia ser sua filha — vae molhando essa roupa!

E, voltando-se para Carlos, perguntou:

— Aquellas roupinhas estendidas alli são de vocês?

— São.

— Estão corando?

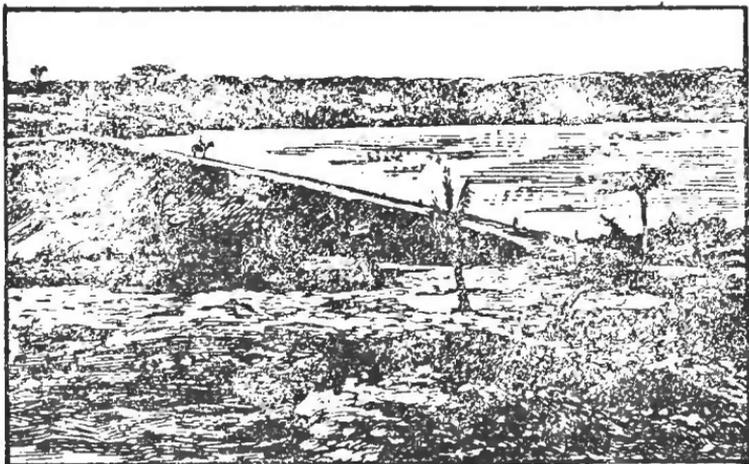
— Creio que sim, — respondeu elle, com um ar de quem não entendia muito d'aquillo.

— Pois, vou mandar enxugal-as...

E, depois de alguns momentos:

— Vocês de onde são, e que estão fazendo aqui?

Carlos não achou conveniente estar contando a sua historia a toda gente; e fazendo um signal a Alfredo, para lhe indicar que não falasse, deu tempo a Juvencio, que respondeu:



Um grande açude, na região do Nordeste, perseguida pelas seccas.

— Somos de Petrolina, e vamos até Villa-Nova, e talvez mesmo até a Bahia; estes meninos têm familia na Bahia, uns parentes do pae, e querem ver se conseguem entrar em um collegio; e eu quero ver se arranjo um emprego.

Assado o peixe, a velha entregou-o a Carlos que o não queria acceitar. Ella, porém, insistiu:

— Acceite! nós todas já almoçámos bem. Ah! mas vocês não têm farinha... Oh! Maria! — gritou, voltando-se para a filha. — Vae á casa buscar um pouco de farinha.

— Não, não é preciso! — acudiram os trez rapazes.

— Vae, já te disse! E' alli! — continuou, apontando uma casa que se via bem distincta, na encosta, defronte do ponto em que estavam.

Partiu a rapariga, e, dez minutos depois, estava de volta, com uma cuia de farinha. Mas, ao mesmo tempo que ella descia, por um lado, descia, pelo outro, o dono da venda, que, mal chegou á distancia de ser ouvido, gritou:

— Olá! rapaz! que estás fazendo ahi! — perguntou o vendeiro ao Juvencio.

— Lavando umas roupas, e apanhando umas piabanhas, enquanto as roupas coram ao sol...

— Mas os teus companheiros não podem fazer isso sem o teu auxilio?

— Podem... Porque pergunta?

— Porque preciso de alguém que me leve já uma carta aqui adiante, ao arraial do Riachinho, no caminho de Villa Nova, e bem me podias prestar esse serviço, ganhando alguma cousa.

— A carta tem resposta?

— Não.

Juvencio piscou um olho para Carlos, e respondeu ao vendeiro:

— Não ha duvida. Prepare a sua carta, que irei levar-a agora mesmo. E fique descansado que não ha-de queixar-se do portador!

Assim que o homem se afastou, o rapaz disse aos companheiros:

— Um negocio magnifico, hein?

— Porque? — interrogou Carlos.

— Porque teremos de passar inevitavelmente por esse arraial, e, assim, aproveito a occasião para ganhar algum dinheiro.

— Mas — objectou Carlos — o homem diz que a carta deve seguir já, e nós não podemos partir d'aqui sem que as nossas roupas tenham seccado...

— Isso é o menos. Vosmecês ficam aqui. Eu sigo hoje, e dou conta do meu recado. Amanhã, quando tudo estiver prompto, vosmecês partem • bem cedo, vão seguindo sempre o mesmo caminho direito, e encontram-se commigo em Riachinho.

— E com que roupa vae você?

— Vou com esta camisa velha, com esta calça molhada, que ha-de secar com o sol, e com o paletó de Carlos. Vosmecês levam o resto da minha roupa.

— Bem! mas como havemos nós de achal-o lá no arraial?

— Ora! um arraial não é uma cidade; não é o Recife, nem o Rio de Janeiro... Olhe: deve haver lá uma igreja, uma capella...

— Ha, sim, — acudiu a velha, que o escutara.

— Muito bem! Amanhã, do meio dia para a tarde, ficarei á porta da igreja á espera de vosmecês.

— Elles só não irão, — interveio rindo a velha, — se eu os prender lá em casa; — e apontou para a casinha. — E estou com muita vontade de fazer isto: quero guardar este vadio — e levou a mão aos cabellos de Alfredo — para o casar com uma velha que me criou...

Appareceu de novo o vendeiro, e entregou a carta ao Juvencio. Os rapazes abraçaram-se, e Juvencio, ao vêr os outros commovidos, disse gracejando:

— Que é isto? a separação é tão curta! Eu não vou para um paiz estrangeiro...

Juvenio ainda cumprimentou com a cabeça as mulheres, apertou a mão ás duas que estavam no grupo, mãe e filha, e partiu.

XXIX

SEPARADOS

Vendo partir Juvencio, Carlos e Alfredo esqueceram as mulheres lavadeiras; sentiram-se sós e tomados de uma grande tristeza. O sertanejo fazia-lhes muita falta ao coração, amavam-n'o já como se fôra um irmão. Demais, Juvencio era a vida, a animação, a alegria do grupo. Tudo aquillo, agora, lhes parecia morto; o rio, o sol, as arvores, o céu, a corrente: — tudo, sem o companheiro, se lhes mostrava torvo e triste.

Foi a rapariga quem rompeu o silencio.

— Mas que é isto? Parece que saiu d'aqui um defunto: estão todos tão tristes! Porque tanta tristeza?!... Pois amanhã não se encontram todos, outra vez?... Ora, vamos d'ahi, vamos pescar...

— Sim, — disse a velha — vae, Maria! tomo conta da roupa, e tu aproveita a linha e o anzol, e vê se apanhas algumas piabanhas, para o jantar. E vocês (para os dous rapazes) irão jantar em casa, dormirão lá, e partirão amanhã.

O resto do dia passou-se relativamente bem. As mulheres nunca estavam caladas, conversavam e cantavam sem descanso, contando historias aos rapazes, que já escutavam com prazer. A rapa-

riga pescava. As outras, batiam, ensaboavam, torciam, estendiam, borrifavam a roupa; e Alfredo acompanhava com interesse o trabalho das lavadeiras, com os braços nús, mostrando as veias salientes, e cobertos de espuma de sabão; divertia-se, vendo a roupa, que, antes de ficar molhada, fluctuava sobre a agua do rio.

Carlos, ao lado da rapariga, acompanhava as peripecias da pescaria. Ella preparou o outro anzol, e ensinou-lhe a maneira de fisgar o peixe:

— Quando sentir algum movimento no anzol, vá levantando e abaixando devagar a linha; e assim que sentir resistencia, dê o puxão. Vamos! experimente!

Carlos aproveitou tão bem a lição, que conseguiu apoderar-se de dois peixes, que, com os outros já pescados pela rapariga, deviam dar um farto e excellente jantar.

Alfredo viu a velha tirar alguns objectos de dentro de um sacco todo de couro, coberto de pêlos espessos.

— Que sacco é esse? — perguntou.

— E' um surrão. — E, como percebesse que o pequeno não entendera a resposta, explicou: — O surrão é um couro inteiro de bode. Mata-se o bode, corta-se-lhe o couro junto da cabeça, e vae-se puxando pouco a pouco, — com o mesmo geito de quem tira uma meia do pé. Corta-se depois o couro, junto dos pés do bode, e elle sae inteiro; enche-se de palha, põe-se a seccar ao sol ou ao vento, e obtem-se um sacco como este; é só o que se usa no sertão.

— Mas esse sacco deve cheirar mal...

— Cheira mal a principio, quando está novo; mas, depois de curtido o couro, o cheiro desaparece.

No correr da conversa, a velha, sabendo que Carlos e Alfredo tinham dormido na vespera sob o telheiro da venda insistiu para que fossem passar aquella noite em sua casa.

— Lá jantaremos! — disse ella. — Vamos, que já trabalhámos bastante, e ganhámos bem o nosso dia.

As lavadeiras recolheram as roupas, e os rapazes seguiram com ellas.

O sol ia caindo... Longe, chiava um carro de bois. Uma aragem fresca sacudia as ingazeiras, e a agua do riacho corria com um murmurio suave a que se casava o canto dos passaros.

DOENÇA

A velha lavadeira era casada. Já o marido a esperava em casa. Assim que entraram, ella explicou a presença dos dois rapazes:

— Estes mocinhos são de Joazeiro, e vão para o arraial do Riachinho.

O homem, que era de Joazeiro, entrou a pedir noticias de varios moradores de lá... Carlos, vendo que ia ser apanhado em flagrante mentira, foi obrigado a contar toda a sua historia. O homem ficou commovidissimo com a triste narração.

— E vosmecês arriscaram-se a fazer essa viagem tão longa?

— Ora! — acudiu Alfredo — porque não? eu até era capaz de vir sósinho!

— Deixa-te de basofias! — disse Carlos, sorrindo — queres mostrar-te valente, e ainda hoje choraste, de medo, quando te tiraram um bicho do pé!

— Porque doía muito! se você soubesse quanto doeu! e ainda está doendo!

De facto, nessa mesma manhã, Alfredo queixara-se de uma comichão no artelho; Juvencio vira que o pequeno tinha um bicho no pé, e procurara fazer com todo o cuidado a extracção.

Depois do jantar, os pequenos accommodaram-se. Já noite alta, Carlos percebeu que o irmão se agitava, choramigava, gemia. Apprehensivo, levantou-se e foi apalpar o corpo do pequeno, achando-o muito quente. Alfredo sentia dores vivas no pé. A ferida inflammara-se, o pé inchara e avermelhara-se.

Carlos, sem saber como havia de alliviar o irmão, esperou que amanhecesse, e passou o resto da noite entre sustos e reflexões tristes. Como resolver essa difficuldade? Alfredo, naquelle estado, ardendo em febre, não poderia continuar a viagem... com que recursos contaria elle, Carlos, para salvar o irmão, naquelle logar quasi deserto, sem medico, sem pharmacia? Ainda se o Juvencio alli estivesse... Porque, emfim, o Juvencio era expedito, experiente, decidido, e achava sempre uma solução para todos os casos difficeis... Justamente, uma das cousas que mais preocupavam o espirito de Carlos, era o encontro marcado com o Juvencio no Riachinho. Que pensaria e que faria elle, quando não visse chegarem os companheiros?

Amanheceu. Entrou logo, no aposento em que Carlos e Alfredo tinham passado a noite, a velha lavadeira:

— Que é isto? o seu irmãozinho está doente? — perguntou ella, a Carlos, sobresaltada.

Examinou a ferida, e tranquillizou-o:

— Foi porque não souberam tirar o bicho... Mas isso não é grave.

Lavou a ferida com aguardente camphorada, collocou sobre ella uma cataplasma de tapioca tambem camphorada.

Bento, — o dono da casa — veio tambem ver o menino, mostrou-se extremamente penalizado, e disse:

— Não ha gravidade, felizmente. Mas, agora, o remedio que ha é ficarem aqui um dia ou dois.

Carlos quasi lhe pediu que fosse ao tal arraial avisar o Juvencio, e dizer-lhe o motivo da demora. Mas não se animou a fazer o pedido, porque o homem disse logo que tinha de enfardar uma grande quantidade de algodão, já vendido.

Com a applicação dos remedios, Alfredo melhorou consideravelmente. As dores diminuíram logo, e a febre cedeu. O menino bebeu uma cuia de leite, e adormeceu.

Carlos, acompanhado pela rapariga, Maria das Dores, passou o dia ao lado d'elle, mais socegado, mas ainda preocupado com as consequencias da demora. Era provavel que Juvencio voltasse, para saber o que era feito d'elles... Era provavel, mas não era certo. E se não voltasse? e se continuasse a viagem sósinho, — uma vez que não tinha o dever de se preocupar com a sorte de companheiros a quem mal conhecia? Esta ideia mortificou o espirito de Carlos: o Juvencio era um companheiro tão bom, tão intelligente, tão conhecedor dos caminhos! Além d'isso, aquella convivencia de poucos dias criara no coração de Carlos uma grande amizade por aquelle excellente rapaz, tão bravo, tão carinhoso e tão serviçal...

No meio d'essas cogitações, surprehendeu-o a voz da velha, que o chamava:

— Venha almoçar! seu irmãozinho está socegado, e você já deve sentir fome...

MARIA DAS DORES

Carlos considerou que era realmente melhor não acordar o irmão; deixou-o dormir, e passou á sala, — que era ao mesmo tempo de visitas, de trabalho e de jantar. Apesar da sua pobreza, o aposento tinha um ar alegre; os moveis, antigos e já sem verniz, estavam cuidadosamente espanados; o lampeão de metal reluzia, de tão bem areado; na janella, dentro de uma pequena gaiola, cantava um curió.

O almoço era farto: feijão, carne-de-sol assada, bananas; mas Carlos comia machinalmente, preocupado com a doença do irmão, e com as difficuldades com que ainda tinha de lutar até chegar á capital da Bahia, — difficuldades que maiores lhe pareciam agora, na ausencia do providente Juvencio.

Ia em meio ao almoço, quando se ouviu a voz de Alfredo, que despertara. Carlos correu ao quarto, e teve a satisfação de ver que o doente estava, sem duvida, muito melhor.

— Então? Como te sentes?

— Muito bem! — respondeu o pequeno. — Já quasi não sinto dor no pé.

— Queres almoçar?

— Quero, sim, que tenho bastante fome.

— Não te levantes. Vou buscar o teu almoço.

A dona da casa arranjou á pressa um almoço leve para o enfermo, — um pirão de farinha, um ovo frito, — e disse á filha, Maria das Dores, que o fosse levar ao quarto.

Alfredo já vira, na vespera, a rapariga, á beira do rio. Mas, olhando-a entre tantas outras, não reparara bem nas suas feições. Agora, vendo-a entrar com o almoço, achou-a encantadora.

Maria das Dores era uma mocetona morena, quasi cabocla, mas muito corada e de traços regulares. Tinha olhos negros, labios finos mostrando uma fileira de dentes alvos e iguaes, rosto redondo e alegre, nariz pequeno ligeiramente arrebitado, testa estreita, cabellos muito lisos e pretos, atados no alto da cabeça. Tinha um ar de candura e de meiguice, e, ao mesmo tempo, de simples e ingenua franqueza.

Entrou, deu o almoço ao pequeno, e começou a conversar com elle, que logo se sentiu attrahido pela sua bondade.

— Então, ainda não está bom?

— Não estou bom, mas já estou muito melhor. Ora eu, hontem, conversei tanto com você, e não lhe perguntei o seu nome!...

— Maria das Dores.

— Você não tem irmão?

— Tive um que morreu pequenino, de sarampo.

D'ahi a pouco, ia tão animada a conversação entre os dois, que Carlos e a velha lavadeira ouviam lá dentro as risadas alegres de ambos.

— Aquella rapariga — disse a velha — é sempre assim. Tem dezeseis annos, e parece uma criança de oito ou dez. Está sempre falando, rindo, cantando. Nunca a vi triste... Saiu á avó, que era uma *tapuia*: quando tinha setenta annos, andava tão alegre, tão risonha como uma moça.

Tentado por aquella alegria, cujo ecoar chegava á sala, Carlos foi ver o que a provocava.

Ao entrar no quarto, encontrou o irmão, bem disposto e com boas cores, sentado na cama, com o prato sobre as pernas cruzadas, ouvindo a rapariga, e rindo muito do que ouvia. Maria das Dores, sentada no chão, contava uma historia em verso. Não se vexou com a entrada de Carlos, e continuou:

No sertão de Cabrobó
Havia um sapo casado:
Na sêca de 34
Quasi morreu de torrado...

.....

•



Á ESPERA

Quando Maria das Dores acabou de contar a historia do sapo, Carlos, sentado á beira da cama do irmão, falou d'aquillo que mais o preocupava.

— E o Juvencio, Alfredo? Que dirá elle, se não chegarmos?

— Ha um remedio, — respondeu o pequeno. — Vá você hoje encontrar-se com elle: eu irei amanhã...

— Não pode ser...

— Não pode ser, porque? perguntou Maria das Dores. — Seu irmão pode muito bem ficar aqui conosco. Não lhe hão-de faltar cuidados.

— Não é isso! — explicou o mocinho — o que digo é que Alfredo não poderá ir sósinho até Riachinho. E quem sabe se amanhã já elle poderá caminhar? Não! mais vale ficarmos ambos aqui...

E continuou, pensando em voz alta, torturado pela sua preocupação:

— Com certeza, o Juvencio não continuará sósinho a viagem. Espera-nos hoje... Mas, vendo que não chegamos, ha-de comprehender que aconteceu alguma cousa, e voltará para saber o que houve. Talvez amanhã o tenhamos por aqui... Ah!

lembro-me agora... E' natural que, se voltar, elle vá immediatamente procurar-nos na venda; e, como ninguem sabe que estamos aqui, pode ficar sem noticias...

E, voltando-se para a rapariga:

— Por onde se vae para a venda? — é longe d'aqui?

— E' muito perto. Já lhe mostro o caminho.

Maria das Dores levantou-se, e saiu acompanhada de Carlos. Foram até a porta da casa. O dia estava lindo e quente. A soalheira ardia.

A casa ficava num declive, na parte mais baixa. Em frente, havia o morro, de terra vermelha, pedras e barro, coberto de um mato ralo, de arvores crestadas e capim escasso, onde algumas cabras pastavam. A' direita, havia um mato fechado; á esquerda, uma extensa plantação de mamoneiras e algodoeiros. Defronte da casa, no sopé do morro, levantavam-se algumas paineiras, altas e copadas, que espalhavam em torno uma larga sombra.

— Olhe! — disse a rapariga, estendendo o braço — siga por este caminhezinho, suba o morro, e depois desça: ha-de achar duas veredas. Tome a da esquerda, que vae dar na estrada real. Siga sempre para a esquerda, que ha-de logo encontrar a venda; se quer, vou acompanhá-lo...

— Não, não é preciso, disse Carlos. E poz-se a caminho.

— Maria das Dores voltou para junto de Alfredo. Este, assim que soube que o irmão fôra á venda, exclamou:

— Que tolice de Carlos! pensa que eu não sou capaz de andar sósinho por essas estradas! como se eu não soubesse ir d'aqui ao Riachinho!

— Mas note que é longe...

— Que é que tem? De mais longe viemos nós... Viemos do Recife!

— Eu não conheço o Recife... — disse a rapariga.

— Ah! é uma bella cidade! quando saímos de lá á procura de papae...

Neste ponto, Alfredo parou, e levou a mão á testa, cerrando os olhos.

— Que é? — perguntou Maria das Dores — está sentindo alguma cousa?

— Não! não é nada! — disse o pequeno, enxugando as lagrimas.

E' que, ao pronunciar o nome do pae, Alfredo lembrara-se da sua figura, tão nobre, tão sympathica, tão carinhosa, e sentiu que uma nuvem de pranto lhe toldava o olhar.

Passou-se esse dia, passou-se o segundo, passou-se o terceiro, sem que Juvencio apparecesse. Carlos ia á venda, á procura de noticias, e voltava sem ellas, apprehensivo e desanimado.

Uma idéa fixa o perseguia: "Quem sabe se aconteceu alguma desgraça? — pensava. — Quem sabe se o Juvencio se viu envolvido em algum barulho? quem sabe se está preso?..."

A CLAREIRA

Vejamos o que acontecera a Juvencio.

Tendo recebido os dez tostões, para levar a carta á villa de Riachinho, o rapaz puzera-se a caminho sem perda de tempo. Era uma hora da tarde, quando partiu; ás seis devia estar na villa. Em caminho, parou um pouco, por volta das trez horas, á procura de agua com que matasse a sêde. Não havia casas á vista: o lugar parecia inteiramente deserto. Mas, para um sertanejo como elle, isso não era motivo de desanimo.

Juvencio observou com attenção o local. A estrada seguia por um meio declive, e fazia uma grande volta, rodeando um mato, que lhe ficava para o lado de baixo, á esquerda do rumo que levava o rapaz. Do outro lado erguiam-se dois morros pelados. E Juvencio pensou: — “Se o caminho faz este rodeio é porque ahi dentro da mata existe algum obstaculo, que o obriga a desviar-se, e esse obstaculo é, com certeza, um rio, um correjo, que passa bem perto talvez”. Continuou a marcha, reparando bem para o lado esquerdo, e pouco depois descobriu uma batida que entrava para o mato; enveredou por ella, e, umas cincoenta braças adiante, estava á beira de

um ribeirão manso e profundo, de aguas frescas e puras na sombra quieta do arvoredor. Era agradável o sitio, principalmente para quem vinha esaldando sob o sol das trez horas da tarde; e Juvencio, depois de fartar a sêde e refrescar longamente as mãos, o rosto e os pés na agua da corrente, acompanhou-a um pouco, entretido a ver as piabinhas que surgiam aqui e allí, á tona da agua, e a mirar as raizes grossas e nodosas que, descendo a escarpa da ribanceira, iam até o fundo do ribeiro. Teria elle dado uns vinte passos, e deu com uma clareira, larga e limpa, cujo relvado o sol brunia e destacava no sombrio do bosque. Ahi, o terreno descia suave para a corrente; as aguas espraíavam-se, e via-se o fundo arenoso do correjo. Era um *passo*, era um ponto onde homens e animaes podiam facilmente atravessar a corrente. Mas o rapaz não tinha folga para fazer maiores explorações, e não pensou em transpor a agua; cortou a clareira no mesmo sentido em que vinha, e deu com um outro trilho que partia para cima, para fóra do mato, mas numa direcção quasi opposta. Tomou por elle, calculando que iria dar na estrada real; e de facto, minutos depois, estava de novo no caminho, que reconheceu perfeitamente por ver os morros pelados para o lado de cima. Succedeu com isto, apenas, que o rapaz veio sair uns trezentos metros adiante do ponto onde deixara o caminho, e atalhou assim uma boa distancia.

A's seis da tarde, estava Juvencio na villa do Riachinho, e não lhe foi difficil acertar com a casa do individuo a quem vinha destinada a carta. Era um negociante, juiz de paz da villa.

UMA BRIGA

Entregue a carta, Juvencio comprou um pão, jantou frugalmente, e, recolhendo-se sob um alpendre que havia na praça da Matriz, alli passou a noite.

Ao amanhecer, percorreu com descanso as duas ou trez ruas da villa, para matar o tempo, e ao meio-dia foi postar-se á porta da igreja á espera dos companheiros. Só se afastou d'ahi para jantar: jantou numa venda, alli perto, e, enquanto comia, não perdia de vista a igreja. Mas a espera foi baldada. Passou-se a tarde, passou-se a noite, e os companheiros não appareceram. Juvencio, aborrecido, andou passeando sem destino, e recolheu-se de novo ao alpendre, onde já passara uma noite.

— Que terá acontecido? — pensava. — Ter-se-ão elles perdido no caminho? talvez não... talvez a roupa não tenha ficado enxuta, e elles tenham adiado a viagem para amanhã.

A madrugada veio encontral-o já de pé. Não sabendo como matar o tempo, interessou-se pelo movimento das ruas. Assistiu á partida de uma tropa, e chegou a ajudar os tropeiros. Depois, foi até a porta de uma escola publica, e presenciou a

chegada dos alumnos, pobrementemente vestidos, mas limpos; levavam nas sacolas os livros e a merenda. Em seguida foi ao mercado da villa, onde os vendedores de hortaliças se reuniam. A's onze horas, postou-se de novo á porta da Matriz; as horas continuaram a correr, monotonas e tristes...

Sentado num poial, o rapaz começava a cochilar, quando ouviu uma grande gritaria. Uma pobre velha atravessava a praça, perseguida por alguns desoccupados, que a apupavam:

— Maluca! maluca!

A pobre velha nada dizia, e ia caminhando, offegante, com a cabeça baixa e os passos tropegos.

— Maluca! maluca! — berravam os garotos.

Um d'elles apanhou no chão uma pedra, e arrojou-a sobre a desgraçada. A pedra passou-lhe por cima da cabeça, e veio cair a poucos passos de Juvencio. O sertanejo, indignado contra a covardia dos perseguidores, levantou-se e tomou a defesa da velha.

— Que é que você tem com isto, *seu* atrevido? — perguntou-lhe desaforadamente um dos vadios, rapaz de dezeseis ou dezeseite annos. Juvencio mirou-o, e os seus olhos fuzilaram de raiva e desprezo:

— Você não se envergonha do que está fazendo?... que mal lhe fez esta pobre mulher?... Você é que é um malvado e um covarde!

O rapazola, que era forte e sacudido, avançou e atirou-se para Juvencio, disposto a soval-o. Juvencio esperou-o, e desviando rapidamente o corpo, recebeu-o com um sôco, que o atirou a quatro passos de distancia. O valentão voltou á

carga, meio tonto, e o sertanejo, agil como um gato, segurou-lhe a cintura, pelas costas; mas o malvado era forte, e os dois rolaram no chão, esmurrando-se. Nisto, acudiu gente da venda fronteira, em auxilio de Juvencio, e o vadio aggressor teve de fugir, para não soffrer maior castigo.

Ao meio-dia, Juvencio, com a roupa rasgada, estava outra vez sósinho á espera dos meninos. Sentia bastante ter estragado a roupa, que era a unica, mas ao mesmo tempo estava satisfeito por ter dado uma boa lição ao atrevido. A's trez horas da tarde, a sua preocupação augmentou: "Não! não era natural aquella demora! com certeza, alguma cousa tinha havido!..."

Quando anoiteceu, o sertanejo resolveu partir para o lugar em que havia deixado Carlos e Alfredo. Não podia mais supportar aquella incerteza. A noite devia ser de luar, e a viagem era curta...

LADRÃO!...

Reflectindo que certamente sentiria fome durante a caminhada, Juvencio foi comprar um pão. Mas, quando meteu a mão no bolso, não achou um só vintem: os cinco mil réis, que eram toda a sua fortuna, tinham desaparecido... Com certeza, tinham caído do bolso, durante a luta.

O rapaz, desanimado e quasi chorando, afrouxou os dedos, e ia deixando o pão sobre a tabua do balcão da venda.

— Que é — perguntou o vendeiro — perdeu o seu cobre?

— Perdi...

— Bem! leve o pão! não ha-de agora passar fome, além do desgosto de ter perdido o seu dinheiro! leve o pão, e traga o dinheiro amanhã.

Juvencio agradeceu a bondade d'aquelle homem, que nelle confiava sem o conhecer, e acceitou o favor. Esteve ainda algum tempo, ás apalpa-delas, procurando o dinheiro no chão da praça, mas não o encontrou. Resignou-se, e poz-se a caminho.

Seriam, mais ou menos, nove e meia da noite, quando, já no meio da estrada real, tendo andado

cerca de uma legua, o rapaz sertanejo ouviu atraz um tropel de cavallos, cujos cascos soavam alto sobre as pedras do caminho; e, d'ahi a pouco, foi alcançado por elles. Vinham dois homens montados; e, além dos cavallos que montavam, traziam mais dois, pela arreata. Quando avistaram Juvencio, saudaram-n'o, e perguntaram-lhe se tinha encontrado outros viajantes por alli.

— Não, — disse elle — não encontrei viva alma!

— E para onde vae a esta hora?

— Vou alli adiante, áquelle sitio, onde está a venda do Lima.

— Ah! tambem vamos para lá. Não quer montar um d'estes cavallos?

Juvencio acceitou com grande prazer a proposta. Apanhou o cabresto de um dos animaes, arranjou-lhe um barbicacho, quebrou um galho de arvore para empregal-o como chicote e de um salto equilibrou-se sobre o cavallo.

Caminharam algumas quinhentas braças sem novidade. Mas, na primeira encruzilhada, saíram-lhes ao encontro trez individuos, tambem montados. Saltaram ao chão, e foram empunhando as garruchas que traziam a tiracollo.

Mas os dois meliantes deram logo de redea para traz, e desapareceram a galope, fugindo. Dois dos recémchegados partiram a toda a brida, a perseguil-os: o outro atirou-se sobre Juvencio, agarrou-o, e jogou-o ao chão. Depois, apeou-se, e agarrou fortemente os braços do rapaz, de modo a tolher-lhe todos os movimentos. Ao mesmo tempo, dirigia-lhe injurias:

— Ah! ladrão! tão criança, e já ladrão! Tu não tiveste pae que te ensinasse o bom caminho, desgraçado?

O pobre Juvencio, aturdido com a queda, apenas vagamente comprehendia o que lhe acontecera... Via que caíra numa cilada: os dois sujeitos eram ladrões de cavallos; estavam com medo de ser apanhados, e queriam andar depressa: por isso, pediram-lhe que montasse um dos animaes...

— Eu não sou ladrão! — gritou o rapaz.

Ao longe, ouviam-se tiros de garrucha...

XXXVI

PRESO...

— Não sou ladrão! — continuava Juvencio.

— Deveras? — dizia o sujeito, com ironia.

— Juro que não sou ladrão! nem conheço aquelles homens! Nem sou d'aqui!

¶ Ouviu-se um tropel de cavallo, e reappareceram os dois cavalleiros, que tinham partido em perseguição dos ladrões.

— Os salteadores fugiram; internaram-se pelo mato! — gritou um d'elles, ainda de longe.

— E que é do cavallo, que elles levavam pelo cabestro? — perguntou o que ficara com Juvencio.

— Disparou, e não o vimos mais.

— Bem! enfim, sempre apanhámos um dos patifes, e o coronel ha-de ficar contente!

Juvencio estremeceu, ouvindo isso. Sabia bem quanto é terrivel, ás vezes, a gente do sertão; voltando-se para o homem que acabava de falar, — um sujeito gordo, barbado, já meio idoso, — disse com voz firme:

— Juro ainda uma vez que não sou ladrão, e que não conheço aquelles homens!

— Sim? E então como se explica que o tenha-

mos encontrado com elles, montando um cavallo roubado?

Juvencio contou toda a historia do seu encontro com os ladrões.

— Ora! deixe-se de historias! — acudiu o homem. — Você vae seguir comnosco, e lá na fazenda se explicará!

Seguiram, — os dois a cavallo, e Juvencio a pé, entre elles, vigiado, — pela mesma estrada por onde tinham apparecido.

Correram, durante cerca de hora e meia, e chegaram á fazenda do coronel.

O coronel estava dormindo, mas foi chamado, e levantou-se logo. Juvencio, ainda com as mãos atadas, foi levado a sua presença, — e um dos sujeitos, o mais velho, começou a relatar o que succedera.

O fazendeiro, ouvindo-o, não tirava os olhos de sobre o rapaz, — uns olhos duros, pardos, frios, sombreados por espessas sobranceiras. Juvencio, olhando-o, tambem, tremia de medo: aquelle homem tinha na face uma expressão de maldade feroz... Era um velho sertanejo, queimado do sol, — cabellos grisalhos, duros e maltratados, uma barba rala e desigual, pelle enrugada como um couro franzido.

O homem concluia o seu relatorio:

— Os ladrões eram trez. Infelizmente, só pudemos apanhar este...

— Sim! — rugiu o patrão. — E os cavallos? Nem os cavallos, nem os ladrões! E é assim que vocês sabem cumprir as minhas ordens e cuidar dos meus interesses? Vocês são tão bons como elles!

— Fizemos o possível! e um dos ladrões está ferido... fiz fogo sobre elle, e ouvi um gemido. Fique tranquillo; havemos de apanhal-os! E este pequeno, que é filho ou não sei que de um d'elles, ha-de dizer-nos onde os poderemos achar!

— Como não? — bradou o coronel — ha-de dizer tudo! Diga já!

Juvencio exclamou ainda, com toda a sua força de alma:

— Nada posso dizer, porque nada sei! Não sei quem são aquelles homens!

— Bem! veremos! ficará preso, num quarto escuro, e amanhã ha-de confessar. E será espancado, até confessar!

Juvencio foi levado a um pequeno quarto, ao fundo da casa, junto da cozinha.

Ficando só, pôz-se a pensar na sorte que o esperava: ser espancado todos os dias, até que se decidisse a confessar... A confessar o que? um crime que não praticara?! Que ia ser d'elle, alli, desamparado, sem uma só pessoa que lhe valesse? Que fazer? Dizer quem era, e pedir que mandassem tirar informações, a seu respeito, na sua terra? Mas o padrasto ficaria conhecendo o seu paradeiro, e viria buscá-lo: e seria, de novo, o captivo, a tortura, a desgraça...

O rapaz tanto pensou, que, de repente, uma ideia, vaga e indefinida a principio, e precisando-se e accentuando-se pouco a pouco, começou a formar-se no seu cerebro.

Juvencio concentrou-se, reflectiu, e não conteve um grito de triumpho: tinha achado o meio de salvar-se!

QUEM NÃO PODE, TRAPACEIA

Ía alto o dia, quando entrou no quarto um dos criados, trazendo um pequeno pedaço de carne, um pouco de farinha, e uma banana; — já Juvencio estava completamente transformado, calmo, e quasi alegre. Espantou-se o criado, ao verificar aquella mudança, e ia abrir a bocca para interrogar o rapaz, quando este lhe disse, no tom mais natural:

— Ouça! diga ao seu patrão que estou disposto a confessar tudo. Elle que venha cá, se quer saber onde estão os seus cavallos.

— Mas, menino! — exclamou o homem, indignado — você ainda agora não jurava que era innocente?!

Doeu-se Juvencio, vendo-se assim tratado por mentiroso e hypocrita: esteve para contar o que pretendia fazer — todo o seu plano de salvação. Mas receou perder-se, e supportou com resignação a immerecida offensa.

Momentos depois, entrava no quarto o coronel, sempre aspero e antipathico, mas com a physionomia denotando a mais viva curiosidade.

— Ah! velhaco! sempre te decidiste a confessar? Ora vamos a isso! Então, os meus cavallos?

— Sr. coronel! — começou o rapaz, procurando dar á voz um tom natural — confessarei; mas peço-lhe que me proteja, porque aquelles malvados, se sabem que eu os traí, são capazes de matar-me...

— Não tenhas medo!

— Não sou filho de algum d'aquelles homens...

O coronel franziu a testa...

— ...Sou sobrinho de um d'elles.

E estavas em companhia d'elles, quando me furtaram os cavallos?

— Não, senhor. Eu estava guardando outros dois cavallos, perto do Angico, e esperando um outro companheiro, que tinha ido a Villa-Nova.

Já se interessava o coronel...

Juvencio proseguiu:

— Nós somos de Pernambuco. Já andámos por aqui trez vezes. Elles são quatro...

— São quatro? — interrogou, ancioso, o fazendeiro.

Juvencio, obedecendo ao plano que formara, continuou a contar o seu romance, todo inventado:

— São quatro. Quando aqui estiveram, das outras vezes, furtaram seis cavallos, passaram o rio São Francisco, abaixo de Joazeiro, e foram vender os animaes em Pernambuco, lá para os lados do Triumpho. Agora, naturalmente, vão fazer o mesmo. Andámos por estas bandas ha uns dez dias...

E descreveu minuciosamente a viagem, de Joazeiro até alli, para provar que dizia a verdade. Depois:

— Chegando aqui, trataram de saber quaes os animaes que poderiam furtar. O primeiro animal

furtado foi uma besta muito boa, que encontraram no Angico. Sairam com ella, mas a besta fugiu. Seguiram então dois, o Pedroso e o Texugo, para os lados de Villa-Nova. Viram bem o que podiam roubar ahi, e voltaram para combinar com os outros o ponto de encontro.

“Emquanto esses andavam por lá, meu tio e o Zé-Mano escolheram no mato um lugar em que pudessem armar um rancho; o lugar escolhido fica legua e meia para cá do Angico, junto do caminho que vae do Riachinho para o Angico e segue depois para o Joazeiro.

Ao dizer isto, Juvencio não falava no ar; referia-se ao caminho por onde viera, e descrevia lugares que bem conhecia. Lembrava-se d'aquelle mato em que entrara, havia dois dias, para beber, e via na memoria todo o local: a grande volta do caminho, o trilhozinho por onde viera até o ribeirão, o *passo* que ahi havia, a clareira, e o outro trilho por onde saira até a estrada.

— E você não foi com elles? — perguntou o fazendeiro.

— D'esta vez fui. Depois de escolhido o lugar para o rancho, voltaram para o Angico, e lá esperaram os outros que tinham ido a Villa-Nova. Chegaram no dia seguinte, trazendo dois cavallos: um é o que está aqui, e o outro é um “ruço”, em que meu tio ia montado. Meu tio, que é o chefe do bando, indicou-lhes bem o lugar em que tinha feito o rancho; separámo-nos, ante-hontem, pela madrugada. Meu tio e o Zé-Mano vieram furta os animaes d'aqui, enquanto o Pedroso e o Texugo foram ver se furtavam mais alguns adiante de Villa-Nova.

— E você?

— Fiquei, com os dois cavallos já furtados, em uma capoeira alta, que ha perto do Riachinho. Meu tio e o Zé-Mano foram ter commigo na noite de ante-hontem para hontem. E iamos recolher os animaes ao rancho, quando fomos apanhados na estrada...

XXXVIII

UM PLANO

— Ah! — exclamou o coronel, interrompendo o rapaz sertanejo — então, não será difficil encontral-os reunidos no tal rancho!

Juvencio pensou, comsigo mesmo: “Caíu no laço!...” E disse em voz alta:

— Creio que é quasi certo! pode pegal-os hoje mesmo!

— Bem! — disse o fazendeiro. — Já sei o que vou fazer! vou mandar reunir uns doze homens decididos, — e você irá com elles, para lhes indicar o lugar.

— Mas, — exclamou o rapaz, fingindo-se aterrado — assegure-me a vida, por quem é! Estou prompto a ensinar o caminho, e a fazer tudo para que possa deitar a mão não só aos cavallo, mas tambem aos ladrões... Mas não me deixe desamparado, que elles são homens vingativos e ranco rosos, e, se me pegam, estou morto!

— Não tenhas medo! vaes com a minha gente, e voltas com ella!

E gritou:

— Felipe!

Chegou immediatamente Felipe, a quem o coronel ordenou:

— Toma conta d'este pequeno! és responsavel por elle.

E saiu.

Ficando só com Juvencio, Felipe olhou-o com certa desconfiança e resentimento. Isso mortificou de novo o rapaz, que lhe perguntou, com voz triste:

— Tem filhos?

— Porque é que você me pergunta isso? Tinha um, que está no céu, ha doze annos; e, antes assim! antes morto do que vivo e ladrão de cavallos!

Juvencio continuou:

— Ouça, Felipe! tem sido bondoso commigo, e doe-me muito que me julgue ladrão. Pelo amor que teve ao seu filho, creia que sou innocente! Ainda um dia ha-de saber que nunca fui ladrão!

— Sim? — perguntou Felipe, incredulo — e que quer dizer o que você contou ao patrão?

— Estou buscando o meio de salvar-me. Que importa o meio que emprego, se com isso não faço mal a alguém? O que lhe peço, por tudo quanto possa haver de sagrado para o seu coração, é que não diga que menti ao coronel. Deixe-me ver se consigo sair d'esta afflicção!

— Fique tranquillo! não sou homem capaz de fazer mal aos outros!

— Outra cousa! — accrescentou Juvencio — peço-lhe que não vá, hoje, com os que vão fazer a diligencia...

— Que diligencia?

— A diligencia dos que vão hoje partir á caça dos ladrões.

— Ah! nunca faço parte d'essas expedições: sou criado particular do coronel, e nunca saio de casa.

Juvencio almoçou, e dormiu, á farta, até duas horas da tarde. Quando acordou, aproximou-se da janella gradeada do quarto, e viu que havia no terreiro um grande movimento de gente a quem o coronel dava ordens. Compreendeu que já se estava organizando a expedição. Veio sentar-se sobre o banco, e começou a reflectir, assentando bem o seu plano, combinando bem os recursos de que podia lançar mão.

D'ahi a pouco entrava o fazendeiro:

— Está tudo prompto! você jantará, e partirá immediatamente com os meus homens. São doze: quatro irão a cavallo, e os outros a pé; você irá na anca de um dos cavallos. A que distancia fica o tal rancho?

— A trez leguas mais ou menos.

— Então, é preciso não perder tempo. Saindo d'aqui ás trez e meia, podem estar lá ás seis horas. Chegam, param a pequena distancia, esperam que anoiteça, dão cerco, e apanham a canalha. Mas veja bem! tome tento no que lhe digo! Não procure fugir, não arme uma traição, não me queira enganar, porque, se o fizer, está perdido!

A EXPEDIÇÃO

Juvencio jantou, e foi confiado a Venancio, — o mais velho dos homens que o tinham trazido á fazenda.

Montaram, e dispuzeram-se a partir, ouvindo as ultimas recommendações do coronel:

— Sigam sempre pela mesma estrada, por onde vieram com esse pequeno, até a encruzilhada, e tomem depois a estrada do Angico. D'ahi por diante, o pequeno ha-de indicar-lhes o caminho, até o rancho. Mas tomem cuidado com elle: não o percam de vista!

Partiram. A's quatro horas e meia, chegaram á encruzilhada. Juvencio ia á garupa do cavallo que o Venancio montava.

Tomaram a estrada do Angico. Quando Juvencio viu que tinham chegado perto do lugar que indicara, no ponto em que começava a avistar os dous morros pelados, disse a Venancio que era bom suspender a marcha.

Pararam todos. Eram quasi seis horas da tarde, mas ainda havia muita luz. Afastaram-se um pouco do caminho, e abrigaram-se por traz de um grupo de arvores, um pouco antes do mato grande.

Ficaram ahi até quasi as sete horas. Ainda não era bem noite fechada, e o céu estava limpo, mostrando já duas ou trez estrellas, que apenas luziam; a lua só devia sair lá para as oito e meia.

— Podemos seguir! — disse Juvencio.

Tocaram os animaes, e tomaram o caminho; agora, Juvencio seguia a pé, e marchava, fingindo uma grande attenção, afiando o olhar para um e outro lado. Ficaram todos silenciosos, e, aproximando-se do mato fechado, disse Juvencio, ensurdecendo a voz:

— E' aqui dentro, um pouco para baixo. Assim que elles chegam aqui (e o rapaz apontava para um trilhozinho que mal se via na luz escassa do crepusculo), descem dos cavallo, e entram por esta batida, que vae dar numa abertura, junto do ribeirão que passa dentro do mato; atravessam o ribeirão, num *passo* que fica mesmo ahi, e estão no rancho, que é logo ao pé, um pouco para a direita do *passo*. Os animaes ficam amarrados numa aberta maior, que ha um pouco para lá do rancho...

Então, começou Venancio a dar ordens:

— Bem! Chico, você fica aqui fora com os cavallo; o melhor, até, é ir com elles para aquelle capãozinho onde estavam, e esperar-nos lá. Os outros vêm commigo, cada um com a sua garrucha prompta.

Dizendo isto, Venancio empunhou logo uma pistola que trazia, e enveredou pelo cerrado, guiado por Juvencio. Na sombra da mata a noite era completa.

— Se pudesse accender uma lanterna!... mas é arriscado; podem ver-nos e fazer pontaria

na luz — considerou baixinho o commandante da expedição.

— Não é preciso, — ajuntou Juvencio — sei o caminho: é só tomarmos para baixo, e iremos dar no ribeirão.

E lá seguiram, tacteando, mudos e cautelosos. Uns quinze minutos depois, reconheciam os da frente, pela natureza do terreno e pelo murmurio da agua, que estavam á beira do correjo.

— Vamos seguindo o ribeirão para a esquerda, até encontrar a clareira — aconselhou o sertanejo.

Na margem do ribeiro, o chão era quasi limpo de folhagens, e os homens caminhavam com maior facilidade. Logo adiante, sentiram o terreno coberto de relva; estavam na clareira.

COMO SE EMBRULHA UM SABIDO

— E' aqui! — murmurou Juvencio com solenidade.

Pararam todos, e chegaram-se uns para os outros, formando um feixe de homens. Venancio falava baixinho, ao ouvido, quasi, dos seus homens:

— Vocês trez, Zê-Pedro, Januario e João-Fazenda, ficam aqui, e, pelo sim, pelo não, guardam este laço e esta lanterna. Fõice numa mão, e garrucha na outra! E nós, vamos atravessar a agua, — disse para os outros.

— Acho bom tirarmos as calças, porque o *passo* é meio fundo: dá agua até a cintura quasi — aconselhou Juvencio.

— Sim! — concordou Venancio, e foi logo, como os outros, safando as calças e atando-as á cintura: mas ainda não tinham acabado este preprativo, e já o rapaz entrava na agua:

— Espera! — murmurou, aspero, Venancio.

— Sim! — acudiu a voz apagada de Juvencio.

Disse — sim — mas continuou. A treva era completa. A sombra espessa do arvoredado, a noite negra, sobre a superficie tremula da corrente, tornavam

impossível distinguir-se qualquer cousa. Venancio, seguido de perto pelos seus homens, dirigiu-se logo para o *passo*, e avançou com o braço estendido, tacteando, á procura do rapaz. Este, porém, não o esperara; entrara na agua até o meio da passagem, e, em vez de buscar a outra margem, tomou pelo leito do ribeirão; a agua chegava-lhe até o peito. Deu vinte passos, e, voltando-se para a margem de onde viera, agarrou-se á primeira raiz que encontrou, e ganhou a terra firme outra vez.

Estava Juvencio desembaraçado dos seus terribes guardas, mas ainda não se sentia livre; queria ver-se na estrada. Nisto, ouviu um sussurro de falas; percebeu a voz rude de Venancio, que o chamava baixinho, já meio impaciente.

“Preciso safar-me”, pensou o rapaz: “podia trepar a uma d’estas arvores e passar ali a noite, que elles não seriam capazes de descobrir-me, e, com a luz da manhã, sair d’aqui; mas, se ficam tambem?... Amanhã dão commigo... Nada! o melhor é tirar-me d’aqui; desde que vá, procurando sempre o rumo de cima e da direita, hei-de chegar á estrada. Elles hão de buscar á esquerda, porque entraram por lá...”

Juvencio reflectia estas cousas, mas já estava andando, sôfrego. Tropeçava, enrolava-se nos cipós, emmaranhava-se nas ramas, caía, levantava-se, tacteava, seguindo sempre para cima.

— Juvencio! — bramiu a voz colerica de Venancio. — Vem já para aqui, ou varo-te com uma bala!!!

Esta exclamação foi um novo incentivo para o rapaz, que, no seu afan, já não tomava precauções contra os tropeços do mato. Um ramo pegou-lhe em cheio a cabeça, arrancou-lhe o chapéo e magoou-o profundamente. Mas não se deteve; tirou o paletó, enrolou-o á cabeça, ao modo dos pretos africanos, e proseguiu para cima.

Ao fim de vinte minutos, estava na estrada.

LIVRE!

Era já noite fechada; mas a lua ainda não despontára. Havia, apenas, a claridade dos milhões das estrellas, em um céu limpido e profundo. Juvencio pôde divisar bem o vulto dos dois morros pelados, ao outro lado do caminho; e, sem demora, orientou-se, tomando a direcção do Angico. Vestiu as calças, que ainda trazia á cintura, e partiu. Ia tremulo, de susto e de fadiga, mas era todo attenção; não caminhava, voava.

Antes de meia hora de marcha, ouviu, atraz de si, um tropel; parou e agachou-se na sombra de uns arbustos espessos, á beira da estrada. Era um cavalleiro, a galope curto, e seguido de perto por um homem a pé, arquejante, a correr para acompanhar a montada. Falavam, mas Juvencio não percebeu o que diziam. Passaram; e o rapaz, por precaução, deixou-se ficar ainda um pouco alli, a ver se vinha mais alguém. Ao cabo de uns dez minutos, sussurraram vozes, que vinham do mesmo lado; Juvencio desceu o rosto até o chão, olhou na direcção das vozes, e pôde lobrigar, assim, dois vultos de homens. Aguçou então o ouvido:

— “... dizer ao senhor coronel... amanhã... Zé-Pedro...” — diziam as vozes, que se aproximavam, tornando-se de todo distintas:

— “Zé-Pedro e Barroso foram para os lados do Joá, para tirar indagações; e nós vamos para o Angico, porque sou de lá; minha mãe mora lá, e tenho lá o meu padrinho, o Bento-Função. Se o ladrãozinho partiu para alli, nós o apanharemos. Basta que elle passe por lá, para que se tenha noticia...”

Juvencio comprehendeu que era d'elle que falavam os homens; e apurou mais o ouvido, arrastando-se, agachado, por entre as moitas, para apanhar mais alguma cousa:

— “D'aqui a duas horas estaremos no arraial; iremos á casa de minha mãe, e bem cedo teremos noticias.”

Então, Juvencio não quiz ouvir mais; deixou que os dois homens tomassem a dianteira, e seguiu-os a uma certa distancia, avistando-os de longe em longe. Chegado ao arraial, viu que seguiam na direcção da venda, e tomou para a casa das lavadeiras, a ver se estas lhe poderiam dar noticias de Alfredo e de Carlos.

Bateu, e foram grandes a surpresa e o espanto de todos, quando o viram entrar, offegante, pallido.

— Dá-lhe um pouquinho de agua! — acudiu o dono da casa.

E era preciso: Juvencio estava quasi a desmaiar: fraqueza, susto, alegria, cansaço, dores... Passou o pasmo do primeiro momento, e elle contou a historia toda; terminou, repetindo o que

ouvira aos dois sujeitos: que viriam procural-o no Angico.

— E' o Thomaz, da comadre Josepha! — exclamou o dono da casa. — Ah! então, nada ha; tudo arranja-se; o rapaz é meu afillhado de baptismo: eu sou o Bento-Função; você não sabia... Bem, vamos dormir, vamos dormir... Maria das Dores! vae preparar-lhe uma rede!

— E não tem fome? — interveio a velha.

— Não; só tenho cansaço; estou caindo...

— Bem, vá dormir!

A DESPEDIDA

Cedo, Juvencio acordou, com o ruido de uma conversa. Saltou da rede, para cair nos braços de Carlos e Alfredo, que já o esperavam anciosos. Ao pé da rede, estava o dono da casa, ao lado de um pardo, bem moço ainda, de pelle acaboclada, cabellos anelados, olhos risonhos.

— Está aqui o ladrão de cavallos! — disse sorrindo Bento Função, dizendo ao afilhado, e apontando Juvencio.

Thomaz — pois não era outro — sorriu tambem.

— Bem, — continuou o dono da casa, — você já sabe que não ha aqui algum ladrão... Pobres crianças!... E vou fazel-os partir sem demora. De qualquer modo, é preciso que o coronel não saiba que o rapaz esteve aqui; é um homem birrento e rancoroso, e não quero historias com elle. Você, Thomaz, vá para onde está o seu companheiro, e diga-lhe que nada pôde saber; e finja fazer indagações para os lados do Joá, porque sigo com os rapazes para outro lado; vou com elles ao sitio do mano Tiburcio, lá arranjo cavallos para os trez, e hoje mesmo podem partir para

Jaguary. Amanhã deve haver trem; escreverei uma carta ao meu compadre Martinho, da padaria, e elle receberá os meninos. Pode mesmo arranjar passagem para os pobrezinhos; o meu compadre dá-se bem com os homens da estrada de ferro, e tem muito bom coração.

Foi uma despedida rapida. Alfredo abraçou com ternura a boa velha, que ainda lhe guardou nos bolsos dois ovos cozidos e umas pipocas de milho; abraçou e beijou com effusão a sua carinhosa enfermeira, Maria das Dores, que já não trazia na physionomia a alegria de sempre. Os olhos, negros e puros, contemplavam tristes o menino, e iam de quando em quando procurar os olhos de Carlos, cujo rosto meigo e pesaroso tinha agora um tom de penetrante saudade. Juvencio abraçou a todos; e Carlos, tendo beijado com amoroso respeito a mão da velha, caminhou para a rapariga, quieta e pallida, e abraçou-a silenciosamente. A boa velha viu então rolar uma lagrima nos olhos da filha. . .

UMA OFFICINA

No sitio de Tiburcio, separaram-se os trez de Bento-Função, que lhes entregou a prometida carta para o compadre Martinho. Partiram a cavallo. Mas em Jaguary uma nova decepção os esperava: Martinho estava viajando havia dois dias, e não devia voltar senão d'ahi a mais de uma semana. E não havia quem o representasse e pudesse attender aos rapazes...

— Que fazer? — perguntou Juvencio. — Voltar?

— Isso não! — respondeu logo Carlos. — D'aqui, só para diante, e haja o que houver!

Deixaram os cavallos na casa de Martinho, e começaram a andar, tristes e apprehensivos.

Juvencio, que, com a sua providencia, não deixava de pensar em tudo, reflectia. De repente, falou:

— Se eu arranjasse aqui o meio de ganhar qualquer dinheiro, trabalhando, estaríamos salvos. Poderíamos ficar uns dois ou trez dias; e não seria inutil esse descanso, depois dos trabalhos e das commoções que tivemos...

— Arranjar trabalho? ahi está o que nem sempre é facil... — disse Carlos.

Nesse momento, passavam diante de uma officina de ferreiro. Lá dentro era grande a actividade. Via-se flammejar o fogo, e ouviam-se choques violentos e repetidos de metaes. Juvencio murmurou:

— Tenho uma ideia... Vou perguntar alli se precisam de um ajudante. Se disserem que não, paciencia!

Entraram. O ferreiro, batendo com o malho uma peça de ferro incandescente, que o aprendiz apoiava sobre a bigorna com uma tenaz, não pareceu dar pela entrada dos trez viajantes.

— Desculpe-me, se o interrompo — disse Juvencio, — o senhor não terá por agora necessidade de um ajudante?

O ferreiro interrompeu o trabalho, pousou o martelo sobre o cepo da bigorna, e disse:

— Se tenho! justamente adoeceu hoje o rapaz que tratava do folle, e estou atrápalhado com um trabalho urgente. Você conhece alguém que me possa servir, rapaz?

— Conheço, sim, senhor!

— E quem é?

— Sou eu.

O homem examinou-o com attenção, e não pareceu ficar muito satisfeito com a sua pouca idade:

— Você?

— Sim, Senhor! não sou muito desenvolvido, mas sou forte, e trabalho bem. Além d'isso, conheço esse trabalho, porque já fui aprendiz de ferreiro.

— Homem! — disse o ferreiro, hesitando — você nessa idade não pode prestar grandes ser-

viços... Depois, vocês todos, quando se querem empregar, pedem tanto dinheiro...

— Eu não! — acudiu Juvencio — olhe! não faço questão de salario. Deixe que durmamos aqui, eu e os meus companheiros; comeremos um pouco do que houver, e, se o senhor, no fim da tarefa, ficar satisfeito commigo, poderá dar-me o que quizer...

— Lá quanto á dormida e comida, estamos entendidos. Não faltam por ahi cantos onde vocês se deitem; e comida, graças a Deus, nunca faltou nesta casa... Vá lá! acceito os seus serviços; e, se você fôr tão trabalhador quanto é “despachado”, sempre ha-de ganhar algum cobre... Mas é bom ficar bem entendido que só o emprego emquanto o outro rapaz estiver doente.

— Não ha duvida! Nós temos necessidade de continuar a nossa viagem, e não tencionamos demorar-nos...

Juvencio foi logo pôr o avental, e começou a trabalhar, com grande divertimento de Alfredo, que achava em tudo aquillo mais uma novidade para sua distracção.

O rapaz sertanejo tomou conta do fogo da forja, e do grande folle, que era movido por uma grossa corda; ora deitava carvão no braseiro, ora puxava a corda: o folle abria-se e fechava-se, expellindo ar para o montão de brasas, e activando as chamas, a que o ferreiro expunha as peças de ferro, até que ficassem incandescentes e promptas para o trabalho.

Carlos, deixando os dois companheiros na officina, foi dar uma volta pela villa. Alfredo não

quize sair; preferiu ficar alli, admirando a labuta dos ferreiros.

O patrão, ajudado pelo aprendiz, trazia as peças ao fogo, e ia depois batel-as sobre a bigorna. Um outro operario, nos fundos da officina, estava ferrando um cavallo, pregando-lhe nos cascos as ferraduras novas, que alli tinham sido feitas. Um terceiro, com o auxilio de uma grossa lima de aço, estava polindo eixos de carroças.

Alfredo corria, encantado, toda a officina, examinando os objectos que se enfileiravam, encostados á parede: instrumentos, eixos de carros, montes de pregos, argolas de ferro, grades. Havia tambem chaves e fechaduras, porque a officina era, ao mesmo tempo, uma officina de ferreiro e de serralheiro. Alfredo sentia apenas que Juvenio não pudesse prestar-lhe attenção, para lhe explicar a utilidade de todas aquellas cousas...

Mas o sertanejo não tinha mãos a medir: trabalhava deveras. A forja chammejava. O folle movia-se, com um ronco surdo. E enchia-se a officina de um barulho metallico e estridente, que ia ecoar longe, animando todo o lugarejo...

UM ANNUNCIO

Carlos saíra, sem destino, para se distrahir. Deu duas ou trez voltas, e parou na venda da villa, — estabelecimento que era ao mesmo tempo armarinho, hospedaria e armazem de viveres.

A' porta, um pequeno tomava conta de alguns cavallos arreados. Sentado no poial da entrada, um preto velho fumava cachimbo. De lá de dentro vinham vozes de pessoas que conversavam e riam. Carlos entrou para pedir um pouco de agua.

Trez viajantes, aos quaes pertenciam, de certo, os cavallos que estavam á porta, jantavam em torno de uma mesa, ao fundo da venda. Tinham deixado sobre o balcão os chapéos, os rebenques e outros objectos de uso.

Bebendo a agua, Carlos reparou que, entre esses objectos, havia um maço de jornaes dobrados e atados com um barbante, -- e reconheceu logo que eram jornaes da Bahia. Immediatamente, surgiu-lhe no cerebro uma ideia: aquelles jornaes trariam, talvez, noticias que o interessariam... Reflectindo melhor, não pôde deixar de sorrir d'essa ideia: agora, que o pae estava morto, que poderia haver de interessante em tal leitura?

Mas, apesar d'essa reflexão desconsoada, a ideia voltou a martelar-lhe o cerebro. Não se conteve mais, e perguntou ao proprietario da venda:

— Faça-me um favor: pode dizer-me a quem pertencem aquelles jornaes?

— São de um d'aquelles viajantes que alli estão jantando.

O menino ainda hesitou. Mas o desejo de ler os jornaes foi mais forte do que o acanhamento; e dirigindo-se aos homens que jantavam, Carlos perguntou-lhes se lhe permittiam passar os olhos pelas folhas...

— Que é que você quer ver nos jornaes, menino? — perguntou um dos sujeitos.

— Tenho parentes na Bahia, e como não vou lá ha muito tempo...

— Pois, leia lá as folhas, comtanto que não as estrague, e torne a dobral-as com cuidado.

O menino sentou-se, perto da porta, sobre um caixão, e começou a desdobrar e a percorrer com a vista os jornaes. Nos dois primeiros, que abriu, nada encontrou. Mas no terceiro, logo na primeira pagina, achou algumas linhas que o perturbaram, fazendo-o empallidecer de commoção.

Era um aviso da redacção, com o titulo: "Meninos desaparecidos".

Dizia: "Pedem-nos que chamemos a attenção dos nossos leitores e das autoridades d'este Estado e dos Estados vizinhos para o annuncio que publicamos, na secção competente, sobre o desaparecimento de dois meninos, alumnos de um collegio do Recife".

Carlos procurou ansiosamente a secção dos annuncios, e encontrou logo aquelle que buscava, e vinha encimado pelo mesmo titulo da noticia: "De um collegio do Recife desappareceram ha dias dois alumnos, Carlos e Alfredo, o primeiro de 15 annos de idade, e o segundo de 10, filhos do engenheiro Dr. Menezes. Dar-se-á uma boa recompensa a quem os apresentar, ou a quem d'elles der noticias seguras, ao Sr. Ignacio Mendes, negociante, á rua... n.º..., nesta cidade da Bahia".

O menino abençoou o presentimento que tivera ao avistar o maço de jornaes sobre o balcão; tomou nota da rua indicada no annuncio e do nome do negociante, e, depois de dobrar com cuidado as folhas e de agradecer aos viajantes, saiu apressadamente, para communicar a noticia a Alfredo e a Juvencio.

Na officina cessara o trabalho. Era hora do jantar. Quando Carlos entrou, já estava preparada a refeição, frugal mas boa, a que o ferreiro, os seus ajudantes, e os trez meninos souberam fazer honra. O ferreiro estava satisfeito com o trabalho de Juvencio, e conversava com animação. Juvencio e Alfredo notavam que Carlos estava visivelmente preocupado: e observavam que o seu ar era mais de alegria do que de tristeza.

Terminado o jantar, Carlos chamou de parte o sertanejo e o irmão, e deu-lhes parte do que acabava de ler no jornal da Bahia. Alfredo começou logo a saltar de contente. Mas o irmão mais velho ainda não via o horizonte cor de rosa...

— Tudo está muito bom, mas ainda não sei como havemos de chegar até a Bahia...

— Ora! como havemos de chegar á Bahia! —
exclamou Juvencio — como chegámos até aqui!
Nestes dois dias de trabalho, sempre hei-de ga-
nhar alguma cousa, e poderemos caminhar até
Villa-Nova. D'ahi por diante, veremos! Deixe
estar, que não havemos de morrer á fome!

NUM VALLO

O dia, seguinte ao da leitura dos jornaes, passou-se sem novidade. A' tarde, appareceu na officina o aprendiz que tinha enfermado; vinha bom, e prompto para recommençar a trabalhar no outro dia. Carlos chegou a estimar a occurrencia, porque todo o seu desejo, agora, era partir o mais depressa possivel para a Bahia. O ferreiro, que era bom homem, deu a Juvencio dois mil réis, com que este, antes de se deitar, comprou alguns viveres, carne e pão, para a viagem. Dormiram e, ao romper da manhã, puzeram-se a caminho. Os meninos carregavam a matalotagem, e Juvencio uma cabaça cheia de agua.

Emquanto marchavam, iam conversando sobre a grande novidade que os preocupava. Quem seria aquelle negociante da Bahia? — que interesse teria elle em conhecer o paradeiro dos dois? qual seria o intuito do annuncio?

— Só pode ser bom! — disse Juvencio. — Os senhores não têm parentes na Bahia?

— Não. E' verdade que meu pae devia ter por lá alguns conhecidos... — disse Carlos. — Os unicos parentes que temos estão no Rio Grande do Sul.

— Bom. Mas esses parentes já devem ter recebido a noticia da morte de seu pae; talvez o negociante da Bahia seja amigo d'elles.

— Talvez. Em todo o caso, tiraremos a cousa a limpo, quando lá chegarmos.

Alfredo que ia um pouco adiante, parou de subito, e inclinou a cabeça, como prestando attenção a um ruido.

— Que é? — perguntou-lhe o irmão.

— Psiu! — recommendou o menino.

E continuou a prestar attenção, voltando-se ora para um, ora para outro lado.

Os outros aproximaram-se.

— Que é? — repetiu Carlos.

— Estou ouvindo qualquer cousa como um gemido... Ouçam...

Carlos e Juvencio afiaram o ouvido. Havia, de facto, alguma cousa. Era um como lamento longinquo...

— E' voz humana! — murmurou Carlos.

— E vem d'alli, de dentro do mato, á esquerda... — accrescentou Juvencio.

Seguiram, nessa direcção. Os gemidos accentuavam-se. Chegaram a um vallo, cavado no mato, perto do caminho; reconheceram que era effectivamente d'alli que partia a voz. Debruçaram-se, e viram lá em baixo um vulto estirado sobre os galhos secos. Era um velho.

— Está morto, coitado! — exclamou Alfredo.

— Qual morto! — disse Juvencio — vosmecê já ouviu um morto gemer? Está vivo, e devemos soccorrel-o!

— Está claro! — affirmaram ao mesmo tempo os dois irmãos.

— O que eu não sei é como havemos de tiral-o d'alli! Vejamos se elle é capaz de nos ouvir.

E falou alto:

— Que é isso, camarada? Que tem?

— Soccorro! acudam-me! — gemeu a voz lá em baixo.

Era uma voz tão fraca, tão abafada, que parecia a de um moribundo.

— Vamos tratar de ajudal-o! espere um pouco!

Os trez rapazes, debruçados sobre o vallo, viram então mover-se vagarosamente, entre gemidos, a face do velho. As suas longas barbas brancas estavam ensanguentadas...

Não longe do lugar, ouviu-se logo um relincho prolongado. Entre as arvores, viram os rapazes um cavallo, que pastava tranquillamente.

— Que mysterio será este? — disse Juvencio.

— Agua... tenho... sêde... — sussurrou a voz do velho...

— Vou descer! — resolveu o sertanejo.

Apertou bem a corda que lhe atava ás costas a cabaça, e deixou-se cair, com cautela, pelo declive, agarrando-se ás plantas, apoiando os pés nos troncos secos. Em poucos segundos estava perto do homem e reconheceu que elle estava gravemente ferido. Levantou-lhe a cabeça, encostou-lhe á bocca o gargalo da cabaça, e quando o viu saciado, refrescou-lhe a cabeça e a face com um pouco de agua. O velho, reanimado, pôde então, em phrases entrecortadas, explicar mais ou menos o que lhe acontecera.

Caíra do cavallo, rolara alli, e sentia bem que ia morrer...

— Quem é o senhor? — perguntou Juvencio.

— Chamo-me Ricardo. Moro aqui perto, na villa de Jaguary... Tenho lá a minha familia...

— O cavallo que está lá em cima é seu?

— Deve... ser...

— Bem! tenha paciencia, que vou num instante á villa buscar soccorros...

E gritou para cima:

— *Seu* Carlos!

— Hein!

— Veja se pode descer! desça com cuidado! preciso do senhor aqui...

— De mim tambem? — perguntou Alfredo.

— Não! espere por mim...

Carlos desceu, sem grande difficuldade. Quando o viu ao seu lado, o rapaz avisou-o do que ia fazer: montaria o cavallo, e iria num momento á villa, enquanto elle, Carlos, ficaria alli, tomando conta do enfermo.

— E Alfredo?

— Vae commigo. Levo-o na garupa.

— Pois sim! — approvou Carlos — mas não se demore!

— E' um pulo!

E agarrando-se de novo ás plantas e ás pedras, o sertanejo galgou a borda do vallo.

O MORIBUNDO

Ficando só com o mais velho dos irmãos, o enfermo ainda pediu um pouco de agua, e contou difficilmente a sua historia, parando de phrase em phrase.

— Ah! meu menino! estou vendo que não tenho muitos minutos de vida! Eu... já vinha... tão doente!

— Para onde ia?

— Ia a Villa Nova consultar um medico. Saí de Jaguary á noite, porque tinha confiança no cavallo, e conheço bem estes caminhos. Mas, não sei como, rolei da sella... creio que tive uma vertigem... e vim parar aqui... Ai!... e a minha gente, que não sabe o que me aconteceu!

— Socegue! — disse Carlos — o meu companheiro já foi prevenir sua familia, e é impossivel que ella não mande recursos para soccorrel-o!

— Manda... manda, com certeza! — falou o velho, com a voz cada vez mais cansada — no meu sitio... ha bastantes trabalhadores... nós somos remediados... Mas... creio que os soccorros... vão chegar tarde...

— Não! socegue! não fale tanto assim, que se cansa inutilmente... O senhor está tão fraco!

— E' que perdi muito sangue... devo ter... as costellas partidas! Acontecer uma desgraça como esta... a um homem velho... e doente, como eu!...

— Não fale mais, que isso lhe faz mal! — pediu Carlos.

— Não! — insistiu o enfermo — sei que vou morrer... e quero dizer-lhe uma cousa...

— Diga.

— Olhe! meta a mão... aqui, no bolso direito das minhas calças...

Carlos obedeceu, e encontrou um maço de dinheiro.

— Guarde... esse dinheiro, meu menino... Se eu morrer, antes de chegarem os soccorros, pode... ficar com elle... E' seu!

— Não diga isso! — acudiu o menino. — O senhor não ha-de morrer. Guardarei o seu dinheiro, para entregal-o ao senhor, quando chegarmos á villa, ou á sua familia.

— Não! não!... é seu!... guarde-o... — insistia o velho.

— Pois sim! pois sim! — disse Carlos, para não o contrariar... — Mas socegue! não fale mais! socegue!

— O meu socego... é a cova! — gemeu o homem. — Tambem, nesta idade, já é... tempo... de morrer... trabalhei muito, meu menino! Felizmente... deixo a minha gente amparada, e filhos e netos já criados... e encaminhados... na vida... E' tempo de...

A voz ia diminuindo mais e mais, a ponto de parecer apenas um sopro. Carlos passou o braço por baixo da cabeça do ferido, e levantou-a, der-

ramando sobre ella mais um pouco de agua. O velho fechou os olhos, e não falou mais.

Carlos achava que o tempo custava extraordinariamente a passar. E os companheiros que não chegavam...

Felizmente, ouviu-se um tropel de cavallos.

Era o soccorro esperado que chegava.

MORTE E ENTERRO

Era Juvencio que voltava. Vinham com elle trez homens, empregados do velho, e traziam uma rede, e alguns remedios.

Apesar da sua pouca idade, Juvencio, na organização dos soccorros, portou-se como o mais velho e o mais experiente de todos. Foi elle quem explicou como deviam, com o auxilio de cordas, içar o enfermo até a borda do vallo, laçando-o pela cintura e pelos sovacos, — o que se fez sem grande difficuldade.

Mas o pobre homem não dava acôrdo de si. Estava como morto, já quasi sem respirar. Já nem gemia. E, quando conseguiram depol-o no chão, sobre a estrada, todos tinham a impressão de estar diante de um cadaver... Abriram-lhe a bocca, separando-lhe os dentes á força, e deram-lhe algumas gotas de vinho, que o reanimaram durante poucos minutos. Mas logo depois recommçou aquella somnolencia, que já era, sem duvida, o começo da agonia.

— Creio que não devemos perder tempo — disse Carlos — se queremos entregal-o vivo á familia...

— De certo! — apoiou Juvencio.

Collocado o corpo na rede, foi esta solidamente suspensa de uma longa vara resistente; de cada uma das extremidades tomou conta um dos homens que tinham chegado com Juvencio. Como tinham trazido animaes, os dois meninos e o sertanejo puderam fazer commodamente a viagem de regresso á villa, escoltando a rede em que ia o ferido.

Emquanto o prestito se punha a caminho, o terceiro empregado seguiu a galope, em direcção á Villa Nova, afim de trazer um medico.

A viagem foi triste.

Marchavam a passo. De quando em quando, Carlos aproximava-se da rede, e examinava o moribundo.

O seu estado era o mesmo. Nem sentia o balanço, e apenas um leve erguer e abaixar do peito denotava que a vida ainda não o abandonara.

Entraram na povoação ás quatro horas da tarde. A' porta de cada uma das casas, chegavam pessoas curiosas, a quem os dois empregados contavam o que succedera ao patrão. No "sitio" d'este, estavam apenas uma sua filha casada e o marido; numa anciedade terrivel, levaram o velho a uma alcova, e deitaram-n'o, esperando ainda poder salvar-o com o auxilio do medico que tinham mandado chamar a Villa Nova.

Mas, poucos minutos depois, o homem expirava, sem ter voltado a si.

Carlos, quando viu que tinha passado a primeira explosão de dor, chamou de parte o genro do morto, e entregou-lhe o maço de dinheiro sem se referir á recommendação, que o velho lhe fizera, de guardar o dinheiro: repugnava-lhe

aceitar aquelle legado, cuja legitimidade não poderia provar.

A' noite, o cadaver foi velado pela familia e pelos trez rapazes. O genro — chamava-se Oliveira — quiz conhecer os nomes e a historia dos meninos. Carlos contou-lhe summariamente o que lhes havia acontecido até então. Oliveira, quando soube das precarias condições em que elles estavam realizando a sua viagem, quiz immediatamente facilitar-lhes todos os recursos para o transporte até a Bahia:

— Digam! digam o que desejam! digam quanto querem! que tudo quanto eu lhes der será ainda pouco para lhes pagar o favor que lhes devo!

— Não, senhor! — protestou Carlos — nada nos deve! Cumprimos apenas o nosso dever. Qualquer outra pessoa teria feito o que fizemos... E nada podemos aceitar.

— Menino! — disse Oliveira, com carinho — porque ha-de ser orgulhoso? E' necessario que todos nos ajudemos nesta vida! Pensa, então, que depois do soccorro que prestou ao meu sogro, e da probidade, de que deu prova, entregando-me o dinheiro, hei-de consentir que vão d'aqui até a Bahia, a pé, e sem recursos? Está muito enganado!

Carlos ia ainda protestar. Mas Juvencio interveio, com bom senso:

— Tudo se pode arranjar, a contento geral...

E dirigindo-se a Oliveira:

— O senhor empresta-nos algum dinheiro com que possamos tomar passagem de segunda classe até a Bahia. Estes meninos têm parentes no Rio Grande do Sul; e ha na Bahia um negociante,

que se interessa por elles; de maneira que poderão pagar-lhe depois esse dinheiro.

Oliveira quiz oppor-se á ideia do emprestimo; cedeu, porém, para não desgostar Carlos, que só nessas condições queria acceitar o auxilio.

No dia seguinte, logo ás primeiras horas da manhã, fez-se o enterro do velho, sendo o caixão acompanhado até o cemiterio pelos trez rapazes.

Oliveira quiz ainda detel-os:

— Não, não vão hoje! devem estar cansados, depois d'esta noite passada em claro...

Mas era tal a anciedade de Carlos, por chegar á Bahia, que não houve meio de convencel-o.

Foi ahí que Juvencio veio a saber que o padre, seu conhecido, já não residia mais em Alagoinhas.

Logo depois de almoçar, os trez compraram as passagens, e tomaram o trem.

XLVIII

O JURAMENTO

A viagem até Villa Nova fez-se sem incidentes. No compartimento de segunda classe, os trez rapazes não se cansavam de recordar os casos diversos que tinha havido até alli, durante aquella difficil peregrinação.

— Quanta cousa nos tem acontecido! — dizia Carlos — se fossemos contar tudo isso, pensariam que estamos inventando uma historia...

— E' verdade! — respondia Juvencio. — Não lhe disse ante-hontem que não haviamos de morrer á fome? não lhe disse? Já almoçámos bem. temos dinheiro para chegar á Bahia... A gente, nesta vida, deve ter confiança em si mesma. E' preciso não desanimar, nunca! O dia da desgraça é a vespera da felicidade.

— O que eu admiro, Juvencio, é a sua calma! — observou Carlos — você é de uma coragem extraordinaria! Depois de tudo quanto tem soffrido, a sua alegria é sempre a mesma. Olhe que bastavam aquelles sustos que você passou em casa do coronel para abater um homem forte!

— Ah! *seu* Carlinhos! a gente do sertão é toda assim! Nós não somos como muitos d'esses, das cidades, para quem a vida é facil desde o prin-

cipio. No sertão, a gente sabe que só deve e pode contar consigo mesma... Depois, esta vida ao ar livre, no campo e na serra, no meio dos matos, é uma vida que dá alegria e coragem.

Alfredo, que adorava o pequeno sertanejo, e concordava com tudo quanto elle dizia, gritou:

— Apoiado! eu tambem já estou ficando sertanejo, não é verdade, Juvencio? já monto a cavallo sem cansaço, e de nada tenho medo! A minha vontade era viver sempre no mato!

Carlos sorria, ouvindo a tagarelice do irmão. Juvencio levantou os hombros, e respondeu:

— Não diga isso! o senhor é um menino de boa família... O senhor e seu irmão hão-de estudar, hão-de ser engenheiros como seu pae, ou medicos, e nunca mais hão-de pensar no sertão, nem em mim...

Carlos, commovido, disse, então, com voz grave:

— Juvencio! não quero que você diga isso. Você então suppõe que esqueceremos algum dia estas semanas em que vivemos e penámos juntos? eu e meu irmão não somos ingratos. Olhe! vamos fazer um juramento, aqui: eu prometo que nunca me hei-de separar de você!

— Ah! isso é cousa que nunca se pode jurar!
— disse o rapaz — d'aqui a pouco, quando chegarmos á Bahia, eu irei para o meu lado, os senhores irão para o seu...

— Embora! — affirmou Carlos com energia — poderemos separar-nos pelas necessidades da vida, mas nunca pela indiferença ou pela inimizade. Vamos prometer que seremos sempre ami-

gos. Eu, por mim, juro-o pela memoria de meu pae!

-- Eu tambem juro! -- exclamou Alfredo com enthusiasmo.

O pequeno sertanejo tinha os olhos cheios de lagrimas, e não sabia o que queria responder.

O trem corria, a toda velocidade. O dia era lindo. Um sol risonho alegrava a paizagem. E havia qualquer cousa tocante e sublime naquelle grupo de trez crianças, que o soffrimento unira, e que assim prometiam estimar-se sempre, querendo robustecer pela constancia do affecto os laços que as provações da vida tinham criado.

Juvencio, por fim, disse, com a voz tremula de commoção:

— Eu tambem juro que nunca me hei-de esquecer dos senhores, e que hei-de fazer o possivel para, depois de homem feito, ir encontral-os onde quer que estejam!

E continuaram a viagem, alegrados por aquelle juramento de amizade.

UM NEGOCIANTE DE FUMOS

Ao partir o trem de Villa Nova, Alfredo, com o seu desembaraço de criança, angariou logo um novo conhecido. Era um homem de meia idade, que trazia um grande cylindro, encapado de pano grosso e pardo, cozido a barbante nas duas extremidades: Alfredo, pelo aroma que se desprendia do cylindro, reconheceu logo um rôlo de fumo.

— E' fumo, não é? — perguntou o menino ao homem, para entabolar conversação.

— E' fumo, e muito bom! fumo, como este, não se encontra por ahi em qualquer parte!

— Vae vendel-o?

— E' a minha occupação. Vou levar estas amostras á cidade da Bahia.

— E é um negocio que dá bastante dinheiro?

— Bastante... — respondeu o negociante, lisonjeado pela curiosidade do menino. — A Bahia produz muito fumo, e todo de primeira qualidade. Mais de trinta municipios do Estado cultivam e exportam em grande escala este producto. Ha fumo, tambem, em outros Estados do Brazil; mas a producção mais notavel é a da Bahia. Ainda acabo de ler, em uma gazeta, que

ultimamente, durante cinco annos, a exportação, só de fumo em folhas, excedeu cento e trinta milhões de kilos, no valor de mais de cem mil contos de réis! E exportam-se ainda milhões de kilos em rolos, em charutos, em cigarros.

— E a cultura é facil?

— Muito facil. Na Bahia, esta planta dá espontaneamente. Basta um pouco de estrume, e algum cuidado para extirpar das plantações as hervagens perniciosas e para impedir as pragas dos insectos nocivos.

— Mas o senhor ainda negociá em outros generos?

— Actualmente, só em fumo. Mas já fui commerciante em cacau, em café, em couros...

— A Bahia é rica! — exclamou Alfredo.

O homem sorriu:

— Será muito rica! muito rica, quando todas as suas riquezas naturaes forem intensivamente exploradas. Na Bahia, ha fumo, café, cacau, ferro, ouro, diamantes. E todas as lavouras, todas as industrias e todo o trabalho, que ha, não só na Bahia, como em todo o Brazil, progredirão, ainda muito mais do que hoje, quando todo o territorio estiver coberto de estradas de ferro...

D'ahi, a conversa, em que tambem já tomavam parte Carlos e Juvencio, estendeu-se a varios assumptos.

O trem galopava, parando em poucas estações.

— Esta estrada de ferro é nova — explicava o negociante de fumos. — Até ha pouco tempo, só havia estrada de ferro da Bahia até Villa Nova. Agora, ella vae até Joazeiro. São mais de quinhentos kilometros.

— E' um dia inteiro de viagem? — perguntou Alfredo.

— Da Bahia a Joazeiro, dezeseis horas. Os senhores vão até a Bahia?

— Vamos. — Respondeu Carlos. — Não vale a pena parar em Alagoinhas.

— Se estão com pressa, está claro que não vale, — concordou o homem. — Mas Alagoinhas é uma cidade importante. Tem um grande commercio. Além d'esta estrada de ferro, que passa por lá, ha uma outra, que de lá parte, oitenta e tantos kilometros, até o Timbó.

L

NO CATÚ

Entretidos na conversação, os meninos não sentiam passar o tempo. Sem descer do trem, comeram allí mesmo, em companhia do negociante de fumos, que os forçou a acceitar um pouco do seu farnel.

Em Serrinha, o negociante, que dissera chamar-se Trancoso, trocou algumas palavras com um conhecido, que estava na estação. Falaram de fumo e de assucar.

— Fabrica-se muito assucar na Bahia? — perguntou Alfredo, assim que o trem se poz de novo em movimento.

— Bastante...

— Ah! como deve ser bonito um engenho de assucar! deve ser uma cousa tão interessante!

— E' realmente muito interessante. Se os senhores quizessem demorar a viagem, eu poderia leval-os a um engenho. Ha um, abaixo de Alagoinhas, na estação do Catú. Devo ir até lá, amanhã, a negocio. Devo encontrar-me no engenho com um sujeito, que talvez me compre uma partida de fumos.

— Oh! Carlos! — exclamou o pequeno — porque não ficamos um dia no Catú?

— Não vale a pena...

— Mas seria tão divertido visitar o engenho!

— Seria! mas agora já compramos passagens até a Bahia...

— Lá por isso não! — interveio o homem — fazendo as suas declarações ao chefe da estação, os senhores podem interromper a viagem sem perder as passagens.

Carlos, que não queria contrariar o irmão, acabou por acceder ao seu desejo. Ficou decidido que pernoitariam em Catú, visitariam o engenho no dia seguinte, e partiriam á tarde.

Quando o trem parou em Alagoinhas, os meninos reconheceram que o negociante não exagerara, quando se referira á importancia commercial da cidade. Havia grande movimento na estação. Mas os nossos trez viajantes não desceram. Só desceram no Catú, onde o negociante lhes offereceu pousada até o dia seguinte.

Seriam nove horas da manhã, quando partiram para a visita ao engenho.

A estrada subia uma collina muito suave, de vegetação desigual e emmaranhada: moitas de arbustos e pequenas arvores esgalhadas, gramineas altas, enredadas em trepadeiras e lianas.

— Tudo isto aqui foi roça... — commentou Juvencio.

— Como sabe você que isto foi roça? — acudiu Alfredo.

— Pelo mato... Além d'isso, veja alli as "so-cas", as touceiras de cana...

De facto, de espaço a espaço, via-se o verde alegre da cana de assucar, afogado no capinzal bravio, que coroava todo o alto.

Torcendo o caminho para o outro lado, avistaram logo, na meia encosta da collina fronteira, uma grande casa, baixa, quadrada, com o telhado negro corrido para os quatro lados. Dir-se-ia um enorme barracão, de cujo tecto saía uma grossa chaminé, a despejar fumarada espessa, e acompanhada de um tubo esguio, de onde esguichavam, continua e regularmente, lufadas de vapor branco-roseo, como a nevoa corada pela manhã.

Em baixo brilhava ao sol a agua quieta de um açude, margeado de junco e tabúa, e em cujo centro descansavam largas folhas de nenufar.

— Lá está o engenho ! — gritou alegre Juvenio.

— Onde? — perguntou Alfredo.

— Pois não vê a bagaceira?

— Que bagaceira?

— Aquelle chão branco-amarellado! — e apontava uma larga mancha creme, que subia por um lado desde quasi o açude até o alto do engenho. — E' alli que se espalha o bagaço que sae da moenda; não vê aquelles bois que lá estão? estão comendo bagaço fresco. Não vê aquelle homem, com uma vara que está "virando" o bagaço, para que fique bem seco?

— Mas com que fim?

— Para que o bagaço possa ser aproveitado na fomalha do engenho...

O ENGENHO

Trancoso, o negociante e os visitantes, transpondo a porteira do *pasto*, abandonaram a estrada real, que passava á esquerda, e dirigiram-se logo para o lado opposto, que era justamente o lado da bagaceira, e onde o movimento era maior. Costearam o engenho pela parte de baixo. Esta face era meio fechada por uma parede baixa, de dois metros de altura; no canto, á esquerda, sómente, a parede se elevava até o tecto. Por cima da meia parede, viam-se os bustos suarentos de quatro homens, movendo-se por entre nuvens de uma fumaça esbranquiçada, que se derramava para todos os lados.

— Aqui estão as caldeiras e os tachos em que se cozinha o assucar. Esta fumaça vem do caldo de cana fervendo... — commentou Juvencio.

Ao dobrar o canto da direita, em baixo, notaram com espanto os dois meninos uma ribanceira que ia dar a um fôssco, no fundo do qual um preto robusto bracejava, movendo grossos toros de lenha; viram tambem, na parede que se levantava em face d'elle, uma larga abertura mostrando o interior incandescente de uma fornalha.

— E' a fornalha do engenho? — perguntou Carlos, sem hesitar.

— E', sim, — respondeu-lhe Juvencio.

Contemplaram-n'a um instante, e, rodeando-a, penetraram na grande usina agricola. O interior era o de um vasto galpão aberto, excepto para o lado da estrada real, fechado pela parede que ia até o tecto. Num pequeno patamar, sobranceiro á divisão onde ferviam os caldos de assucar, estava o dono do engenho, um homem já idoso, mas robusto, tez queimada, olhar apagado, e fronte enrugada. Trancoso dirigiu-se logo para elle; os rapazes ficaram de pé, ao lado, attentos ao enorme movimento que os cercava; e mal tinham espalhado o olhar em torno, tiveram de apartar-se, espremendo-se contra o patamar, para dar passagem a um rapazote conduzindo um burro que arrastava um largo couro de boi. Dirigindo-se para a moenda, que se levantava no meio da casa, o rapazote desatreou o couro arrastado, e prendeu aos peitoraes do animal os tirantes de um outro couro que alli se achava, já cheio de bagaço, e retirou-se, depois de bem ajustar o couro vasio para receber o bagaço que saía da moenda.

— Aquillo é a moenda, — explicou Juvencio, apontando com o dedo a espessa engrenagem de ferro, em cuja parte superior se viam trez cylindros, movendo-se em sentidos contrarios.

Um homem e uma mulher não paravam, apanhando as canas, ás duas e ás trez, encostando-as aos cylindros da moenda, por entre os quaes os caules lisos desapareciam, tragados em segundos, e surgindo do outro lado, transformados em bagaço. Os cylindros moviam-se apertadissi-

mos, e as canas comprimidas chiavam e esguichavam longos fios de caldo, que vinham pintar a face dos “metedores”.

Perto da moenda, um pouco abaixo, fixava-se o motor, — a machina a vapor; o volante, alto de trez metros, girava com uma velocidade tal, que mal podia o olhar acompanhá-lo com as suas voltas.

O ruido do motor batendo surdamente, o chiado do esguicho do caldo, o ranger da moenda, o baque das canas atiradas, o arfar dos tachos cheios do melado fervente, as vozes dos trabalhadores, — tudo isso formava um alarido continuo, um concerto de rumores confusos, uma atmosphaera de sons atroadores...

E perto do motor, por traz do volante, erguia-se uma vasta chaminé, que furava o tecto.

Trancoso explicava aos trez rapazes o funcionamento de todas as machinas; e notava:

— O que estão vendo é apenas uma usina rudimentar. Ha engenhos de assucar, cujo machinismo é muito mais complicado do que este. Mas, emfim, já isto basta para satisfazer-lhes a curiosidade...

UM ENCONTRO

Quando tomaram o trem, que devia deixal-os na Bahia, eram mais de duas horas da tarde. Carlos respirou. Não deixara de apreciar a visita ao engenho, mas o desejo ardente que tinha de chegar á capital da Bahia não lhe dava margem para qualquer distracção ou divertimento. Estava ansioso por tocar o termo d'aquella vida de aventuras e de expedientes. Emfim, via aproximar-se esse termo, tão fervorosamente ambicionado. D'alli a menos de cinco horas, — que tanto dura a viagem de Alagoinhas á Bahia, — ia elle saber o que o esperava, e qual o rumo que devia tomar com o irmãozinho.

O que mais preocupava Carlos não era a sua propria sorte; era a de Alfredo, tão criança ainda, e que d'aquelle modo se expuzera a perigos sem conta, atravessando os sertões, alimentando-se mal, dormindo mal, mal vestido. Felizmente, nada acontecera de muito grave. Mas só em pensar nos perigos passados Carlos estremecia de horror.

Alfredo, esse não tinha preocupações. Encostado á janella do carro, contemplava a paizagem, divertia-se com o movimento dos passageiros e com o atropêlo das bagagens nas estações de

parada, e fazia perguntas sobre perguntas a Juvencio, que respondia como podia, ás vezes bem embaraçado para satisfazer aquella inexgotavel curiosidade.

Por volta das quatro horas da tarde, o trem atravessou sobre uma ponte o rio Jacuhipe, de aguas placidas, banhando margens cobertas de abundante vegetação, e, logo depois, parou numa estação. Havia quinze minutos de demora, e os rapazes desceram, para, como dizia Juvencio, desenferrujar as pernas. Assim que pisaram a plataforma da estação, uma voz gritou:

— Juvencio!

O sertanejo voltou-se, e teve uma exclamação de jubilo:

— Oh! Manoel!... — e precipitou-se para abraçar um rapaz, pouco mais velho do que elle, que lhe retribuiu o abraço com effusão.

Eram conhecidos antigos, filhos da mesma terra, criados juntos. Juvencio apresentou-o aos seus companheiros.

— Para onde vão? — perguntou Manoel.

— Para a Bahia.

— E eu tambem! — disse elle.

E começou a contar o que tinha feito, depois que saíra de Cabrobó. O pae mudara-se de lá para uma roça, perto da cidade de São Francisco. A mãe fallecera, e o velho ficara muito acabrunhado de desgosto, começara a ficar inactivo e triste, e agora estava doente, numa cama, sem se poder mover. De modo que era elle, Manoel, quem sustentava toda a familia.

— Como, Manoel.

— Trabalhando. Apesar da minha pouca idade, sou o homem de confiança do dono da fazenda, em que me empreguei. Sou eu, por assim dizer, quem dirige tudo, quem faz as compras, e quem paga as contas. Agora vou á Bahia receber um dinheiro do patrão, uns trez contos de réis.

— E não tem medo de viajar sósinho, com tanto dinheiro? — perguntou Carlos.

— Não, porque ninguem imagina que um criançaola, como eu, ande com os bolsos cheios de contos de réis. Sei disfarçar, e até hoje, apesar de sempre andar fazendo estas viagens, nunca me aconteceu cousa desagradavel. Uma vez... Mas a locomotiva já apitou... Vamos tomar os nossos lugares, que em viagem lhes contarei a historia.

Entraram no carro, sentaram-se, e Alfredo foi logo exigindo a narrativa.

— O caso é engraçado, — começou Manoel. — Eu andava fazendo cobranças entre Currealinho e Cachoeira, e tive de pernoitar numa venda, onde achei uns sujeitos mal encarados, que tambem lá deviam passar a noite. Levava commigo quatro contos de réis: e, quando me fui deitar, nùm quarto pequeno, que havia no fundo da casa, tive um presentimento mau: a porta do quarto não tinha chave, e as caras antipathicas dos dois sujeitos nada de bom annunciavam. Mas, como nunca me faltam expedientes, puz o dinheiro em baixo de uma bacia de rosto, que havia sobre a mesa, deitei agua dentro da bacia, e meti-me tranquillamente na rede, apagando a luz. Dormi; mas, uma hora depois, acordei, ouvindo a porta ranger. Tive o cuidado de não fazer um só movimento: abri um pouco os olhos, e vi que eram os

dois tratantes que entravam pé ante pé. Um d'elles trazia uma lanterna. Aproximaram-se da rede: fechei os olhos e fingi que resonava. Acreditaram que eu dormia, e começaram a passar revista no quarto; esquadrinharam a minha maleta, remexeram todos os bolsos da minha roupa, espiaram debaixo da mesinha, revistaram até as minhas botas. Depois, um d'elles, veio apalpar-me com toda a cautela, enquanto eu resonava mais alto ainda; quando viram que nada achariam, saíram com o mesmo cuidado com que haviam entrado, — e fiquei rindo sózinho... — Os idiotas lembraram-se de tudo, menos de levantar a bacia!

— E' boa! — exclamou Alfredo — mas olhe que o senhor esteve com a vida em perigo!

— Não ha duvida! mas salvei-me, salvei o dinheiro do patrão, e ainda hei-de salvar-me muitas vezes, graças ao meu sangue frio e aos estratagemas que invento!

Com essa e outras conversas, passava-se o tempo. Ouviu-se um estrondo forte: era o trem que começava a passar uma longa ponte.

— E' a ponte da Plataforma! — disse Manoel. — Já estamos sobre o mar.

E, d'alli a poucos minutos, o trem chegava ao termo da viagem. Os dois irmãos e Juvencio despediram-se de Manoel, e foram procurar a casa do negociante, auctor do annuncio.

IGNACIO MENDES

O negociante, cujo endereço Carlos havia guardado, tinha o seu escriptorio commercial na cidade baixa. A'quella hora o escriptorio estava fechado, como quasi todas as casas d'aquella parte da cidade, que sómente durante o dia é animada pelo movimento do commercio. Mas em um armazem, que estava aberto, disseram a Carlos em que rua da cidade alta morava o homem procurado.

— E' muito longe d'aqui?

— Não! vão pelo "Parafuso", que fica a dois passos.

Ainda tinham algum dinheiro, e puderam pagar as passagens, no "Parafuso", elevador electrico, cujo modo de funcionar foi um grande divertimento para Alfredo.

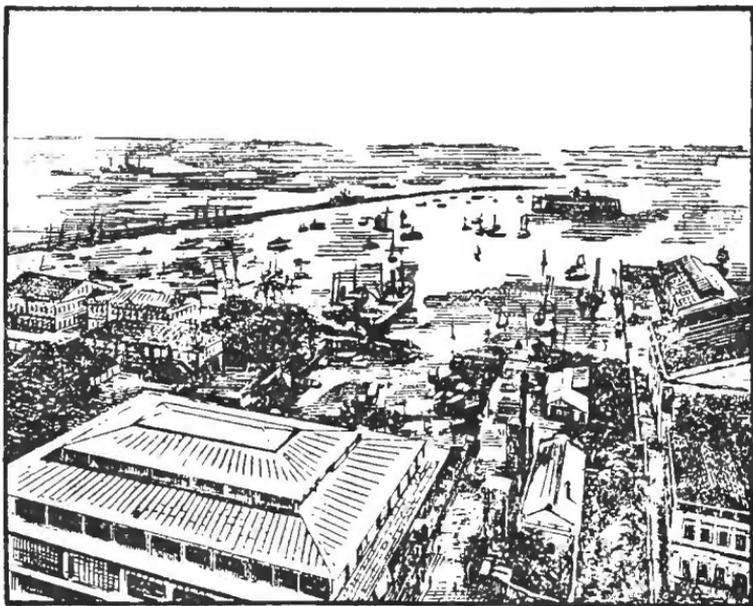
A casa ficava perto da Praça Duque de Caxias, e não lhes foi difficil encontral-a, graças ás informações que iam pedindo de rua em rua. Era um predio elegante, com um pequeno jardim ao lado. Bateram á porta.

— Diga ao Sr. Ignacio Mendes que estão aqui os filhos do engenheiro Menezes — disse Carlos ao criado que veio ver quem era.

Logo depois, appareceu o negociante, espantado:

— Entrem! entrem!

Entraram numa saleta de espera, onde o dono da casa começou a examinal-os com curiosidade. Era um homem alto e gordo, de physionomia franca e sympathica, com o bigode raspado, e



Vista do porto da Bahia.

suissas já grisalhas. Esteve um momento calado, a fital-os, e por fim falou:

— São então os filhos do Dr. Menezes?

— Sim, senhor; — respondeu Carlos — sou o mais velho, Carlos, e este é o mais moço, Alfredo.

— E este? — perguntou Ignacio Mendes, apontando Juvencio.

— Este foi o nosso companheiro de jornada, e devemos-lhe muita gratidão pelo auxilio que nos prestou durante a viagem difficil que tivemos de fazer, até aqui.

— Mas como fizeram a viagem?

— Oh! — exclamou Alfredo, intervindo — a cavallo, em canoa, em estrada de ferro, a pé...

Carlos, com um gesto, impoz silencio ao irmão, e disse:

— Foi em Jaguary que, por acaso, lendo um jornal, encontrei o annuncio, em que o senhor prometia uma recompensa a quem lhe desse noticias de nós.

O negociante continuava a examinar os trez rapazes com mal contido espanto:

— E como foi essa historia do seu desapparecimento?

Carlos ia responder; mas Ignacio Mendes, mudando de ideia, disse:

— Bem! bem! temos tempo!... vamos lá para dentro; vocês precisam cear e descansar.

Já tratava os rapazes com familiaridade, e estes começavam a sentir-se attrahidos por elle, pelo seu ar sympathico e bondoso.

Ignacio Mendes introduziu-os na sala de jantar, onde estava reunida a familia. A mulher do negociante era uma senhora bem conservada, parecendo moça. Estava á cabeceira da mesa; nos outros lugares, estavam as duas filhas, uma de quatorze annos e outra de doze, e o filho, ainda menino. Das duas mocinhas uma cozia, e outra bordava, sobre talagarça, em um bastidor. O menino folheava um livro com estampas.

— Ora aqui estão os heroes de um romance! — disse o negociante, ao entrar na sala. — São os filhos do Dr. Menezes, que tinham desapparecido do collegio.

— Jesus! — exclamou a senhora, levantando-se — como foi isso, meninos?

— Tá! tá! tá! — interrompeu o negociante, rindo — por ora, creio que elles não poderão contar como foi, porque devem estar caindo de fome! Vamos dar-lhes de cear, e ouvil-os-emos depois.

D'ahi a pouco, servida uma ceia de carnes frias e de doces, Carlos, que já se sentia bem naquella atmospheria de familia, começava a contar a sua historia. Disse, summariamente, como soubera da doença do pae, como saira á procura d'elle em companhia do irmão, como tinha recebido a noticia da morte, e como viera até alli, entre mil perigos e difficuldades. A narração foi succinta, mas, ainda assim, durou mais de uma hora, durante a qual o negociante, a mulher, e os filhos não continham por vezes a admiração e as lagrimas, ouvindo a relação de tantos riscos e tormentos. Carlos, apesar de resumir o mais possivel a narrativa, não esqueceu o encontro com Juvencio, nem os serviços que este lhe prestou, nem a doença do irmão...

— Coitados! — diziam compassivamente, de quando em quando, a senhora e as filhas.

Quando Carlos acabou de falar, houve na sala um silencio commovido. O negociante foi o primeiro a rompello, dizendo:

— Pois, meninos, eu não conheci pessoalmente seu pae. Sou apenas correspondente de

seus tios do Rio Grande do Sul. Telegrapharam-me, ha mais de dez dias, pedindo-me com muito empenho que eu descobrisse o paradeiro de vocês, desaparecidos do collegio, no Recife, em busca de seu pae enfermo na Boa Vista, no São Francisco. Immediatamente, fiz publicar aquelle annuncio, e telegraphiei para Alagoinhas, e outras cidades do interior, mas não obtive resposta... Imaginem o desassocêgo em que devem estar os seus parentes do Rio Grande!... Emfim, vocês appareceram, e isso é o essencial. Amanhã, veremos o que se deve fazer... Que caso extraordinario!

— Parece um romance! — disse uma das moçinhas.

— Um romance verdadeiro!

As duas meninas, Maria Nazareth e Georgina, tinham tomado conta de Alfredo, que conversava animadamente com ellas. O filhinho do negociante, Octavio, caira de bruços sobre o livro, e dormia; Carlos e Juvencio conversavam com o dono da casa, dando-lhes ainda novos episodios da viagem.

Foi Ignacio Mendes quem interrompeu o serão, dizendo:

— Já é quasi meia noite! vamos dormir, que estes meninos, depois da sua viagem tão complicada, devem estar morrendo de somno!

NA BAHIA

No dia seguinte, logo cedo, ainda o negociante, antes de sair para o escriptorio, conversou com Carlos, acerca do que se tinha passado, e do que convinha fazer.

— Onde teve noticia da morte de seu pae?

— Em Joazeiro. Vinhamos de Boa Vista, no vaporzinho. Perto de Joazeiro, foi que um homem, que subia o rio numa canoa, nos deu a noticia do fallecimento de papae.

— O homem conhecia seu pae?

— Não! nem sabia como se chamava. Mas papae estava doente, era o unico engenheiro que estava em Petrolina... Enterrou-se em Joazeiro, onde nos mostraram a sua sepultura.

— Mas não encontraram em Petrolina alguém que o tivesse tratado durante a molestia, alguém que o tivesse conhecido ainda vivo?

— Não estivemos em Petrolina; e em Joazeiro dizia-se sómente: “o engenheiro, que estava em Petrolina...” Coitado de papae! enterrado numa cova rasa, — sem uma inscripção, sem o nome sequer...

— Emfim, — disse Ignacio Mendes — o que ha agora a fazer é passar já e já um tele-

gramma aos seus parentes. Eles dirão que resolução vocês devem tomar. Hoje mesmo á tarde devemos ter uma resposta. E venham commigo ao escriptorio! mandarei um empregado mostrar-lhes a cidade, que é bonita.

Depois do almoço, desceram todos. Assim que chegou ao escriptorio, Mendes mandou um caixeiro passar o telegramma, e encarregou um outro, moço intelligente e esperto, de sair a passeio com os trez meninos.

O passeio foi um encanto, principalmente para Alfredo, que se deliciava com o aspecto das casas e da gente, com o movimento dos bondes, com a animação das lojas.

— A Bahia, — explicava Honorio, o caixeiro — tem dois bairros inteiramente distinctos: a cidade baixa, que é apenas um bairro commercial, e a cidade alta, onde se concentra a vida das familias. Conheço bem tudo isto, porque nasci aqui, e nunca d'aqui saí...

Viram a Escola de Medicina, o Palacio do Governo, o Senado, e entraram na praça Duque de Caxias.

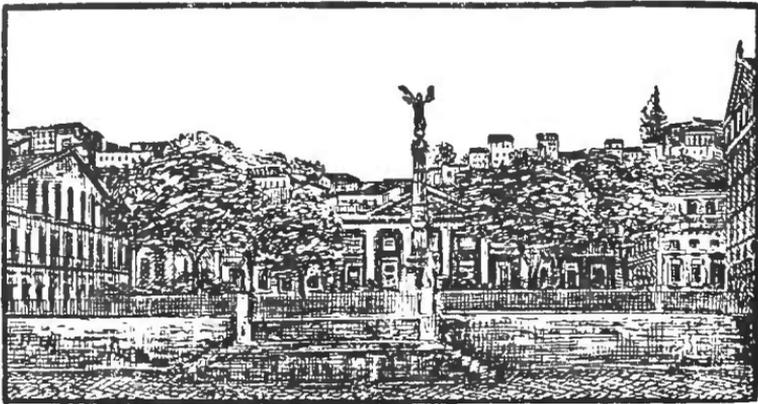
— Que columna é esta? — perguntou Alfredo.

— E' o monumento do Dois de Julho, commemorativo do dia em que se firmou na Bahia a Independencia do Brazil, sendo as tropas portuguezas derrotadas pelo general Labatut. O 2 de Julho é a grande data da Bahia: todos os annos, é festejada com grande pompa, organizando-se prestitos civicos, que, depois de percorrer toda a cidade, vêm aqui depositar co-roas e bandeiras. Vamos ver agora o monumento de Castro Alves!

— Do poeta?

— Sim! o poeta d'*Os Escravos e da Cachoeira de Paulo Affonso* era bahiano. Lá está elle!

Rodearam o monumento, e continuaram o passeio, visitando o Palacio do Governo, a Camara e o Senado, a velha igreja de S. Francisco, onde



BAHIA. — Praça Riachuelo.

admiraram as decorações de madeira esculpida, o Gymnasio, o Passeio Publico; e percorreram, em bonde, alguns dos suburbios da cidade.

Assim passaram todo o dia. Quando chegaram á casa da familia Mendes, eram mais de cinco horas da tarde, e já os esperavam para jantar.

O negociante, assim que os viu entrar, foi logo dizendo:

— Já temos resposta! aqui está o telegramma!

— Qual a resposta? — perguntou Carlos, com alvoroço.

— Tenho ordem de embarcal-os no primeiro paquete que partir para o Rio Grande, fornecendo-

lhes roupa e tudo aquillo de que precisarem... Ora, o primeiro navio parte amanhã, á tarde... Acho que seria melhor vocês esperarem o outro. Ficariam aqui mais alguns dias, e descansariam, antes dos incommodos de uma longa viagem por mar...

No correr do jantar, porém, por decisão de Carlos, ficou combinado que tomariam o paquete do dia seguinte. As duas mocinhas e o pequeno Octavio tentaram em vão obter o adiamento da viagem, apoiados por Alfredo, que tambem tinha o desejo de ficar. Mas o mais velho dos meninos foi inflexivel; e Ignacio Mendes acabou por concordar com elle:

— Acho que faz bem... E' preciso obedecer á determinação dos seus parentes, e o telegramma é bem claro...

— Conheço-os pouco... — disse Carlos. — Ha minha avó materna, e dois tios, filhos d'ella. Não nos vêem ha uns nove annos.

— Que prazer deve ter sua avó em acolhel-os! — exclamou a mulher do negociante. — E' uma felicidade para ella, e para vocês. Uma avó é duas vezes mãe.

Generalizou-se a conversa, e Carlos notou, de repente, que Juvencio, sentado a um canto da sala de jantar, nada dizia, conservando-se pensativo e triste.

Aproximou-se d'elle, e indagou o motivo d'aquella preocupação.

— E então, *seu* Carlinhos? como não hei-de estar apprehensivo? Amanhã, partem os senhores, e não sei ainda que rumo tomarei na vida.

— Mas você vae comnosco, Juvencio! — exclamou o menino, sem mais reflexão.

— Isso não pode ser, *seu* Carlinhos...

Carlos foi logo entender-se com o negociante. Este reflectiu longamente, e acabou por dizer:

— Sim! elle não pode ir com vocês... não tenho autorização para isso. O que vou fazer é procurar para elle uma occupação aqui na Bahia.

E, de subito, batendo na testa:

— Oh! tenho uma ideia! Rapaz, você quer trabalhar?

— Não quero outra cousa!

— Pois a occasião não poderia ser melhor! Estou encarregado de contratar trabalhadores para grandes obras em Manáos. No Amazonas ha bastante trabalho, e ganha-se bastante dinheiro. Você, se for para lá, activo e intelligente como é, pode encetar admiravelmente a sua vida de homem!

Juvencio nem discutiu a ideia. Ficou alli mesmo decidido que partiria o mais breve possivel para Manáos, contratado e recommendado especialmente por Ignacio Mendes.

A PARTIDA

A manhã do dia, da partida foi toda empregada nos preparativos da viagem. Carlos e Alfredo ficaram munidos de boa roupa, — porque os parentes haviam recommendado ao negociante que lhes fornecesse todo o necessario. A' sua custa, Ignacio Mendes tambem deu alguma roupa a Juvencio, que devia ficar morando em sua casa, até seguir para Manáos. Um outro telegramma foi expedido para o Rio Grande, annunciando o embarque dos orphãos; e estes, depois de se despedirem da senhora do negociante, de Maria Nazareth, de Georgina, e do pequeno Octavio, desceram para embarcar.

No caes, esperando o bote que os devia levar ao navio, Carlos e Alfredo sentiram o coração apertado e não disfarçaram as lagrimas que lhes molhavam os olhos. Doia-lhes a separação. Ambos estimavam Juvencio, como se elle fosse verdadeiramente um irmão. Juvencio tambem estava triste: mas o seu bom senso, a sua intelligencia pratica de sertanejo faziam-n'o acceitar como uma fatalidade inevitavel aquelle apartamento.

— Isto não podia durar sempre! — dizia elle — e, depois, não vae haver uma separação: não se lembram do nosso juramento?

— E hei-de sempre lembrar-me d'elle! — exclamou Carlos.

— E eu tambem! — accrescentou Alfredo.

— Pois, então? Ainda nos encontraremos, e sempre seremos amigos!

— Sim! — observou o mais velho dos irmãos — mas sempre é uma tristeza que você não venha connosco... Quando me lembro do que lhe devemos...

— Nem diga isso! — atalhou o sertanejo — que é que os senhores me devem? eu é que lhes devo tudo! se não fossem os senhores, eu não teria encontrado este homem, que me tratou como nunca tive quem me tratou, acolhendo-me com carinho, dando-me trabalho, e encarreirando-me na vida!

E, commovido, beijou a mão do negociante.

— Bem! bem! — disse, enternecido, Ignacio Mendes, esquivando-se aos agradecimentos — que é isto? eu, se vou fazer alguma cousa por você, é porque você o merece. E ahí está o bote...

Desceram os degráos da escada de pedra, e tomaram lugar no bote, que, logo, impellido pelas remadas fortes dos dois catraieiros, começou a afastar-se do caes.

A bordo, as despedidas foram rapidas e commovedoras. Ignacio Mendes apresentou os meninos ao commandante e ao commissario do paquete, e abraçou-os carinhosamente, repetindo as recommendações que havia feito:

— No Rio de Janeiro, logo que chegar o vapor, irá recebê-los a bordo esse amigo, para quem lhes dou uma carta e a quem vou telegraphar logo que salte. Elle providenciará para que vocês

sigam brevemente e com toda a segurança para o Rio Grande. Hão-de ser tão bem acolhidos por elle, como foram por mim.

Entre Juvencio e os rapazes ficou combinado que se escreveriam a miudo :

— Quero umas cartas bem compridas, Juvencio! — recommendava Alfredo. — Você ha-de mandar dizer tudo quanto lhe acontecer!

— Prometo! Prometo!

Um ultimo abraço, ainda mais apertado do que os outros, poz termo ás despedidas. Ignacio Mendes e Juvencio tomaram de novo lugar no bote, que lentamente se foi distanciando do costado do navio.

Carlos e Alfredo ficaram por muito tempo agitando os lenços no ar.

Quando o bote se escondeu ao longe, entre as outras pequenas embarcações que enchiam o mar junto ao caes, os dois meninos deixaram-se ficar encostados á amurada, olhando as aguas e a cidade longinqua.

Ao longo do litoral concavo, alinhavam-se as casas immensas do bairro commercial, de quatro e cinco andares, como uma alta muralha, tapando o horizonte, e toda furada de janellas pequenas e symetricas. O sol declinava. O céu tocava-se de leves tons cor de rosa.

Carlos passou o braço pelo hombro do irmão, e beijou-o na testa...

O que mais o consolava era isto: o pae por varias vezes lhes recommendara que fossem sempre amigos, sempre unidos; e, felizmente, alli estavam elles, ao cabo de tantas aventuras e de tantos desgostos, sempre unidos e sempre amigos...

AS JANGADAS

O paquete, em que partiam para o sul Carlos e Alfredo, era novo. Era aquella a sua setima viagem. A bordo, tudo reluzia, limpo e brunido; brilhavam os metaes; os soalhos, lavados todas as manhãs a grandes jorros de agua, estavam de um irreprehensivel asseio.

O commandante, a quem os dois meninos tinham sido apresentados por Ignacio Mendes, e que os havia recebido com carinho, era um antigo official da marinha brasileira, agora reformado. Era alegre e bondoso, amigo de conversar. Logo na tarde do primeiro dia de viagem, viram-n'o os dois irmãos na tolda, olhando o mar e conversando com um grupo de passageiros. Aproximaram-se d'elle.

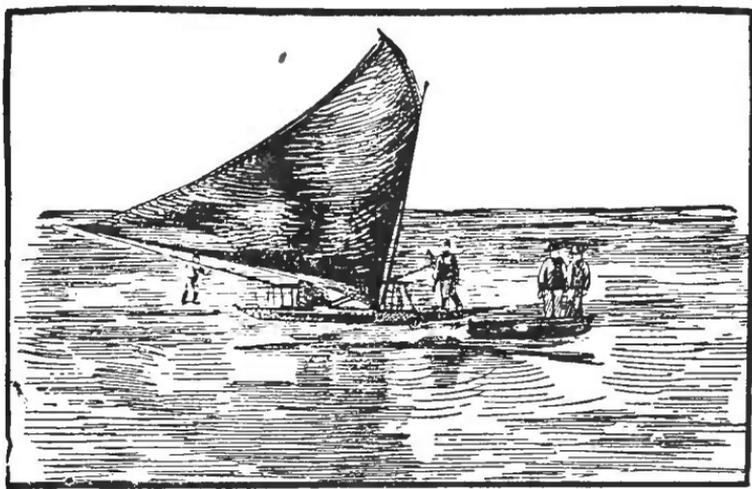
Não se via a costa. O mar estava calmo. O sol fulgurava sobre as ondas, dando-lhes uma coloração de seda azul achamalotada. O paquete, deixando na agua um rasto de espumas e no ar um longo pennacho de fumaça, guardava uma bella marcha. Carlos e Alfredo notaram que o commandante e os passageiros olhavam com insistencia um ponto distante, muito ao longe.

Firmaram a vista, e descobriram um ponto branco, que oscillava, muito afastado do paquete.

— E' uma jangada! — estava o commandante, dizendo aos companheiros.

— Mas, assim tão longe da costa?! — não pôde deixar de exclamar o mais velho dos dois irmãos,

— Pois, então?! — disse, sorrindo, o comman-



Uma jangada.

dante — os jangadeiros não têm medo do mar alto.

— E' uma gente de uma bravura extraordinaria! — affirmou um dos passageiros.

— Se é!... Aqui não é muito commum o encontro de jangadas. Onde ellas apparecem em maior numero é da Bahia para cima. Ao longo de toda a costa do norte do Brazil, as aguas estão sempre cheias d'essas pequenas embarcações.

— E para que servem? — interessou-se Alfredo.

— Para a pescaria, — explicou o commandante. — Os jangadeiros são pescadores.

Agora, o pequenino ponto branco pouco a pouco ia ficando mais distante.

— Mas sempre é preciso ter muita coragem para afrontar assim os perigos do mar!

— E' uma questão de habito, — disse o commandante. — Essa gente está tão acostumada a arriscar a vida que já nem pensa nisso. Em cada uma d'essas tabuas oscillantes, ha sempre um homem, de pé, equilibrado, desafiando e vencendo a morte, manejando o remo fino, ou lançando a linha de pescar. A's vezes uma onda mais forte sobe para o céu, como uma montanha; jangada e jangadeiro desaparecem; mas, quando a onda cae sobre si mesma, a embarcação e o homem apparecem de novo, a embarcação sempre leve e linda sobre o mar azulado, e o homem sempre firme e sereno, tão calmo como se estivesse pisando a terra...

— Bravo! — exclamou Alfredo; — que gente!

— Em Pernambuco, e em todo o norte do Brazil, ha milhares de criaturas que vivem assim, nessa trabalhosa existencia, expondo-se aos naufragios, para ganhar o pão de cada dia... Esses homens fazem-se ao mar ao romper da manhã, e vêem o dia todo escoar-se lentamente, na solidão das aguas, e só voltam á terra quando cae o crepusculo da tarde. Mas nem sempre voltam...

— Muitos morrem, não?! — interrogou Alfredo.

— Alguns... O mar também tem fome, — e não é muito raro que a jangada, surpreendida pelo temporal, fique boiando sósinha, sem o seu jangadeiro, tragado pelas ondas ou devorado por um tubarão.

A jangada tinha desaparecido de todo. Agora, nada mais se via, senão o céu e a água... Desfez-se o grupo dos que conversavam, e os dois meninos ficaram ainda algum tempo contemplando o mar.

— Quantos perigos corre a gente aqui! — disse Alfredo.

— Nem tantos! — tranquillizou-o Carlos. — Hoje a navegação é muito mais fácil, muito menos perigosa do que antigamente...

Ouviu-se um toque de sineta. Era a chamada para o jantar.

LVII

NO MAR

Nessa viagem, da Bahia a Victoria, Alfredo divertiu-se extraordinariamente. Logo cedo, saía do beliche, e vinha, com os pés nús, assistir á baldeação do navio. Depois conversava com os marinheiros, pedia a explicação de tudo, ia á proa, entretinha-se em contemplar as rezes e as aves que tinham de ser sacrificadas á fome dos passageiros, vinha contemplar á ré o sulco de espuma que o paquete deixava na agua, travava palestra com varios viajantes que gostavam da sua vivacidade, — e prestava serviços a algumas senhoras, que enjoavam, estendidas em cadeiras de lona e vime, indo buscar-lhes laranjas e limões.

Carlos, na tolda, olhando a extensão illuminada do mar, não podia deixar de soffrer, ao encarar o oceano agitado por onde o navio avançava; tudo agora lhe era desconhecido, como era desconhecida a vida que ia viver... E voltou o pensamento ao passado, e, em turbilhão acudiram-lhe á lembrança todas as scenas da vida que desapparecera com a pessoa do pae; os olhos arrasavam-se-lhe de lagrimas, torturava-o a saudade... “Nunca mais!... Nunca mais o veria! Nunca mais ouviria aquella voz, nem veria aquelles olhos de

penetrante bondade!...” Carlos soluçava opprimido. “Nunca mais!... E se, por um milagre, elle apparecesse?!... E, se não tivesse morrido?...” Com este pensamento, a fronte se lhe illuminou: “quem sabe? o negociante da Bahia não conhecera seu pae... e não tinha a certeza



VICTORIA. — Porto de desembarque.

absoluta da morte d'elle... A noticia d'essa morte só chegara a Ignacio Mendes por intermedio d'elle mesmo, Carlos...”

E lembrava-se Carlos de como recebera a noticia, — perto de Joazeiro, a bordo da lancha... O homem da canoa dissera apenas: “Morreu o engenheiro que estava em Petrolina”, — e não dissera o seu nome... Em Joazeiro, tambem ninguem lhe dissera o nome do engenheiro fallecido...

O menino levantou-se agitadamente, e começou a passear pelo convez, apertando as mãos uma contra a outra... “Sim! e se o pae não estivesse

morto?!” E, dizendo isso de si para si, uma sensação estranha lhe agitava o peito...

Mas essa exaltação durou pouco. Alguns momentos de reflexão mais calma bastaram para mostrar a Carlos quanto era illusoria a esperança.

Que absurdo! pois elles não tinham seguido a pista do pae, de passo em passo, por assim dizer, — no escriptorio da “Estrada de Ferro de Aguas Bellas”, em Garanhuns, em Piranhas, em Boa Vista, em Joazeiro?... O engano era impossivel!

E, tomado de um grande abatimento, deixou-se o orphão cair de novo sobre a cadeira.

D’essa situação, veio Alfredo tiral-o, correndo e gritando:

— Carlos! Carlos! já se vê a costa do Espirito Santo!

Já se via, de facto, mal delineada no nevoeiro longinquo, uma vaga e baixa fita de terra.

— Antes da tarde, estaremos em Victoria! — disse um passageiro, moço ainda, que chegava á tolda com um grande binoculo.

— E poderemos descer? — perguntou Alfredo.

— Certamente! Mas não vale a pena.

— Como não vale a pena?! — exclamou o menino — sempre vale a pena ver uma cidade que nunca se viu!

— Não ha duvida! Mas...

— Então, a Victoria — interveio Carlos — é uma cidade tão insignificante, que não mereça uma curta visita?

— Não é isso o que digo! — explicou o moço. Victoria é, ao contrario, uma linda cidade... Digo que não vale a pena porque o commandante

não quer ficar mais de quatro horas no porto, e tenciona partir ainda hoje. Só temos um companheiro de viagem que se destina á Victoria; e, como o navio não tem de receber carvão nem carga, o commandante prefere apressar a partida para o Rio.

Effectivamente, antes do anoitecer, depois de pouco tempo de parada, o paquete deixou o porto, tendo apenas recebido quatro passageiros: um deputado, que ia tomar parte nos trabalhos da Camara, e embarcava acompanhado da mulher e de dois filhos.

Alfredo jantou á pressa para ver a saída do porto. Todas aquellas manobras, — o levantar das escadas, o ranger das correntes de ferro suspendendo a ancora, os primeiros movimentos do navio, rodando sobre si mesmo até collocar a proa na direcção do mar largo, — tudo aquillo o interessava...

A TEMPESTADE

No dia seguinte, logo depois do meio dia, o calor apertou. O sol queimava. Quasi não havia viração. Por volta das duas horas da tarde, uma nuvem negra começou a crescer no céu, sobre a proa do navio. Carlos e Alfredo ouviram o commandante dizer:

— Não tarda muito que a encontremos! caminhamos para ella, e ella caminha para nós.

— Ella, quem? — perguntou Alfredo, curioso.

— A tempestade.

— Jesus! — exclamou o pequeno, empallidecendo — uma tempestade?! então, estamos perdidos?!

O commandante passou-lhe a mão pela cabeça, e disse, gracejando:

— Fique socegado, que ainda não chegou a hora da sua morte! A tempestade, que ahí vem, não ha-de passar de uma boa trovoada, com uma boa carga de chuva...

A nuvem crescia cada vez mais. Agora uma viração passava. Ouvia-se longe o ~~ronco~~ roncão do trovão. O navio começou a jogar com mais força. Quasi todos os passageiros de primeira classe

estavam na tolda, ao lado do commandante, admirando o espectáculo do crescer da tormenta.

— Aqui as tempestades nunca são violentas. Para um marinheiro velho, como eu, a que nós vamos ver não passa de uma brincadeira! Tempestades terríveis já vi eu!... E no mar largo, longe de todo e qualquer pedaço de terra, longe de todo e qualquer auxilio, durante longos dias seguidos!

— Qual foi a mais terrível tempestade que já viu, commandante? — interrogou um passageiro.

— Foi uma que vi no Pacifico, ha uns vinte annos.

Emquanto o commandante falava, amiudavam-se os trovões. Com incrível rapidez, a nuvem crescera e cobrira todo o céo. As ondas avolumavam-se, encrespando-se, e balançando o paquete. Começaram a cair alguns pingos de agua:

— Já ahi está a chuva... D'aqui a pouco teremos o sol de novo, porque a tormenta vae em direcção opposta á nossa. E' bom que vamos para dentro, se não quizermos ficar inteiramente molhados...

Entraram para a sala de fumar. A chuva desabou com extraordinaria violencia.

— E como foi essa tempestade de que o senhor nos falava, commandante? — perguntou Carlos.

O official contou logo:

— Foi, como ia dizendo, no Oceano Pacifico. Estavamos em viagem de instrucção, a bordo de uma corveta de guerra. Tinhamos atravessado o estreito de Magalhães, e iamos para a Australia. Nesse ponto do globo as tempestades são tremendas... Ficámos seis dias sem governo, á mercê

das ondas. A tormenta começou ao amanhecer de um sabbado, e só amainou na quinta-feira á tarde. Logo no primeiro dia, a furia do vento despedaçou algumas velas, e começou a impedir todas as manobras. Era quasi impossivel estar no convez: o vento queria carregar tudo quanto achava no seu caminho, e soprava com uma violencia incrível. Havia ondas, que mais pareciam verdadeiras montanhas, subindo a uma altura extraordinaria, e vindo desabar com fragor dentro do navio. Não havia a bordo um só lugar enxuto. Não comiamos, não dormiamos, estavamos extenuados de fadiga e de fome. No quarto dia quebrou-se o leme... Foi então que nos considerámos perdidos... O navio, sem governo, dançava sobre as aguas ao capricho do vendaval, e de instante a instante estavamos vendo chegar o momento da catastrophe final. Essa situação desesperadora ainda durou dois dias, ao cabo dos quaes, quando já todos contavamos com a morte inevitavel, o tempo melhorou de subito.

— E ninguem morreu? — perguntou Alfredo.

— Perdemos dois homens, arrebatados das vergas pelo tufão... A bordo, estava tudo quebrado. Além da perda do leme, ainda tivemos a do mastro grande, lascado por um raio. Foi nessa triste situação que nos encontrou um navio francez, ao qual devemos a salvação. A corveta foi conduzida até Sidney. Felizmente a tempestade levava-nos até perto da Australia...

— Não sabiam que estavam perto? — indagou o pequeno.

— Nada sabiamos, porque estavamos sem bussola, sem sextante. Tinhamos perdido tudo. Foi

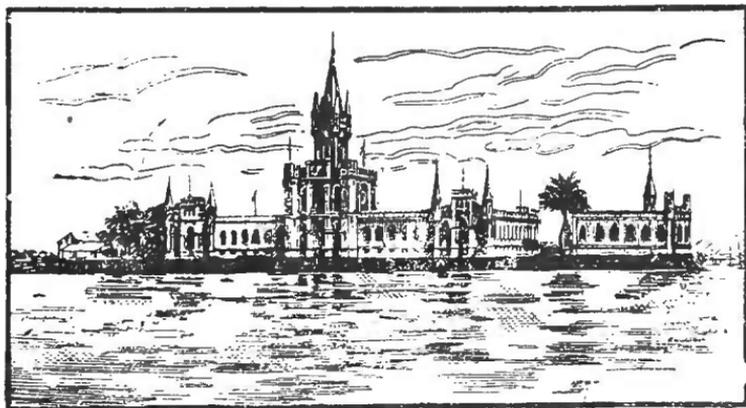
por um verdadeiro milagre que não perdemos também de todo a corveta...

A chuva cessara, como o tinha previsto o commandante. Sairam todos para a tolda.

A tempestade já ia longe. O sol brilhava de novo sobre o mar, e o paquete continuava sem novidade a sua marcha.

— A que hora chegaremos amanhã ao Rio? — indagou alguém.

— Devemos chegar ao romper do dia — respondeu o commandante.



Pavilhão da Ilha Fiscal, dependencia da Alfandega do Rio de Janeiro.

O GIGANTE DE PEDRA

Ainda a noite enchia todo o céo e cobria toda a terra, e já todos os passageiros estavam acordados, na tolda, anciosos por admirar o espectáculo da entrada da barra do Rio de Janeiro. No escuro, os vultos moviam-se como fantasmas, falando alto e rindo; e todos esperavam com enthusiasmo o gozo artistico que a contemplação do panorama lhes prometia. O primeiro luzir da manhã já encontrou Carlos e Alfredo de pé, ao lado dos outros, encostados á amurada, do lado da proa.

Quando o paquete enfrentou a barra, uma leve cor de rosa desmaiada começava a tingir as montanhas, cujos vultos immensos pareciam defender zelosamente a entrada do porto, como sentinellas de pedra. O paquete diminuiu a marcha. Com o lento clarear da aurora, a luz do pharol da ilha Rasa, que varria intermittentemente as aguas, empallidecia. Uma claridade mais forte cobriu de repente o Pão de Assucar, que se erguia á esquerda do navio, formidavelmente, dominando as aguas. A' direita, tremeluziam esmaecidas as luzes da fortaleza de Santa Cruz. Os dois meninos, calados, e tremulos de emoção, contempla-

vam embevecidamente o extraordinario espectáculo. Todo o céu parecia agora arder num incendio espantoso; e as nuvens, que se enchiam de



Panorama do Rio de Janeiro

chammas, reflectiam-se no mar, que tambem fulgurava, coberto de fogo...

Quando o navio lentamente passou entre Santa Cruz e Lage, um enorme leque de varetas de purpura subia do nascente; d'ahi a pouco, essa purpura principiou a dourar-se toda, — e a claridade victoriosa do sol illuminou a bahia.

— Que maravilha! — exclamavam varios passageiros.

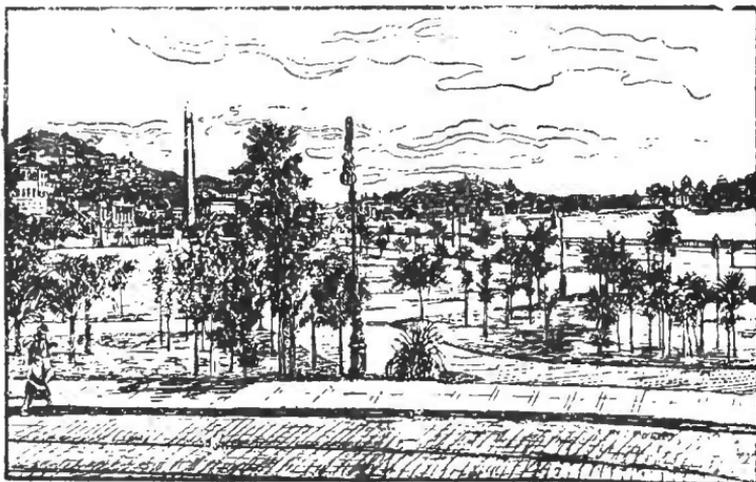
Carlos, respondendo a uma das multiplicadas perguntas de Alfredo, teve de explicar-lhe que a denominação de “Rio de Janeiro” foi dada,

porque os primeiros navegantes, chegando a essa bahia, supuzeram estar diante da foz de um grande rio.

Mais longé, quando os dois estavam admirando em conjunto as serras, um passageiro lhes chamou a atenção para o famoso “Gigante de Pedra”.

— Que gigante? — perguntou Alfredo.

— Pois não reparou? quando se enfrenta a barra, parece que as serras formam o vulto imenso de um homem deitado... Vêm-se perfeitamente a cabeça, o peito, as pernas... A semelhança é ainda melhor, quando se vê do lado do sul, quando os navios entram a barra, vindo dos Estados meridionaes.



A Avenida Beira-Mar, em Botafogo, no Rio de Janeiro..

— E' verdade! — exclamou o pequeno — reparei! é perfeito! e parece a figura de um indio...

— Justamente! Já houve um grande poeta brasileiro que cantou o “Gigante de Pedra”.

— Quem foi?

— Gonçalves Dias. Não conhecem a poesia?

— Não. Como é?

— Guardo apenas de memoria algumas estrophes:

● Já na montanha, deitado, dormido,
Campeia o gigante, — não pode acordar!
Cruzados os braços de ferro fundido,
A fronte nas nuvens, os pés sobre o mar!

Nas duras montanhas os membros gelados,
Talhados a golpes de ignoto buril,
Descansa, ó gigante, que encerras os fados,
Que os terminos guardas do vasto Brazil!

GUANABARA

O paquete avançava agora pelas aguas calmas da majestosa bahia de Guanabara.

Ao fundo, estendia-se a cidade, na curva da vasta praia, banhando na luz rosada da manhã as torres esguias das suas igrejas. Agora o dia triumphante avassallava tudo. O Pão de Assucar, a Gavea, o Corcovado aprumavam-se radiantes. E havia um admiravel contraste entre o espectáculo que se apreciava da proa do navio e o que se apreciava da popa. Atraz ficavam os montes de aspecto temeroso, uns cobertos de espessa vegetação, outros escalvados e nús; na frente, a cidade sorria, no seu tranquillo despertar, animada e faceira...

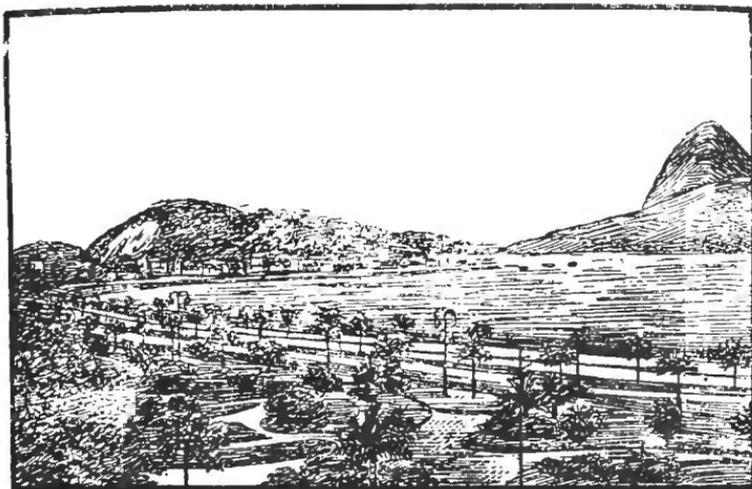
O paquete ladeava a fortaleza de Willegaignon, quando uma voz infantil disse ao lado dos dois irmãos:

— Vão á terra?

Quem falava era o filhinho mais moço do deputado, Dr. Caldas, que embarcara na Victoria; chamava-se Jorge, e contava apenas oito annos; o irmão, Rodolpho, tinha quatorze. Nessas poucas horas de convivencia a bordo, de Victoria até alli, Alfredo, com o seu genio expansivo, facilmente

travara relações com elles; e Carlos tambem se aproximara dos dois, especialmente de Rodolpho, que vinha ao Rio para prestar os seus primeiros exames.

— Sim, vamos saltar, — respondeu Carlos, —



RIO DE JANEIRO. — Avenida Beira-mar.

mas devemos esperar por um senhor, negociante aqui, que virá, ou mandará receber-nos...

— Não conhecemos amigos aqui, — acudiu Alfredo; — e tinha tanta vontade de passear pelo Rio de Janeiro, antes de seguir para o Rio Grande!...

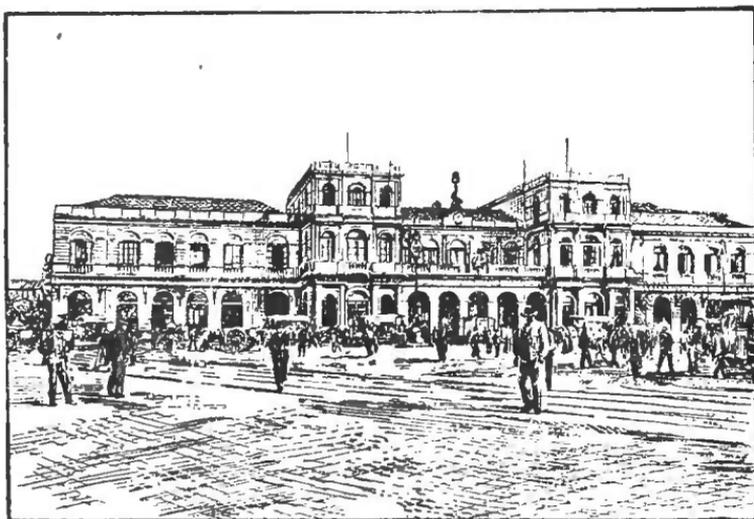
— Pois vão passear comnosco...

Os pequenos voltaram-se ao ouvir estas palavras. Pronunciara-as o pae de Jorge.

Os dois pequenos acceitaram com gratidão a companhia que se lhes offerencia.

Então, já o paquete havia lançado ferro. A tolda ficara quasi deserta; esperava-se a vinda das lanchas da Saude e da Alfandega, e todos tratavam de apromptar-se para o desembarque.

— Por ora, — disse o pae de Jorge — isto ainda é uma balburdia. E' um grande incommodo



Estação da Estrada de Ferro Central do Brasil, no
Rio de Janeiro

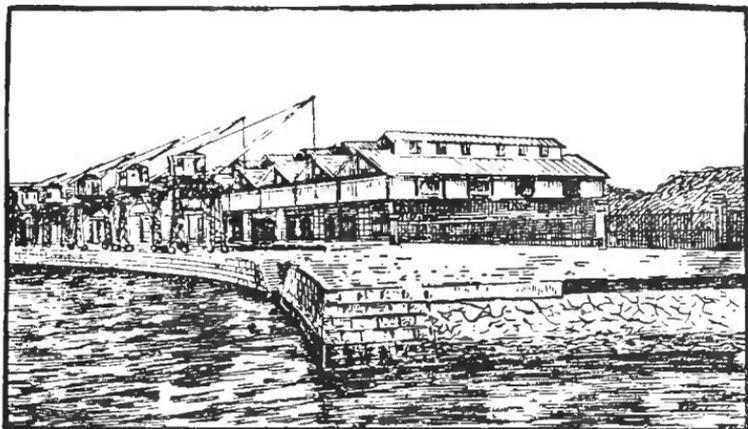
o desembarque. Mas d'aqui a poucos annos, todos os navios poderão atracar ao grande caes que se está construindo; e acabará este processo aborrecido e dispendioso de desembarque por meio de lanchas e botes. Já está terminado um largo trecho, e já podem atracar alguns paquetes.

— Onde fica o novo caes?

— Na Prainha. As obras já estão adiantadas. O caes vae ser monumental. Imaginem que terá

3.500 metros de extensão, desde a Prainha até a Ponta do Cajú!

O mar animava-se de um grande movimento; dezenas de escaleres, saveiros, lanchas corriam para o navio que acabara de fundear; dois grandes paquetes, mais ao fundo do ancoradouro, rece-



RIO DE JANEIRO. — O novo caes.

biam um maior numero ainda de pequenas embarcações; grandes barcas apinhadas de gente atravessavam a bahia; os navios mercantes carregavam e descarregavam mercadorias; botes, batelões, rebocadores, cruzavam-se em todos os sentidos. No meio do porto, em face da cidade, enfileiravam-se os navios de guerra, pesados, como monstros de aço.

O negociante, a quem vinham recommendados, foi pessoalmente recebê-los. Desceram todos na mesma lancha, e foi então que o homem leu a carta que Carlos lhe entregara a bordo do paquete.

— Bem! — disse o commerciante — vocês têm de seguir quanto antes para o Rio Grande; tenho ordem de providenciar para isso, e fazer todas as despesas; e a occasião é magnifica, porque, agora mesmo, vou mandar até lá um empregado da casa. Parte d'aqui a trez dias, mas vae por São Paulo...

— E então? — interrogou Carlos.

— Elle vae a São Paulo, dorme lá, e no outro dia desce para Santos onde toma o paquete para o sul; e vocês, ou seguem d'aqui no paquete, e em Santos encontram-se com elle, ou vão a São Paulo...

— Sim — interveio logo Alfredo — vamos a São Paulo...

— Faremos o que o senhor julgar conveniente — ponderou Carlos.

A CAPITAL FEDERAL

Foram trez dias de passeio e contentamento, que Carlos e Alfredo passaram no Rio de Janeiro, em companhia dos filhos do deputado. Os quatros rapazes não ficavam em casa senão para almoçar, jantar e dormir: todo o resto do tempo era empregado em percorrer a cidade, visitando os seus pontos mais interessantes, vendo todas as suas curiosidades. Todas, não; porque, como explicava Rodolpho aos seus pequenos amigos, nem dois mezes bastariam para isso. . .

— O Rio de Janeiro — dizia elle — é uma cidade immensa; ou melhor: é uma reunião de varias cidades. . . Imaginem que a area povoada é de quasi quinhentas leguas quadradas!

— Então é a cidade maior do mundo! — exclamou Alfredo, com enthusiasmo.

— Não! não! — emendou Rodolpho, sorrindo — longe d'isso! mas é uma das maiores. Em todo o caso, é a maior da America do Sul.

Foram ao Jardim Botânico, ao Corcovado, visitaram todos os parques, passearam pela Tijuca, e não esqueceram a visita ao Museu Nacional, onde Alfredo ficou pasmado diante do “Bendegó”, achando quasi impossivel que uma tão grande

massa metálica tivesse podido cair do céu. No Jardim Botânico, o que mais os entusiasmou foi a admirável alameda de palmeiras. E mais entusiasmados ficaram ainda, quando souberam que todas aquelas palmeiras provinham da que foi plantada por D. João VI... Foram visitar essa árvore veneranda, e olharam-n'a com verda-



Trecho da Avenida Central, na Capital do Brazil.

deiro respeito, vendo-a bem tratada, cercada de uma pequena grade de ferro, e conservada como uma relíquia.

Indo para o Jardim Botânico, e de lá voltando, extasiaram-se com o espectáculo da Avenida Beiramar, toda arborizada.

Tudo era novidade para elles, que, no entanto, no Rio de Janeiro tinham nascido e vivido os primeiros tempos; mas havia oito annos que o pae se mudara para o Recife; Carlos ainda guardava algumas lembranças, não da cidade propriamente, mas da casa onde nascera, uma grande chacara onde brincara, um horizonte de montanhas ao fundo. . . Nem sabia, porém, onde ficava a casa.

Para apresentar-lhes o Rio de Janeiro, num só panorama, o pae de Jorge levou-os ao alto do morro do Castello; ahi, evocaram o remotissimo tempo em que Mem de Sá, em 1567, fundou a cidade, nessa mesma collina assentando as primeiras muralhas, os primeiros fossos de defesa, e as primeiras habitações; ao seu espirito, acudiram, recordados em rapida synthese, todos os episodios da historia urbana, todos os lentos progressos da sua existencia; e, deslumbrados, viram e admiraram a actual grandeza da metropole, toda a sua vida e animação: a fumarada que subia das chaminés das fabricas, a multidão a formigar nas ruas e nas praças, os bondes, as carruagens, os automoveis. . .

E, olhando as aguas calmas de Guanabara, a cercar a cidade, desde a costa de Bemfica até o recanto da Gavea, comprehenderam que razão tinham os indigenas em chamar a bahia de: *Guanabara*, que quer dizer — *agua escondida*. . . escondida na grandeza das montanhas que as fecham por toda parte.

NA RUA DO OUVIDOR

A *Avenida Central* deslumbrou os dois meninos.

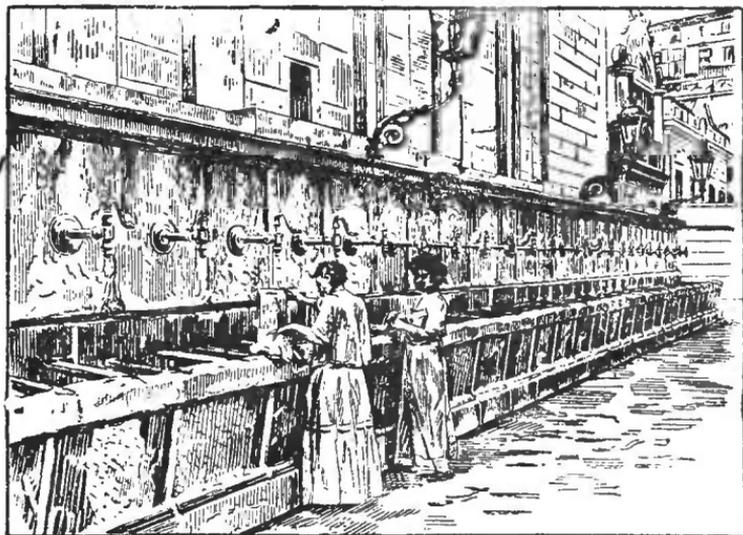
A grande arteria urbana, com quasi dois kilometros de comprimento, e ladeada de magnificos predios, parecia-lhes uma' cousa ideal, uma fantasia, um sonho. E Carlos pensava, ao contemplar tantos palacios, tantas luzes, tanta belleza, na singularidade das aventuras que lhes aconteciam havia pouco tempo, e no contraste entre os deslumbramentos da cidade civilizada e a simplicidade dos rudes sertões por onde tinham andado perdidos...

Alfredo abria a bocca, espantado; e chegou a pensar que o estavam enganando, quando lhe disseram que, para construir a *Avenida*, fôra preciso demolir quinhentos e cincoenta predios da cidade!

Um outro ponto do Rio de Janeiro, que os interessou vivamente, foi a rua do Ouvidor. Por toda a parte tinham ouvido falar d'ella, e ambos tinham uma grande vontade de conhecê-la.

Em certa altura, Carlos, attonito, lançou um olhar para a outra extremidade da rua, e estremeceu: a multidão, que via diante de si, fez-lhe

medo. Em outros lugares, já havia visto grandes aglomerações, em procissões, festas; mas era uma gente que não se parecia com aquelle turbilhão de pessoas, a agitar-se em todos os sentidos, acotovelando-se, todas apressadas, indifferentes umas ás outras, num movimento continuo. Parecia-lhe impossivel atravessar aquelle mundo,



Chafariz da Carioca, no Largo da Carioca — Rio de Janeiro. *Carioca* é o nome de um rio, cujas aguas foram canalizadas para ahi, e que se tornaram tão celebres, que deram o nome á população da Capital do Brazil.

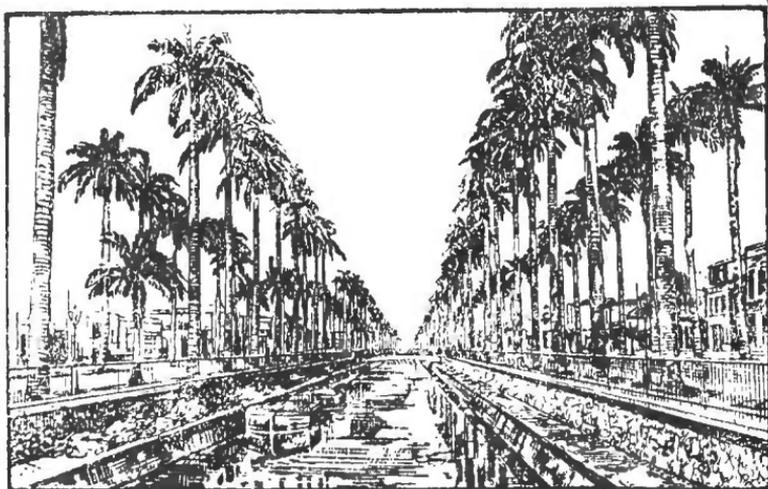
onde as pessoas se espremiavam e empurravam; parecia-lhe que o iam esmagar...

Então, já estavam na parte central da rua. O Dr. Caldas, ao mesmo tempo que ia indicando as casas mais importantes, e os homens mais em voga, cumprimentava a um e outro, pedia noticias,

conversava com os amigos que encontrava, curvava-se em saudações para as senhoras que conhecia. E não faltavam senhoras, a entrar e sair dos armarinhos, todas elegantemente vestidas, de uma formosura muito esmerada.

Passará o susto do rapaz, e agora elle avançava francamente; como os outros, acotovellando, torcendo-se e desviando-se, parando para olhar quando o interesse era mais forte, mas já senhor de si no meio da multidão.

Absorvido no que via, não percebeu que o irmão tinha desaparecido. Quando o buscou



Avenida do Canal do Mangue, depois de reformada;
hoje, Avenida Lauro Muller

com o olhar, e correu em torno, e não o achou, ficou aterrado. Então, sim, aquella multidão lhe pareceu terrível capaz de afogar, consumir e devorar o irmãozinho, que elle com tanto cuidado trouxera desde o Recife, atravez de tantas diffi-

culdades. Chamou em voz alta, indagou dos companheiros, que, attentos, se entretinham em ouvir o pae discorrer e conversar.

Mas o Dr. Caldas percebeu o que havia, e immediatamente tratou de achar o pequeno desviado. Mandou que os filhos e Carlos descessem a rua, até o principio, e lá o esperassem, enquanto elle seguiria em sentido contrario.

Andou uns dez minutos e encontrou o pequeno, acolhido a um desvão de porta, chorando silenciosamente, rodeado de um grupo que já se interessava por elle.

Alfredo vira passar um velho, vendendo brinquedos, e instinctivamente o seguira; quando buscou os companheiros, já não os viu.

Apesar d'este incidente, a impressão que a rua do Ouvidor deixou no animo de Carlos foi das que nunca se dissipam.

EM VIAGEM PARA SAO PAULO

O Sr. Ribeiro Gomes, o negociante a quem os rapazes vieram recommendados, providenciara effectivamente para a viagem; e, quatro dias depois da chegada ao Rio de Janeiro, tomaram Carlos e Alfredo o trem, na estação da Estrada de Ferro Central.

O Dr. Caldas, que os guardara sempre comsigo, foi leval-os á estação. Já lá estavam o negociante e o empregado que tinha de seguir. Era este um brasileiro, moço de uns trinta annos, ares decididos.

Fazia frio, mas os rapazes quasi não o sentiam, interessados pelo movimento que viam áquella hora: os trens de suburbios despejavam ondas de povo.

A locomotiva silvou... As despedidas foram commoventes. E Carlos, quando o trem se poz em movimento, embebido em pensamentos tristes, pensava: “Nesta longa viagem quantos amigos vamos deixando perdidos! primeiro, papae! depois, Juvencio, Maria das Dores, tantos outros! — e agora, Jorge e Rodolpho...”

Tirou-o d’essa melancolia o caixeiro:

— Vejam como é bello isto! — e apontava pela portinhola do trem.

Effectivamente, era uma belleza o que se via: as serras, ao fundo, envoltas em neblina, e a casaria da cidade em baixo; o trem passava, cortando ruas, margeando jardins, costeando trilhos de bondes... Mas tudo isto se via rapidamente, fugazmente. Depois as casas fizeram-se mais espaçadas: eram quasi todas *chalets*, dentro de jardins...

— Já estamos nos suburbios, — informou o caixeiro — é d'aqui que vae para a cidade toda aquella gente que viram chegar á estação central. E ha trens especiaes para esse tráfego dos suburbios, parando em todas as estações por onde vamos passando...

Alfredo ouvia attento, ao mesmo tempo que examinava a physionomia *sympathica* e decidida do homem. Chamava-se este Rogerio Cortes.

— Sr. Rogerio, este nosso trem não pára?

— Pára, sim, d'aqui a pouco, em Cascadura, e depois em Belém e depois em muitas outras estações...

Depois de Cascadura a machina bufou, e o comboio partiu por uma baixada igual, salpicada aqui e alli de habitações, que se tornavam cada vez mais raras á proporção que o trem avançava. O horizonte fechava-se ao fundo por uma cadeia de montanhas. Mostrando-as, Rogerio Cortes começou a conversa:

— E' a Serra do Mar... Lá adiante, vamos galgal-a, atravessando grotões, cortando despeñhadeiros, furando montanhas... Ha quatorze tuneis neste ramo de estrada de ferro, de Belém até

a Barra do Pirahy; é um trecho que se transpõe em uma hora, sempre em curvas e voltas pela serra acima. Um dos tuneis, o "tunel grande", tem mais de 3 kilometros de extensão, e gasta o trem, para atravessal-o, mais de trez minutos.

Effectivamente, o comboio, desde que saiu da planicie e passou Belém, enfiou pela serra, por entre cabeços de montes, a bufar ruidosamente por sobre barrancos, junto a penedias abruptas, que pareciam vir esmagal-o. Varava tuneis, e transpunha pontes, parando de vez em quando.

— Barra do Pirahy! — annunciou o chefe do trem.

— Aqui acabam os tuneis e a montanha. Tem este nome o local, — explicou o caixeiro, — porque neste ponto desagua o rio Pirahy no soberbo Parahyba. Nesta estação a estrada bifurca-se; a linha do Centro segue para Minas, e a linha de São Paulo vae margeando o Parahyba pelo valle acima até entrar no Estado de São Paulo. Lembra-se da estação de Maxambomba, que lhes mostrei, logo depois de sairmos do Rio de Janeiro?... Foi ahi que entrámos no Estado do Rio de Janeiro; agora, estamos no Estado do Rio, e iremos por territorio fluminense até depois de Rezende: ahi entraremos no territorio paulista, cuja primeira estação é Queluz.

Com isto, o trem já havia chegado á Barra do Pirahy.

— Vamos almoçar; o trem demora-se aqui vinte minutos.

Almoçaram e partiram. O horizonte era agora outro: o longo valle quasi plano, e estiradas cadeias de montanhas aos dois lados.

A LINHA DO CENTRO

Rogeiro Cortes, expansivo, exuberante, falava sempre: a principio, os rapazes pouco o ouviam, entretidos com as paizagens que se desenrolavam, e com o aspecto de cada estação em que parava o trem: Vargem Alegre, Pinheiro, Volta Redonda, Barra Mansa, Rezende... Mas nesta successão de estações a viagem, sempre pelo mesmo valle, já se ia tornando enfadonha.

Voltaram-se então os rapazes para o companheiro, e ouviram-lhe as explicações e descrições.

— Conhece a “Linha do Centro”, que disse partir da Barra do Pirahy? — perguntou Carlos — já viajou por ella?

— Oh! muitas vezes.

— E porque a chamam “Linha do Centro”?

— Certamente, porque é a linha que se dirige bem para o centro do paiz. E’ a linha principal. Esta aqui é apenas um ramal, que se continúa com a Estrada de Ferro do Norte, e vae até São Paulo. Já percorri toda a linha do Centro.

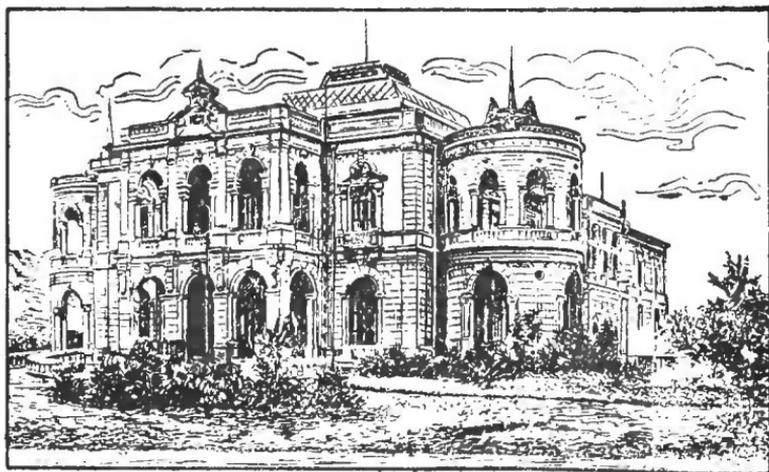
— E a viagem é sempre monotona?

— Não. Ha muita variedade de vistas, de paizagens. Partindo da Barra do Pirahy, a linha vae

margeando o Parahyba até pouco antes do ponto em que este recebe o Parahybuna, outro rio que vem do interior de Minas Geraes. Ahi, na estação de Entre-Rios, a linha parte directamente para o interior; um pouco adiante apanha o Parahybuna, e segue-o até para lá de Juiz de Fora, uma das mais importantes cidades mineiras. E' uma questão de duas horas de viagem. Depois começa-se a subir a famosa serra da Mantiqueira. Já ouviu falar d'ella?

— Sim, — disse Carlos — é uma das mais altas do Brazil.

— Mas ahi a serra tem um aspecto differente da Serra do Mar, por onde passámos; é mais



Palacio da Presidencia, em Bello Horizonte.

grandiosa, mais fechada, e o trem sobe fazendo uma grande curva. Passa em Palmyra, e transpõe o alto da cordilheira na chamada "Garganta de João Ayres". E' fortissima a ventania ahi; o

lugar forma effectivamente uma garganta, e o vento esfuzia terrivelmente.

“Depois a estrada desce suavemente para Barbacena. Antes de chegar a essa cidade, ha um ponto interessantissimo, na chapada da Mantiqueira de uma certa altura, vêem-se tres corregos que irradiam e partem em rumos oppostos: um leva a agua para o rio Doce, que vem ter ás costas do Espirito Santo; outro vae para o rio das Velhas e d’ahi para o São Francisco; e o terceiro vae para o rio das Mortes e d’ahi para os rios Grande, Paraná, Paraguay, e da Prata: de forma que a agua de um pequeno aguaceiro, caido alli, pode dividir-se e espalhar-se para todas as direcções, indo até quatrocentas ou quinhentas leguas de distancia... Sabem porque se chama “das Mortes”, esse rio de que falei?

— Sei; — respondeu Carlos — porque ahi se deu a celebre batalha dos Emboabas, entre os portuguezes e os bandeirantes paulistas, que descobriram e exploraram todo este sertão do centro e do sul do Brazil, indo até Goyaz e Mato Grosso.

— Contas-me isso, Carlos? — acudiu Alfredo.

— Depois, quando tiveres conhecido a cidade de São Paulo, de onde partiram quasi todos os bandeirantes.

— De Barbacena para lá — continuou Rogério — o caminho vae cortando cabeceiras de diversos rios. E’ um terreno que muda de aspecto, de momento em momento. Vêem-se enormes faldas de montanhas cavadas pelos rios, profundas grotas, escarpadas furnas, boqueirões immensos. Foi ahi que antigamente mais se desenvolveu a mineração. Chegando á estação de Burnier, depois

de muitas horas de viagem, encontra-se um ramal, que vae a Ouro Preto, antiga capital do Estado de Minas. E' uma velha e interessante cidade, muito montanhosa, situada num centro de mineração.

— E Ouro Preto já não é a capital? — perguntou Alfredo.

— Não! — explicou Carlos. — A capital é hoje Bello Horizonte, uma cidade admiravel, construída em poucos annos, e que custou cerca de trinta mil contos de réis.

.

O OURO E OS DIAMANTES

— O nome de Minas, dado a esta parte do Brazil — disse então Carlos a Alfredo — vem da abundancia de minas de ouro e diamantes que ha no seu solo.

— E ha muito ouro? — perguntou Alfredo.

Neste ponto da conversa, um homem de certa idade, que viajava no mesmo carro, interveio, com bondade:

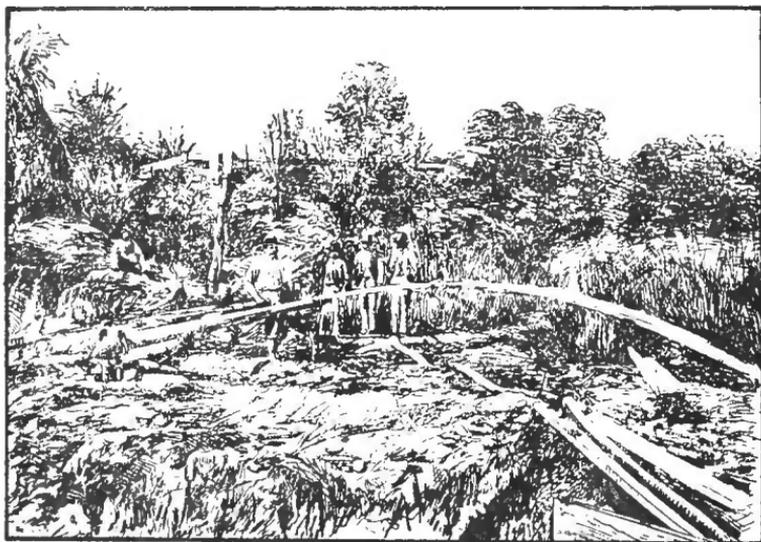
— Satisfaz-me muito a curiosidade com que procuram informar-se d'estas cousas. Venho ha muito tempo ouvindo a sua conversa, e acho muito louvavel o desejo que mostram de conhecer a vida do seu paiz. Sou engenheiro de minas e já trabalhei muito em mineração. Em Minas ha muito ouro, muito diamante, e tambem muito ferro que ainda é mais util.

— E a extracção do ouro é difficil? — perguntou Carlos.

— Não é difficil, mas é muito dispendiosa. E' verdade que se encontra ouro á flor da terra; mas as maiores quantidades jazem no fundo das minas, misturadas com outras substancias nas rochas, que é preciso quebrar, triturar e lavar, por meio de muitos machinismos complicados.

— E toda a gente pode apanhar ouro? — interrogou Alfredo.

— Sim — explicou o engenheiro — toda a gente pode apanhar o ouro que apparece á flor da terra, no leito dos riachos e correços, e muitas pessoas vivem d'essa industria. Apanham a areia dos correços, deitam-n'a com agua na *batêa*, e passam muito tempo a agital-a, renovando a agua de tempo em tempo. A *batêa* é uma especie de alguidar de madeira. Com o movimento e a lava-



Mineração de diamantes. Um poderoso jacto de agua faz desmoronar as terras, e torna facil a procura das pedras preciosas.

gem, o ouro pouco a pouco se vae separando da areia e depositando-se no fundo do alguidar. Mas a quantidade do precioso metal recolhido por esse processo é sempre insignificante. A grande explo-

ração faz-se nas minas, que pertencem a companhias, dispondo de grandes capitaes.

— Que bonita deve ser uma mina de ouro! — exclamou o pequeno Alfredo. — Aquillo até deve fazer mal á vista!

O engenheiro sorriu, e desenganou o menino:

— Qual! é essa a ideia que muita gente faz de uma mina de ouro; mas não ha ideia mais falsa. O ouro não apparece, porque está misturado com as substancias que constituem a rocha. Uma das minas mais importantes é a de Morro Velho, no arraial de Congonhas de Sabará. Mais de 1200 homens trabalham ahi. Para ir ao fundo da mina, segue-se primeiro a pé, por uma galéria horizontal, e depois entra-se em um grande cesto, chamado *caçamba*, que lentamente, por meio de um jogo de rodagens e cabos de aço, leva o visitante a uma profundidade de mais de duzentas braças.

— E como é que se faz o trabalho?

— Os operarios despedaçam a rocha por meio da dynamite, e trazem para cima os blocos de pedra, que são triturados e reduzidos a pó, por immensos pilões hydraulicos; depois o pó é muitas vezes lavado, e submettido a varios processos chimicos, até que d'elles se extrae o ouro puro.

— E os diamantes? o senhor já viu como se extraem?

— Já. Já estive no Jequitinhonha, que é um dos maiores rios de Minas, e onde se têm achado muitos diamantes. Os exploradores *cercam* um certo pedaço de rio, isto é: desviam d'esse trecho as aguas, por meio de processos que não vale agora a pena descrever, e descobrem o leito. En-

tão *cateiam*, isto é: tiram a camada inútil de terras e areias, e encontram o cascalho miúdo, onde se acha, ás vezes, o diamante bruto. Esse é o processo rudimentar. Mas em Minas e em Mato Grosso já ha explorações de processo moderno, sendo as jazidas revolvidas por meio de possantes dragas.

•

MATO GROSSO E GOYAZ

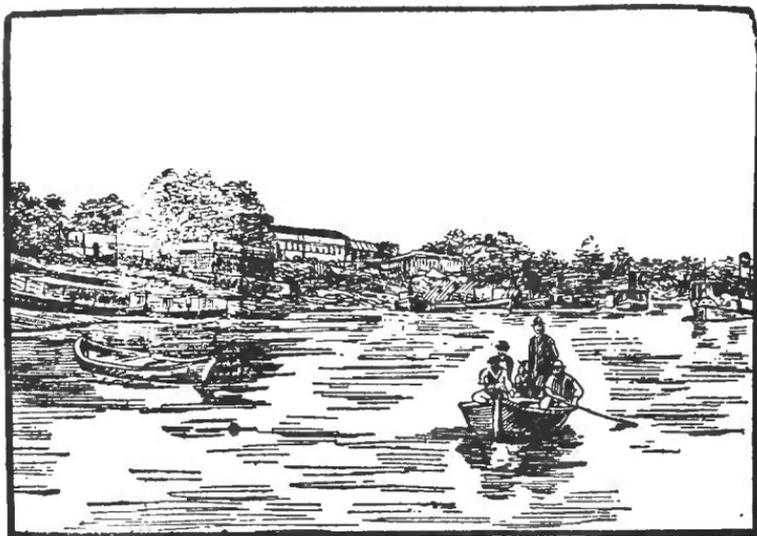
— Quanta riqueza ha no Brazil! — exclamou Alfredo, que ouvira com a maxima attenção o que dissera o engenheiro de minas.

— Ha muita! muita! — confirmou este. — E grande parte d'essa riqueza, para não dizer quasi toda, ainda é desconhecida. Nós todos falamos com assombro das jazidas preciosas que ha no Estado de Minas, e nem pensamos nas que existem completamente ignoradas em Mato Grosso e Goyaz.

— São dois Estados muito grandes, não?

— São immensos. Mato Grosso, entre os Estados do Brazil, é o segundo em extensão territorial: a sua superficie é maior que duas vezes a superficie da França. Goyaz tambem é gigantesco; tem quasi oitocentos mil kilometros quadrados. Infelizmente essas duas colossaes porções da terra brazileira são quasi desconhecidas, por falta de vias de comunicação facil com o litoral. Quando as estradas de ferro e as linhas de navegação fluvial tiverem estabelecido essa comunicação, ninguem pode imaginar a esplendida prosperidade que reinará alli. Felizmente, já principiou uma era de progresso. Já está adianta-

dissima uma estrada de ferro, — a de *Madeira e Mamoré*, — communicando Mato Grosso e o Atlantico, pelo Amazonas; o Estado, por meio da Estrada de *Bahurú a Cuyabá*, será ligado a São Paulo e Rio de Janeiro; haverá uma ligação entre Goyaz e Minas Geraes, pela Estrada de *Formiga*



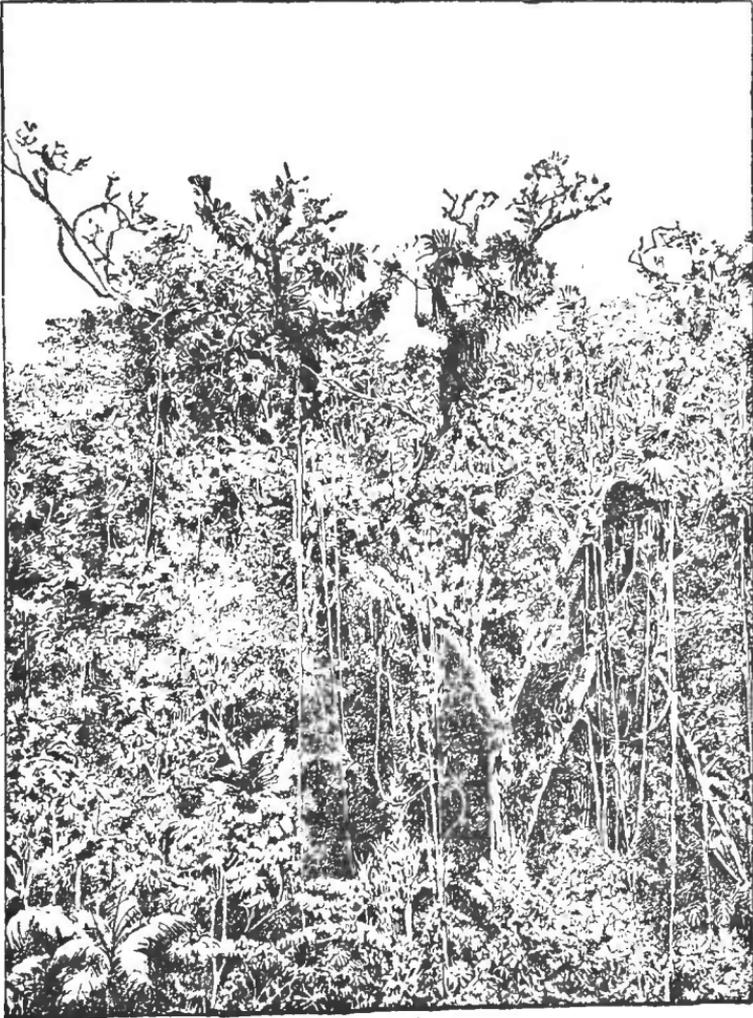
MATO-GROSSO. — Cuyabá.

a Goyaz; e haverá uma navegação a vapor nos rios Paraguay, Guaporé, Juruá e Mamoré... O solo é fertilissimo, de extraordinario vigor; e alli as pastagens serão utilizadas para uma criação de gado, capaz de abastecer grande parte do mundo.

— E ha muito ouro? muitos diamantes? — inquiriu Carlos.

— Não só ouro, não só diamantes, mas tambem prata, cobre, ferro, crystaes, chumbo, platina,

manganez e muitas pedras preciosas. No período colonial, era de Mato Grosso que saía a maior parte do ouro expedido para Portugal; houve



A floresta virgem, com a sua riqueza de samambaias e lianas.

tempo em que só nos arredores de Cuyabá se extraíam mais de mil kilos de ouro em cada mez.

— E Goyaz?

— Em Goyaz, o solo é também opulento. Foi lá que se deram no seculo XVII os episodios mais commoventes das viagens de exploração. Um dos primeiros exploradores foi Bartolomeu Bueno da Silva, que chegou até o Rio Vermelho, colhendo muito ouro. Os indios deram-lhe o apelido de *Anhanguera*, que quer dizer: *diabo velho*. E o que mais deve interessar os senhores, que são ainda crianças, é que o *Anhanguera*, nessa expedição, levou como companheiro um filho, que apenas contava doze annos de idade...

— Era mais moço do que tu, Carlos! — exclamou Alfredo, abraçando o irmão. — Mas tu também és um heroe!

E, voltando-se para o engenheiro, accrescentou com orgulho:

— Nós também já viajámos muito! acabámos de atravessar quasi todo o norte do Brazil, e por terra, e a pé!

O engenheiro sorriu, e disse:

— Felizmente, já é possível atravessar todo o Brazil, por terra, não a pé, como os bandeirantes, mas em caminho de ferro.

— Como?

— Por meio das junções das estrads de ferro; o caminho parte de Montevidéo, republica do Uruguay, transpõe a fronteira em Sant'Anna do Livramento, no Estado do Rio Grande, atravessa este Estado, e os de Santa Catharina, Paraná e São Paulo, e entronca-se com a Estrada de Ferro Central. A linha principal, pela qual esta-

mos agora viajando, chega até Pirapóra, no rio São Francisco. Até ahí chegam tambem os pequenos vapores do norte, que vêm de Joazeiro.

— Esses mesmos vapores, em um dos quaes viajei ha algumas semanas?

— Perfeitamente. Depois do percurso fluvial até Joazeiro, iremos pela estrada de ferro até Bahia, e até o extremo norte, porque estão sendo construidas novas vias-ferreas destinadas a ligar todos os Estados septentrionaes.

A LAVOURA DOS CAFEZAES

Estavam já no Estado de São Paulo. O trem passou por Queluz, Lavrinhas e Cruzeiro. Entre Cruzeiro e Cachoeira, Carlos, vendo na falda da serra uma lavoura de moitas alinhadas, perguntou:

— Que é aquillo?

— E' um cafezal — respondeu Rogerio promptamente. — Existe alli uma fazenda de café; veja a casa, lá em baixo!

E o caixeiro apontava um casarão, que se via no sopé do morro.

— Então, é por aqui, Sr. Rogerio, que se cultiva todo o café que o Brazil produz? — perguntou Carlos.

— Não. A grande lavoura de café de São Paulo faz-se hoje no oeste do Estado, na chamada *terra roxa*. Por aqui, houve muitas fazendas importantes, mas, com a continuação, estas terras, que não são muitos fortes, *cansaram*, quero dizer: já não produzem tanto como d'antes.

“Descobriram-se no oeste outras terras excellentes para o café, as *terras roxas*, e lá então se de-

senvou a grande lavoura. Depois, extinguiu-se a escravidão, e começaram a vir para aqui milhares de colonos italianos. São elles principalmente os trabalhadores nas fazendas do oeste. Cada fazenda tem a sua *colonia*, que é uma fila de casas, bem arruada, onde moram esses colonos estrangeiros.

— Então, não é toda a terra que serve para o café?

— Não. O café frutifica bem nas regiões serranas, em terras novas, até antes cobertas de matas, e nos climas onde as estações sejam muito regulares. Aquella *Serra do Mar*, por onde passámos, no Rio, na mata de Minas Geraes, e aqui no norte de S. Paulo, já produziu muito café; hoje ainda produz; mas quasi todas as antigas fazendas estão abandonadas.

— E como se planta o café?

— Derruba-se o mato, nas partes mais altas das serras, limpa-se o terreno, e plantam-se os grãos do café, ou as *mudas*, isto é: pés de café que se criam em pequenos vasos e só são levados definitivamente para a terra do cafezal quando já têm um palmço de altura. Escolhem-se os pontos altos, porque, aqui no sul, nas noites de grande frio, no inverno, costuma cair *geada*, isto é: um gelo miudo, que é mais frequente nos terrenos baixos; a geada mata o café novo; e, por isto só, se escolhem para as plantações os terrenos altos. A's vezes, a geada é tão forte que alcança até os pontos altos; e então os lavradores costumam cobrir os cafeeiros novos com cestas que os protegem.

— E os cafeeiros produzem logo?

— No fim de quatro annos; então, já o arbusto tem a altura de um metro, mais ou menos, e produz os primeiros grãos. Com cinco annos, fica o cafezal carregado, e produz francamente.

— E o café dá durante todo o tempo?

— Não. Aqui, no sul, chove no verão, e faz estiagem no inverno: esta é a estação da sêca. A colheita do café é feita no inverno. Em setembro e outubro, com as primeiras chuvas do verão, florescem os cafezaes. Pelas encostas onduladas, apparece o verde arruado das lavouras, todo salpicado de branco, um branco puro... As longas vergonteadas do cafeeiro pendem carregadas de flores, florinhas sesseis, agarradas ao ramo fino, por todo elle, e abrigadas na inserção das folhas; estas flores dão lugar a outros tantos frutos.

O PREPARO DO CAFÉ

Com a fadiga natural da longa viagem, Alfredo adormecera; mas o irmão, Carlos, continuou attento. Aproveitando um momento em que o caixeiro suspendeu um pouco a conversa, perguntou-lhe:

— Mas, Sr. Rogerio, como pode o senhor, que mora no Rio de Janeiro, conhecer tão bem assim a lavoura do café?

— E' que tenho viajado por toda esta região, e já passei muitos dias em fazendas, tanto na epoca da plantação como na das colheitas... Em maio, entra a estiagem, os cafés estão maduros, começa a colheita. Um exame de colonos segue para os cafezaes. Com uma peneira presa á cintura, um *samburá* a tiracolo, panos e escadas para os cafezaes mais altos, lá vão elles: são familias inteiras — homens, mulheres e crianças. Cada grupo de trabalhadores segue por uma rua, de arbusto em arbusto, correndo as mãos pelos ramos, e despejando para o *samburá* os punhados de *cerejas* e de folhas. A planta fica nua, as varetas finas tremem ao vento, como ramalho seco, e a plantação parece, depois da colheita, uma roça

devastada pelas formigas, ou assolada pelos gafanhotos. Não se pode colher de fruto em fruto; *raspa-se* todo o ramo, e, com um só movimento, apanha-se uma mão cheia.

“O serviço é aspero; a haste nodosa do cafeeiro dilacera as mãos ainda não habituadas e callejadas. Colhida uma certa porção, leva-se á peneira; retiram-se as folhas que ficam em cima, e vão os frutos para os montes. Cada *apanhador* de café tem o seu pano, especie de lençol, que se estende em baixo do arbusto, e onde cae grande numero de frutos; antes de passar adiante, ergue-se o pano, e recolhem-se todas as bagas que sobre elle caíram. Cada trabalhador leva para as grandes ruas do cafezal, para os *caminhos de carro*, — o seu café, e ahi o entrega, medido. Fazem-se grandes montes de *café em cereja*, isto é, do fruto maduro, colhido de fresco, ainda rubro ou alaranjado como a cereja madura. Dois, trez, quatro dias passa ahi o fruto, e os carros de bois o vão conduzindo para os *terreiros* de café, ao pé do engenho.

“Esse terreiro é uma vasta esplanada, de chão nivelado, horizontal, cimentado, ou *batido*, de centenas de metros quadrados de superficie, e sobre o qual o café é espalhado para secar. Em face, fica o engenho; e, logo junto, o paiol, as tulhas.

“Espalham-se as carradas de *cereja* sobre o terreiro, e alli fica o fruto, até secar completamente a casca, que toma o aspecto de um pequeno coco, ou de uma pequena avellã, comprida e quasi negra. Dentro, chocalha o grão do café. E’ o *café em coco*. Para que elle chegue a esse estado,

é preciso ficar por muitos dias exposto ao sol e ao ar livre. Para isso, espalham-n'ó sobre o terreiro, em camadas muito finas, de menos de uma pollegada: duas, trez vezes por dia é revolvido; de espaço a espaço, abre-se a camada de café, e formam-se leiras estiradas, deixando a nú compridas faixas do chão do terreiro, para que receba



SÃO PAULO. — A colheita do café.

o sol directamente, e para que este enxugue toda a humidade.

“Seco o fruto, o café em coco é lavado. Lavam-n'ó em grandes tanques annexos ao terreiro, tanques dispostos em declive, tendo em baixo uma grade bastante fina para que o coquilho não passe. Despeja-se o fruto, e sobre elle cae o forte jorro de agua, que o desembaraça de todos os elementos estranhos: os gravetos, as folhas, os grãos apodrecidos; tudo isso vem á tona da agua, e escapa-se pelos escoadouros dos tanques. As

terras, as pedrinhas mais pesadas vão para o fundo. O café puro, lavado, é ainda uma vez estendido no terreiro limpo; e, seco de novo, está prompto para entrar no engenho, onde será *beneficiado*; isto é: entra para as machinas, que o descascam por completo, e separam os grãos, pelo tamanho, pelo formato. Estas machinas são: os *descascadores*, os *ventiladores*, os *catadores*. O café sae do machinismo para o sacco. A maior parte das grandes fazendas já têm também *despolpadores* — machinas que desembaraçam o fruto, apenas murcho, da casca carnosa, evitando-se d'este modo o longo periodo do trabalho no terreiro, e obtendo-se um producto melhor.

SÃO PAULO

Jantaram em Taubaté. Era noite, quando o trem entrou na Estação do Norte, na capital paulista.

Rogério já dissera aos companheiros que só passariam em São Paulo aquella noite e a manhã do dia seguinte, até ás nove horas: tomariam o trem para Santos, onde almoçariam, e depois embarcariam para o sul, porque o paquete devia sair ás trez horas.

Da Estação do Norte até o centro da cidade, transportou-os um bonde electrico.

— Este bairro paulista — explicava Rogério, logo ao mover-se o bonde, — chama-se “o Braz”: é populosissimo, e quasi exclusivamente habitado por italianos; aqui residem, em grande parte, operarios. Vejam que multidão, que vida! Quasi é toda italiana a colonização de São Paulo. E’ uma raça boa, intelligente, dotada de vivo genio de iniciativa. Os italianos têm feito muito pelo progresso do Estado.

Chegando ao centro urbano, Rogério tomou conta de dois quartos, num hotel; depositadas as bagagens, saíram os trez.

— Reparem bem no hotel — recommendou Rogerio — tomem nota da rua, e do numero da casa: é indispensavel isto, quando a gente habita provisoriamente uma cidade desconhecida. Apesar da hora adiantada, ainda devo hoje tratar de negocios; mas vamos ao “triangulo”. O “triangulo” é o coração da cidade de São Paulo: uma parte urbana limitada por trez ruas, muito animadas, a Direita, a de São Bento, e a Quinze de Novembro.

As ruas, como as do Rio de Janeiro, regorgitavam de povo; as lampadas electricas jorravam luz offuscante; esplendiam as fachadas dos theatros e dos cinematographos, e os mostruarios das luxuosas lojas de joias, de modas, de variados artigos. Dos cafés, das confeitarias, das cervejarias saía o rumor das musicas, das vozes, dos risos. Cruzavam-se os bondes, as carruagens atreladas, os automoveis. Pequenos vendedores apregoavam numa algazarra os jornaes.

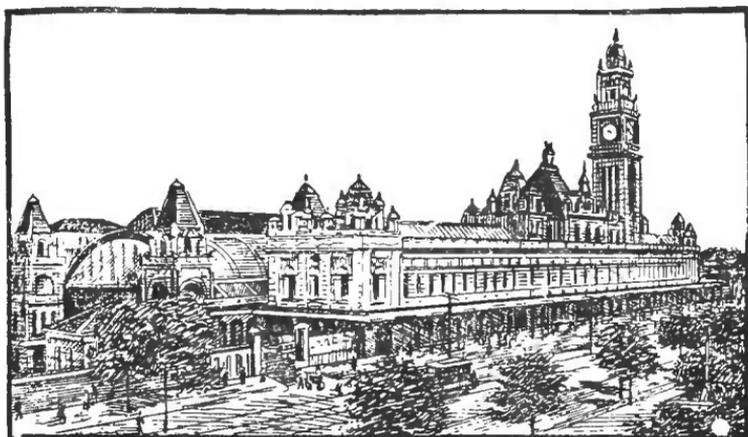
Entraram em um botequim. Rogerio tomou café, e partiu, dizendo aos meninos que o esperassem alli, ou voltassem ao hotel, se não tivessem medo de perder-se...

— Qual perder-nos! — tornou Alfredo, muito senhor de si. — Prestei toda a attenção ao caminho!

— Sim, sim! — disse Carlos, rindo. — Já sei que és um grande andarilho, um heroe! Mas já não te lembras que te perdeste na rua do Ouvidor...

Ficaram alli os dois, a principio muito entretidos, a contemplar o movimento da casa e da rua. Mas fazia frio, o frio penetrante de São Paulo, e

Alfredo, apesar do sobretudo que trazia, começou a tremer, e a pedir ao irmão que se fossem embora: Carlos, por sua vez, passada a primeira impressão de novidade, o que sentia agora era um absoluto isolamento; e com isto lhe veio a saudade desesperadora, e com a saudade aquella



SÃO PAULO. — Estação da Luz.

mesma ideia que já uma vez tivera: “E se o pae não tivesse morrido?...” D’esta vez a ideia voltava mais insistente ainda, e Carlos entrou a examinar as proprias duvidas. Sim! sentia duvidas, isto é: não podia ter certeza; e esse pensamento, se o consolasse um pouco, ao mesmo tempo lhe trazia uma certa angustia. Era uma vaga esperança que anciosamente o atormentava...

Quizera poder voltar atraz, correr de novo aquellas paragens do norte, e trazer de lá a verdade clara... “Mas, não!—continuava a reflectir,

devorado de amargura e saudade—elle morreu!... nunca mais, nunca mais, nunca mais o havemos de ver!...”

Alfredo queixava-se do frio forte, e Carlos resolveu entrar.

O PROGRESSO PAULISTA

Na sala do hotel, esperando Rogerio, os dois pequenos viajantes já cochilavam, quando a sua attenção foi despertada por uma voz affectuosa:

— Então, já viram toda a cidade?

Era o companheiro de viagem, o engenheiro de minas, que lhes dera tão boas informações sobre o ouro e os diamantes de Minas Geraes. .

— Quasi nada pudemos ver; — respondeu Carlos; — e, como devemos partir amanhã cedo...

— Pois é pena. São Paulo possui muita coisa digna de ser vista: magníficos jardins, esplendidas casas, bairros novos já muito animados, e muito boas escolas. O progresso d'esta terra nunca cessou. A immigração italiana tem dado grande desenvolvimento á lavoura, e as cidades do interior desenvolvem-se continuamente.

A um lado, na sala do hotel, alguns outros hospedes conversavam em voz alta. Via-se que eram fazendeiros. Falavam do preço do café e da abundancia da colheita naquelle anno. Um d'elles dizia que a producção ia ser talvez de vinte milhões de saccas de sessenta kilos: mais da quarta

parte da produção do café, de todo o resto do mundo...

— Estão ouvindo? — observou o engenheiro. — Mas não pensem que a única fortuna de São Paulo é o café. Se, porventura, — hypotheses absurdas! desaparecesse a lavoura do café aqui, ou os mercados do mundo não consumissem a produção dos cafezaes paulistas, — ainda assim a riqueza do Estado seria assegurada.

“Os governos têm sido previdentes, criando um sem numero de outras fontes de opulencia. Este povo é energico; a historia de São Paulo é uma bella lição. Ainda existe a tradição dos bandeirantes!

— O senhor é paulista? — perguntou Carlos.

— Não. Sou mineiro, nasci em Campanha, e formei-me na Escola de Minas de Ouro Preto. Mas descendo de uma familia de paulistas, — e de uma familia de bandeirantes. Está claro, que não tenho “fumaças” de nobreza: o homem vale unicamente por si mesmo; e de certo eu seria exclusivamente um “zero”, se todo o meu valor moral fosse apenas a vaidade de possuir um nome de antepassados...

— E ainda ha familias descendentes de bandeirantes?

— Muitas. Ah! esses bandeirantes! E ainda não nasceu no Brazil um poeta, capaz de compor a definitiva epopéa sertanista! Aquelles homens, invadindo os sertões, criaram o Brazil. Gabriel Soares, Melchior Dias, Francisco de Souza, Fernão Dias Paes, Antonio Dias, Arzão, Bueno de Siqueira, Borba Gato, Moreira Cabral, Bueno da Silva e tantos outros, desbravaram as florestas

virgens, e exploraram todo o territorio de São Paulo, de Minas, de Goyaz e de Mato Grosso. E quantos episodios heroicos, quantas aventuras épicas! Essas peregrinações formaram pequenas aldeias, pequenos nucleos de civilização: e assim nasceram as cidades hoje admiraveis, cheias de vida, borborinhantes de trabalho e esplendidas de fecundidade... Mas, voltando ao que dizia: São Paulo tem hoje todas as lavouras e todas as industrias. Ha aqui toda a variedade dos terrenos: ha serras, matas, campos, zonas sêcas, zonas alagadiças, mangues, areas; de modo que todas as culturas têm sido experimentadas e adaptadas: abundancia de arrôz, de todos os cereaes, de canna, de fumo, de cacáu. Em todas as cidades, e, em torno d'ellas, vibram e rumorejam fabricas, de onde saem todos os artigos, cujo uso é exigido pelas necessidades da vida civilizada. E o progresso moral é tambem extraordinario: a instrucção primaria, o ensino profissional são o orgulho de São Paulo.

— E a população, naturalmente, augmenta?

— Naturalmente. A riqueza natural, o conforto material, e a cultura moral attraem sempre as correntes immigratorias. Só em 1909, entraram em São Paulo mais de quarenta mil immigrantes.

Mas chegava Rogerio:

— Vamos dormir! é tarde, e devemos partir cedo.

PARA O SUL...

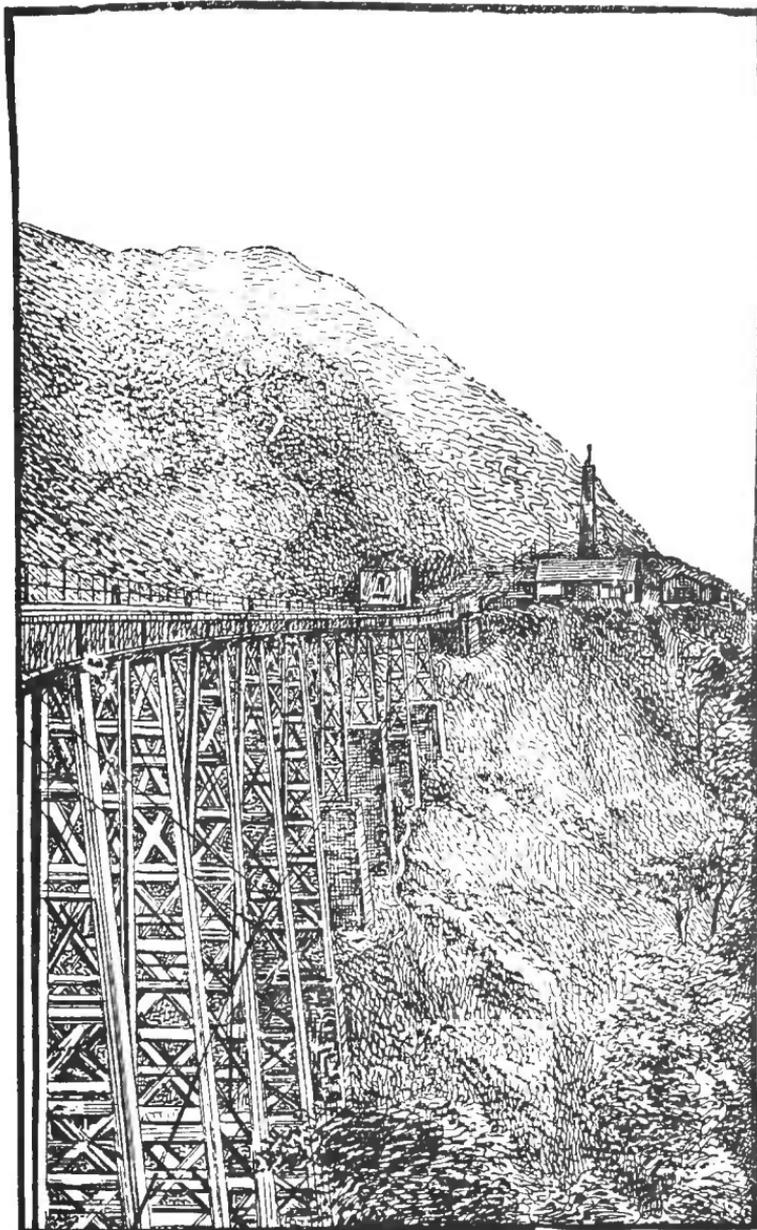
Na hora combinada, partiram.

Os dois meninos admiraram muito a magnifica estação central da Companhia Inglesa, no bairro da Luz, onde tomaram o trem que os levaria a Santos.

— E' mais bella estação de caminho de ferro que ha no Brazil — observou Rogerio. — E esta estrada é importantissima: vae de Santos até Jundiahy, e ahí entronca-se com a Companhia Paulista.

Poz-se o trem em movimento. Logo ao sair da cidade, notou Alfredo um palacio monumental, sobre uma pequena collina que se erguia no vasto campo. Antes que o menino houvesse perguntado qualquer cousa, acudiu Rogerio:

— Aquelle é o monumento de Ipiranga. A' margem do regato que passa por alli, e tem esse nome: Ipiranga, descansava o principe D. Pedro, que de São Paulo voltava para o Rio, quando deu o grito de "Independencia ou Morte"! Viram no Rio de Janeiro, no Largo do Rocio, a estatua de D. Pedro I?... Pois essa estatua representa o principe no momento em que parte para o Rio, e lança o grito historico...



SERRA DE SANTOS. — Viaducto da Grota Funda.

Já o trem conseguira vencer a distancia entre São Paulo e a serra do Cubatão, muralha grandiosa que se ergue em face do oceano.

O comboio penêtrara pelas gargantas da serra e começara a descer entre os barrancos e sobre as pontes e viaductos, que dominam e transpõem abysmos horrendos, cujo fundo não se vê. A descida é ingreme, e a todo o momento parece que o trem vae despenhar-se por aquelles penhascos... Alfredo tremia de pavor, e Carlos admirava os homens que conseguiram fazer aquella obra portentosa.

Mas o companheiro Rogerio não os deixava ficar muito tempo nessa muda admiração:

— Vejam! vejam isto aqui! — e, com a mão estirada, mostrava-lhes por uma abertura da montanha, em face do mar, a cidade de Santos, numa paizagem unica. Era lá fora o oceano, a entrada do porto, o porto, uma larga enseada com os navios e vapores, e a casaria á margem do rio para onde confluïam outros rios e regatos... Antes, porém, que elles pudessem apanhar todos esses detalhes do esplendido panorama, já o trem dera meia volta, e tudo desaparecera...

Embrenhou-se o trem na serra, e viram-se novas escarpas cobertas de pujante vegetação. Emfim, terminada a descida, passada a estação do Cubatão, na raiz da serra, foi vencida a varzea; quasi ás onze horas da manhã, chegaram os viajantes a Santos. Entre os paquetes, no caes, estava o *Santos*, que devia transportar Carlos e Alfredo ao Rio Grande.

Almoçaram, e acompanharam Rogerio, que tratava dos negocios da sua casa commercial.

Atravessaram varias ruas centraes, muito animadas, cheias da faina dos negociantes, commissarios e corretores.

— D'aqui, de Santos, — dizia-lhes Rogerio — sae todo o café de São Paulo, e grande parte do de Minas. Santos, depois do Rio de Janeiro, é o primeiro porto maritimo do Brazil. E' um emporio commercial de extraordinario movimento. E sabem? aqui nasceu o famoso padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, inventor do aerostato...

Quando se dirigiram para o paquete, admiraram o immenso caes, as docas em que atracavam e desatracavam navios. Enfileiravam-se armazens da alfandega e de depositos. Montes de saccas de café enchiam os armazens, empilhavam-se ao longo do caes, atulhavam os carroções em filas que interrompiam o transito.

O paquete afastou-se lentamente do caes, e ganhou o mar...

O PARANÁ

Quando, a bordo do *Santos*, chegaram Carlos e Alfredo a Paranaguá, encantou-os a vista da terra. Abria-se aos seus olhos um lindo panorama: o porto, vasto e quieto, cercado de um amplo círculo de montanhas.

Alfredo estava ancioso por descer á terra:

— Vamos, vamos! quero ficar conhecendo a capital de mais um Estado do Brazil!

— Que? — atalhou o irmão sorrindo — então Paranaguá é capital?

— E' verdade! — exclamou o pequeno — que tolice a minha! bem sei que a capital do Paraná é Curitiba...

— Curitiba fica a uns cento e dez kilometros d'aqui; — explicou Rogerio — de Paranaguá até a capital faz-se a viagem em caminho de ferro; são seis horas, se tanto.

Baixaram á terra, e com elles um homem alto, forte, louro, que se offereceu para lhes mostrar a cidade. Era um allemão, que, apesar de não estar no Brazil ha mais de cinco annos, já falava perfeitamente o portuguez. Chamava-se Schumann, e era muito conversador e sympathico.

Os quatro viajantes percorreram com prazer a pequena cidade, conversando. O allemão residia na capital de Santa Catharina, mas conhecia bem o Paraná.

— Não podem fazer ideia do que é a estrada de ferro que vae d'aqui até a Lapa e Rio Negro. E' uma maravilha que honra a engenharia brasileira. Tem obras de arte admiraveis, viaductos, tuneis. Em certos pontos, na serra, o trem fica suspenso



Uma grande serraria, para a exploração do pinho do Paraná. Ao fundo um grande pinheiral.

sobre abysmos, cuja contemplação dá vertigens. Não ha talvez no mundo inteiro uma cousa tão bella!

— E o Estado é muito rico? — perguntou Carlos.

— Muito rico, não é, — disse Schumann — mas é prospero, e as bases da sua prosperidade são os pinhaes e o mate. O pinheiro do Paraná, *araucaria*

brasiliensis, dá uma madeira tão boa como a da Noruega; é uma arvore corpulenta, que ás vezes attinge á altura de trinta e seis metros. Ha aqui pinheraes admiraveis, em grandes florestas que cobrem os planaltos. Li, ha poucos dias, um artigo, cujo autor calcula em mais de oitenta milhões os pinheiros que formam essas florestas...

— E o mate?

— O mate do Paraná tambem é celebre, e é o mais saboroso. A exploração dos hervaeos é rendosissima.

— Hervaes?

— Chamam-se “hervaeos” as zonas das florestas em que abunda a herva-mate. Cortam-se as folhagens, e, depois de empilhadas, são sapecadas ou chamuscadas a fogo forte; em seguida secam, e são batidas em receptaculos de madeira, que têm o nome de *canchas*: separam-se, assim, dos fragmentos grosseiros as folhas, e os pecioloos, e os raminhos mais delicados. Uma vez “canchado”, já o mate pode ser entregue ao consumo e á exportação; mas o producto da melhor qualidade ainda é submettido a processos mais demorados, em usinas, onde a planta sêca é tratada por meio de pilões. O producto exporta-se em *surrões*, ou *saccos* de couro, ou então em barricas fabricadas no Estado; a fabricação das barricas é uma das grandes industrias do Paraná.

Assim conversando e passeando, passaram os viajantes cerca de hora e meia em Paranaguá.

Voltaram para bordo. O *Santos* tomou de novo o rumo do sul.

SANTA CATHARINA

Em Santa Catharina foi curta a demora do navio, e os trez viajantes não baixaram á terra.

Os dois rapazes viam com prazer aproximar-se o termo da viagem, já fatigados de tanto movimento e de tantas mudanças; já não achavam encanto no que viam: só desejavam chegar, achar o aconchego da familia, descansar o corpo e repou-sar o espirito e o coração no seio d'aquelles que os esperavam no Rio Grande do Sul.

Assim não lhes deu grande pesar a impossibilidade de visitar Florianopolis, a antiga Desterro, edificada na ilha de Santa Catharina, separada do continente pelo Estreito.

— Aqui, em Santa Catharina, nasceu uma grande brasileira, grande pelo seu nobre coração, pelo seu valor, e pela ternura e dedicação com que associou a sua vida á vida de um heroe! — disse Rogerio.

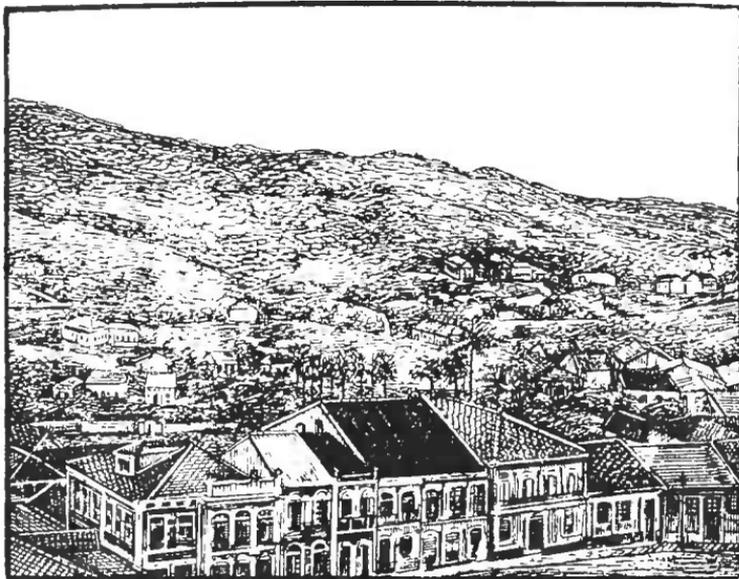
— Quem foi? — perguntou logo Alfredo.

— Anita Garibaldi, mulher do famoso cabo de guerra italiano, que, além de entrar nas campanhas da unificação da Italia, tambem no Brazil serviu a causa da liberdade, tomando parte na revolução dos *Farrapos*.

— E' bonita Florianopolis?

— E'. Muito quieta e pittoresca. Possui lindos jardins.

Nesse momento embarcava uma familia de allemães, com destino ao Rio Grande. Eram oito



FLORIANOPOLIS.

peçoas: pae e mãe, e seis filhos. Gente corada e forte, sadia e alegre.

— Estão vendo? — disse Rogerio — o Estado de Santa Catharina tem hoje uma densa população allemã. E não só Santa Catharina, como o Paraná e o Rio Grande do Sul... Os allemães preferem para estabelecer-se o sul do Brazil, cujo clima é muito semelhante ao da Europa. Aqui ha muitos... Algumas cidades do Estado, como por exemplo Blumenau, são quasi exclusivamente

habitadas por elles e pelos seus descendentes, já brazileiros, mas ainda conservando o typo germanico.

Quando o vapor saiu do porto, a tarde declinava. O céo tingia-se de uma cor de rosa desmaiada, com estrias de ouro pallido; e uma funda melancolia se espalhava pela face das aguas calmas.

O *Santos* accelerou a marcha. Carlos e Alfredo, á popa, olhando o litoral que se afastava, deixavam-se dominar pela tristeza da hora e da paizagem.

De repente, Carlos rompeu o silencio:

— E Juvencio?...

Alfredo replicou, com a voz tremula de commoção:

— E' verdade! que será feito d'elle? que estará fazendo a esta hora?

UM VELHO AMIGO

E Juvencio?

E' tempo de saber o que foi feito d'esse bravo sertanejo, que tão amigo se mostrou dos dois pequenos viajantes, durante a sua triste peregrinação pelos sertões do norte.

Dois dias depois da separação, Juvencio embarcava, á proa de um paquete nacional, em viagem para Manáos. Era quasi noite, quando o vapor se fez ao largo; e a melancolia da hora, a tetrica solidão do mar, a tristeza e o abandono em que se via o pobre rapaz, quasi o desesperaram. Caiu sobre um rolo de cabos, na proa do navio, a soluçar. Um marinheiro ainda moço teve pena d'elle, quiz saber o que tinha; tentou fazel-o levantar-se. Juvencio não pôde, estava tonto. Veio-lhe o terrivel enjôo.

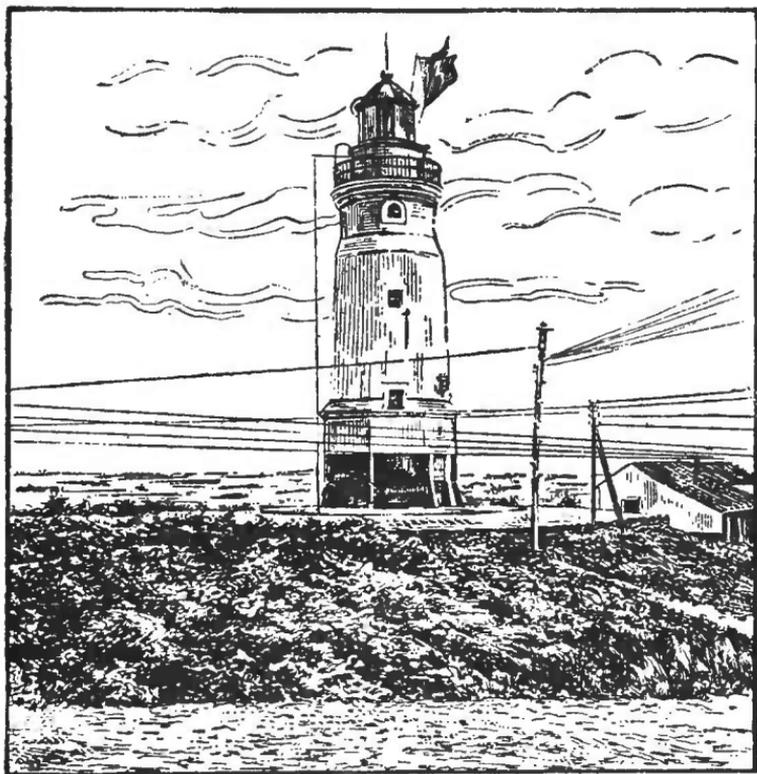
No outro dia, o ar fresco da manhã, a vista da terra — o vapor seguiu a costa á vista — reanimaram-n'o um pouco. Reagiu, ergueu-se: estava bom.

Agora tudo era novidade para elle: a faina de bordo, o horizonte sem fim do mar, o revolver incessante das vagas, a vista da costa, — uma linha de dunas alvas, salpicadas de arbustos, e

por traz uma fila intermina de espiques e palmas verdes.

— Que é aquillo? — perguntou Juvencio ao marinheiro que se lhe mostrara amigo.

— São coqueiros. Toda esta costa, d'aqui até Pernambuco, e mesmo para além, é coberta de



Pharol do porto de Maceió.

coqueiraes. E' a fortuna d'esta gente. Um coqueiro vive mais de cem annos, e, depois de formado, com cinco annos, só exige o trabalho de colher os frutos.

— Qual é o primeiro porto em que entra o vapor?

— Maceió, capital de Alagoas. Passaremos pela costa de Sergipe; d'aquí a quatro horas, estaremos defronte de Aracajú, mas não entraremos. Amanhã cedo, entraremos em Maceió, e sairemos amanhã mesmo, á tarde. Depois de amanhã, estaremos no Recife.

— Já vi a navegação no São Francisco, e em Joazeiro; mas é tão differente d'esta!...

— Ah! sim! Tambem já viajei muito em rio, no Cotinguiba, porque sou de Maroim, em Sergipe. Conheço tambem o São Francisco, em baixo. Já morei em Penedo. Hoje mesmo, ao escurecer, passaremos defronte da barra de São Francisco...

No outro dia, uma onda de passageiros invadiu a proa do paquete. Eram outros trabalhadores contratados para Manáos. Era gente do centro do sertão, caboclos vigorosos; Juvencio reconheceu-lhes os gestos, o falar, e ficou satisfeito com a companhia.

Não podia ir á terra, por muito que o desejasse: queria evitar despesas.

Maceió, vista de longe, pareceu-lhe uma cidade encantadora: o porto agitado, a gente alegre, a paisagem pittoresca.

Partido o vapor, formou-se uma roda de pessoas, não muitas, porque a maior parte enjoou. Uma d'ellas tomou a direcção da conversa. Era quem chefiava o grupo — um cearense decidido, que viera por toda a costa a engajar trabalhadores: organizava as turmas, e mandava-as; aquella era a ultima, e elle seguia com ella.

Discorria como um professor.

— Então, você é de Pernambuco? — perguntou a Juvencio. — Boa terra, conheço-a; mas também é muito boa esta, Alagoas! Para onde vae?

— Para Manãos.

— Para os seringaes?

— Não, vou trabalhar na cidade.

— Venha trabalhar então commigo!

— Já vou recommendado a um senhor de lá.

— Pode ser muito feliz, mas é preciso ter cuidado...

E o falador — chamava-se Gervasio Senna, — desenvolveu as suas theorias sobre o bom modo de viver na Amazonia, ganhando dinheiro e con-



Palmeiras de côco da Bahia, na costa baixa do norte do Brazil.

servando a saude: “o que é preciso é viver com sobriedade e ter muita actividade”.

Era noite. Juvencio adormeceu, embalado no sonho das riquezas que o homem lhe apontara á imaginação.

No outro dia, logo cedo, — Recife. O vapor deteve a marcha, num mar revolto, bem em face da cidade, de que o separava a muralha baixa e negra, contra a qual se quebravam as ondas furiosas; depois, aprou para uma abertura d'essa mesma muralha, e penetrou no porto, — uma especie de doca natural, onde os navios se apinhavam uns contra os outros.

Emquanto o vapor manobrava, entrando o porto, um official de bordo explicou a Juvencio:

— Nem todos os navios podem manobrar aqui, como este. Os de grande calado ficam lá fora, no mar largo. Mas já se está construindo um novo caes, immenso, como o do Rio de Janeiro e o de Santos, podendo receber todos os paquetes. E tambem haverá novos caes, magnificos portos na Bahia, no Ceará, no Maranhão, e no Rio Grande do Sul.

A demora foi de dois dias, e Juvencio teve o prazer de passear longamente pelas ruas da capital de sua terra. Achou-a bellissima; admirou muito o Beberibe e o Capiberibe, que a cortam, e as pontes que ligam os diversos bairros separados por esses rios.

Na tarde da partida, quando o navio transpuz a muralha negra, perguntou Juvencio ao marinheiro:

— Mas isto é realmente um muro?

— Não! é um recife, isto é: uma muralha natural, de pedra-coral; e vem assim, mais ou menos parallelá á costa, desde a barra do São

Francisco, prolongando-se até a do Parnahyba, no Piauhy. Nas boccas dos rios, forma o recife estas aberturas naturaes.

A viagem até a Parahyba não teve incidentes. Tristeza e saudade, em quasi todos os que deixavam a terra natal... Muitos enjoados... Poucas horas de viagem.

PROSEGUE A VIAGEM DE JUVENCIO

Na Parahyba, a demora foi curta. O navio deixou mercadorias, recebeu dois viajantes, e continuou o seu rumo.

— Tenho pena de não conhecer a Parahyba! — disse Juvencio ao marinheiro com que se acamaradara. — E' uma grande cidade?

— Não. E' pequena, mas bonita. Ha a cidade alta e a baixa. As igrejas são lindas, ha um grande mercado, um bom theatro, um passeio publico. A parte baixa, que se chama Varadouro, é o centro commercial. A gente é muito boa, muito affavel.

No dia da chegada ao Natal, havia na cidade uma grande festa. Quasi todos desceram. Juvencio divertiu-se muito.

Na hora do embarque, verificou-se que trez dos engajados por Gervasio Senna não voltaram. Certamente não puderam resistir ás saudades, e fugiram...

Este facto irritou o contratador, que dois dias não appareceu quasi.

Mas, ao chegar á Fortaleza, no Ceará, já era o mesmo homem.

— Minha terra! Minha terra! Terra da Luz!
— exclamava com emphase, — Fomos nós que fizemos a abolição; fomos os primeiros a não querer escravos em terras brasileiras!

Não ha propriamente porto em Fortaleza. O vapor ancora em costa aberta; a cidade espalha-se radiante e alegre, numa planicie baixa. O mar



PARAHYBA.

rebenta forte, e muitos passageiros transportam-se em jangadas.

O contratador, que decididamente sympathizara com Juvencio, fez questão de descer com elle:

— Ha aqui uma demora de seis horas; quero fazer-lhe as honras da minha terra!

Desceram, e longamente passearam pela cidade, de ruas bem alinhadas, bem edificada e calçada; admiraram as estatuas dos generaes Tiburcio e Sampaio; foram, em bonde, ao Outeiro.

.....

Já todos estavam afeitos á vida de bordo, e Gervasio tinha os ares de um official. E' verdade que, depois de tantas viagens feitas por aquella



Carnaúbeiras — palmeiras que dão a cêra carnaúba, e das quaes tudo se aproveita — a palha, a madeira, o côco... São abundantes no Ceará.

costa, elle a conhecia como um verdadeiro marujo. Por isso, apontando o litoral, ia explicando tudo:

— D'aqui por diante, a configuração da costa muda completamente; até aqui a linha da terra era regular, agora começam a apparecer entradas e pontas, principalmente neste trecho do Maranhão ao Pará. E' um dedalo de bahias, enseadas, ilhas, ilhotas, lagos, canaes, que mudam de aspecto constantemente de maré a maré. As va-

gas são violentísimas, e o mar invade a terra dia a dia, comendo-a. De quando em quando, surge em uma d'essas ilhotas um coqueiro isolado, cujo raizame a maré vae corroendo, corroendo, até estendel-o na costa...

A demora no Piauí foi de poucas horas. A cidade não se mostrava quasi; era um dia de forte chuva. Ninguém desceu.

Gervasio, que conhecia o Piauí, elogiou a terra e o povo:

— Ha bastante lavoura, e bastante industria pastoril. A gente é ordeira, e forte, temperante, e capaz de rude labutã e duras provações, — como em geral, toda a gente do Norte. A capital, Therezina, é nova: foi fundada ha pouco mais de cincoenta annos. O porto do mar é Amarração, perto da cidade de Parnahyba.

A VIDA NA AMAZONIA

Durante dois dias, estive o paquete em São Luiz do Maranhão. Os passageiros espalharam-se pela cidade. São Luiz não tinha o aspecto sorridente de Fortaleza, nem a quietude simples do Natal. Era solemne e triste; mas Juvencio não se cansava de passear pelas ruas. Não poderia dizer porque, mas a terra agradou-lhe. Era a belleza geral da cidade, a sincera cordialidade da gente...

O pequeno sertanejo, sem instrucção, não podia comprehender bem todas as conversas que ouvia. Mas percebia o natural orgulho com que o povo falava da historia do Maranhão, das guerras contra os francezes e os hollandezes, e das revoluções contra o dominio portuguez e o Imperio. Um homem do povo, que passeava com Juvencio, á noite, o luar, mostrou-lhe a estatua de Gonçalves Dias; e cantou, com uma singela musica tocante, alguns versos do poeta maranhense:

Emfim te vejo! emfim posso
Curvado a teus pés, dizer-te
Que não cessei de querer-te,
Pezar do quanto soffri...

No dia seguinte ao da partida de São Luiz, discorria Gervasio, como de costume, falando a Juvencio:

- Já deve estar cansado do mar, hein?
- Sim, já me tarda a chegar.
- Amanhã estaremos em Belém, e depois ve-



Ancoradouro de canôas, em S. Luiz do Maranhão.

remos o grande Amazonas: é um mar de água doce.

— O senhor conhece todo o Amazonas?

— Sim; todo o Amazonas, e muitos dos rios do interior: o Xingú, o Tapajoz, o Madeira, o Purús, o Rio Negro... Todos elles vêm ter ao Amazonas...

— E porque ha tanto dinheiro por lá, e de que é que vive a gente?



Seringueiro do Amazonas, fazendo a colheita das tigelinhas em que se apanha o leite, de que se fará a borracha.

— Da borracha. A borracha é feita com o suco que se extrae de uma arvore, que ha em abundancia pelas matas extensissimas, ás margens dos rios. A arvore tem o nome de seringueira, e os lugares, onde se encontra em grande quantidade, são chamados seringaes. Eu mesmo já tive um seringal. Vendi-o por sessenta contos.

“O seringal é dividido em *ruas*; cada rua — um certo numero de arvores — está a cargo de um trabalhador, um seringueiro, que tem ahi o seu rancho. De quarto em quarto de legua, ou de meia em meia legua, encontram-se esses ranchos. A’s vezes, o seringueiro habita completamente só; outras vezes tem comsigo a mulher, ou um companheiro. São geralmente cearenses, — caboclos do sertão do norte, que vão ganhar a vida na selva amazonica.

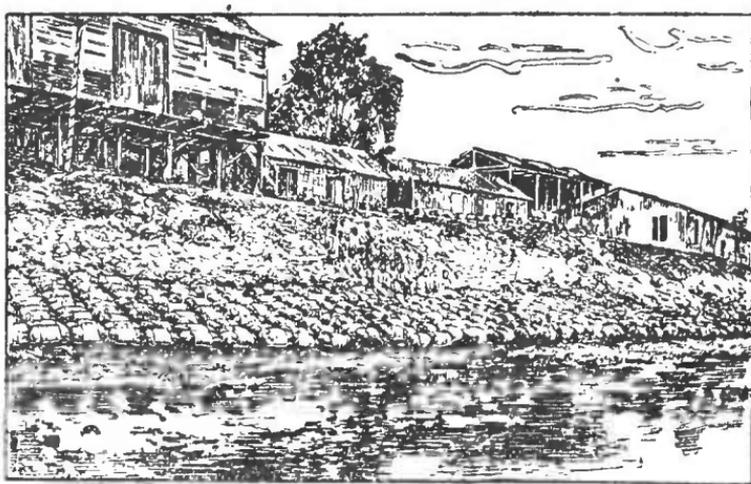
“O Amazonas apresenta duas quadras completamente distinctas; e é por ellas que toda a vida se regula. A primeira é a epoca da *cheia*, de dezembro a abril, em que os rios transbordam sobre as terras baixas, e em que a extensão das matas é um alagadiço, todo varado de igarapés. A navegação é franca por toda a parte; descem as embarcações, carregadas de bolas de borrecha; sobem outras, atulhadas de generos. Toda a gente sae do interior das selvas, e vem para os barracões altos, nos raros pontos não attingidos pelas aguas, ou dirige-se para a capital.

“Na outra epoca, que é a da *sêca*, os rios afluentes, até caudalosos, tornam-se innavegaveis: cessa toda a communição das grandes povoações com o interior das terras; a mata está em seco, e os seringueiros entregam-se ao trabalho.

“Logo que a terra enxugou, o seringueiro está no mato, na sua faina. Acorda ás quatro e meia da manhã, e parte pela sua *rua*, levando pendente ao hombro um rosario de *tigelinhas* de folha. Chega á arvore, e vae talhando, á machadinha, a casca do tronco, e logo em baixo enterra o grampo da tigelinha, destinada a receber o leite que escorre do córte.

“Em cada arvore, vae deixando oito, dez, quinze tigelinhas. A’s oito ou nove horas da manhã, está terminada esta primeira parte do trabalho; e o homem volta, recolhendo o leite, de tronco em tronco.

“A’s dez horas, chega ao rancho para almoçar, rapida e frugalmente; e trata logo de *fazer a bor-*



Em frente a um grande barracão, no Amazonas — enorme quantidade de borracha, prompta para ser embarcada.

racha, isto é: defumar o leite. Nisto consiste o preparo da borracha. Queima-se num grande

fogareo um certo coco, de uma palmeira abundante alli, muito fumarento, e vae-se expondo á fumaça o leite da seringueira. Para isto, despeja-se todo o leite numa bacia ou num caldeirão; introduz-se ahi um pedaço de pau, do tamanho de uma longa bengala um tanto grossa; retirado o pau, vem adherente a elle uma porção de leite viscoso, que é exposto logo á fumaça, até adquirir a consistencia da borracha bruta. Leva-se esta ao deposito, e junta-se uma outra camada de leite, que é da mesma forma exposta á fumaça: e assim, successivamente, até formar-se um grosso rolo, ou uma bola, com um orificio no centro, correspondendo ao pau que serviu de espeto.

“Está, então, prompta a borracha, para ser entregue ao dono, ao fornecedor. Assim o seringueiro vae juntando no seu rancho a sua colheita, que dura trez mezes na media.”

A POROROCA

Juvencio esperava com anciosa curiosidade o momento de entrar no grande rio. Gervasio explicava-lhe que não era bem no Amazonas que iam entrar desde logo, e sim no rio Pará; todavia, já era majestoso o espectáculo que se offerencia aos seus olhos; não parecia a entrada de um rio, mas uma vasta bahia...

No meio da agua agitada, fundeava a barca-phrol. O navio avançava; deixava as aguas verdes e crystallinas do mar, e penetrava nas ondas embaciadas do rio.

— Mas é verdadeiramente um mar! — exclamou Juvencio.

— E'! — disse Gervasio — de uma das margens não se avista a outra!

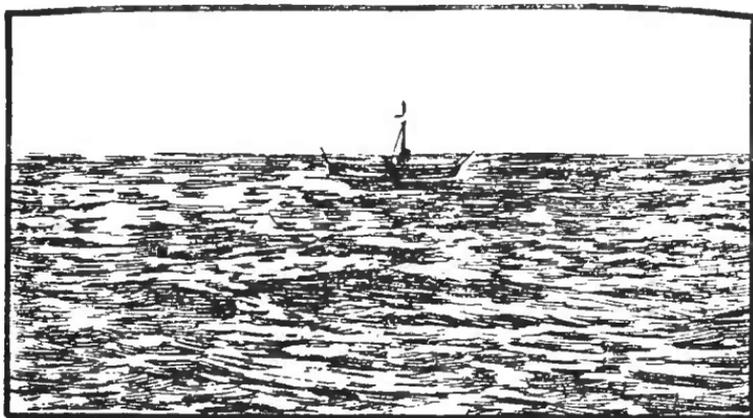
— Lá em frente, fica a ilha de Marajó, — disse um passageiro — do outro lado fica a verdadeira barra do Amazonas.

— Já entrei lá mais de uma vez; — disse o official do navio:

— Conhece então a pororoca?

— Oh! sim!... Imagine que o Amazonas é um rio que tem mais de seiscentas leguas de comprimento. A quinhentas leguas acima da barra, já

esse rio tem quasi meia legua de largura; a cem leguas do mar, a sua largura é de trez leguas, e a profundida é de cento e vinte metros! Na embocadura ha quarenta leguas!... Assim, a quantidade de agua, que se despeja no mar, é portentosa.



Barco pharol na barra do Amazonas.

E, quando é a occasião das grandes marés, as aguas do mar avançam pela embocadura do rio colossal, encontram-se com a formidavel massa de agua que d'elle vem; e d'esse choque forma-se uma vaga tremenda, de mais de dez metros de altura, avançando numa corrida impetuosa a que nada resiste: vira as embarcações, despedaça arvores, destroe tudo... E atraz de uma vaga vem outra, outra... com um ruido que se ouve a duas leguas... E' a pororoça!...

O AMAZONAS

Em Belem, houve um grande movimento. Muitos viajantes desceram, muitos outros embarcaram. A cidade encantou Juvencio pelo seu aspecto e pela sua agitação. Bellos edificios, ruas largas, bem calçadas e arborizadas, muita gente nas praças publicas e na grande avenida da Republica.

A partida de Belem para Manáos foi alegre: havia muitos viajantes novos, e o navio regorgitava.

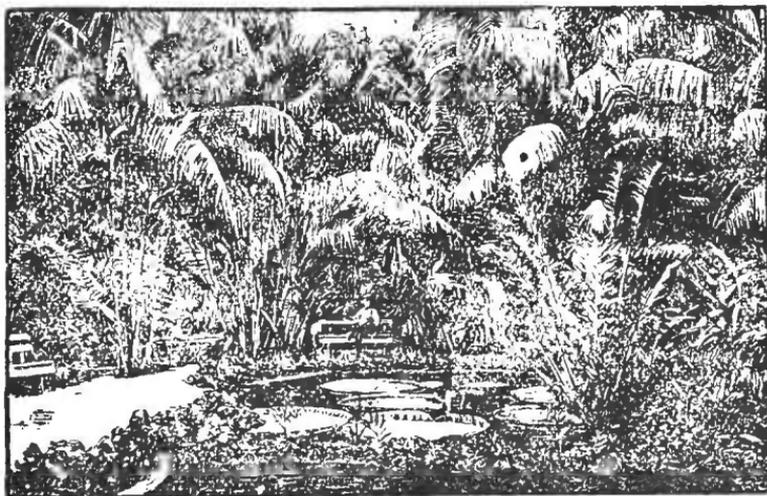
Poucas horas depois, o *Santos* passava á vista de Breves, pequena povoação, e entrava depois, enfim, no Amazonas. Juvencio não se fartava de admirar a portentosa paizagem que se desenvolvia a seus olhos. As aguas desciam placidas, como as de um grande lago que se deslocasse por entre florestas. Ora o vapor seguia o meio do rio, ora chegava-se para uma das margens, a roçar quasi a ramazem da mataria que descia até ás aguas.

— Admire! Admire! — dizia com ingenuo orgulho o cearense a Juvencio, attento a contemplar o grande rio. E continuava:

— E' tudo assim. Adiante são ilhas e mais ilhas... Veja aquelle banco de areia, coalhado de garças!...

— E é muito fundo o rio?

— Se é fundo! talvez d'aqui a pouco encontraremos grandes arvores, arvores immensas, mais altas do que uma torre, descendo pelo rio abaixo,



Trecho do Jardim do Museo Goeldi, no Pará. No lago, as colossaes *Victorias Regias*, á sombra de bellas palmeiras.

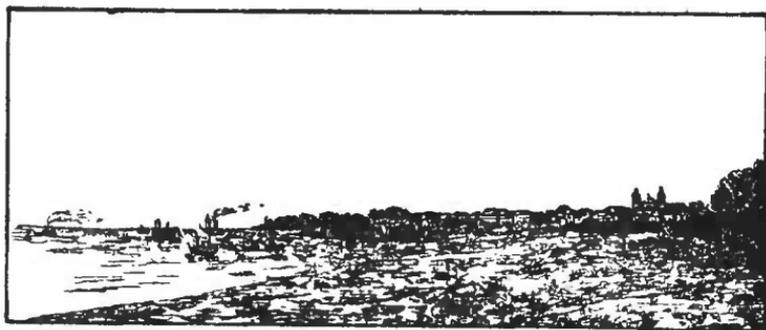
como se fossem gravetos; e troncos enormes mergulham nas aguas, sem tocar o fundo do rio, e a sua copa, mais vasta do que uma casa, apparece boiando em cima, como uma ilha fluctuante. Por vezes encontram-se mesmo verdadeiras ilhas fluctuantes...

— Mas de onde vêm essas arvores e ilhas?

O immediato do navio, ouvindo a conversação,

deu ao pequeno sertanejo as explicações que Gervasio não lhe sabia dar:

— O rio nem sempre está neste nível. Ha regularmente epoca da *cheia*, e a outra, da *vasante*. Em fevereiro, março, abril, — o Amazonas e todos os afluentes começam a encher, e o seu nível sobe mais de quinze metros. Então, todas as ilhas baixas desaparecem; as margens são inundadas, cobertas: todos esses braços do rio, esses “furos”, e lagos — communicam-se; as aguas invadem tudo, alagam todas as florestas, e as canoas podem viajar pelo mato a dentro, leguas e leguas... Depois, quando começa a vasante, as aguas, escoando-se para o leito do rio, cavam as terras frouxas e encharcadas das margens, e fa-



O porto de Manáos.

zem cair grandes bancos de terra, arrastando tudo quanto alli existe. Os indios d'aqui — porque ainda se encontram muitos indios, quasi todos já domesticados — os indios conhecem bem quando a terra começa a afrouxar, e embarcam logo, para não ser arrastados. Assim, desaparecem ilhas inteiras. Nessas destruições, acontece que se

entrelaçam grandes arvores, e á ellas se vem juntar então uma herva que nestas aguas se desenvolve muito — a *canarana*, — formando ilhas fluctuantes, sobre as quaes não é raro encontrar até animaes terrestres.

Passaram dias... A grandeza da paizagem, a continua majestade das aguas, a constante opulencia da vegetação verde e assombrosa causavam já monotonia.

O *Santos* navegava entre as ilhas, seguia a sua rota, sem incidentes. Passou por Obidos...

O immediato e Gervasio conversavam sempre com Juvencio, alimentando a sua curiosidade, desvendando-lhe a novidade d'aquellas regiões maravilhosas. Gervasio, que conhecia os habitantes de quasi todos os seringaes e "sitios" que se viam pelas margens do rio, contava a existencia d'aquella gente corajosa; narrava a fartura, mas ás vezes as tristezas, dos trabalhadores, e a historia das grandes fortunas que tinham grangeado alguns proprietarios dos seringaes. O immediato, por seu turno, relatava as suas viagens pela extensão do "rei dos rios"; e descrevia o immenso percurso da formidavel arteria fluvial, — nascendo na Republica do Perú, chamando-se a principio *Velho Maranhão*, depois *Novo Maranhão* quando entra no territorio brasileiro, depois *Solimões*, e emfim *Amazonas*; e falava ainda o immediato das povoações que marginam os affluentes do Amazonas, e as cidades recém-nascidas que já estão florescendo no Acre...

Emfim, numa tarde linda, o navio, deixando as aguas do maior dos rios do Brazil, entrou no rio Negro, e fundeu no porto de Manáos.

ENCONTRO COM OS TIOS

Agora, que o nosso bom Juvencio chegou ao seu destino, podemos encontrar-nos de novo com os outros dois heroes d'esta narrativa, — Carlos e Alfredo.

No sexto dia depois da saida de Santos, estavam em frente á barra do Rio Grande. A vista da terra, onde poderiam enfim descansar, e o pensamento dos parentes que iam encontrar, restituiram-lhes a animação. Voltaram-lhes ao olhar o fulgor e ao espirito a curiosidade dos primeiros dias.

A costa, baixa, parecia-lhes bem differente d'aquelas por onde haviam passado desde Espirito Santo até Santa Catharina. O mar raivoso era mais terrivel, e o frio mais vivo.

— Boa ou má estará a barra? — era a pergunta de toda a gente.

A barra estava boa: o paquete ultrapassou-a serenamente, e logo depois passava perto da pequena povoação de São José do Norte, para chegar á cidade do Rio Grande, onde esperava Carlos que os tios os viessem receber.

Mas nenhum conhecido appareceu no primeiro momento, o que foi uma forte decepção. Rogerio procurou distrahir-os, convidou-os a seguir para Porto Alegre.

— Não! Sei que meus tios não podem deixar de vir! — disse Carlos.

Effectivamente, alguns minutos depois de fundeado o navio, appareceram a bordo dois homens, procurando pelos rapazes. Eram elles.

Carlos reconheceu-os logo, principalmente o



RIO GRANDE DO SUL. — Porto do Rio Grande.

mais moço, pela sua extrema semelhança com aquelle, cuja imagem ainda o menino guardava nos olhos e no coração.

E os meninos caíram nos braços dos tios, aos soluços, soluços convulsivos, que diziam toda a saudade, todo o desespero, que traziam accumulados na alma. Mas os tios não os deixaram assim por muito tempo:

— Ora! animo! Para que chorar?...

E isto diziam num tom tão natural, tão despreendido, que a Carlos pareceu quasi impossivel que assim lhe falassem parentes... O rapaz ergueu a cabeça, e olhou-os surprehendido, quasi indignado. Então, maior foi o seu espanto, ao reparar que os tios não estavam cobertos de luto.

— E' verdade! — disse um dos tios — ainda não tomámos luto. Depois lhe direi porque! Agora vamos desembarcar. E não nos demoraremos na cidade; vamos para a estancia, onde está mamãe.

— Mas porque não estão de luto? — perguntou Carlos, sem se conter, assim que desembarcaram.

— Porque não podemos ter a certeza da morte de seu pae! Esperavamos vocês, para saber alguma cousa mais segura. Que certeza têm da morte de seu pae? Viram-n'ò, morto?

— Não...

— Disse-lhes alguém que o viu morrer? Disse-lhes alguém o nome d'elle, os seus signaes? Deu-lhes alguém a prova positiva, cabal, do fallecimento?

— Não...

— E então? Não se pode aceitar um facto importante, como este, sem uma prova, ou, ao menos, um fundamento razoavel, um indício ponderavel... Ainda, esperamos ter a certeza.

Ouvindo isto os dois meninos entreolharam-se, e sentiam-se cheios de uma nova animação. Pareceu-lhes outro o mundo... Era como se, na treva de uma noite espessa, tremeluzisse o primeiro raio longinquo da luz de uma estrella.

Carlos perguntou, ancioso:

— E agora? e como?...

O tio sorriu, abraçando-o, confortando-o:

— Agora? como? esperemos! Quando suspeitamos a existencia de uma desgraça, não podemos ter a segurança da sua impossibilidade, mas também não devemos perder toda a esperança. Esperemos! e vamos seguir immediatamente para Pelotas; hoje mesmo iremos para a estancia, onde mamãe nos espera anciosa.

Despediram-se do excellente Rogerio, e partiram.

D'este modo, nem puderam ver o Rio Grande. Tiveram tempo apenas para almoçar, e partiram. Viram o caes, e duas ou trez ruas principaes.

— Ha povoações inteiras de allemães, aqui; são as antigas colonias, — explicavam-lhes os tios. E' como em Santa Catharina...

A's duas horas da tarde, chegaram a Pelotas. A cidade pareceu-lhes linda, situada numa eminencia alegre. Mas a ancia de chegar era grande.

A's cinco horas da tarde, estavam na "estancia", que é o nome dado no Rio Grande ás fazendas de criação.

A velha avó não se pôde conter: recebeu-os em pranto, lagrimas ao mesmo tempo de prazer e saudade. Beijando-os, parecia-lhe beijar o proprio filho, que vira pela ultima vez havia onze annos. Quanto aos rapazes, esses continuavam naquelle estado incerto de sonho e duvida em que os haviam deixado as palavras dos tios...

UMA ESTANCIA

Dona Maria Menezes, septuagenaria, era ainda forte e sadia: a sua face corada e os seus olhos azues tinham ainda um brilho de vida e de energia; a sua cabeça, cheia de mocidade, emmoldurava-se de cabellos completamente brancos, de uma alvura de neve. Os dois filhos, Roberto e João, um de vinte e cinco annos, outro de vinte e dois, dirigiam a administração da estancia; adoravam a velha mãe, num culto fervoroso, em que se misturavam carinho e veneração.

Carlos e Alfredo enterneceram-se, sentindo-se acariciados, respirando livremente, com confiança, nessa atmospherá de socego e affecto.

Acalmadas as primeiras expansões, Carlos tratou logo de conduzir a conversa para a morte do pae, na anciosa curiosidade de ouvir da avó qual-quer opinião mais precisa. Ella repetiu-lhe, porém, o que já lhe haviam dito os tios: que não havia certeza; e, enquanto falava, sorria. Reflectindo bem, Carlos desconfiou que “não lhe diziam tudo...”.

— Mas que sabe a senhora a respeito de papae, vovó?!...

Foi um dos tios que respondeu:

— Sabe o que todos nós sabemos. Conte-nos você, outra vez, como tudo isto se passou, e diganos como teve noticia da morte de seu pae.

E Carlos recommçou mais uma vez a historia de todos os transes.

A hora do jantar veio alcançal-o ainda a relatar tristezas e peripecias, cuja historia era entrecortada a todo momento pelas exclamações penalizadas da velha estancieira.

Alfredo, mais criança, e fatigado da ultima jornada, deitou-se cedo, e adormeceu logo, profundamente. Carlos, depois do serão familiar conciliou difficilmente o somno quando se deitou e velou durante muito tempo, preocupado, numa febril agitação do espirito, entre duvida e esperanza. Ao levantar-se, de manhã, falou de novo aos tios, assediando-os de perguntas. E tanto os importunou que Roberto, o mais velho, procurando allivial-o, disse-lhe:

— Bem! dou-lhe uma promessa formal: se, d'aqui a oito dias, não recebermos noticias positivas, irei á Bahia e dirigirei pessoalmente um inquerito. E agora vamos ver a estancia, porque vocês nunca viram uma estancia, não é verdade?

— Nunca vimos.

A casa principal era um vasto e solido edificio quadrado, de paredes brancas e simples, irradiante de luz. Ficava na eminencia de uma collina suave, em meio de uma vasta campina, levemente ondulada. Um horizonte sem fim, onde o manto verde claro das campinas era de longe em longe interrompido pelo verde forte dos capões, estendia-se ante o olhar de Carlos e Alfredo...



Um Gaúcho.

— São as pastagens! — disse o tio João, abrangendo com um gesto a extensão do horizonte. — Temos quatro leguas de *campo*.

Alfredo, encantado já com a vida da estancia, queria percorrer os pastos e ver o gado.

— Verás amanhã! passarás algum tempo na estancia, e percorrerás o *campo*, a cavallo, quando quizeres. Mas é preciso que saibas montar; com algumas lições, ficarás sendo um bravo *gaúcho*!

— Os pastos estão cheios de bois?

— De bois, de cabras, de carneiros. E temos tambem muitos cavallos. E verás tambem a *charqueada*.

— Que é a *charqueada*?

— E' o estabelecimento em que se prepara a carne salgada e sêca. A carne-sêca chama-se tambem *charque*. Produzimos mais de duzentos mil kilos de *charque* por anno.

— E' esta estancia, uma das mais ricas do Estado?

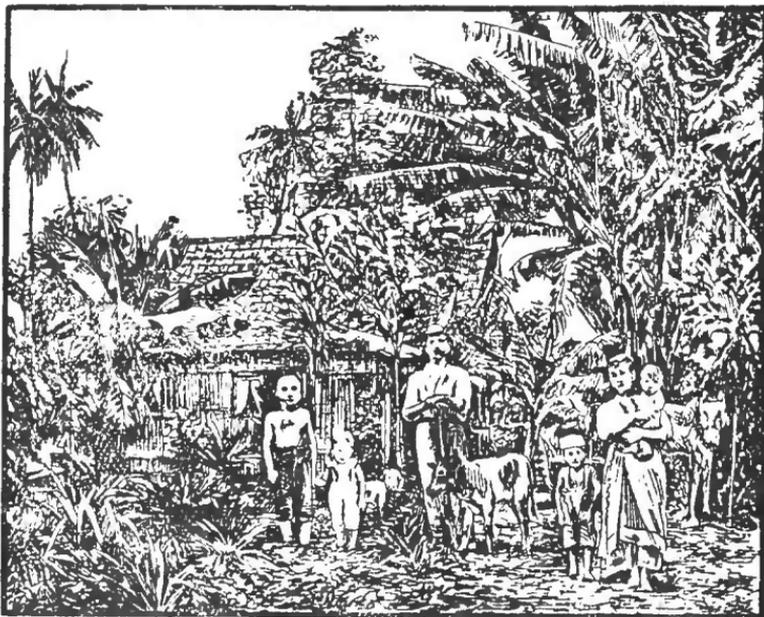
— E' uma estancia de algum valor. Temos alguns milhares de cabeças, incluindo as rezes bovinas, ovinas, caprinas — e tambem os porcos.

Continuaram a visitar a fazenda.

Em torno da casa, estendiam-se as residencias dos empregados e outras dependencias: paioes de forragens, salas de arreios, alpendre para os carros, e depois, os curraes e potreiros, as estrebarias, — tudo fechando a vivenda num vasto quadrilatero.

Em frente, debaixo de outro alpendre, estava uma roda de peões, — os empregados da estancia, os que lidavam com o gado. Tomavam tranquillamente o seu *chimarrão*: é o nome que os *gaúchos*

dão alli ao mate, como usam tomal-o — sem assucar; a herva perfumada, reduzida a pó grosso, é trazida na pequena *cuia*, com a respectiva *bombilha*, que é um tubo com um crivo na extremi-



Uma família de colonos, em Santa Catharina.

dade; despeja-se dentro a agua a ferver e a cuia passa de mão em mão, cada um sugando pela mesma bombilha o liquido fumegante.

— E' a bebida usual, entre os *gaúchos*, — disse Roberto. — Os peões riograndenses nunca viajam sem a sua cuia e a sua bombilha...

O GAÚCHO

— O *gaúcho* é um typo humano, especial. — disse Roberto. — O ar franco, a vida sadia do campo, a liberdade, o espectáculo quotidiano de um horizonte illimitado, dão a esta gente um temperamento distinctivo, uma força de alma, uma independencia e uma alegria extraordinarias. Os homens são naturalmente corajosos, dispostos a arriscar a vida, sem pestanejar perante a morte. E são naturalmente nobres, incapazes de uma traição. Amigos do trabalho e da ordem, têm um certo ar de arrogancia, mas não são turbulentos sem razão; o que os indigna e revolta é qualquer ameaça de escravidão, qualquer suspeita de servilismo. E são cavalleiros admiraveis!... Um escriptor disse que o *gaúcho* é um “centauro”. Sabem o que isso quer dizer?

— Sei! — disse Carlos — E’ uma ficção da mythologia, um monstro fabuloso, meio homem e meio cavallo.

— Pois é assim um cavalleiro riograndense. O cavalleiro e o cavallo são inseparaveis. Vejam: lá está um *gaúcho*, e, não longe, o seu cavallo.

Por traz de um grande potreiro, viram um homem, de cocoras, picando fumo para o cigarro. Era moreno, musculoso, desempenado. A curta distancia, pastava o cavallo, arreado, com o laço pendente da sella.

Os estancieiros apresentaram-lhe os sobrinhos, e contaram-lhe rapidamente a historia da longa travessia dos rapazes. Depois nomearam-lhes o *gaúcho*, dizendo: "É' o mais forte d'estas *cochilhas* no laço e na bola".

O gaúcho riu, e não tardou a mostrar as suas reaes habilidades. Não longe d'alli, relinchava um potrilho; e o homem, tendo montado a cavallo, fez girar a longa corda de couro crú, tecida, terminada em trez pontas, cada ponta com uma bola. Segurou a extremidade livre da corda, e agitou no ar as trez bolas, atirando-as depois na direcção do animal, que immediatamente se viu preso; as cordas emboladas enrolaram-se-lhe em torno das pernas, peando-o completamente. O poldro pinoteava, furioso, com grande prazer dos rapazes para quem o espectáculo era inteiramente novo.

Depois, ainda viram com admiração e commoção o gaúcho montar em pêlo um cavallo chucro: o animal corcoveava, relinchava, escouceava, mas não conseguiu deitar ao chão o cavalleiro, que acabou por subjugal-o e reduzil-o á obediencia.

.....

Quando chegaram á casa, a velha avó os recebeu á porta, dizendo:

— Ouçam, meninos! não me contenho mais! quero dizer-lhes toda a verdade! não a disse mais cedo, porque sei que muita alegria também faz mal, e receava que vocês ficassem fulminados pela boa notícia... Ouçam, seu pae não morreu! não foi elle quem morreu! não foi elle quem morreu! seu pae está vivo!...

TUDO SE EXPLICA*(Epilogo)*

Effectivamente, o engenheiro Menezes não morrera. O homem da canoa dissera: “Um engenheiro que estava em Petrolina morreu... Enterrou-se hontem, em Joazeiro”. Era verdade: morrera um engenheiro, que estava doente em Petrolina; mas esse era um engenheiro que trabalhava na estrada de ferro de Alagoinha a Joazeiro, e viera doente, passando-se para Petrolina, na esperança de melhorar, e lá fallecera.

Quanto ao dr. Menezes, viera de Boa Vista com febres palustres e não chegou a demorar-se vinte e quatro horas em Petrolina: seguiu immediatamente para o interior, sete leguas, adiante; onde um abcesso do figado o levou quasi á morte; mas salvou-se, no fim de trinta e tantos dias de molestia.

Restabelecido, voltou a Joazeiro, e só então pôde telegraphar ao gerente do escriptorio central e ao director do collegio, dando noticias sua e pedindo noticias dos filhos.

A resposta revelou-lhe tudo: que os rapazes tinham fugido, indo procural-o, recebendo em caminho a noticia da sua morte; e soube ainda que, como todos o consideravam fallecido, Carlos e Alfredo haviam seguido para o Rio Grande do Sul... Immediatamente telegraphou para a Bahia, para o Rio, e para o Rio Grande, desfazendo o equivoco. Mas os telegrammas não puderam alcançar, durante a viagem, os pequenos viajantes...

Por isso, no Rio Grande, os tios os receberam prazenteiros não lhes deram a boa noticia de chofre, para poupar-lhes uma forte emoção; quizeram preparar-lhes o espirito.

Assim se desfez todo o equivoco, e assim teve um desfecho feliz a dolorosa historia dos pequenos heroes, que, considerando-se orphãos affrontaram, com uma coragem rara, todos os riscos e todas as provações de uma longa viagem atravez do Brazil.

Sabendo por telegramma que os filhos estavam na estancia em Pelotas o dr. Menezes, com saudade d'elles, e ainda abatido pela doença que quasi o matara, resolveu seguir tambem para o Rio Grande afim de descansar no seio da familia. Obteve uma licença, e partiu.

Na Bahia, o negociante Ignacio Mendes contou-lhe como acolhera os rapazes, e como os encaminhara para o Sul; e falou-lhe tambem largamente de Juvencio, narrando-lhe o auxilio e o carinho com que o sertanejo tratara Carlos e Alfredo durante a triste peregrinação pelos sertões.

— E, justamente, — concluiu Ignacio Mendes, — acabo de receber um telegramma em que me

dizem que esse pobre rapaz, Juvencio, está bem doente, atacado de beriberi. . .

Ouvindo isto, o dr. Menezes logo resolveu mandar buscar Juvencio:

— Preciso passar algumas semanas na Bahia, para tratar de negocios da empreza da estrada de ferro, e posso esperal-o.

Assim se fez. E, um bello dia, Carlos e Alfredo receberam em Pelotas, com um contentamento indizivel, este telegramma:

“Parto hoje para ahi. Juvencio vae commigo.”

VOCABULARIO

Aboletar (*verbo*), acampar, pousar, morar; dar casa, dar hospedagem.

Abrupto (*adj.*), escarpado, a pique; aspero, bruto.

Absoluto (*adj.*), completo, integral; evidente.

Acabrunhado (*adj.*), triste, abatido, succumbido.

Acanhamento (*subst.*), timidez, vergonha; embaraço.

Accentuar (*verbo*), afirmar, dar relevo, tornar saliente.

Acerado (*adj.*), afiado, amolado.

Achamalotado (*adj.*), semelhante a chamalote: *chamalote*, tecido de seda, de cores cambiantes.

Acotovelar (*verbo*), tocar com o cotovelo; empurrar; abrir caminho á força.

Açude (*subst.*), construção de pedra ou madeira, para recolher e guardar grande porção de agua.

Affabilidade (*subst.*), delicadeza, amabilidade, carinho; *adj.*: affavel.

Affecto (*subst.*), sentimento de amor, de amizade; *adj.*: affectuoso.

Afogueado (*adj.*), aquecido; avermelhado pelo calor.

Agachar-se (*verbo*), abaixar-se, acocorar-se, encolher-se.

Agglomeração (*subst.*), ajuntamento, reunião, accumulção.

Aguilhada (*subst.*), vara comprida, com um ferrão na ponta, para excitar os bois, picando-os.

Alameda (*subst.*), rua avenida, passeio arborizado.

Alçar (*verbo*), levantar, suspender.

Alpendre (*subst.*), telheiro, varanda.

Alveo (*subst.*), o leito do rio.

Alvoroço (*subst.*), excitação; entusiasmo, agitação, pressa.

Amalnar (*verbo*), acalmar, abrandar.

Amurada (*subst.*), borda da embarcação.

Ancora (*subst.*), instrumento de ferro, preso a um cabo, que, lançado ao mar, segura o navio. Verbo: ancorar.

Ancoradouro (*subst.*), lugar onde o navio lança a ancora, para fundear.

Anelar (*verbo*), formar aneis, encaracolar.

Angulo (*subst.*), espaço comprehendido entre duas linhas que se encontram.

Antipathizar (*verbo*) não

gostar, ter aversão natural. Antonymo: sympathizar.

Anthropophagos (*subst.*), selvagens que comem carne humana.

Apadrinhar (*verbo*), proteger, amparar, defender.

Apartamento (*subst.*), separação.

Apinhado (*adj.*), cheio, empilhado, amontoado.

Apprehensivo (*adj.*), preocupado, meditando.

Aprendiz (*subst.*), o que aprende, o que se exercita em um officio.

Aproar (*verbo*), dirigir a proa para um certo ponto.

Aprumar-se (*verbo*), endireitar-se, alçar-se.

Apupar (*verbo*), vaiar, perseguir com escarneos ou assobios.

Apuro (*subst.*), difficuldade, situação critica.

Arapuca (*subst.*), armadilha para apanhar passaros.

Area (*subst.*), superficie plana limitada.

Argueiro (*subst.*), grão de poeira, qualquer objecto insignificante.

Arraial (*subst.*), pequena povoação.

Arranchar (*verbo*), pousar, acampar em viagem, para comer ou dormir.

Arreata (*subst.*), corréa com cabresto com que se conduzem bestas.

Arriscado (*adj.*), perigoso, incerto.

Arruivascado (*adj.*), ruivo, tirante a ruivo.

Assolar (*verbo*), destruir, estragar, requeimar.

Assomar (*verbo*), apparecer, mostrar-se.

Aterrar (*verbo*), amedrontar, apavorar.

Atiçar (*verbo*), avivar, excitar.

A'toa (*loc. adv.*), sem destino, sem proposito certo.

Atropellar (*verbo*), calcar, passando por cima.

Attonito (*adj.*), espantado.

Atulhado (*adj.*), cheio, repleto.

Aturdido (*adj.*), tonto, atordado.

Axilla (*subst.*), sovaco.

Baga (*subst.*), pequeno fructo carnudo.

Bagaço (*subst.*), residuo de fructos espremidos.

Bagagens (*subst.*), objectos que os viajantes levam para seu uso, malas, caixas, etc.

Bairro (*subst.*), cada uma das partes principaes de uma cidade.

Baldado (*adj.*), improficuo, feito em vão.

Baldeação (*subst.*), lavagem do navio, com o auxilio de baldes cheios de agua. Em outro sentido, passagem de viajantes ou bagagens de um para outro vehiculo.

Bandeira (*subst.*), dizia-se, no Brazil, da expedição armada para explorar os sertões. Os que viajavam em *bandeiras*, chamavam-se *bandeirantes*.

Barbicacho (*subst.*), cabresto.

Barra (*subst.*), foz; entrada de um porto.

Barranco (*subst.*), quebrada, despenhadeiro, ribanceira.

Basofia (*subst.*), vaidade, fanfarronice.

Bastidor (*subst.*), especie de caixilho, em que se estica o pano, no qual se executam bordados.

Batida (*subst.*), trilho estreito no mato.

Beliche (*subst.*), camarote ou quarto do navio, em que dorme o viajante.

Bifurcar (*verbo*), separar, dividir em dois ramos.

Bigorna (*subst.*), utensilio de ferro, sobre o qual se batem os metaes com o malho.

Bitola (*subst.*), padrão, medida; largura de uma via-ferrea.

Borborinhante (*adj.*), que produz som confuso.

Borda (*subst.*), beira, orla, margem.

Borrifar (*verbo*), molhar, aspergir com agua.

Braça (*subst.*), medida de extensão; corresponde a pouco mais de dois metros.

Bracejar (*verbo*), agitar os braços.

Bravata (*subst.*), ameaça arrogante, fanfarronada.

Bravio (*adj.*), selvagem.

Brunir (*verbo*), polir, alizar, tornar brilhante.

Buril (*subst.*), instrumento de aço para gravar em pedra ou metal.

Bussola (*subst.*), caixa contendo uma agulha magnetica, cuja direcção indica o ponto norte.

Cabaça (*subst.*), vasilha feita do fruto seco e oco de uma planta cucurbitacea.

Cabeceira (*subst.*), nascente de rio.

Caboclo (*subst.*), individuo de pelle acobreada; indio, ou descendente de indio.

Camarada (*subst.*), companheiro; diz-se especialmente do criado que acompanha o viajante.

Campear (*verbo*), sobresair; fazer ostentação.

Cangalha (*subst.*), armação que se colloca no dorso do animal, para sustentar a carga.

Capão (*subst.*), pequena porção de mato.

Capocira (*subst.*), mato roçado.

Caravana (*subst.*), rancho de pessoas viajando juntas.

Carecer (*verbo*), precisar, necessitar.

Carrada (*subst.*), quantidade que um carro pode carregar.

Carrascal (*subst.*), mato de arbustos silvestres.

Carreiro (*subst.*), conductor de carro de bois.

Catadupa (*subst.*), cachoeira, cascata.

Catadura (*subst.*), semblante, apparencia.

Catastrophe (*subst.*), desastre, desgraça.

Catinga, catingal (*subst.*), mata de arvores pequenas, enfezadas.

Catraia (*subst.*), pequeno barco, tripulado por um ou dois homens.

Catraieiro (*subst.*), o tripulante da catraia.

Cerrar (*verbo*), fechar, apertar.

Cerro (*subst.*), monte, outeiro.

Chamuscar (*verbo*), queimar ligeiramente, crestar, passar pelo fogo, sapear.

Chapada (*subst.*), planicie, planalto.

Choça (*subst.*), cabana, casebre.

Choque (*subst.*), embate, encontro violento. Verbo: chocar.

Cilada (*subst.*), emboscada, traição.

Cívico (*adj.*), relativo a cidadão; patriótico. **Civismo**: patriotismo.

Clareira (*subst.*), espaço sem arvores, dentro de um bosque.

Clavina, clavinote (*subst.*), pequena espingarda.

Clima (*subst.*), condições atmosphéricas de uma certa região. Verbo: aclimar.

Cochilha (*subst.*), cordilheira baixa, escavada.

Coevo (*adj.*), contemporaneo, que vive na mesma época.

Cogitação (*subst.*), reflexão, raciocínio, meditação. Verbo: cogitar.

Coivara (*subst.*), fogueira.

Colonização (*subst.*), estabelecimento de *colônias*, isto é: de agrupamentos de indivíduos da mesma nacionalidade, em paiz estrangeiro. Esses indivíduos chamam-se *colonos*. Verbo: colonizar.

Comboio (*subst.*), serie de vagões puxados pela mesma locomotiva.

Combustível (*subst.*), lenha, carvão, ou qualquer substancia com que se faz fogo.

Comedia (*subst.*), chama-se assim no sertão a pastagem do gado.

Cometa (*subst.*), astro errante, seguido de uma larga faixa luminosa, que se chama *cabelleira* ou *cauda*. Figuradamente, dá-se no Brazil o nome de *cometas* aos caixeiros viajantes.

Communicativo (*adj.*), expansivo, franco, que conversa facilmente.

Compacto (*adj.*), denso, espesso, apertado.

Complicado (*adj.*), difficil, atrapalhado, confuso.

Concavo (*adj.*), cavado. Antonymo: convexo.

Condoer-se (*verbo*), compadecer-se, ter pena.

Conforto (*subst.*), commodidade, bem-estar.

Constancia (*subst.*), firmeza, perseverança.

Contraparentes (*subst.*), parentes afastados, parentes por affinidade.

Convez (*subst.*), a area da cobertura do navio.

Copiar (*subst.*), alpendre, telheiro, varanda.

Corar (*verbo*), dar cor. *Corar a roupa lavada*: branqueal-a, expondo-a ao sol.

Cordilheira (*subst.*), cadeia de montanhas.

Corpo de delicto, exame feito pelas autoridades, para comprovar o delicto.

Corredeira (*subst.*), parte do rio, em que as aguas, por causa de uma differença de nivel, correm mais velozes.

Corrego (*subst.*), riacho.

Costear (*verbo*), beirar, marginar.

Crepitar (*verbo*), estalar com o fogo.

Crepusculo (*subst.*), claridade que precede o nascer do sol (*crepusculo matutino*), ou que se segue ao cair da tarde (*crepusculo vespertino*).

Criação (*subst.*), gado. *Criador*, o que vive da criação do gado.

Critico (*adj.*), difficil. Ex.: uma situação critica.

Crivo (*subst.*), qualquer objecto, que tem muitos furos pequenos e muito aproximados.

Cruzeiro do Sul, constellação do hemispherio austral, formada por quatro estrellas em fôrma de cruz.

Curiló (*subst.*), especie de passarinho.

Curandeiro (*subst.*), aquelle que cura, sem ter diploma de medico.

Curtir (*verbo*), endurecer, enrijar, secar.

Cylindro (*subst.*), corpo alongado e roliço, de diametro igual em todo o comprimento.

Debil, debilitado (*adj.*), fraco, enfraquecido.

De braços (*loc. adv.*), deitado no chão, sobre o ventre.

Decepção (*subst.*), desillusão, mallogro de uma esperança.

De chofre (*loc. adv.*), repentinamente.

Declinar (*verbo*), cair, baixar, enfraquecer-se.

Dédalo (*subst.*), labirinto.

Defrontar (*verbo*), enfrentar, ficar defronte.

Deliciar (*verbo*), agradar, encantar, maravilhar.

Delinear (*verbo*), desenhar, marcar, indicar.

Desatrelar (*verbo*), desprender (os animaes do carro).

Desenferrujar (*verbo*), tirar a ferrugem; figuradamente, desentorpecer.

Desfechar (*verbo*), atirar, disparar.

Despenhadeiro (*subst.*), precipicio, alcantil.

Despenhar-se (*verbo*), cair, precipitar-se, arrojarse.

Despontar (*verbo*), nascer; começar a surgir, a apparecer.

Desvão (*subst.*), canto, recanto.

Diagonal (*subst.*), linha recta que vae de um angulo ao angulo opposto.

Dilacerar (*verbo*), romper, rasgar, ferir.

Disco (*subst.*), qualquer peça circular e chata.

Discorrer (*verbo*), discursar, falar.

Disseminar (*verbo*), espalhar, distribuir.

Dissipar (*verbo*), desmanchar, apagar, fazer desaparecer, gastar.

Dissuadir (*verbo*), despersuadir, fazer mudar de opinião.

Divergencia (*subst.*), desacordo, desharmonia no modo de pensar. Verbo: divergir.

Divisa (*subst.*), fronteira, limite.

Doca (*subst.*), dique, caes.

Domesticado (*adj.*), tornado culto ou civilizado; amansado.

Domestico (*adj.*), relativo á casa; familiar.

Duna (*subst.*), accumulção ou monte de areia á beira-mar.

Effusão (*subst.*), expansão, abundancia; sentimento affectuoso.

Embevecidamente (*adv.*), enlevadamente; attentamente.

Embocadura (*subst.*), foz ou bocca de rio.

Embrenhar-se (*verbo*), internar-se na brenha, no mato.

Emplase (*subst.*), maneira pomposa de falar ou escrever.

Encachoeirado (*adj.*), semelhante a cachoeira ou cascata.

Encarreirar (*verbo*), encaminhar.

Encetar (*verbo*), começar, iniciar.

Encharcar (*verbo*), molhar muito, ensopar.

Encruzilhada (*subst.*), ponto em que se cruzam varios caminhos.

Enfadonho (*adj.*), monotonno, aborrecido.

Enfardar (*verbo*), juntar em fardo, embrulhar, entrouxar.

Engeitado (*adj.*), abandonado; diz-se especialmente do filho que foi abandonado pelos paes.

Engenho (*subst.*), fabrica de aguardente ou assucar.

Engrenagem (*subst.*), disposição de rodas dentadas, nas machinas, encaixando-se os dentes de umas nos dentes das outras.

Entabolar (*verbo*), preparar, estabelecer, iniciar.

Enveredar (*verbo*), encaminhar.

Enxaguar (*verbo*), passar por agua; lavar repetidas vezes.

Episodio (*subst.*), incidente, facto notavel.

Equivoco (*subst.*), engano, confusão.

Erupção (*subst.*), emissão violenta, saída rápida.

Escaler (*subst.*), pequeno barco, de remos, sem coberta.

Escalvado (*adj.*), calvo, pelado.

Escarpa (*subst.*), declive, encosta íngreme.

Escasso (*adj.*), pouco abundante, diminuto.

Escortar (*verbo*), acompanhar para defender ou guardar. Substantivo: escolta.

Esconderijo (*subst.*), lugar onde alguém se esconde; toca.

Esfuzar (*verbo*), sibilar, zunir.

Esguio (*adj.*), fino, delgado.

Esmerado (*adj.*), apurado, aperfeiçoado, correcto.

Espadunar (*verbo*), sair em borbotões, jorrar.

Espralar (*verbo*), lançar á praia; expandir-se, alongar-se.

Esquadrinhar (*verbo*), pesquisar, indagar, examinar com minucia, remexer, procurar.

Estacar (*verbo*), parar, deter-se repentinamente.

Estampa (*subst.*), desenho, gravura.

Estertor (*subst.*), a respiração dos moribundos; agonia.

Estiagem (*subst.*), tempo seco, depois de longa chuva.

Estirado (*adj.*), longo, comprido, esticado.

Estrada real, caminho principal.

Estratagem (*subst.*), ardil, astucia, manha.

Estrebuchar (*verbo*), agitar-se convulsivamente, na agonia.

Estridente (*adj.*), que produz som agudo e aspero.

Estrophe (*subst.*), cada uma das partes em que se divide uma poesia.

Exaltação (*subst.*), fervor, entusiasmo.

Excursão (*subst.*), passeio, viagem.

Expedição (*subst.*), viagem em commum, organizada para um certo fim.

Expedito (*adj.*), activo, diligente, desembaraçado.

Experiente (*adj.*), experimentado, habil, acostumado.

Extenuado (*adj.*), cansado, abatido, sem forças.

Exterminio (*subst.*), morte, destruição.

Extremo (*adj.*), final, ultimo; (*subst.*), fim, termo.

Exuberante (*subst.*), rico; expansivo.

Fado (*subst.*), destino, sorte.

Fagulha (*subst.*), faísca, chispa.

Falda ou fralda (*subst.*), o sopé, a aba do morro.

Familiaridade (*subst.*), intimidade, sem cerimonia.

Farnel (*subst.*), provisão de alimentos para curta viagem.

Faro (*subst.*), olfacto.

Fatalidade (*subst.*), caracter do que é fatal, do que não se pode evitar.

Favorito (*adj.*), preferido; o que agrada mais.

Feira (*subst.*), mercado publico.

Fervoroso (*adj.*), ardente, vehemente.

Fisga (*subst.*), arpão com que se espeta o peixe.

Fluminense (*adj.*), relativo a rio; diz-se especialmente do que se relaciona com a cidade ou o Estado do Rio de Janeiro.

Fluvial (*adj.*), relativo a rio.

Folle cansado, martelo so-lenne cansaço, vilho georgeio.

Viveres.

Forja (*subst.*), fornalha de ferro.

Formidavel (*adj.*), immenso, gigantesco, temeroso.

Forquilha (*subst.*), vara com pontas separadas.

Forragem (*subst.*), alimento para o gado.

Foz (*subst.*), a embocadura do rio.

Fragor (*subst.*), estrondo violento.

Fragalmente (*adv.*), sobriamente, com moderação.

Fulminar (*verbo*), ferir, matar instantaneamente, como o raio.

Galgar (*verbo*), subir, trepar, transpor.

Galpão (*subst.*), construção formando um só vasto compartimento, com telheiro corrido.

Garrote (*subst.*), novilho ou boi muito novo.

Garupa (*subst.*); as ancas do cavallo.

Garrucha (*subst.*), bacamar-te; pistola grande.

Gaúchos (*subst.*), campinos do Rio Grande do Sul.

Gaudio (*subst.*), alegria, jubilo.

Gibão (*subst.*), casaco de couro, curto, usado pelos vaqueiros.

Globo (*subst.*), a esfera; a Terra.

Gradativamente (*adv.*), gradualmente, pouco a pouco.

Gramineas (*subst.*), familia de plantas, á qual pertencem o milho, o trigo, o arroz e os diferentes capins.

Granito (*subst.*), especie de rocha, pedra.

Graveto (*subst.*), cavaco, pedaço de lenha miúda.

Grota, grotão (*subst.*), gruta, cova; abertura feita pelas aguas na terra.

Haveres (*subst.*), bens, propriedades; fortuna.

Horizonte (*subst.*), extensão, ambito que o olhar abrange.

Hospitalidade (*subst.*), qualidade de quem é hospitaleiro, de quem hospeda e acolhe com carinho.

Hydraulico (*adj.*), relativo á agua; que é movido pela agua.

Igarapé (*subst.*), canal estreito, entre duas ilhas, ou entre uma ilha e o continente.

Ignoto (*adj.*), desconhecido.

Illusorio (*adj.*), falso, enganador.

Implorar (*verbo*), pedir, supplicar.

Improvizar (*verbo*), organizar ou acabar promptamente alguma cousa que de ordinario exige preparo demorado.

Impulso (*subst.*), força que produz um movimento, ou leva a praticar um acto.

Incandescente (*adj.*), em braza.

Indecisão (*subst.*), incerteza, duvida.

Industria (*subst.*), profissão, officio; conjunto dos trabalhos necessarios para a transformação e aproveitamento das materias primas.

Inexgotavel (*adj.*), abundantissimo, que não se póde exgotar.

Inflexivel (*adj.*), rigoroso, tenaz; inabalavel.

Ingenuo (*adj.*), simples, innocente.

Inhospito (*adj.*), selvagem, improprio para a vida humana.

Injuriar (*verbo*), offender, maltratar.

Inscrição (*subst.*), distico; emblema; explicação escripta ou impressa.

Internar-se (*verbo*), penetrar, entrar.

Intricado (*adj.*), enredado, emaranhado.

Investida (*subst.*), assalto.

Jangada (*subst.*), reunião de troncos leves ligados entre si,

formando uma embarcação chata.

Jornada (*subst.*), viagem.

Labuta (*subst.*), trabalho, labor, faina.

Lapa (*subst.*), gruta, cova, em monte ou rochedo.

Leira (*subst.*), canteiro; sulco na terra, onde se depositam as sementes.

Legado (*subst.*), herança.

Lépido (*adj.*), ligeiro, lesto; jovial.

Lianas (*subst.*), cipós.

Lidar (*verbo*), porfiar, combater, pelear.

Lima (*subst.*), ferramenta de aço, que serve para polir, desbastar, cortar.

Litoral (*subst.*), costa, praia.

Lividez (*subst.*), côr cadavérica. *Adj.*: lívido.

Lobrigar (*verbo*), ver, entrever, perceber.

Lote (*subst.*), porção que toca a cada um, em partilha.

Lufa-lufa (*subst.*), grande movimento, pressa, azafama.

Malho (*subst.*), pesado martelo de ferro ou madeira.

Maltrapilho (*adj.*), mal vestido, esfarrapado.

Martyr (*subst.*), pessoa que sofre muito, que é victima de máus tratos e torturas.

Matalotagem (*subst.*), provisão de mantimentos; alimentos que se levam em viagem.

Melancolia (*subst.*), tristeza.

Meliante (*subst.*), malandro, vadio, patife.

Melopéa (*subst.*), canto muito pronunciado, e triste.

Mineiro (*adj.*), relativo ao Estado de Minas Geraes; o que trabalha nas minas.

Mineração (*subst.*), exploração de minas.

Minguado (*adj.*), pouco, escasso, insignificante.

Minucioso (*adj.*), feito por miúdo; narrado com todos os pormenores.

Moenda (*subst.*), mó, moinho.

Moirão (*subst.*), estaca de pau ou ferro.

Moita (*subst.*), massiço de arbustos.

Mólho (*subst.*), feixe.

Montada (*subst.*), cavalgada, animal montado.

Moquear (*verbo*), passar a carne pelo fogo; assar ligeiramente.

Moroso (*adj.*), lento, vagaroso.

Mortificar (*verbo*), affligir, torturar, magoar.

Mugido (*subst.*), a voz do boi; som que se assemelha a essa voz.

Negaça (*subst.*), engano, logro.

Nenúfar (*subst.*), planta aquatica, de grandes flores.

Nível (*subst.*), estado de um plano horizontal.

Novilho (*subst.*), bezerro; boi de pouca idade.

Obstaculo (*subst.*), difficuldade, impedimento.

Occurrencia (*subst.*), acontecimento, caso, circumstancia.

Offegar (*verbo*), respirar com difficuldade e ruido; arquejar.

Orphão (*subst.* ou *adj.*), que não tem pae ou mãe.

Paio (*subst.*), compartimento em que se guardam provisões, mantimentos ou munções.

Paizagem (*subst.*), extensão de territorio que se abrange com um golpe de vista.

Palhoça (*subst.*), choupana; casebre coberto de palha.

Paliçada (*subst.*), barreira, estacada, cercado.

Palpitar (*verbo*), pulsar.

Palustre (*adj.*), relativo a pantano.

Paradeiro (*subst.*), lugar onde alguém está, ou parou.

Parque (*subst.*), terreno de certa extensão, onde ha arvoredo abundante, e que serve para recreio ou passeio.

Patamar (*subst.*), espaço mais ou menos amplo, no topo de uma escada.

Paúl (*subst.*), pantano, atoleiro, charco.

Paulista (*adj.*), relativo a São Paulo.

Peão (*subst.*), individuo que anda a pé.

Peleja (*subst.*), luta, batalha, briga.

Penoso (*adj.*), difficil, fatigante.

Percurso (*subst.*), caminho, trajecto.

Peripécia (*subst.*), incidente, episodio.

Perito (*adj.*), habil, adestrado, conhecedor.

Permanecer (*verbo*), ficar, demorar-se, aquietar-se.

Perneira (*subst.*), especie de polaina de couro, que abriga toda a perna.

Pernoitar (*verbo*), passar a noite.

Phase (*subst.*), período, época.

Physionomia (*subst.*), conjunto das feições do rosto.

Piabanha (*subst.*), peixe de rio.

Pino (*subst.*), o ponto mais alto; zenith.

Piroga (*subst.*), pequena canoa, feita de um tronco de arvore escavado.

Pittoresco (*adj.*), relativo á pintura: figuradamente, variado, accidentado, interessante, original.

Plataforma (*subst.*), estrada corrido, em frente ás estações das estradas de ferro.

Poial (*subst.*), banco fixo, de pedra ou madeira.

Polido (*adj.*), delicado, aperfeiçoado; bem educado.

Politica (*subst.*), arte de governar; conjunto dos negocios do Estado.

Polos (*subst.*), as duas extremidades do eixo da Terra.

Pompa (*subst.*), luxo, ostentação, majestade.

Portentoso (*adj.*), admiravel, solenne, soberbo.

Potreiro (*subst.*), lugar cercado, onde se guardam os potros.

Potro (*subst.*), poldro, cavallo novo.

Prancha (*subst.*), tabua grossa e larga.

Precario (*adj.*), difficil, minguido.

Preliminar (*adj.*), preparatorio; que precede e prepara.

Prestito (*subst.*), sequito, procissão.

Probidade (*subst.*), honra, honestidade.

Prostração (*subst.*), abatimento, cansaço, tristeza.

Provação (*subst.*), infortunio, difficuldade de vida.

Providente (*adj.*), que resolve, que dá providencias.

Provir (*verbo*), descender ter origem.

Purpura (*subst.*), cor vermelha.

Quarto de rez, quadril, anca.

Ralo (*adj.*), pouco espesso.

Ramal (*subst.*), linha secundaria de estrada de ferro.

Rampa (*subst.*), ladeira, declive.

Rancor (*subst.*), odio, raiva.

Rasto (*subst.*), pista; vestigio que homem ou animal deixa no chão, andando.

Rasteiro (*adj.*), que rasteja, que se arrasta pelo chão.

Reagir (*verbo*), resistir, exercer acção contraria; lutar.

Rebenque (*subst.*), chicote.
Recemchegado (*adj.*), que acaba de chegar.

Recursos (*subst.*), facilidades, dotes, meios pecuniarios, facilidades.

Reflexão (*subst.*), raciocinio, meditação, pensamento. Verbo: reflectir.

Refrear (*verbo*), moderar, conter, reprimir.

Regalo (*subst.*), prazer, delicia.

Regelado (*adj.*), muito frio.

Região (*subst.*), porção de territorio, zona, paiz.

Relento (*subst.*), orvalho, sereno, humidade nocturna.

Relincho (*subst.*), a voz do cavallo.

Reliquia (*subst.*), restos respeitaveis, ruinas dignas de veneração; objecto antigo, que se conserva com respeito.

Resentimento (*subst.*), lembrança maguada de offensa recebida.

Restaurante (*subst.*), estabelecimento em que se prepara e vende comida.

Reverberar (*verbo*), reflectir luz ou calor; brilhar, resplandecer, reflectindo-se.

Revezes (*subst.*), contrariedades, difficuldades de vida, afflicções.

Riba (*subst.*), praia, margem.

Ribanceira (*subst.*), riba, margem elevada de rio.

Rixa (*subst.*), briga, disputa.

Romance (*subst.*), narrativa de aventuras imaginarias.

Ruminar (*verbo*), mastigar, tornar a mastigar.

Rythmo (*subst.*), cadencia musical.

Safanoão (*subst.*), empurrão, puxão.

Safar (*verbo*), tirar, retirar, livrar.

Salario (*subst.*), pagamento de um trabalho ou serviço.

Samba (*subst.*), bailado popular do Brazil.

Samburá (*subst.*), cesto de vime.

Sapê (*subst.*), palha; folhas seccas de plantas gramineas, de que se fazem tectos para choupanas.

Saveiro (*subst.*), barco que se emprega na carga e descarga de generos.

Sedentario (*adj.*), que sae pouco, que fica quasi sempre em casa, que não gosta de viajar e passear.

Sequaz (*subst.*), o que segue ou acompanha assiduamente; o que faz parte de um bando.

Seqüioso (*adj.*), sedento; que tem sede.

Séquito (*subst.*), acompanhamento, comitiva, multidão.

Serão (*subst.*), trabalho á noite; reunião familiar á noite.

Serenidade (*subst.*), calma, tranquillidade.

Serralheiro (*subst.*), aquelle que faz fechaduras, chaves, e outras obras de ferro forjado.

Serrano (*adj.*), relativo a serra, a montanha.

Sertanejo (*adj.*), que vive no sertão.

Sertão (*subst.*), matos, campos, no interior do paiz.

Sessil (*adj.*), diz-se, em Botanica, da folha ou flor, que se insere directamente no eixo.

Sevo (*adj.*), deshumano, cruel.

Sextante (*subst.*), instrumento que serve para marcar os angulos e as distancias.

Sezões (*subst.*), febres intermittentes.

Sitio (*subst.*), lugar; quinta ou fazendola.

Soalheira (*subst.*), grande ardor do sol.

Sofreguidão (*subst.*), desejo ardente, ancia, pressa.

Solicitude (*subst.*), cuidado, zelo attento e carinhoso. Adjectivo: solícito.

Sorratamente (*adv.*), disfarçadamente, caladamente, á socapa.

Soturno (*adj.*), sombrio, tristonho.

Suburbio (*subst.*), arrabalde.

Succinto (*adj.*), breve, resumido.

Summariamente (*adv.*), resumidamente.

Sussuarana (*subst.*), especie de onça.

Symetria (*subst.*), disposição de partes semelhantes, collocadas de igual modo no conjunto.

Sympathico (*adj.*), agradável, que inspira affecto e confiança; o contrario de antipathico.

Tactear (*verbo*), apalpar, tocar, procurar conhecer pelo tacto.

Tagarela (*adj.*), falador, linguarudo.

Taipa (*subst.*), parede feita de ripas de madeira e barro amassado.

Talagarça (*subst.*), tecido de fios espaçados, em que se executam bordados.

Tanger (*verbo*), tocar.

Tapioca (*subst.*), farinha de polvilho puro, que se extrae da raiz da mandioca.

Tapuios (*subst.*), nome generico dos indios do Brazil.

Temeroso (*adj.*), que dá temor.

Tenaz (*adj.*), teimoso, porfiado.

Terminantemente (*adv.*), explicitamente, de modo claro e definitivo.

Término (*subst.*), termo, limite.

Terreiro (*subst.*), espaço de terra plano e largo.

Tetrico (*adj.*), triste, funebre, medonho.

Tirantes (*subst.*), redeas.

Titan (*subst.*), gigante.

Titubante ou **titubeante** (*adjectivo*), cambaleante, vacillante.

Tolda (*subst.*), a primeira coberta da embarcação.

Toldar (*verbo*), embaciar, escurecer, perturbar.

Tombadilho (*subst.*), convez, tolda.

Toro (*subst.*), pedaço de tronco de arvore.

Tortura (*subst.*), supplicio, soffrimento, martyrio.

Torvo (*adj.*), sombrio, sinistro, pavoroso.

Tosca (*adj.*), rude, ordinario, mal feito, grosseiro.

Touceira (*subst.*), reunião de pés de cana de assucar.

Toureiro (*subst.*), o que lida com touros, nas touradas.

Tráfego (*subst.*), commercio; movimento de passageiros ou bagagens; transporte de pessoas ou mercadorias.

Tragar (*verbo*), engulir.

Transeunte (*adj.*), o que passa, viandante, caminhante.

Tranzido (*adj.*), repassado, penetrado.

Trave (*subst.*), viga, barrote de madeira.

Trecho (*subst.*), pedaço, porção, secção.

Tremeluzir (*verbo*), brilhar com luz tremula.

Tribu (*subst.*), agglomeração de familias ou povos.

Trinado (*subst.*), gorgείο, o canto dos passaros.

Tripulantes (*subst.*), marinheiros; os encarregados da navegação.

Triumpho (*subst.*), victoria, alegria, jubilo, apothese.

Tropa (*subst.*), multidão; diz-se especialmente de grande porção de gado ou bestas de carga em viagem.

Tropego (*adj.*), que tropeça, que mal pode andar.

Tropeiro (*subst.*), conductor de tropa.

Trova (*subst.*), cantiga, canção.

Tufo (*subst.*), porção de plantas, flores, ou outros objectos muito aproximados.

Tulha (*subst.*), casa ou quarto onde se depositam cereaes, frutos, etc.

Tunel (*subst.*), galeria subterranea, por onde passam os trens.

Turbilhão (*subst.*), vento tempestuoso, que sopra girando. Figuradamente, tudo quanto se accumula e succede rapidamente.

Tutor (*subst.*), o encarregado da direcção e educação de um individuo menor.

Ululante (*adj.*), queixoso, lamentoso, uivante, vociferante.

Uniforme (*adj.*), igual, monotono.

Urgente (*adj.*), que não se pode adiar ou demorar.

Usina (*subst.*), fabrica.

Vaga (*subst.*), onda de mar ou rio.

Vagar (*verbo*), andar sem rumo certo.

Vago (*adj.*), indeterminado, impreciso.

Valle (*subst.*), espaço entre duas montanhas.

Vallo (*subst.*), fosso, barranco.

Varar (*verbo*), furar, atravessar.

Vareta (*subst.*), vara delgada; cada uma das hastes do leque.

Vargem (*subst.*), varzea, planície.

Vasante (*subst.*), o refluxo da maré; o contrario de cheia ou enchente.

Vendaval (*subst.*), vento forte, furacão.

Vergontea (*subst.*), galho tenro de arvore; vara.

Vertigem (*subst.*), tontura de cabeça, desmaio.

Vertiginosamente (*adj.*), rapidamente, impetuosamente, provocando vertigem.

Vexar (*verbo*), envergonhar, acanhar.

Viaducto (*subst.*), ponte construida sobre um valle ou sobre uma estrada.

Vigilia (*subst.*), privação ou falta de somno.

Vivacidade (*subst.*), intelligencia, esperteza, enthusiasmo.

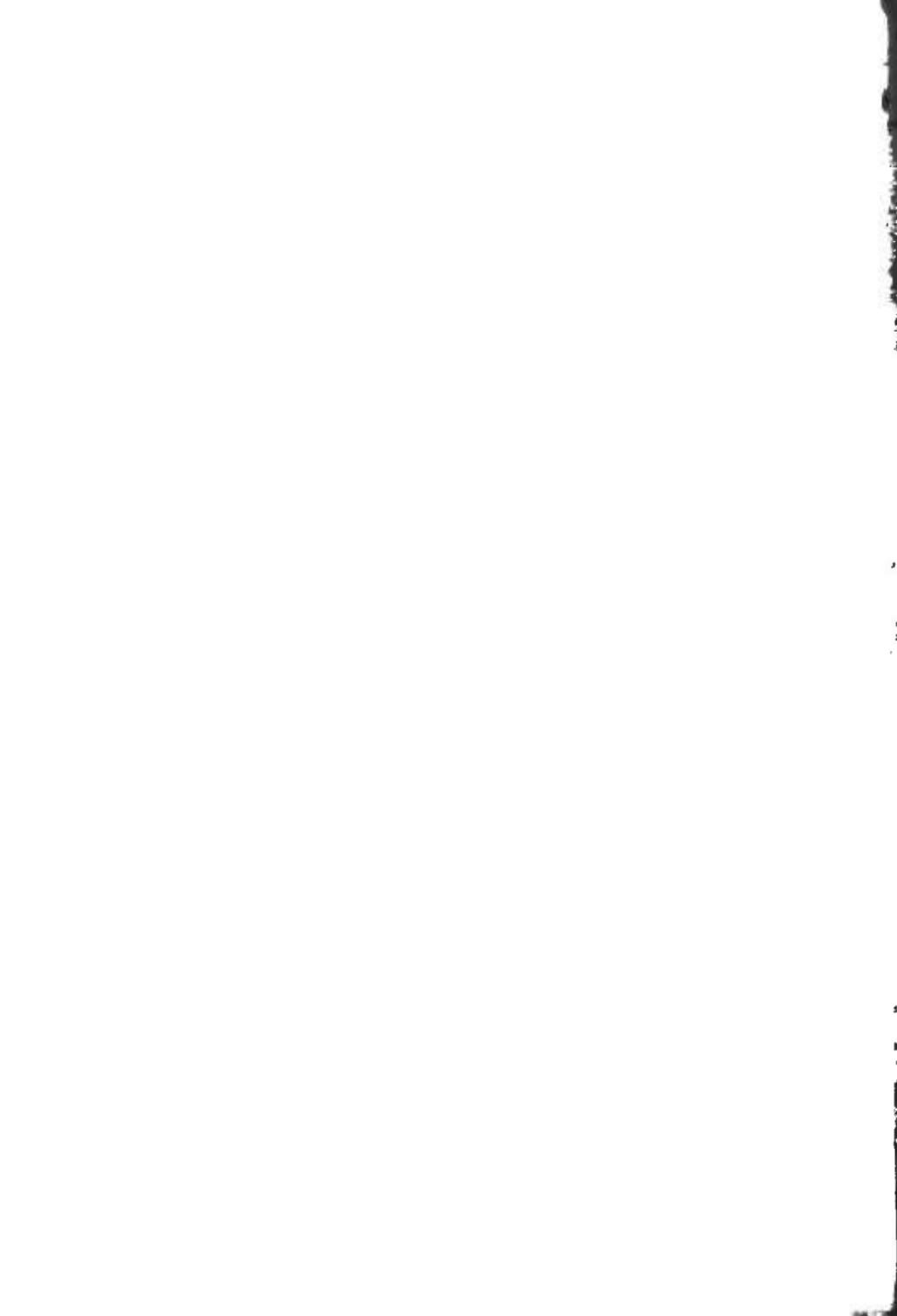
Viveres (*subst.*), generos alimenticios; mantimentos.

Volante (*subst.*), roda pesada, que serve para conservar a uniformidade do movimento nas machinas.

INDICE

I. — Má noticia	13
II. — Na estrada de ferro	18
III. — A velha africana	22
IV. — Garanhuns	26
V. — A cavallo	31
VI. — A vida selvagem	36
VII. — Estrada a fora	41
VIII. — Na fazenda	46
IX. — Piranhas	52
X. — A cachoeira de Paulo Affonso.....	58
XI. — Orphãos	62
XII. — Sós	67
XIII. — Um novo companheiro.....	70
XIV. — O rancho	73
XV. — O sertão	76
XVI. — Uma historia	80
XVII. — Uma cama improvisada	84
XVIII. — Continúa a historia	88
XIX. — Fim da historia de Juvencio.....	92
XX. — A caminho	95
XXI. — Um desapiidado e um bondoso.....	99
XXII. — Perdidos	104
XXIII. — O primeiro dinheiro	108
XXIV. — O algodão	110
XXV. — Scena terrivel	113
XXVI. — A cruz da estrada.....	117
XXVII. † Uma pescaria	120
XXVIII. — As lavadeiras	124
XXIX. — Separados	129
XXX. — Doença	132
XXXI. — Maria das Dores	135
XXXII. — A' espera	138
XXXIII. — A clareira	141
XXXIV. — Uma briga	143
XXXV. — Ladrão!	146
XXXVI. — Preso	149

XXXVII. — Quem não pôde, trapaceia	152
XXXVIII. — Um plano	156
XXXIX. — A expedição	159
XL. — Como se embrulha um sabido	162
XLI. — Livre!	165
XLII. — A despedida	168
XLIII. — Uma officina	170
XLIV. — Um annuncio	174
XLV. — Num vallo	178
XLVI. — O moribundo	182
XLVII. — Morte e enterro	185
XLVIII. — O juramento	189
XLIX. — Um negociante de fumos	192
L. — No Catú	195
LI. — O engenho	198
LII. — Um encontro	201
LIII. — Ignacio Mendes	205
LIV. — Na Bahia	210
LV. — A partida	215
LVI. — As jangadas	218
LVII. — No mar	222
LVIII. — A tempestade	226
LIX. — O Gigante de Pedra	230
LX. — Guanabara	234
LXI. — A Capital Federal	239
LXII. — Na rua do Ouvidor	242
LXIII. — Em viagem para São Paulo	246
LXIV. — A linha do Centro	249
LXV. — O ouro e os diamantes	253
LXVI. — Mato-Grosso e Goyaz	257
LXVII. — A lavoura dos cafezaes	262
LXVIII. — O preparo do café	265
LXIX. — São Paulo	269
LXX. — O Progresso Paulista	273
LXXI. — Para o Sul	276
LXXII. — O Paraná	280
LXXIII. — Santa Catharina	283
LXXIV. — Um velho amigo	286
LXXV. — Prosegue a viagem de Juvencio	292
LXXVI. — A vida na Amazonia	296
LXXVII. — A Pororóca	302
LXXVIII. — O Amazonas	304
LXXIX. — Encontro com os tios	308
LXXX. — Um estancia	312
LXXXI. — O Gaúcho	317
LXXXII. — Epilogo. — Tudo se explica	320



A **REVISTA JURIDICA** apparece regularmente na fim de cada mes.
 A assignatura é de Rs. 35\$000 por anno, custando o fasciculo 4\$000,
 e o volume trimestral 12\$000, devendo toda a correspondencia referente a
 parte commercial ser endereçada aos livreiros **PAULO DE AZEVEDO & C.**,
 á Rua do Ouvidor, 166 (Caixa do Correio n. 658).

Cada volume enc. 16\$000

Assigna-se nas principaes livrarias dos Estados.

Tudo quanto se refere á redacção deve ser dirigido á **Caixa Postal**
 n. 658, Rio de Janeiro.

Ultimas publicações da Livraria Francisco Alves

Codigo Civil Brasileiro , commentado pelo Dr. Clovis Bevilacqua, 1.º volume. 1 grosso volume em 8.º, de 520 pags., br. 20\$; enc.	24\$000
Idem, 2.º volume, br. 20\$; enc.	24\$000
Idem, 3.º volume, (em reimpressão)	
Idem, 4.º volume, (em reimpressão)	
Idem, 5.º volume, br. 15\$; enc.	19\$000
Idem, 6.º volume, br. 15\$; enc.	19\$000
Systema do Direito Civil Brasileiro (Introducção e parte geral), 2.ª ed. refundida segundo o Codigo Civil Brasileiro, por E. Espinola; br. 20\$; enc. ...	24\$000
Consultor Militar , pelo Coronel C. Castello Branco, 2 grossos vols. em 8.º, com 1.100 pags., br. 15\$; enc.	28\$000
Codigo Civil Brasileiro , reduzido á ordem alphabetica, pelo adv.º Cesar Falcão. 1 vol. em 8.º, br. 5\$; enc.	7\$000
Pratica do Habeas-Corpus , pelo Dr. João de Sá e Albuquerque. 1 vol. em 8.º, br. 5\$; enc.	7\$500
Procuração , por M. S. Netto. 1 v. em 16, br. 2\$; enc.	3\$500
Pratica das Appellações , pelo Dr. João de Sá e Albuquerque. 1 vol. in-8.º, de 308 pags., impresso em papel extra-leve, br. 7\$000. A mesma obra, enc.	9\$500
Codigo Penal , por M. Graccho Cardoso, br. 8\$; enc.	10\$500

MANUAES ALVES

1) Principios de Direito Civil Brasileiro , Introducção e parte geral, segundo o Codigo Civil, pelo DR. ALMACHIO DINIZ. 1 vol. br. 3\$000; enc. á ingleza	4\$500
2) Principios de Direito Civil Brasileiro , do Direito da Familia, pelo DR. ALMACHIO DINIZ. 1 vol. br. 3\$; enc. á ingleza	4\$500
3) Principios de Direito Civil Brasileiro , do Direito das Cousas, pelo DR. ALMACHIO DINIZ. 1 vol. br. 3\$; enc. á ingleza	4\$500
4) Principios de Direito Civil Brasileiro , do Direito das Obrigações, pelo DR. ALMACHIO DINIZ. 1 vol. br. 3\$; enc. á ingleza	4\$500
5) Principios de Direito Civil Brasileiro , do Direito das Successões, pelo DR. ALMACHIO DINIZ. 1 vol. br. 3\$; enc. á ingleza	4\$500
6) Principios de Direito Publico , do Direito Publico e Constitucional, pelo DR. ALMACHIO DINIZ. 1 vol. br. 3\$; enc. á ingleza	4\$500
7) Principios de Direito Processual , da Theoria Geral de Processo, pelo DR. ALMACHIO DINIZ. 1 vol. br. 3\$; enc. á ingleza	4\$500

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).